

CARLOS TAVARES DA SILVA
JOAQUINA SOARES

PRÉ-HISTÓRIA DA ÁREA DE SINES



GABINETE DA ÁREA DE SINES

PRÉ-HISTÓRIA DA ÁREA DE SINES

CARLOS TAVARES DA SILVA
JOAQUINA SOARES

PRÉ-HISTÓRIA DA ÁREA DE SINES

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 1972 - 77

GABINETE DA ÁREA DE SINES

LISBOA, 1981

Capa e orientação gráfica
de Mário Pacheco.

À memória de Abel Viana
investigador incansável na procura das
raízes culturais das populações alentejanas

A realização deste trabalho resultou essencialmente de um esforço colectivo. Mas importa destacar as entidades que de uma forma mais directa, ou mais próxima, contribuíram para ele. O que hoje é apresentado fica a dever-se: ao espírito esclarecido que, norteando as sucessivas direcções do Gabinete da Área de Sines, permitiu a criação de condições de trabalho no sector da pesquisa arqueológica; ao apoio que esta recebeu das direcções da DUF, DO e DT do GAS; ao empenho que o Gabinete de Relações Públicas do GAS, muito especialmente o dr. Aristides Leitão e Rui Martins puseram na presente publicação; às informações de carácter geológico dos drs. Horta da Silva e José Magalhães; aos trabalhos de topografia do Eng.º Telo de Moraes e António Rocha; à colaboração do Eng.º Jorge Portugal e da sua equipa no domínio da cartografia; aos estudos pedológicos, sedimentológicos e mineralógicos levados a cabo pelo Eng.º Faustino Fernandes e dr. Soares da Silva da Estação Agronómica Nacional; à actividade de conservação e restauro de materiais arqueológicos desenvolvida pela dr.ª Luísa Ferrer Dias e por Antónia Coelho-Soares, do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal; ao desenho de estruturas e materiais realizado por Jorge Costa, do mesmo museu, e por Rui Palhão; ao esforço constante dos elementos do G.T.A. do GAS, nomeadamente de A. Fitas (tratamento de materiais arqueológicos) e de Amândio dos Reis Sobral, Joaquim Gil Vilhena e José Gonçalves (escavações); finalmente, ao ambiente de diálogo gerado no seio de um grupo de arqueólogos reunido em torno do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e virado para o estudo da pré e proto-história do Sul de Portugal.

I

INTRODUÇÃO

OBJECTIVOS E ACTIVIDADE DO GRUPO DE TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA DO GABINETE DA ÁREA DE SINES

Assumindo uma atitude verdadeiramente inovadora no contexto nacional, a Direcção do Gabinete da Área de Sines preocupou-se, desde o primeiro momento, com a defesa do património arqueológico, necessariamente ameaçado pelas obras de construção do complexo portuário, urbano-industrial e respectivas vias de acesso. Assim, em Junho de 1972, depois de consultado o Ministério da Educação Nacional, criou o Grupo de Trabalhos de Arqueologia (G.T.A.), destinado a proceder à inventariação e ao estudo das jazidas arqueológicas da Área de Sines, através de uma constante actividade de prospecção, escavação e tratamento dos dados obtidos. Pretendia-se, em última análise, a divulgação dos resultados científicos e a salvaguarda e revalorização cultural do património descoberto.

De 1972 a 1977 a prospecção atendeu, preferencialmente, às zonas abrangidas por projectos de obras de grande vulto pelo que a região oriental, a mais acidentada, não foi objecto de prospecções sistemáticas.

Identificámos ou reconhecemos as seguintes jazidas pré-históricas ⁽¹⁾ (de Norte para Sul): Palhota (monumento megalítico), Salema (povoado do Neolítico), Areal (povoado neolítico?), Praia do Norte (Epipaleolítico?), Monte Novo (povoado do Calcolítico pleno), Vale Pincel I (povoado do Neolítico Antigo), Vale Pincel II (povoado do Neolítico final / Calcolítico inicial), Quitéria (povoado e necrópole do «Bronze do Sudoeste»), Vale Marim (Mesolítico), Provença (necrópole do «Bronze do Sudoeste»), Praia da Oliveirinha (povoado do

⁽¹⁾ Não cabe no âmbito desta publicação a referência às estações romanas identificadas.

Neolítico?), Samouqueira (povoado do Mesolítico e do Neolítico Antigo), Pessegueiro (povoado e necrópole do «Bronze do Sudoeste») e Vale Vistoso (povoado do Neolítico e do Calcolítico final).

Com o fim de melhor se avaliar a importância científica de algumas destas jazidas e/ou de salvar o maior número possível de elementos de estudo, foram efectuadas escavações na Provença, Quitéria, Vale Vistoso, Pessegueiro, Vale Pínel I, Palhota, Monte Novo, Vale Pínel II e Salema.

Dos contributos científicos mais relevantes fornecidos pela actividade do G.T.A., destacamos:

- presença, assinalada pela primeira vez no litoral a Sul do Tejo, de jazidas do Mesolítico de fácies geométrica;

- descoberta das primeiras estruturas de carácter habitacional em povoados de ar livre do Neolítico Antigo e Antigo Evolucionado;

- melhor conhecimento do processo de neolitização (caracterizado por longa perduração de uma economia fundamentalmente depredadora);

- presença, no desenvolvimento do megalitismo do litoral alentejano, de, pelo menos, duas fases: uma, mais antiga, com monumentos funerários de câmara de planta sub-rectangular, que parece acusar marcadas influências da cultura de Almeria, e outra, mais recente, com dólmenes de câmara poligonal, que evidencia o predomínio de elementos da cultura megalítica do Alto Alentejo;

- precisões sobre a identificação, no Calcolítico do Baixo Alentejo, de uma fase inicial (ou de transição do Neolítico para o Calcolítico) com povoados de planície e de uma fase plena com povoados de altura;

- confirmação de um «Grupo Campaniforme Inciso» no Horizonte Campaniforme português, bem como da localização do campaniforme mais meridional do País;

- descoberta dos primeiros povoados da cultura da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular e primeiras observações, para esta cultura, da relação espacial povoado-necrópole (povoados de planície situados nas proximidades das necrópoles ou mesmo envolvidos por estas);

- isolamento e definição no «Bronze do Sudoeste» de uma fácies ou grupo cultural («Grupo de Sines») com sepulturas de tipo «cista», integradas em recintos tumulares de planta rectangular (limitados por ortostatos) que, confinando entre si, formam um monumento com a configuração de um favo.

Muitos destes aspectos foram já divulgados, não só pela publicação de cinco estudos em órgãos da especialidade⁽²⁾, como também através de comunicações apresentadas em reuniões científicas, de palestras destinadas ao grande público e, finalmente, da imprensa e televisão.

Considerando, porém, o volume de informação acumulado em cinco anos de actividade ininterrupta, julgou-se conveniente publicar, numa obra de conjunto, os resultados — ainda que gerais e, mesmo, preliminares — das investigações realizadas pelo Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines.

A presente publicação reflecte uma lúcida política de planeamento que, orientada no sentido de conciliar as necessidades do desenvolvimento urbano-industrial com as de salvar para o Futuro os testemunhos do Passado, impediu a destruição de uma importante parcela do nosso património cultural.

(²) Ver Bibliografia:

— Santos, M.F. dos, J. Soares e C. Tavares da Silva, 1974;

— Santos, M.F. dos, J. Soares e C. Tavares da Silva, 1975;

— Soares, J. e C. Tavares da Silva, 1976-77 *a*;

— Soares, J. e C. Tavares da Silva, 1976-77 *b*;

— Tavares da Silva, C. e J. Soares, 1976-77.



Fig. 1 — Localização da Área de Sines no Sudoeste Peninsular.

QUADRO GEOGRÁFICO

A Área de Sines não se identifica com uma unidade geográfica bem definida, facto particularmente notório na zona Norte onde a compreensão da ocupação humana é prejudicada pela existência de uma fronteira artificial.

A região considerada neste trabalho (fig. 1), com a área de aproximadamente 400 km.², é limitada a Norte pela linha sinuosa, não coincidente com qualquer acidente natural, que divide o concelho de Santiago do Cacém do de Grândola; a Sul, pelo Barranco do Queimado, ribeira que não separa duas áreas fisicamente distintas nem dificulta a permeabilidade cultural; a Oeste, pelo Oceano e a Este por um meridiano que passa a cerca de 1 km. para Nascente do centro da vila de Santiago.

Administrativamente, a Área de Sines abrange o concelho de Sines e parte do de Santiago do Cacém.

Na zona Este desenvolve-se uma faixa acidentada, de direcção N.-S., constituída pelos contrafortes das serras de Grândola e do Cercal, que atinge cotas superiores a 200 metros nos arredores de Santiago do Cacém e em um ou outro ponto do limite oriental da região. Esta faixa acidentada corresponde, de um modo geral, à mancha xistosa do Carbónico que aflora também, em pequenas extensões, nas proximidades das ribeiras da Junqueira e de Morgavel e em áreas restritas do litoral a Sul de Sines, nomeadamente em Porto Covo.

A Oeste dos contrafortes das serras de Grândola e do Cercal e ocupando a maior superfície da Área de Sines, estende-se uma ampla faixa costeira, plana, com cerca de 13 km. de largura máxima, que se inclina progressivamente para o Oceano. Geologicamente é constituída por:

— Formações plio-pleistocénicas alongadas segundo a direcção N.-S. que contactam com o Maciço Antigo do Primário quer directamente quer através de depósitos do Quaternário a SE. e de formações do Secundário a NE. Os depósitos plio-pleistocénicos são formados por arenitos argilosos mal consolidados, podendo conter calhaus dispersos e bancadas conglomeráticas. Representam as formações litológicas dominantes na Área de Sines.

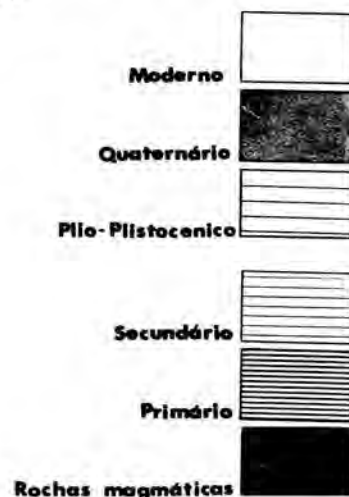
— Depósitos do Quaternário que se localizam: na orla litoral, distribuindo-se de uma forma descontínua (praias levantadas); ao longo de cursos de água (terraços fluviais); e em alguns pontos do sopé do maciço xistoso.

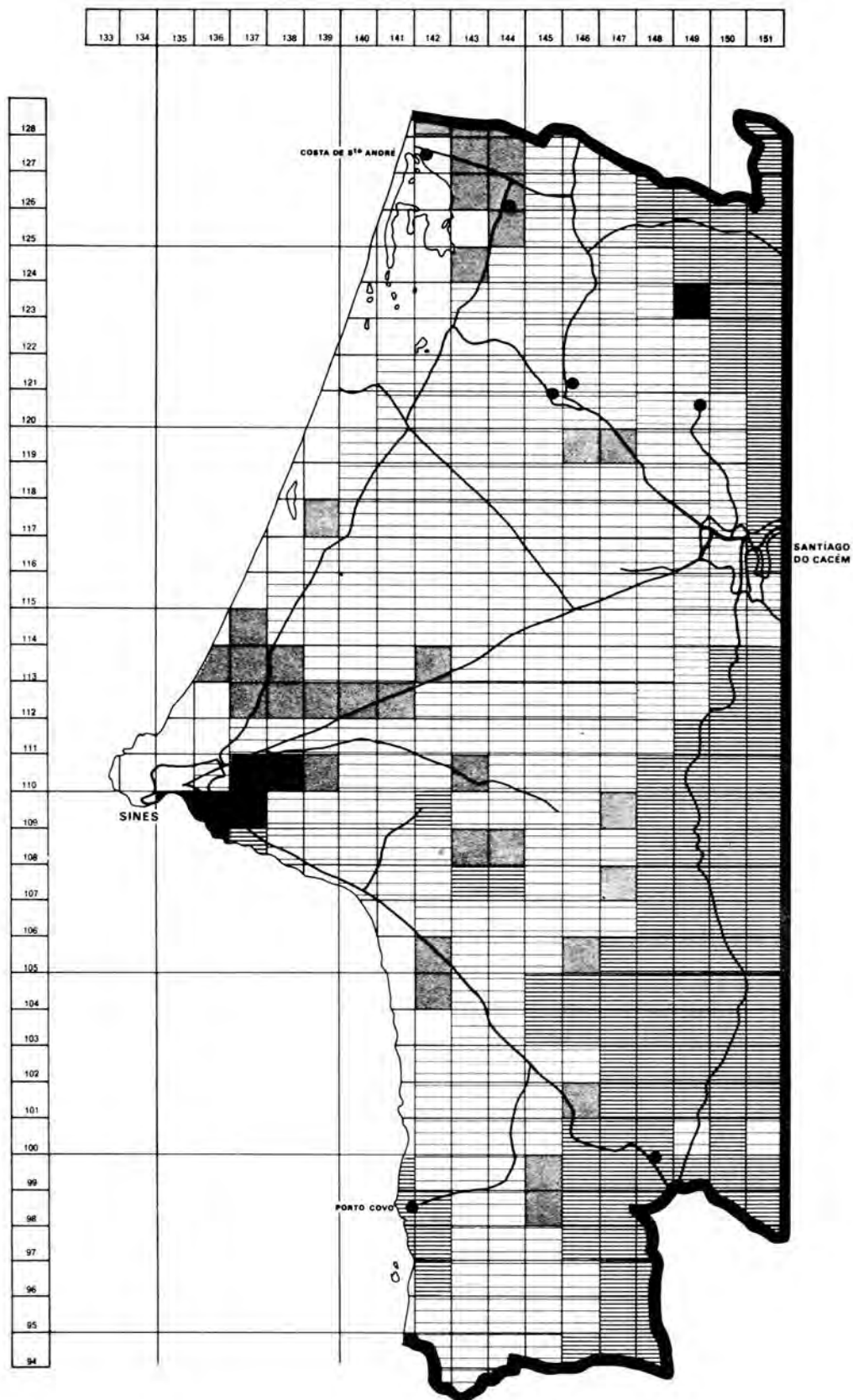
— Depósitos Modernos, arenosos, que ocupam quase ininterruptamente uma estreita faixa litoral. Estas formações desenvolvem-se especialmente entre a lagoa da Sancha e a de Santo André.

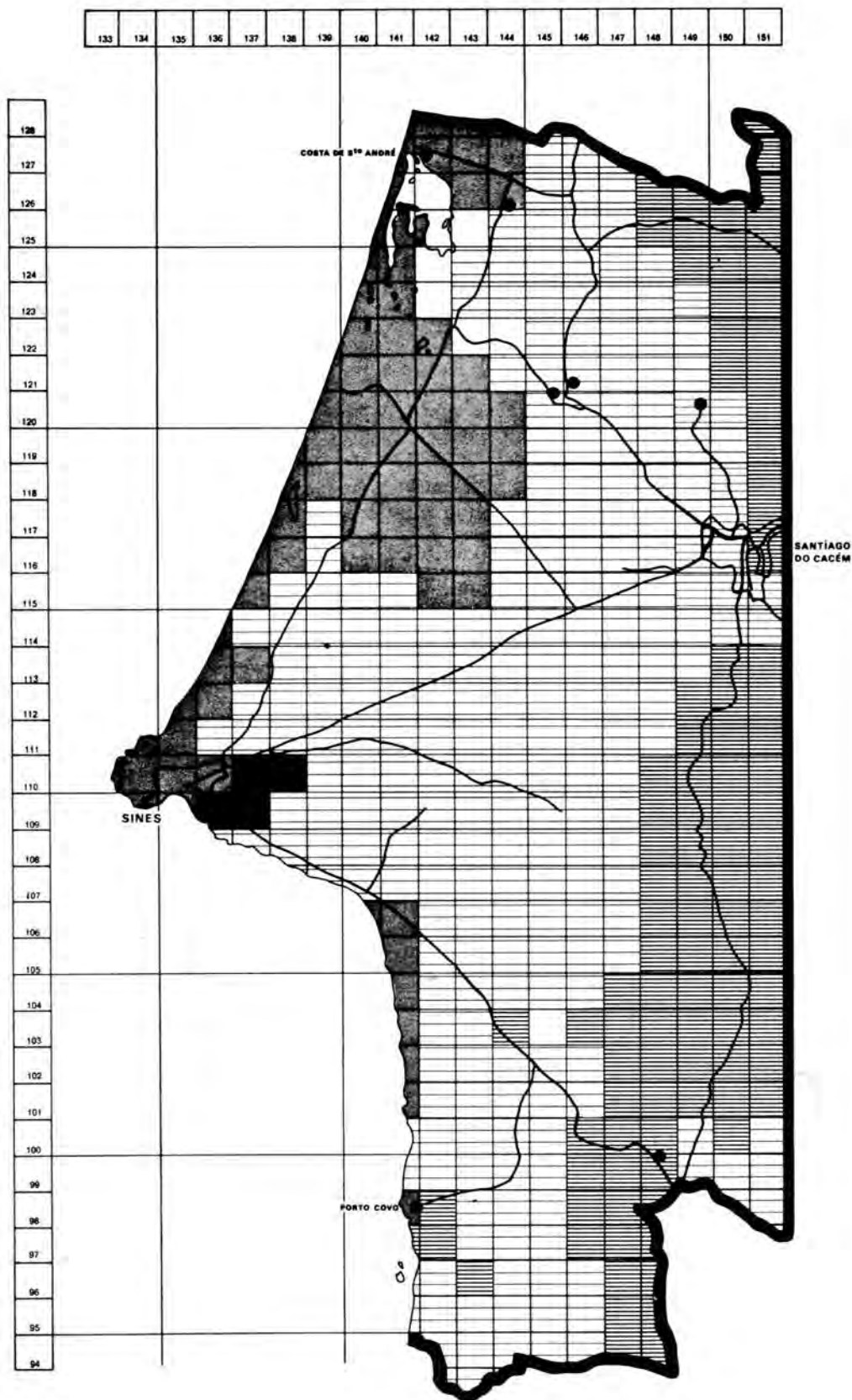
— Rochas magmáticas que afloram a Este de Sines (Chãos). As areias dunares cobrem grande parte do maciço eruptivo que constitui a ponta de Sines.

De um modo geral a Área de Sines apresenta fraca altitude média; dominam os valores de declive inferiores a 5%.

Fig. 2A — Área de Sines: dominância de idades geológicas por km².







Considerando a morfologia, a geologia e a paleo-ocupação humana podemos, em termos gerais e provisoriamente, atendendo às lacunas da prospecção arqueológica na faixa oriental da região, definir, pelo menos, três sub-regiões onde os factores naturais e humanos se conjugam de modo particular. Assim, de Norte para Sul:

— Sopé dos contrafortes da Serra de Grândola. Sub-região limitada a Norte pela ribeira de Melides (fora da Área de Sines) e a Sul pela do Areal; é atravessada pela ribeira da Cascalheira que desagua na lagoa de Santo André; estende-se até ao Oceano através de uma costa baixa e arenosa.

De um ponto de vista geológico importa realçar a presença de formações do Secundário (margas, «grés de Silves», calcários que forneceriam o sílex, matéria-prima da utensilagem pré-histórica).

— Encosta Sul dos Chãos de Sines. Dominada pelo maciço eruptivo dos Chãos e pela baía de S. Torpes, possui férteis terrenos de cultivo resultantes da desagregação de gabbro-dioritos. Estes contactam a Oeste e a Sudoeste com areias modernas e a Sul com depósitos plio-pleistocénicos. A costa, escarpada no sopé do maciço, torna-se baixa na baía de S. Torpes. Exceptuando a ribeira da Junqueira que desagua na baía de S. Torpes, há apenas a assinalar, entre esta e os Chãos, algumas torrentes de pouca importância.

— Faixa litoral, a Sul de S. Torpes, coberta por areias modernas e com afloramentos de xistos do Carbónico em Porto Covo e de duna consolidada würmiana no Fortim do Pessegueiro. Zona mal irrigada, com falésias litorais em que estão encravadas algumas pequenas praias. A costa torna-se baixa em frente da ilha do Pessegueiro (onde se forma uma ampla praia de águas calmas) e junto à foz do Barranco do Queimado.

Embora de interesse muito relativo, faremos referência a algumas características do clima actual (não possuímos elementos de paleoclimatologia).

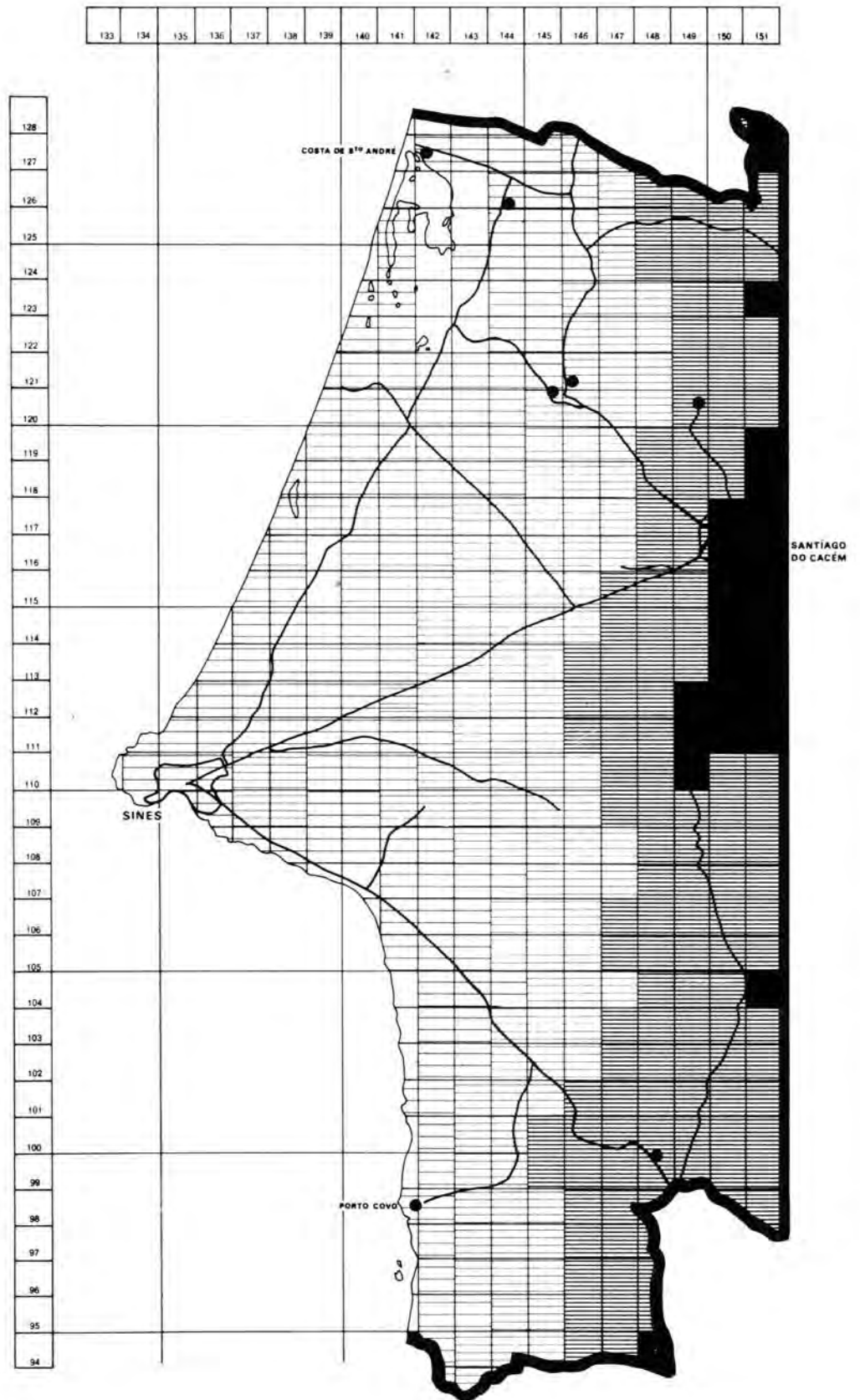
O clima da Área de Sines é temperado e moderadamente chuvoso; as amplitudes térmicas são fracas; define-se claramente uma estação seca (de Junho a Setembro) e um período de chuvas centrado no fim do Outono e no Inverno.

A observação do gráfico termopluiométrico respeitante ao período de 1940-1960 obtido para Santiago do Cacém mostra uma temperatura média anual de 15,8° C., uma amplitude térmica anual de 11,2° C. e a precipitação de 777,2 mm. Em Sines, devido à maior proximidade do Oceano, a amplitude térmica anual é inferior à de Santiago do Cacém. Também a precipitação média anual é inferior à de Santiago; o relevo explica esta diferença.

Os ventos de Oeste e de Noroeste dominam na Área de Sines. Os ventos dos quadrantes Sul sopram com rajadas violentas.

Fig. 2B — Área de Sines: dominância de formações litológicas por km².





PALEOLÍTICO

Breuil e Zbyszewski, nos anos quarenta (Breuil, H. e G. Zbyszewski, 1946; Zbyszewski, G., 1943; Zbyszewski, G. 1971), identificaram e estudaram, sumariamente, jazidas paleolíticas do litoral de Sines, tendo classificado as indústrias pelo método das séries:

— Praia da Lagoa, a N. do cabo de Sines. Cascalheira (nível de 8-15 m.), com indústrias acheulenses de estilo lusitano, coberta por areias com material do Paleolítico Superior e por dunas modernas.

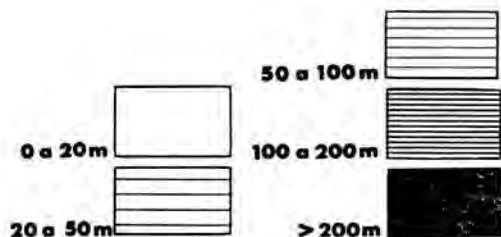
— Cabo de Sines. Cascalheiras de praia (nível de 10-15 m.) revelaram *in situ* uma indústria de pequenos seixos afeiçãoados de estilo lusitano e microlusitano atribuída ao Acheulense. Esta formação, que parece corresponder ao Tirreniano II, é sobreposta por areias amarelas ou alaranjadas, também tirrenianas, às quais se seguem areias cinzentas onde foi exumada uma indústria com características epipaleolíticas. Esta sequência estratigráfica termina com dunas recentes.

— A Norte de S. Torpes, em um nível de praia tirreniano de 8-10 m. de altitude, encontraram-se peças roladas, atribuídas ao Acheulense antigo.

— Escarpas a Sul da foz da ribeira de Morgavel. Cascalheira de base do nível de 6-8 m., sobreposta por um complexo arenoso amarelado e, por vezes, avermelhado, com seixos e calhaus; continha instrumentos do Acheulense antigo e superior. É coberta por duna consolidada würmiana a que se seguem dunas modernas.

— Fortim de Porto Covo (Pessegueiro). Observa-se neste ponto do litoral de Sines um dos mais interessantes cortes estratigráficos do Quaternário da região: sobre os xistos do Paleozóico, a 6-7 m. de altitude, assenta um depósito de calhaus pertencente a uma praia tirreniana que revelou, a Sul do fortim, uma indústria rolada do Acheulense antigo com prováveis elementos abevilenses; sobre este depósito assentam areias amareladas e avermelhadas que, no local onde o nível anterior forneceu a indústria já referida, deram materiais não rolados do Acheulense antigo, médio e supe-

Fig. 3 — Área de Sines: altitude média por km².



rior; esta última formação é coberta pela duna consolidada würmiana sobre a qual foi construído o fortim. (Fig. 4).

Também Victor de Oliveira Jorge, em 1971, identificou algumas jazidas paleolíticas: Porto Covo, Caniceira e Pessegueiro.

O Paleolítico de Sines distribui-se, pois, ao longo de uma estreita faixa litoral, sendo por vezes difícil estabelecer os limites das jazidas. Parece tratar-se, no dizer de Victor de Oliveira Jorge, de uma *mancha contínua* de materiais líticos, dispostos à superfície ou em camada, ao longo de praias elevadas, em vez de integrarem estações bem circunscritas.



Fig. 4 — Perfil estratigráfico observado na falésia do Fortim de Porto Covo (Pessegueiro):

- 1 — xistos do Paleozóico;
- 2 — depósito de calhaus com indústria rolada do Acheulense antigo e prováveis elementos abevilenses;
- 3 — areias amareladas e avermelhadas com materiais não rolados do Acheulense antigo, médio e superior;
- 4 — duna consolidada würmiana, sobre a qual foi construído o fortim. (Fotografia cedida pelo Grupo de Estudos do Paleolítico Português).

EPIPALEOLITICO

Em 1960, Jean Roche efectuou sondagens no Cabo de Sines, maciço eruptivo coberto (de baixo para cima) por areias feldspáticas branco-acinzentadas com pequenos calhaus achatados (base do nível de 10-15 m. do Tirreniano II), areias amarelas ou alaranjadas que correspondem também ao Tirreniano, um nível de areias cinzentas, subaéreo e dunas recentes. Esta escavação destinava-se sobretudo a precisar a cronologia das peças, pouco abundantes, da série V, recolhidas em 1942 por Breuil e Zbyszewski e classificadas então como languedocenses tardias, do Paleolítico superior e mesolíticas.

As sondagens de 1960 incidiram sobre três estações: duas (I e II), as que aqui mais nos interessam, situadas na extremidade do Cabo, a cerca de 30 m. do bordo da falésia e separadas entre si apenas por alguns metros, deveriam pertencer ao mesmo conjunto e o material que forneceram foi estudado globalmente; a terceira encontra-se a cerca de 100 m. mais ao Sul. (Lamentamos que aquele autor não dê elementos mais precisos que permitam a localização exacta das três jazidas).

Cada estação é muito circunscrita: a sua área não excede os 40 m².

O espólio recolhido (figs. 5 e 6), quase totalmente por crivagem, encontrava-se sobre as areias cinzentas, no contacto com as dunas móveis.

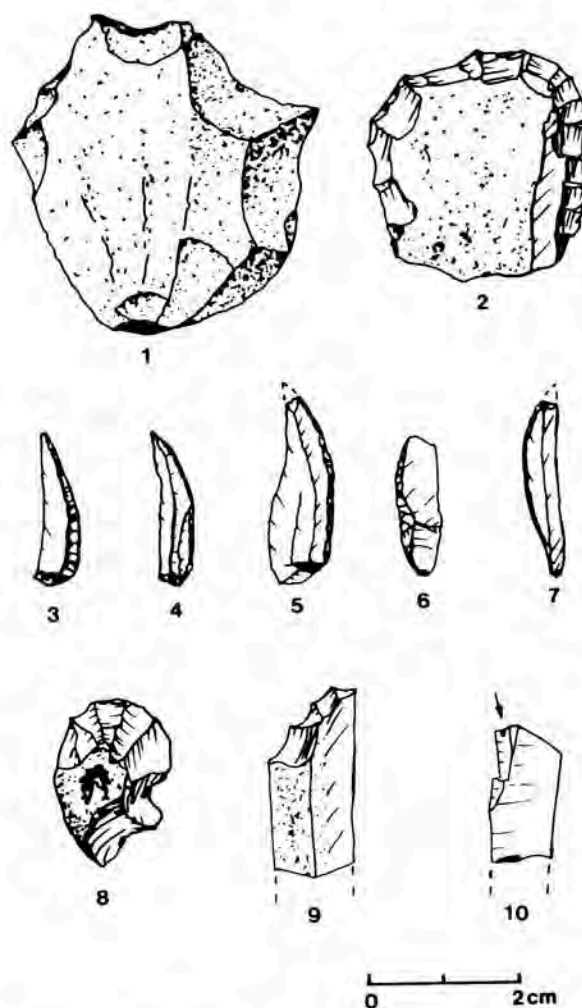


Fig. 5 — Indústria epipaleolítica do Cabo de Sines (estações I e II): 1 — denticulado (quartzito); 2 e 8 — raspadores; 3 a 7 — lamelas de dorso; 9 — truncatura; 10 — buril. Seg. J. Roche.

A análise do material (estações I e II) veio mostrar uma relativa abundância de subprodutos do talhe (526 lascas, 20 núcleos e 3 lamelas de golpe de buril) e escassez de utensílios (somente 24).

Dos 20 núcleos, 11 possuem levantamentos de carácter lamelar. A matéria-prima utilizada foi o quartzo leitoso, o silex e o jaspe. Algumas peças mostram vestígios de acção do fogo.

Dos utensílios fazem parte 6 lascas com retoques parciais, 1 buril de ângulo sobre fractura, 3 raspadores (sendo um carenado, outro subcircular e um outro pouco regular), 1 truncatura obliqua sobre lasca lamelar, 9 lamelas de bordo abatido que correspondem a mais de um terço da totalidade dos utensílios e 4 denticulados.

Apesar do pequeno número de utensílios e da falta de bons paralelos no nosso país, a escassez de buris, o predomínio dos raspadores sobre aqueles, os tipos de raspadores presentes e a abundância relativa de lamelas de bordo abatido, bem como a ausência de geométricos apontam no sentido de uma indústria epipaleolítica microlaminar que parece filiar-se nas culturas que prolongam as dos fins do Paleolítico. Jean Roche classifica aquela indústria «d'un Mésolithique ancien où les traditions paléolithiques sont encore très vivaces».

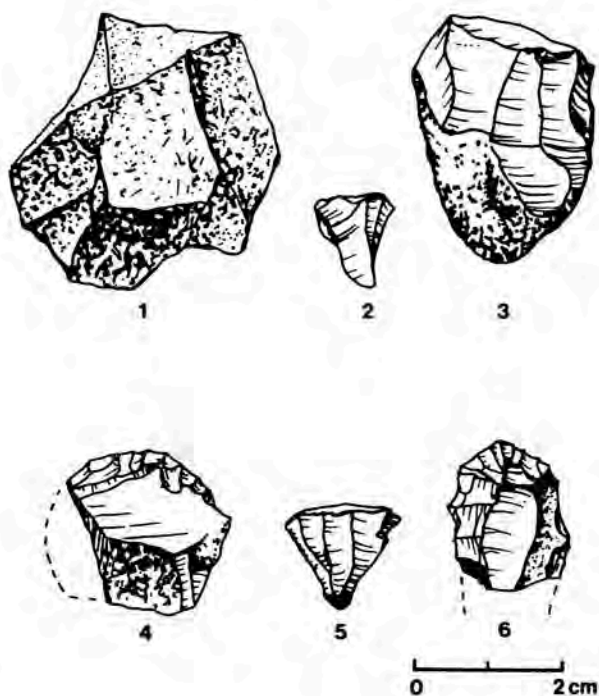


Fig. 6 — Indústria epipaleolítica do Cabo de Sines (estações I e II): 1 — núcleo globuloso; 2 e 3 — núcleos com um plano de percussão. Estação III; 4 e 6 — raspadores; 5 — núcleo piramidal. Seg. J. Roche.

NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO

Em 7 de Junho de 1591, na foz da ribeira da Junqueira (baía de S. Torpes), local onde, lenda-riamente, se diz terem chegado os restos mortais de S. Torpes, trazidos pelo mar no século I d.C., encontraram-se ossadas humanas e material pré-histórico, espólio considerado como pertencente à sepultura desse santo. Foi então elaborado um inventário (Leite de Vasconcelos, J., 1914 e Soledade, A. da, 1973): «Eu Pedro Lopes, notário apostólico (...) faço fé que o que nesta caixa está é o seguinte: a ossada que se tirou da sepultura na foz da Junqueira termo desta vila de Sines; a terra que se tirou dos ditos ossos ao tempo que se acharam; uma *pomazinha* quebrada de barro que se achou na dita sepultura; uma *estampa de pedra preta debuxada* que se achou na dita sepultura; (...) está mais nesta caixa um casco de cabeça que foi achado à *porta da sepultura* da banda de fora; está mais uma pedra preta que se achou fora do vestígio; (...) fica mais de fora outro caixão que tem a ossada dos corpos que estavam de fora do circuito, fora da sepultura, o que tudo foi tirado dela em os sete dias do mês de Junho de 1591 da qual tirada, e deligências que se faz sobre isto» (o sublinhado é nosso).

Em 1695 os ossos foram enterrados na igreja matriz, capela de São Fr. Pedro Gonçalves, de onde viriam a desaparecer completamente, levados por crentes. No tempo de Lis Velho (1746) só existiam «poucos e pequenos ossos, a pomazinha de barro, a pedra preta debuxada e o casco da cabeça».

Em 1914, Leite de Vasconcelos encontrou, no sacrário da igreja da Misericórdia de Sines, um cofre com «reliquias» que continha «uma calote craniana (osso frontal e restos dos dois parietais); esquirolas ósseas aglutinadas com terra (espécie de brecha óssea); parte de uma vasilha grossa e tosca de barro, com fracturas antigas — feita à mão, sem roda de oleiro; um medalhão ou «placa» de lousa, ornamentado de um lado e com um friso do outro».

As observações de Leite de Vasconcelos estão de acordo com as de Lis Velho, correspondendo a «pomazinha» ao vaso referido e publicado por Leite de Vasconcelos através de um mau desenho que se torna, contudo, mais esclarecedor se atendermos ao recipiente bicónico de Aljezur (Leisner, V., 1965) que Leite de Vasconcelos considerou muito semelhante ao da foz da Junqueira. A «pedra debuxada» é a placa de xisto gravada; comparando os desenhos publicados por Lis Velho e por Leite de Vasconcelos verifica-se corresponderem à mesma peça embora difiram em alguns aspectos de pormenor. Nota-se, na publicação de Leite de Vasconcelos, mais um esboço geral do que propriamente um desenho cuidado e rigoroso de uma peça que, como dizia, «constantemente se descobre nas antas do Sul de Portugal». O desenho de Lis Velho, pelo contrário, revela a preocupação de reproduzir com muita fidelidade uma peça que lhe devia ser estranha (figs. 7 e 8).

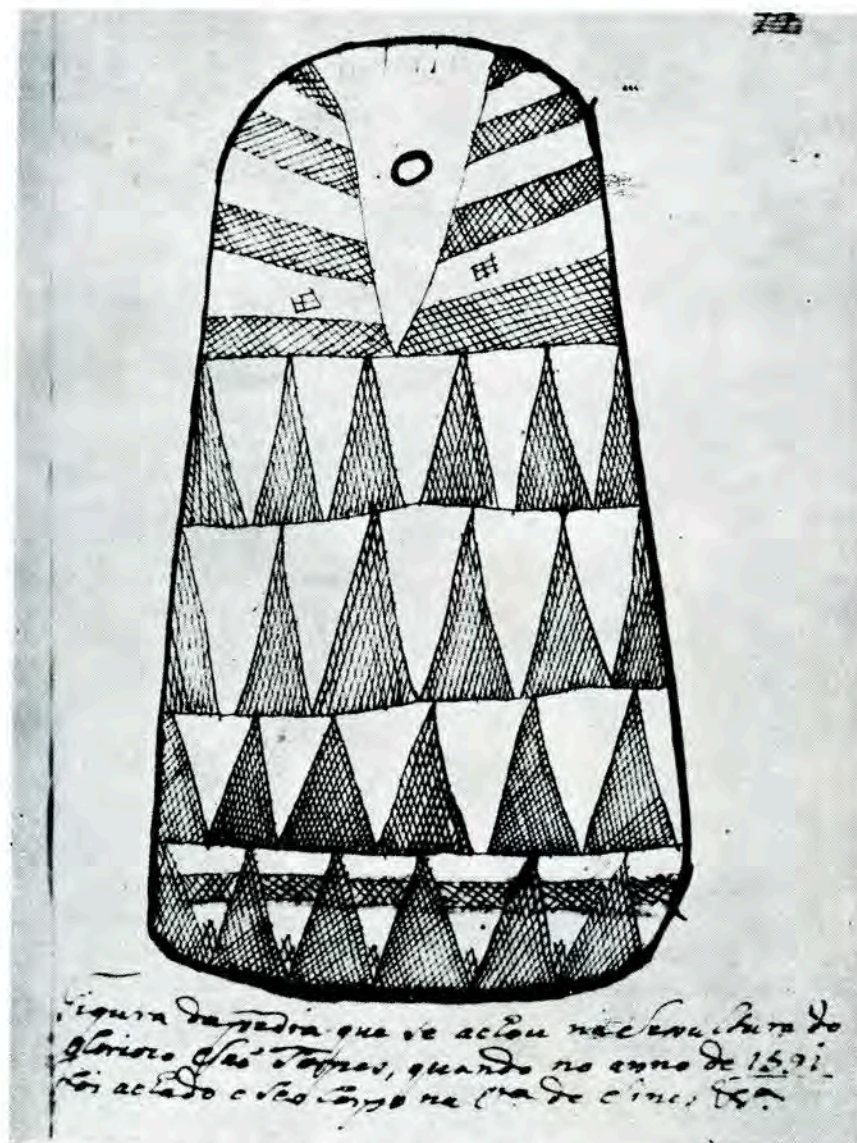


Fig. 7 — Placa de xisto da sepultura da praia de S. Torpes, segundo Lis Velho.



Fig. 8 — A mesma peça, segundo J. Leite de Vasconcelos.

Se depurarmos os factos das crenças que os envolvem, parece de reter: o aparecimento na foz da ribeira da Junqueira de uma sepultura «*com porta*» contendo vários enterramentos e onde foram exumados, além de ossos humanos, um vaso cerâmico e uma placa de xisto gravada.

Atendendo à forma do vaso (cf. o de Aljezur, Leisner, V., 1965, Est. 131:43) e à placa de xisto gravada, cremos estar na presença dos testemunhos de uma sepultura colectiva, atribuível ao Neolítico final.

J. G. da Cruz e Silva realizou em 1939 escavações em S. Torpes, mais propriamente no «Cerro do Banheiro», pequena elevação posteriormente removida da paisagem pela exploração de saibro destinado à construção do «Campo de Aviação» (obras anteriores à formação do Gabinete da Área de Sines). Uma escavação muito mal dirigida e a publicação feita dez anos mais tarde, em moldes confusos e anacrónicos, tornam quase impossível a compreensão dessa jazida.

A colina seria constituída essencialmente por areias do plio-plistoceno, facto que explica o seu desaparecimento pela exploração de saibro. Sabemos pela notícia de Cruz e Silva que haveria, além disso, um afloramento de xisto. Este autor afirma ter descoberto três sepulturas «em forma de paralelogramo» cavadas no xisto, surgindo uma delas revestida por diversas «pedras» justapostas (não conhecemos a inclinação dos estratos desse afloramento de xisto; no caso de ser próxima da vertical poderia criar a ilusão de lajes de revestimento); «o interior encontrava-se cheio de xisto, de tal forma comprimido que só o picareto o pôde romper»; o volume da cavidade era de $1,22 \times 0,68 \times 0,76$ m. No interior das cavidades encontrou fragmentos de cerâmica e de ossos. No exterior, 4 machados, 2 escopros e 3 enxós em pedra polida, 1 lâmina em sílex, «bolas» e pequenas mós em pedra, calhaus que podiam ter sido utilizados como percutores; observou ainda «na massa argilosa, fragmentos de carvão, cerâmica e

pequenos bocados de osso». Estes achados, provenientes do exterior das cavidades, sugerem a existência, no local, de um povoado pré-histórico.

As cavidades poderiam ser interpretadas como silos alargados pelos trabalhos de escavação arqueológica (?). Se corresponderam a sepulturas estas seriam, atendendo às suas dimensões, possivelmente do «Bronze do Sudoeste» o que não encontra confirmação no espólio referido.

O material recolhido nas escavações perdeu-se. Apenas a hipótese de um povoado no «Cerro do Banheiro», provavelmente de uma fase evolucionada do Neolítico, nos parece plausível.

Também Cenáculo foi tentado pela baía de S. Torpes, envolta na lenda do santo. Descreve alguns achados desordenada e vagamente; parecem corresponder, de um modo geral, a épocas mais recentes: «...vestígios de paredes grossas e antiqüíssimas (...)».

Leite de Vasconcelos, em 1914, dá-nos ainda notícia de um outro conjunto de peças que lhe foi oferecido durante a visita que efectuou a Sines. É proveniente da Vinha da Poveira, local plano situado na margem esquerda da ribeira de Moínhos a cerca de 1700 m. do Oceano. Merecem referência cinco machados em pedra polida e «uma pedra elipsoidal com um sulco que a abraça no sentido do plano equatorial» (fig. 9) muito semelhante a um exemplar encontrado no Pedrão (Soares J. e C. Tavares da Silva, Est. XII: 151) e que pode ser considerado do Calcolítico inicial.

Em Abril de 1961, na propriedade da Salema, freguesia de S. Francisco da Serra, concelho de Santiago do Cacém, numa elevação de calcário do Jurássico situada a Norte do Monte da Salema, foi descoberto e destruído pela exploração de uma pedreira um monumento funerário

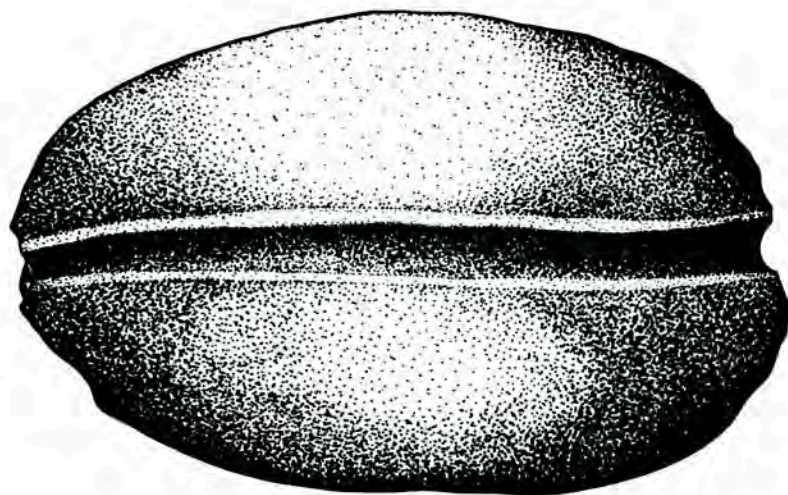


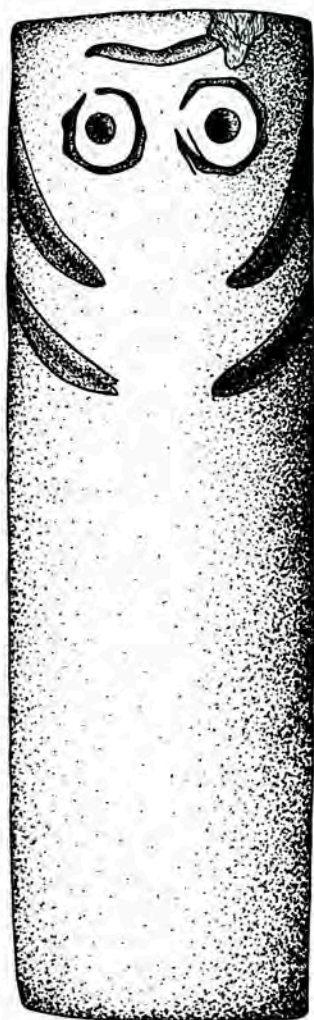
Fig. 9 — Peça lítica encontrada na Vinha da Poveira, segundo J. Leite de Vasconcelos.

de que restam apenas dois ídolos-cilindro oferecidos ao Museu de Santiago do Cacém. Estas peças foram em parte estudadas por M. J. Almagro Gorbea em 1973.

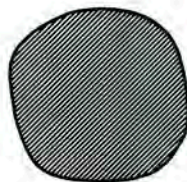
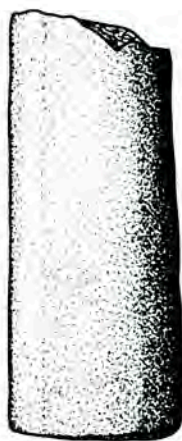
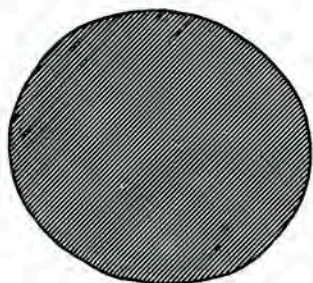
O exemplar de menores dimensões, em mármore, possui 70 mm. de altura e 31 mm. de diâmetro; pesa 100 gr. Não apresenta decoração.

O maior, igualmente em mármore muito bem polido, tem 165 mm. de altura, 50 mm. de diâmetro; pesa 250 gr. A decoração é constituída por um par de olhos definidos por duas depressões circulares, cada uma delas envolvida por uma circunferência concêntrica incisa; por cima dos olhos, uma incisão larga e curta em forma de V muito aberto; dois pares de incisões, também largas, partem do anverso do ídolo obliquamente à sua parte superior e desenvolvem-se lateralmente em ziguezagues que se interrompem na face posterior. (fig. 10).

Fig. 10 — Ídolos-cilindro, em mármore, provenientes de um monumento destruído pela exploração da pedreira da Salema (S. Francisco da Serra).



1



2

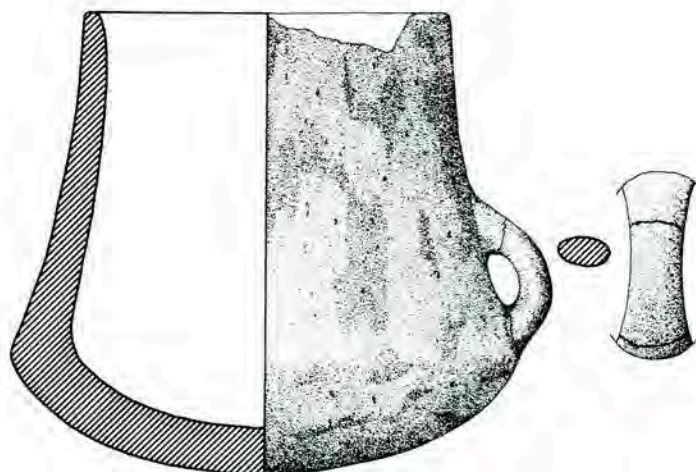


Em 1973, Victor de Oliveira Jorge noticia o aparecimento, a Sul do Fortim do Pessegueiro, de um núcleo de materiais que atribui ao Neolítico e ao Calcolítico final, sendo de destacar dois fragmentos de cerâmica campaniforme incisa. (Este achado identifica-se com a zona Norte da estação por nós reconhecida e a que demos o nome de Vale Vistoso).

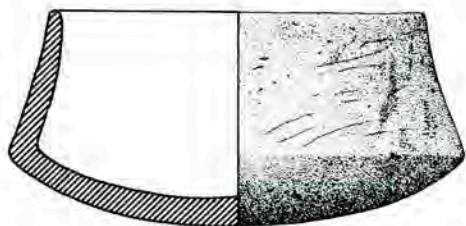
Fig. 11 — Materiais da Idade do Bronze recolhidos na Herdade da Provença, segundo H. Schubart.

IDADE DO BRONZE

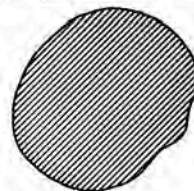
O «Bronze do Sudoeste» era conhecido na Área de Sines através de cinco peças recolhidas na Herdade da Provença aquando de trabalhos agrícolas realizados na área da necrópole que viria a ser escavada em 1972 pelo G.T.A. do G.A.S. Esses materiais [1 *taça tipo Atalaia*, 1 vaso de carena baixa, corpo subcilíndrico e com pequena asa ao nível da carena, 1 vaso subcilíndrico, 1 fragmento de cerâmica com um mamilo atravessado por duas perfurações verticais e 1 fragmento de cilindro em pedra (fig. 11)] foram publicados por H. Schubart em 1975; este autor já anteriormente, e por diversas vezes, tinha assinalado a Provença como o único ponto do litoral alentejano onde o «Bronze do Sudoeste» se encontrava representado (Schubart, H., 1971 *a*, 1971 *b*, 1974 *a*).



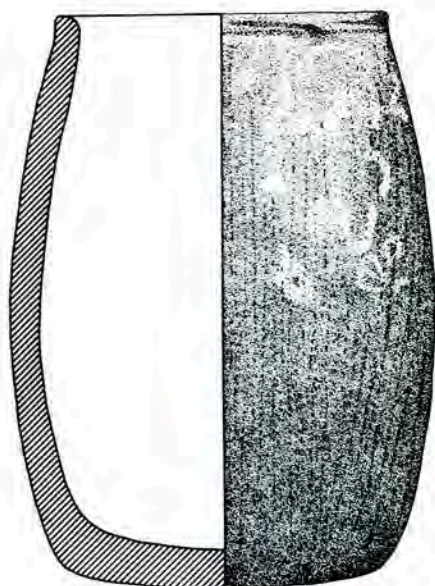
1



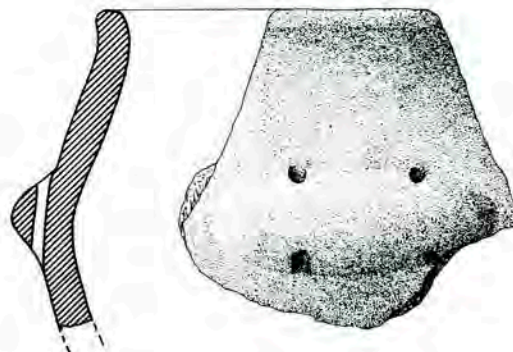
2



5



3



4

Em 1966, na Herdade do Gaio, a 12,5 Km. a Sueste de Sines e a 7 Km. do Oceano, uma lavoura a tractor destruiu duas sepulturas tipo cista, em xisto. Uma delas continha um rico espólio formado por contas de colar em pasta vítrea, ouro, prata e ambar, fragmentos de vasos de vidro, o fragmento de uma pulseira em bronze e jóias em ouro; apresentava-se escavada no «saibro» e era constituída por quatro lajes de xisto colocadas verticalmente e por uma quinta que, na horizontal, servia de tampa, sobre a qual existiam três grandes pedras, possivelmente vestígios do *tumulus*; encontrava-se orientada E.-W.; planta rectangular; media 0,70 m. de compr., 0,40 m. de larg. e 0,40 m. de altura. A segunda sepultura pertencia ao tipo da descrita.

Grande parte do espólio foi recuperado através da crivagem das terras que circundavam as sepulturas destruídas. Este trabalho ficou a dever-se à acção de José Miguel da Costa (Costa, J. M. da, 1967 e 1972).

O espólio do Gaio encontra-se exposto ao público no Museu de Sines e é constituído por:

— Um aro (molde de fundição?), fragmentado, de cerâmica cinzenta muito depurada; é oco, de secção transversal hexagonal e revestido internamente por uma camada de resina ou pez (?); diâmetro 130 mm.

— Dois recipientes de pasta vítrea: um *amphoriskos* azul escuro com bandas horizontais e em ziguezague esverdeadas e amarelas (fig. 12); fundo de um recipiente cuja forma geral deveria ser subcilíndrica, em vidro azul mais claro que o do vaso anterior, com faixas longitudinais brancas. Estas produções são normalmente atribuídas à costa Síria ou, talvez, a Rodas (Harden, D., 1968) e a sua cronologia oscila entre os séculos VII e III a.C.; o *amphoriskos* é considerado por J. M.^a Blazquez de proveniência egípcia e de 600-400 a.C. (Blazquez, J. M., 1975).

— Uma pulseira em bronze com 21,5 gr.; secção subquadrangular.

— Fragmento do fundo de uma «braseira» (?) em bronze e roseta em prata de uma «braseira» (?).

— Numerosas (280) contas de diversos materiais e tipos morfológicos. Destacamos as contas esféricas de pasta vítrea negra, oculadas a branco, em número de 16, comuns nas necrópoles da primeira Idade do Ferro da região de Ourique (Dias, M. M. A., Beirão, C. de M. e Coelho, L., 1970; Beirão, C. de M., 1973); as contas esféricas de pasta vítrea azul, oculadas a branco; as contas elipsoidais em ambar (27 exemplares); as de ouro, esféricas e bicónicas (11 exemplares); conta de ouro bicónica decorada pela técnica do granulado (fig. 13); conta de ouro tubular; contas de prata esféricas e lisas (4 exemplares); contas de cornalina discoides e elipsoidais (6 exemplares); pingente em ouro com a forma de flor de lótus aberta; pingente amigdalóide em ambar, conservando o engaste em prata em que estava montado; pingente piriforme em ambar, muito partido; contas de vidro, as mais abundantes.



Fig. 12 — Necrópole do Gaio: *amphoriskos* em pasta vítrea (1:1).



Fig. 13 — Necrópole do Gaio: conta de ouro bicónica, decorada pela técnica do granulado (c. 1,5 ×).

— Um escaravelho verde-azulado engastado em uma moldura de prata com terminais tubulares aos quais se prendia o anel; foi considerado pelo egiptólogo Rowland como trabalho fenício relativamente recente; a cartela é dedicada a Tutmosis III, da 18.^a dinastia (1504-1480 a.C.) (o nome deste faraó, como o de outros, continuou, após a sua morte e por muito tempo, a figurar nos escaravinhos).

— Uma gargantilha em ouro (fig. 14) com o comprimento actual de 310 mm. e o peso de 17,5 gr., constituída por 16 placas idênticas, produzidas através de um molde, por percussão ou por pressão de uma delgada lâmina de ouro sobre uma matriz em relevo; cada placa possui um apêndice tubular que permite a passagem de um fio de suspensão; nas extremidades existem pequenos furos destinados possivelmente a prender a peça a um suporte de couro ou de tecido; em cada placa repete-se o tema decorativo de um pégaso virado à direita sob dois conjuntos de folhas abertas em V e sobre duas palmetas e uma roseta.

— Duas arrecadas em ouro (fig. 15) formadas por um corpo oco, em forma de crescente, de onde partem radialmente 14 pequenas esferas, figurando cabeças bifrontes que terminam por uma corola campanulada, à excepção das existentes nas extremidades que apresentam argolas onde se ligava a corrente que passaria sobre o pavilhão auricular. Estas arrecadas encontram os seus melhores paralelos no tesouro de Aliseda; segundo Blazquez (1975) devem pertencer a meados do século VII a.C.

As afinidades culturais dos achados do Gaio podem buscar-se no mundo sírio-fenício, em Chipre e, de um modo geral, na comunidade mediterrânica onde as influências fenícias, gregas e etruscas se caldearam, originando uma cultura extremamente rica.

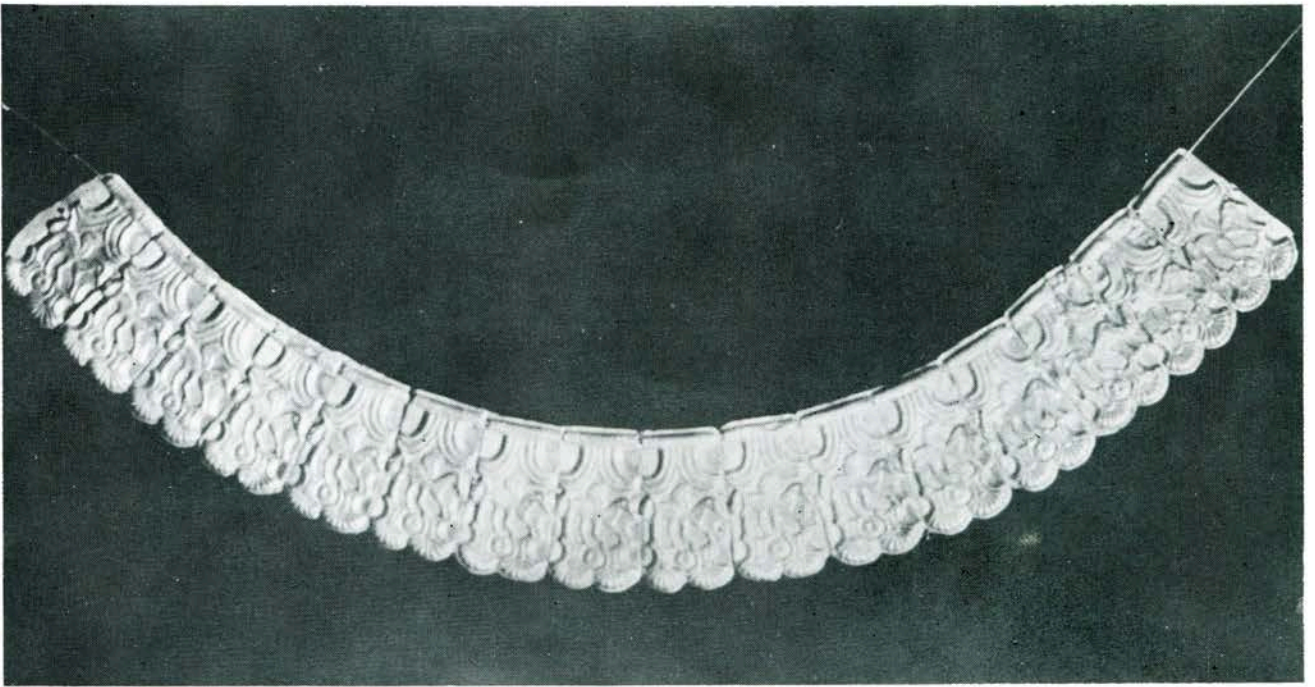
Mais do que um achado isolado, o tesouro do Gaio, quer se trate de uma importação ligada à chegada de populações exógenas, quer de uma produção peninsular influenciada pelo mundo orientalizador, deve ser interpretado como parte

integrante de uma civilização a que pertencem os povoados e as numerosas necrópoles dadas a conhecer nos últimos anos por Caetano de Mello Beirão no Sul do Baixo Alentejo.

As peças de ourivesaria do tesouro do Gaio representam, no Sul do nosso território, as primeiras influências da ourivesaria orientalizador que, pela sua leveza, temática e técnica decorativas, contrastam com as jóias da Idade do Bronze, maciças e pesadas, cuja decoração se limitava a alguns motivos geométricos gravados a buril (Almagro-Gorbea, M., 1977).

Fig. 14 — Necrópole do Gaio: gargantilha em ouro.

Fig. 15 — Necrópole do Gaio: arrecada em ouro.



II

MARISQUEIROS E CAÇADORES DO MESOLÍTICO

O período que, na Europa Ocidental, se inicia com o interstádio quente e húmido Alleröd e se prolonga pelo Atlântico foi considerado durante muito tempo como uma fase de letargia, até de retrocesso, estagnada entre as brilhantes culturas dos caçadores de renas do Paleolítico superior e as primeiras comunidades de agricultores. A sua complexidade tem vindo a acentuar-se à medida que se aprofundam os estudos dos inventários tipológicos e o conhecimento quer das transformações ecológicas a que as sociedades humanas tiveram de se adaptar, quer da espantosa caminhada que efectuaram em direcção a formas de vida baseadas na produção de alimentos.

A inexistência de uniformidade nas designações dadas a este período reflecte, de certo modo, a diversidade de concepções que sobre ele têm os vários autores. Alguns pré-historiadores designam-no por Mesolítico, outros, por Epipaleolítico. Actualmente, parece notar-se uma certa preferência pela utilização desses termos na denominação de momentos distintos do mesmo período. Assim, o Epipaleolítico compreende as culturas que, de algum modo, prolongam pelo Holoceno aspectos das culturas terminais do Paleolítico superior; o Mesolítico, a sucessão de culturas que começa a desenvolver-se no Pré-boreal (de forte componente sauveterrense, castelnovense ou outra): «C'est au cours de l'amélioration climatique définitive du Préboreal qu'apparaissent les premières civilisations mésolithiques qui coexistent avec les derniers groupes aziliens (...) Si au cours du Préboreal le passage de l'Epipaléolithique au Mésolithique reste flou, de nombreux documents attestent aujourd'hui le développement important pendant le Boréal et le début de l'Atlantique des populations mésolithiques» (Bintz, P., 1976).

Seguindo Escalon de Fonton (1975), designamos por epipaleolíticas as indústrias que apresentaram sobrevivências das do final do Paleolítico superior e por mesolíticas as que, por aculturação ou por neolitização autónoma, se tornaram efectivamente neolíticas.

Na Área de Sines, o Epipaleolítico parece estar representado no Cabo de Sines (V. Introdução) e o Mesolítico, em duas jazidas situadas a Sul de Sines, sobre a falésia litoral (Vale Marim e Samouqueira), identificadas pelo G.T.A.

No estudo do Mesolítico, período conhecido na Península graças sobretudo aos trabalhos de Jean Roche, em Muge, e de J. Fortea, no Levante espanhol, debatemo-nos constantemente com a falta de dados sobre as tradições locais. Se em Moita do Sebastião (Muge) os componentes exógenos (ao que se julga provenientes, por um lado, do Levante peninsular ⁽¹⁾ — Cocina — e patentes na indústria lítica e, por outro, de culturas costeiras da Europa Ocidental e Setentrional, especialmente do Ahrensburgien e dos kjoekkenmoeddings bretões — Tévéc e Hoëdic —, expressos através da indústria óssea — Roche, J., 1976) se encontram esboçados, a definição das tradições internas aguardam o conhecimento das indústrias do Epipaleolítico e mesmo do Paleolítico superior do nosso território.

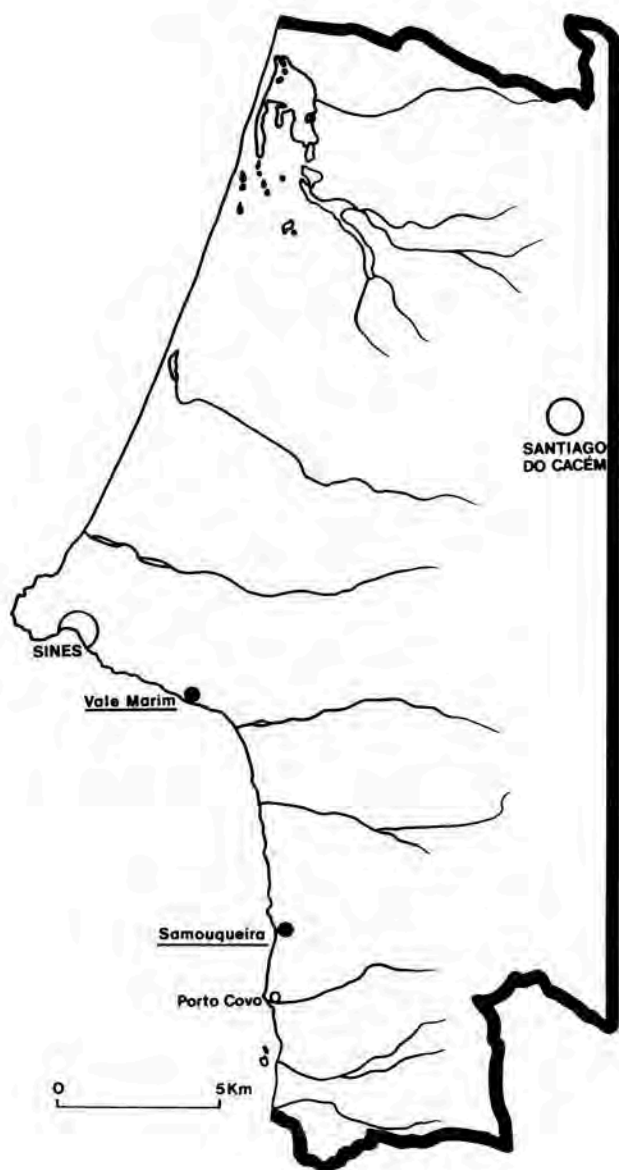


Fig. 16 — Na Área de Sines foram identificadas duas jazidas do Mesolítico: Vale Marim e Samouqueira. Situam-se junto da falésia litoral.

⁽¹⁾ Verificou-se também a existência de influências mediterrânicas peninsulares no Solutrense português (Casa da Moura, Furninha, Ponte da Laje, Vila Pouca e Salemas). Estas influências, segundo Roche (1974), ter-se-iam propagado através do Tejo.

HABITATS

Os dois *habitats* mesolíticos identificadas pelo G.T.A. na Área de Sines (Vale Marim e Samouqueira) situam-se a Sul da vila, sobre a falésia litoral, em terrenos arenosos, muito móveis, assentes sobre formações do plio-pleistoceno (grés dunar würmiano na Samouqueira) e ocupam zonas planas e abertas, junto de pequenas praias e nas proximidades de linhas de água.

Vale Marim, na extremidade Norte da ampla baía de S. Torpes, possui a área aproximada de 50 m. por 100 m.

Fig. 17 — Vale Marim localiza-se na baía de S. Torpes e ocupa uma área plana e aberta.





Fig. 18 — A estação mesolítica da Samouqueira ocupa uma zona plana, aberta e arenosa que se estende por 300 m., ao longo da falésia litoral.

A Samouqueira estende-se por 300 m. ao longo da arriba, para Norte da praia do mesmo nome (Porto Covo); na sua extremidade Sul existe um núcleo com cerâmica atribuível ao Neolítico Antigo que pode vir a fornecer elementos para o estudo do processo de neolitização da população mesolítica.

Estas duas jazidas, identificadas através da observação dos cortes da falésia litoral, quase não forneceram, devido à acidez e lexiviação das areias, vestígios de fauna a qual é tão abundante nos «concheiros» de Muge e do Vale do Sado (Santos, F. dos, 1972; Santos, F. dos, J. Soares e C. Tavares da Silva, 1974).

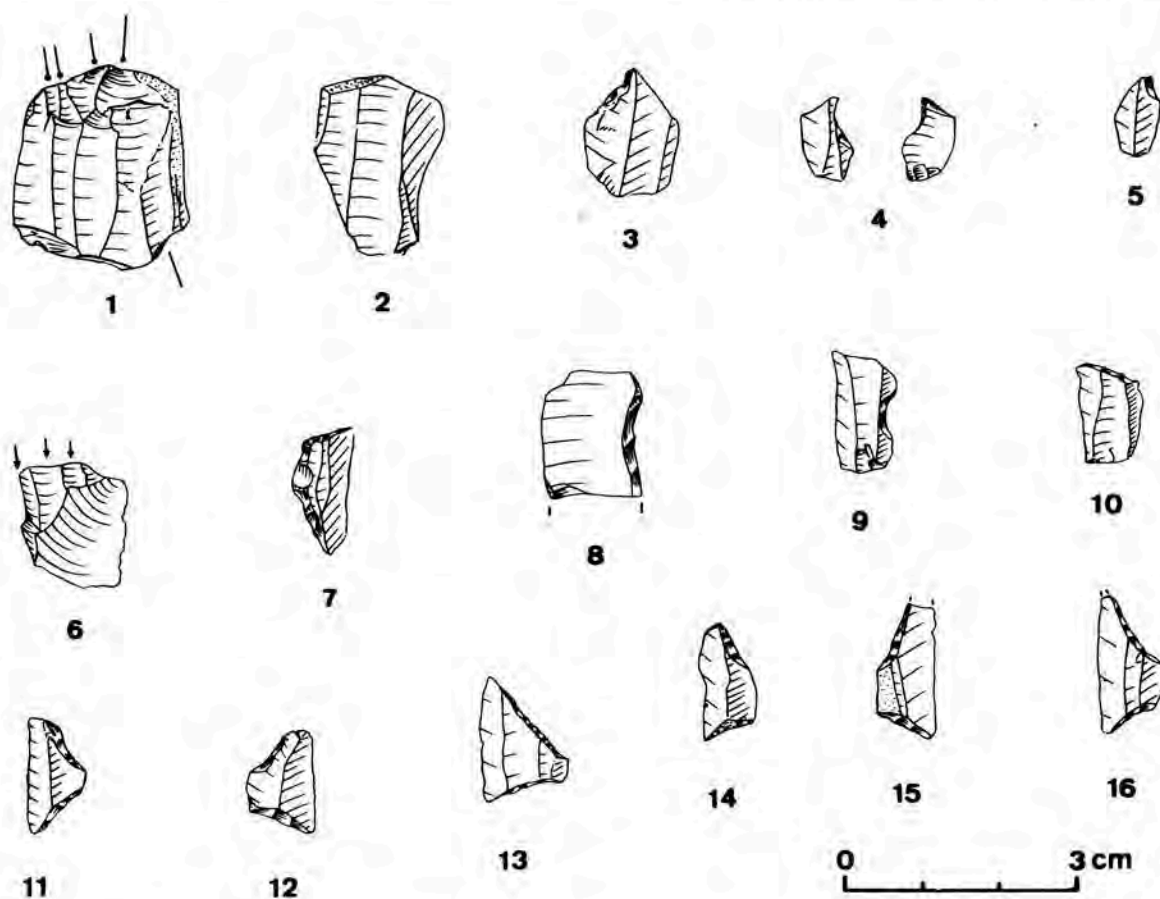
A escolha do litoral para a implantação dos *habitats* referidos foi certamente determinada por factores de ordem económica; os recursos marinhos deveriam desempenhar um papel muito importante na alimentação dessas populações.

As duas estações mesolíticas de Sines não foram ainda escavadas pelo que se desconhece a organização espacial e o tipo de estruturas de *habitat*.

INDÚSTRIA LÍTICA

A utensilagem das duas jazidas foi recolhida nos taludes da falésia litoral, mais propriamente em uma camada arenosa de cor acinzentada com numerosos calhaus partidos por acção do fogo. As ilacções de carácter cultural e cronológico que dela se extraem são, como é evidente, muito provisórias.

Fig. 19 — A indústria lítica em sílex recolhida em Vale Marim revela um carácter lamelar e regular e uma relativa abundância de geométricos com exclusividade dos trapézios: 1 — núcleo prismático; 2 — lasca residual; 3 a 5 — microburis; 6 — buril; 7 — lamela de bordo abatido com truncatura; 8 e 9 — «encoches» sobre lasca e sobre lamela; 10 — truncatura; 11 — trapézio simétrico de truncaturas muito oblíquas; 12 — trapézio simétrico curto; 13 a 15 — trapézios assimétricos de grande truncatura rectilínea longa; 16 — trapézio de Téviec.



Em Vale Marim não foi recolhido, até este momento, qualquer macro-instrumento. A sua indústria é fundamentalmente lamelar, aproximando-se do estilo Montbani. Abundam os subprodutos de talhe. Recolheram-se quatro núcleos e um flanco de núcleo que apresentam negativos de lamelas, e três microburis. Dos onze utensílios encontrados (fig. 19) fazem parte um buril lateral sobre fractura, uma lamela de bordo abatido com truncatura, dois «encoches» (um sobre lasca e outro sobre lamela), uma truncatura e seis trapézios: dois simétricos (um de truncaturas muito oblíquas — fig. 19, n.º 11 —, outro aproximando-se do trapézio simétrico curto — fig. 19, n.º 12), três assimétricos de grande truncatura rectilínea e longa (fig. 19, n.ºs 13, 14 e 15), e um de Tévéc (fig. 19, n.º 16). O grupo melhor representado é pois o dos geométricos que é constituído exclusivamente por trapézios cujos tipos presentes se encontram igualmente em Moita do Sebastião. Neste «concheiro» do vale do Tejo os trapézios assimétricos de grande truncatura rectilínea longa dominam.

O retoque dos utensílios de Vale Marim é, de um modo geral, abrupto e directo, à excepção do «encoche» sobre lasca em que o retoque é inverso. Algumas das lamelas recolhidas possuem possíveis traços de utilização.

A matéria-prima utilizada foi o sílex de cor cinzento-esverdeada, acastanhada, vermelho-acinzentada e branca, bem como o quartzito de grão fino e o quartzo leitoso.

Na Samouqueira, os subprodutos de talhe revelam uma melhor representação das lascas relativamente a Vale Marim. Os núcleos são ou de lascas ou de lamelas. Não surgiram vestígios da técnica do microburil. Os utensílios são em número de dez. Seis de carácter microlítico em sílex de cores acinzentadas e esverdeadas (fig. 20): um «encoche» sobre lamela, quatro trapézios (dois simétricos de truncaturas rectilíneas muito oblíquas, um de tipo indeterminado por fragmentação de uma das truncaturas, possivelmente simétrico de truncaturas rectilíneas muito oblíquas, e um de Vielle) e uma lamela retocada na extremidade distal. O retoque dominante nestes utensílios é abrupto e semi-abrupto directo.

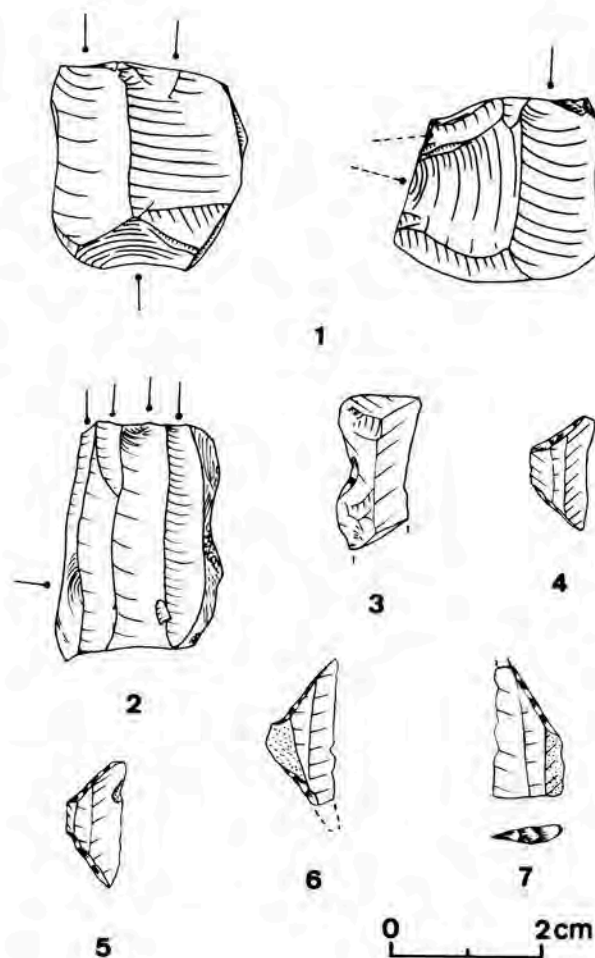


Fig. 20 — Na Samouqueira está igualmente presente uma indústria microlítica de fácies geométrica: 1 e 2 — núcleos; 3 — «encoche» sobre lamela; 4 a 7 — trapézios.

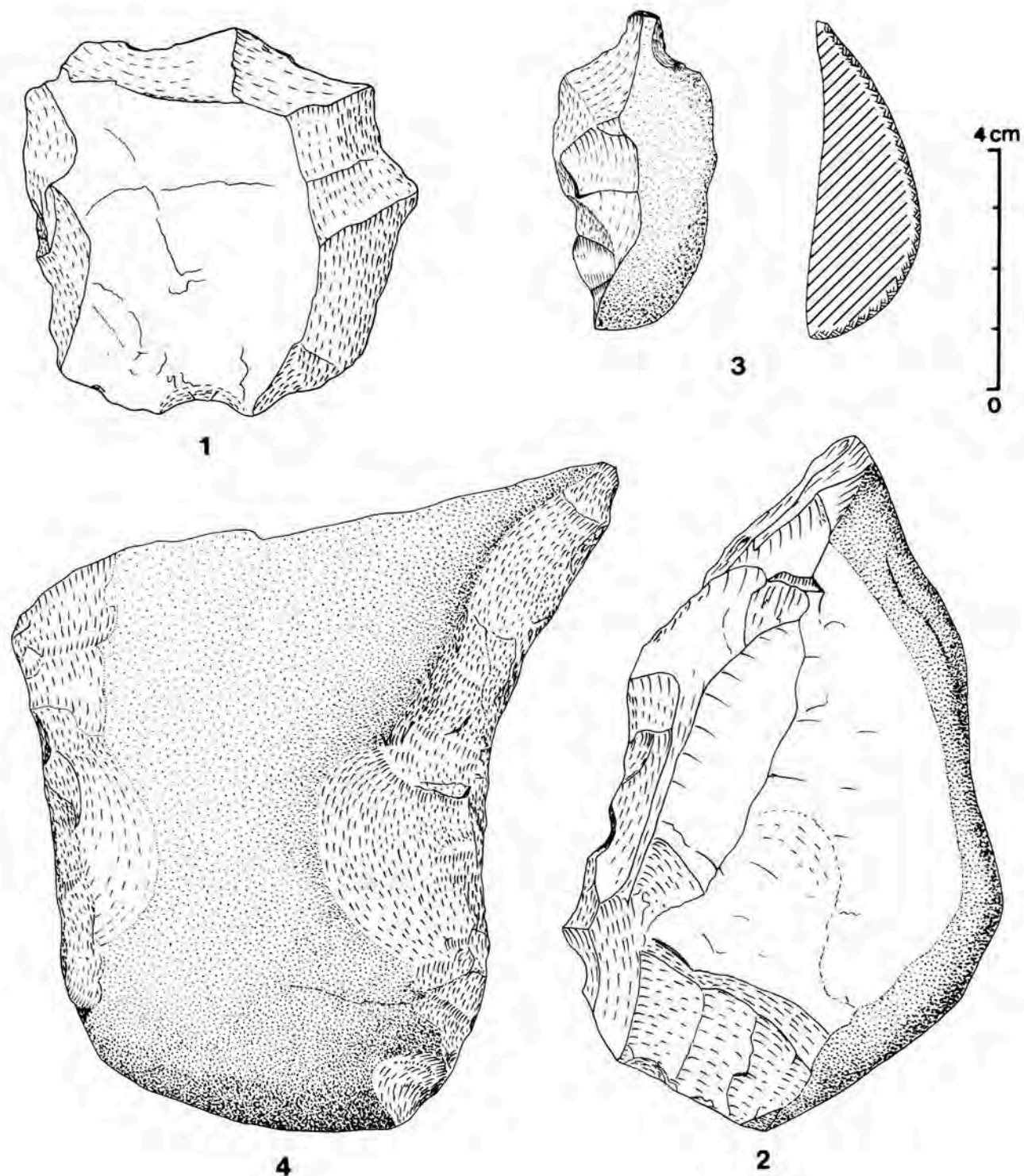


Fig. 21 — A indústria lítica da Samouqueira inclui, ao contrário da de Vale Marim, macro-instrumentos de grauvaque: 1 — núcleo (?); 2 — seixo afeiçãoado; 3 — furador; 4 — fragmento de machado mirensê.

Quatro instrumentos, de superfícies e arestas vivas, incluem-se na categoria dos macro-utensílios e foram executados a partir de calhaus rolados de grauvaque: calote de seixo com o reverso cortical, apresentando levantamentos abruptos e directos em toda a periferia — núcleo? (fig. 21, n.º 1); seixo afeiçãoado em um bordo lateral (esquerdo) através de retoque abrupto e directo, originando um dorso, e, no anverso, por retoque plano e invasor (fig. 21, n.º 2); furador («bec») sobre lasca alongada que conserva no anverso parte do cortex do calhau rolado de onde foi extraída e cuja ponta, larga (5 mm.) e axial, foi destacada por dois «encoches» (fig. 21, n.º 3); machado mireense, fragmentado na extremidade distal, com uma extensa zona cortical em uma das faces e uma superfície de clivagem sensivelmente horizontal na outra, e com retoque irregular, bifacial e oblíquo — talão não retocado; amplas áreas do anverso e reverso também sem retoque (fig. 21, n.º 4).

Da indústria recolhida na Samouqueira há a salientar, por um lado, a presença dominante dos geométricos, representados exclusivamente por trapézios e, por outro, o aparecimento de um machado mireense. Este tipo de artefacto foi encontrado pela primeira vez por Breuil e Zbyszewski na região da foz do Mira. «Trata-se de instrumentos caracterizando as indústrias «languedocenses» localizadas a N. e a S. da foz do rio Mira (jazidas das praias do Malhão e dos Aivados, Porto das Barcas ou Canal, Palheirão Furado, etc.)» (Zbyszewski, G. *et al.*, 1971). Embora o litoral do Baixo Alentejo, nos arredores de Vila Nova de Mil Fontes, seja a área de maior distribuição dos machados mirenses, estas peças têm surgido em pontos do litoral algarvio, até Vila Real de Santo António.

No artigo dedicado a «Uma oficina de preparação de machados mirenses no Languedocense de Vila Nova de Mil Fontes», G. Zbyszewski e colaboradores (1971) afirmam que, de um modo geral, as indústrias languedocenses (em que o machado mireense tem uma grande representatividade numérica) foram recolhidas nas areias cinzentas situadas sob as dunas modernas e que, no caso da jazida dos Aivados Sul, são posteriores à «duna consolidada que foi considerada como contemporânea do Riss». O referido autor, no mesmo ano de 1971, na «Notícia explicativa da Carta Geológica do Quaternário de Portugal», considera do Würm os afloramentos de dunas consolidadas do litoral do Baixo Alentejo, de Sines, Praia de Morgavel, Porto Covo, Vila Nova de Mil Fontes, Zambujeiro e Odeceixe. Com efeito, as escavações que efectuámos em Vale Vistoso levam-nos a considerar würmiana a duna consolidada do Fortim de Porto Covo. Assim, se dermos preferência à cronologia da duna consolidada proposta naquele último estudo de G. Zbyszewski, teremos de admitir que o «Languedocense» dos Aivados Sul é pós-würmiano.

Na estação da Samouqueira, o machado mireense surge, pela primeira vez, com indústrias microlíticas de feição claramente mesolítica. Esta possível associação, a ratificar com a escavação desta jazida, apresenta, contudo, o interesse de uma pista talvez proveitosa para o estudo da chamada «cultura mireense».

ASPECTOS ECONÓMICO-SOCIAIS

Embora a fauna (recolhida numa área restrita da Samouqueira e constituída por conchas de moluscos marinhos — géneros *Mytilus* e *Patella* e *Purpura haemastoma* — e vértebras de peixes) e o próprio meio em que se inserem as jazidas sugiram uma posição relevante para a recollecção de marisco, não é possível determinar a dieta da população mesolítica da Área de Sines. Actualmente a região é muito desarborizada e a caça pobre, mas é necessário considerar as diferenças climáticas entre o período Atlântico e o actual e o processo de humanização da paisagem que decorreu nos últimos milénios...

Sem deixarmos de estar de acordo com René Wyss (1976) quando diz que as acumulações de conchas das culturas ribeirinhas do Mesolítico representam uma prova da especialização intencional no modo de procurar alimentos durante este período, pensamos que as volumosas quantidades de conchas se impuseram de tal modo como característica dominante desse tipo de jazida que a restante fauna, especialmente a mamalógica, não foi em muitos casos devidamente considerada. Rozoy (1978) afirma que uma família de cinco pessoas, cuja alimentação fosse assegurada por moluscos, acumularia por ano entre 500.000 e 2.000.000 de conchas, ou seja 500 milhões a 2 biliões por milénio e família. Conclui o mesmo autor que estes números excedem em muito o que realmente se observa, inferindo daí que a subsistência baseada exclusivamente nos moluscos nunca teria acontecido.

Em Moita do Sebastião (Muge) a espécie *Sus scropha* é abundante; presente o *Cervus elaphus*.

O modelo de organização social destas comunidades talvez venha a ser esboçado após a escavação das jazidas. Recorrendo aos dados existentes para Moita do Sebastião verifica-se que a escavação das sepulturas não pôs em evidência o menor indício de diferenciação social. De salientar

que, neste «concheiro», os elementos de adorno (conchas perfuradas de *Neritina fluviatilis*) ocorrem tanto em sepulturas femininas como masculinas e a única sepultura que apresentava um instrumento de trabalho (trapézio) pertencia a um indivíduo do sexo feminino.

INTEGRAÇÃO CULTURAL E CRONOLÓGICA

Os factos mais relevantes que se destacam da observação da indústria lítica obtida em Vale Marim são a relativa abundância de geométricos, a exclusividade do trapézio e o carácter lamelar e regular do talhe do silex. Estas constatações aproximam a nossa jazida da de Moita do Sebastião e da de Cocina I. A evolução interna verificada em Cocina e em Muge para este complexo geométrico com trapézios é, por enquanto, indefinida em Sines, onde pode acontecer que a evolução tipológica que vai do trapézio ao crescente, passando pela fase intermédia caracterizada essencialmente pelo triângulo tipo Muge, não se verifique. Só investigações posteriores poderão aclarar estes aspectos. Uma ideia fundamental parece-nos de reter: a ocupação do litoral de Sines por populações integráveis culturalmente em um mesolítico de fácies geométrica com trapézios, acusando provável carácter tardenoiense (Fortea, 1973) ou de forte componente castelnovense (Kozłowski, 1973 e 1976), ocupação ocorrida possivelmente durante o VI milénio a.C. (atendendo às datações C14 obtidas para Moita do Sebastião — 5400 ± 350 a.C. e 5130 ± 130 a.C. —, a jazida portuguesa que, nesta primeira abordagem do problema, mais se aproxima do mesolítico de Vale Marim).

A estação da Samouqueira, onde o macrolitismo parece ocupar um lugar importante, poderá encerrar tradições culturais diferentes das de Vale Marim. Contudo, a indústria microlítica que forneceu pode indicar uma ocupação sensivelmente sincrónica da de Vale Marim.

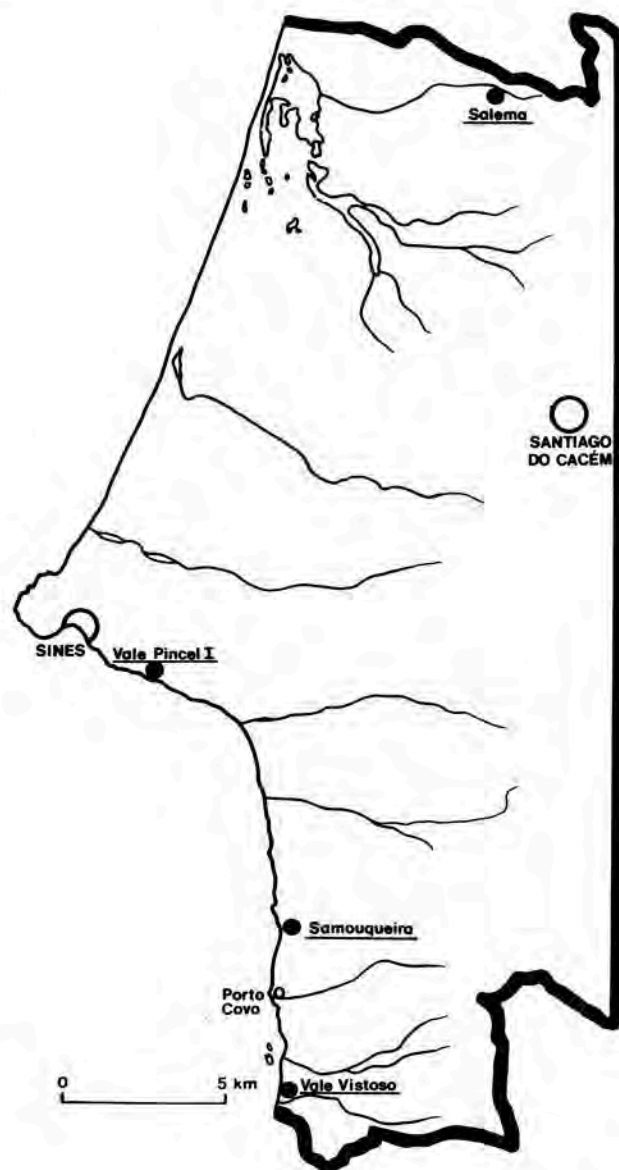
III

AS PRIMEIRAS COMUNIDADES NEOLÍTICAS

Na Área de Sines parece verificar-se a ausência de uma ruptura cultural entre o Mesolítico e o Neolítico. As populações mesolíticas teriam, lentamente e através de um processo de aculturação, assimilado influências neolitizadoras (a jazida mesolítica da Samouqueira parece ilustrar essa ideia).

O elemento de neolitização que arqueologicamente se impõe — a cerâmica —, pelo que tem de inovador, pelo seu carácter intrusivo, está longe de se associar a uma economia fundamentalmente de produção de alimentos. Embora nos povoados do Neolítico Antigo até agora estudados em Sines não se conservem vestígios de fauna e de flora, a indústria lítica, de possível tradição mesolítica, aponta no sentido da existência de uma importante actividade depredadora ligada, talvez em grande parte, ao aproveitamento dos recursos marinhos. Escassos utensílios sugerem a prática de uma agricultura incipiente.

Fig. 22 — As jazidas do Neolítico Antigo localizam-se, na Área de Sines, quer junto da falésia litoral (Vale Pincel I, Samouqueira e Vale Vistoso) quer no interior, na margem de importante ribeira (Salema).



Habitando povoados litorais localizados, tal como os dos seus antecessores mesolíticos, em zonas arenosas e constituídos por cabanas, as mais antigas populações neolíticas da Área de Sines integravam-se no grande movimento neolitizador do Mediterrâneo Ocidental cujo principal denominador comum de carácter tecnológico era a cerâmica com decoração impressa. Movimento predominantemente costeiro, ter-se-ia generalizado, nas margens ocidentais do Mediterrâneo, mais ou menos rapidamente, no decurso do VI e do V milénios.

Recentes datações pelo C14 obtidas para jazidas com cerâmica impressa do Mediterrâneo Ocidental fazem remontar as manifestações neolíticas desta área geográfica aos finais do VII milénio (6200 a.C. — Coppa Nevigata; 6020 $\pm$ 150 a.C. — Cap Ragnon-Marselha) e ao VI milénio (das 14 datações conhecidas salientamos: Châteauneuf — 5570 $\pm$ 240 a.C., 5210 $\pm$ 55 a.C.; Riou — 5650 $\pm$ 150 a.C., 5420 $\pm$ 160 a.C.; Barranco de los Grajos-Murcia — 5220 $\pm$ 160 a.C.).

A cerâmica mais antiga pode ter sido produzida desde o VIII milénio na bacia do médio Eufrates, notando-se pois um enorme desfasamento cronológico entre essa cerâmica e as primeiras produções do Mediterrâneo Ocidental. Contudo, se compararmos as datações obtidas para esta última região com as fornecidas por estações com cerâmica impressa do Próximo-Oriente (Mersin — 5990 a.C.; Byblos — 5053 a.C.), o desfasamento cronológico atenua-se. O mesmo se verifica relativamente à domesticação do carneiro de que surgem alguns documentos no Sul da França, em meios mesolíticos do VII milénio.

Os conceitos de uma neolitização acabada proveniente do Próximo-Oriente e «lançada» no Ocidente, começam a desfazer-se. Acumulam-se cada vez mais dados acerca da participação das populações mesolíticas no processo de neolitização, bem como sobre os diversos particularismos que esse processo assumiu perante as condições naturais e históricas de cada região.

Fig. 23 — Os povoados do Neolítico Antigo ocupam zonas arenosas, planas, baixas e abertas.
Vale Vistoso: A e B (ocupação do Neolítico Antigo); A (ocupação do Calcolítico final).

POVOADOS

Os povoados do Neolítico Antigo ou Antigo Evolucionado (Vale Pincel I, Samouqueira, Vale Vistoso e Salema), bem como os que, com reservas, consideramos do Neolítico (Areal e Oliveirinha), situam-se ou junto da falésia litoral, nas proximidades de pequenas praias e de linhas de água (Vale Pincel I, Oliveirinha, Samouqueira e Vale Vistoso) ou nas margens de importantes ribeiras (Salema, a 7 quilómetros do Oceano, na margem esquerda da ribeira da Cascalheira, e Areal, a 3 quilómetros da linha de costa, na margem esquerda da ribeira do mesmo nome). Todos eles ocupam zonas planas e abertas sem condições naturais de defesa e, pelo menos nos casos melhor conhecidos, abrangem vastas áreas: 200 m. $\times$ 500 m. em Vale Pincel I, 400 m. ao longo da falésia litoral (largura indeterminada) em Vale Vistoso e 150 m. $\times$ 250 m. na Salema. Assentam sobre terrenos arenosos.

Os trabalhos arqueológicos até agora efectuados nos povoados de Vale Pincel I, Vale Vistoso e Salema puseram a descoberto diversas estruturas de *habitat*, as primeiras conhecidas para o Neolítico Antigo do território hoje português.



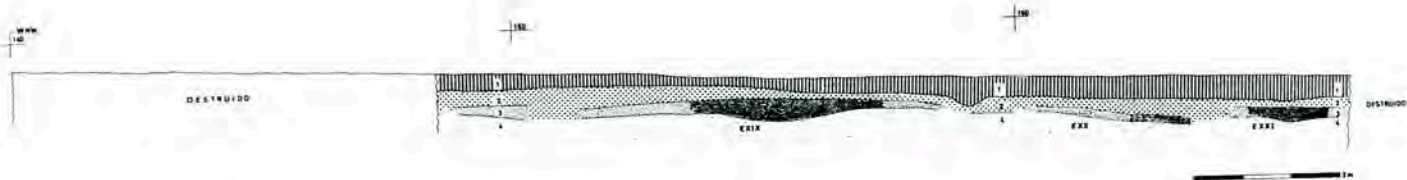
Fig. 24 — Salema. Vista a partir do local do monumento megalítico da Palhota. Em primeiro plano, o amplo vale da ribeira da Cascalheira.



A observação detalhada dos taludes da via rápida que atravessou, na direcção Este-Oeste, o povoado de Vale Pincel I (dos três, o considerado mais antigo) permitiu conhecer na vertical e numa grande extensão (170 m. no talude Norte — fig. 25 — e 140 m. no talude Sul) estruturas de *habitat* constituídas por «fundos de cabana» e por estruturas de combustão. Verificou-se que, em numerosos pontos dos perfis analisados, se formavam na base da camada 2 (a correspondente à ocupação neolítica) e penetrando nas areias plistocénicas da camada 3, grandes bolsas muito compridas (com

10 e mais metros de comprimento) e pouco fundas (prof. máxima aproximadamente 0,50 m.) constituídas por areias acinzentadas ou negras com cinzas, pequenos fragmentos de carvão e calhaus partidos por acção do fogo (por vezes reunidos em leitos). Estas bolsas forneceram subprodutos de talhe, utensílios em sílex e fragmentos de cerâmica (alguns decorados).

O corte de reconhecimento aberto em Vale Pincel I contribuiu para uma melhor compreensão do significado das estruturas de *habitat* identifica-



das nos taludes da via rápida. Além de se ter definido com uma certa clareza a espessura dos sucessivos solos de *habitat* ou, empregando uma expressão de F. Bordes (1975), a *permanência da organização de habitat* que não ultrapassa 0,15 m. (fora das grandes bolsas) e se restringe à base da camada 2, notou-se a presença (fig. 29), ao longo do lado Sul do corte, dos restos de um «fundo de cabana» (E.E. e E.H.) com mais de 10 m. de comprimento (a interrupção que se nota no quadrado 4.4, ao contrário de indicar a existência de dois «fundos de cabana», correspondia, como se verifi-

cou fora da área levantada, a um estrangulamento da mesma estrutura) que apresentava grandes manchas de cinzas relacionadas com estruturas de combustão; continha, além disso, numa espessura de 0,25 m., subprodutos de talhe e utensílios em sílex, fragmentos de cerâmica do grupo A (abundantes na base do enchimento da bolsa) e do grupo B (abundantes na camada de abandono), numerosos fragmentos de quartzo leitoso, calhaus partidos por acção do fogo e alguns nódulos de areia concrecionada pelo fogo. Nas imediações e a Norte do «fundo de cabana» localizaram-se

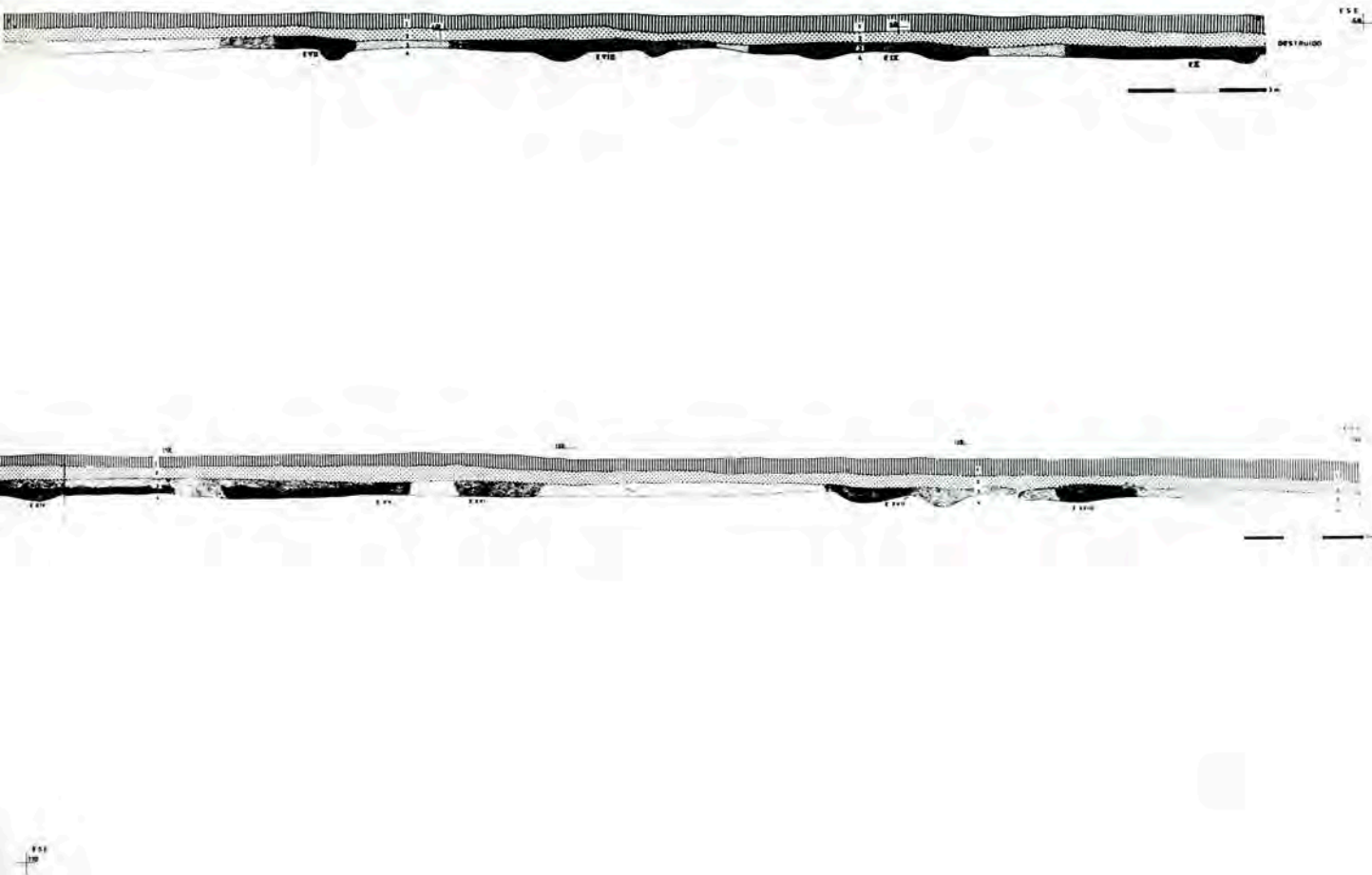
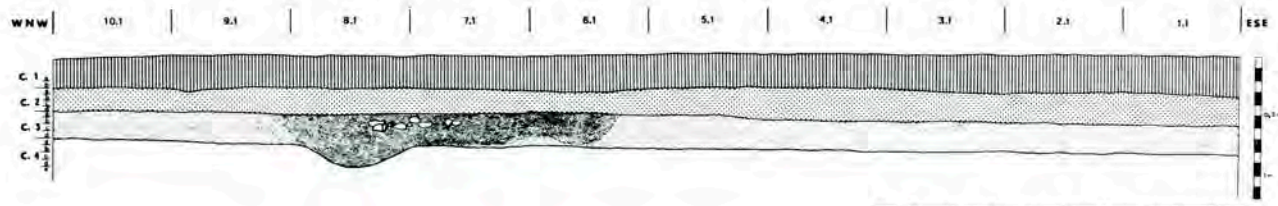
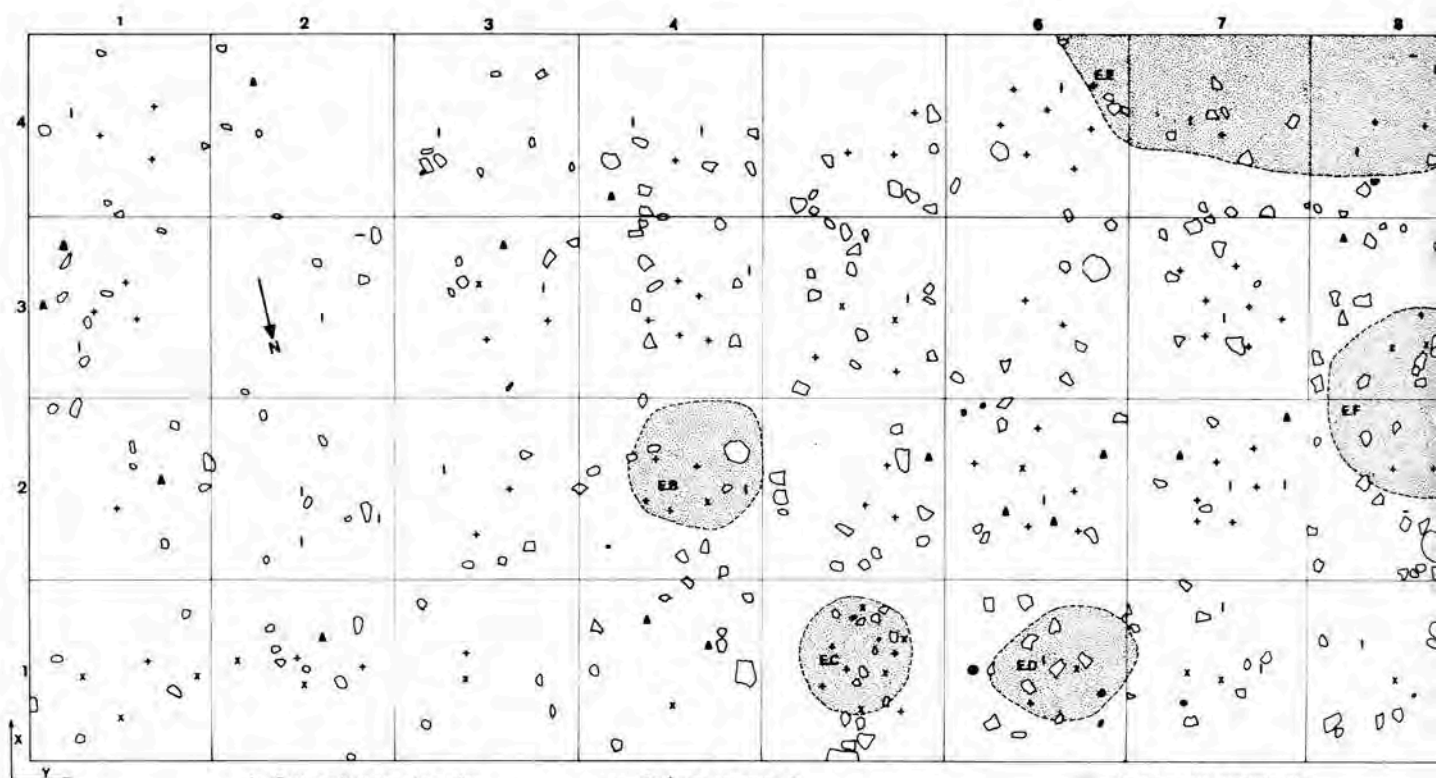


Fig. 25 — Os perfis dos taludes da via-rápida que atravessou o povoado de Vale Pincel I permitiram observar a organização e a distribuição das estruturas de *habitat* (fundos de cabana e bolsas de combustão) e a sua densidade segundo a direcção Este-Oeste.
Perfil do talude Norte da via-rápida.



1.4	2.4	3.4	4.4	5.4	6.4	7.4	8.4	9.4	10.4
1.3	2.3	3.3	4.3	5.3	6.3	7.3	8.3	9.3	10.3
1.2	2.2	3.2	4.2	5.2	6.2	7.2	8.2	9.2	10.2
1.1	2.1	3.1	4.1	5.1	6.1	7.1	8.1	9.1	10.1



- | | | |
|--|--|---|
| I Sub-produto do talhe (silex)
- Sub-produto do talhe cristal de rocha
▲ Utensílio em silex
x Cerâmica do grupo A | + Cerâmica do grupo B
■ Nódulos de areia concrecionados por ação do fogo
○ Pedra que sofreu ação do fogo | ● Areia cinzenta-acastanhada
■ Areia cinzenta escura |
|--|--|---|



Fig. 26 — O *corte de reconhecimento* escavado em Vale Pínel I mostrou que o nível de ocupação abrange a base da C.2, de areias amareladas, e o enchimento de covas abertas nas areias esbranquiçadas (C.3) do Plistoceno.

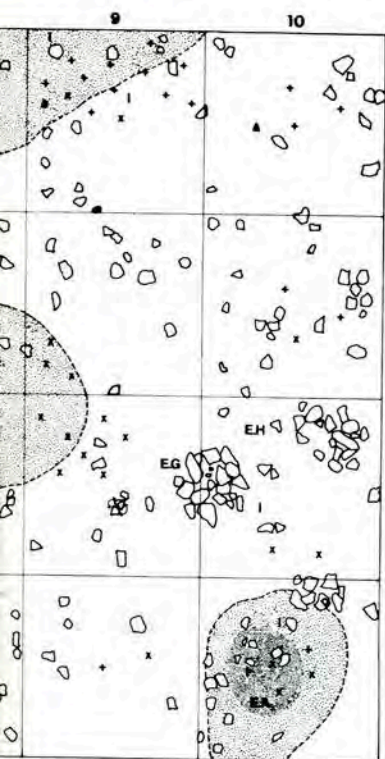


Fig. 27 — Vale Pínel I: plano da base da C.2c do *corte de reconhecimento*. No canto NW. (Q. 10.1) foi aberta uma cova utilizada como lareira (E.A.) e, no Q. 10.2, construíram-se dois pequenos «empedrados» (E.G. e E.H.). Em outros pontos da área escavada aflora a parte superior de estruturas habitacionais abertas ao nível da C.2d (V. fig. 29).

Fig. 28 — Vale Pínel I (*corte de reconhecimento*): base da estrutura de combustão E.F., com um arco de pedras acusando ação do fogo.

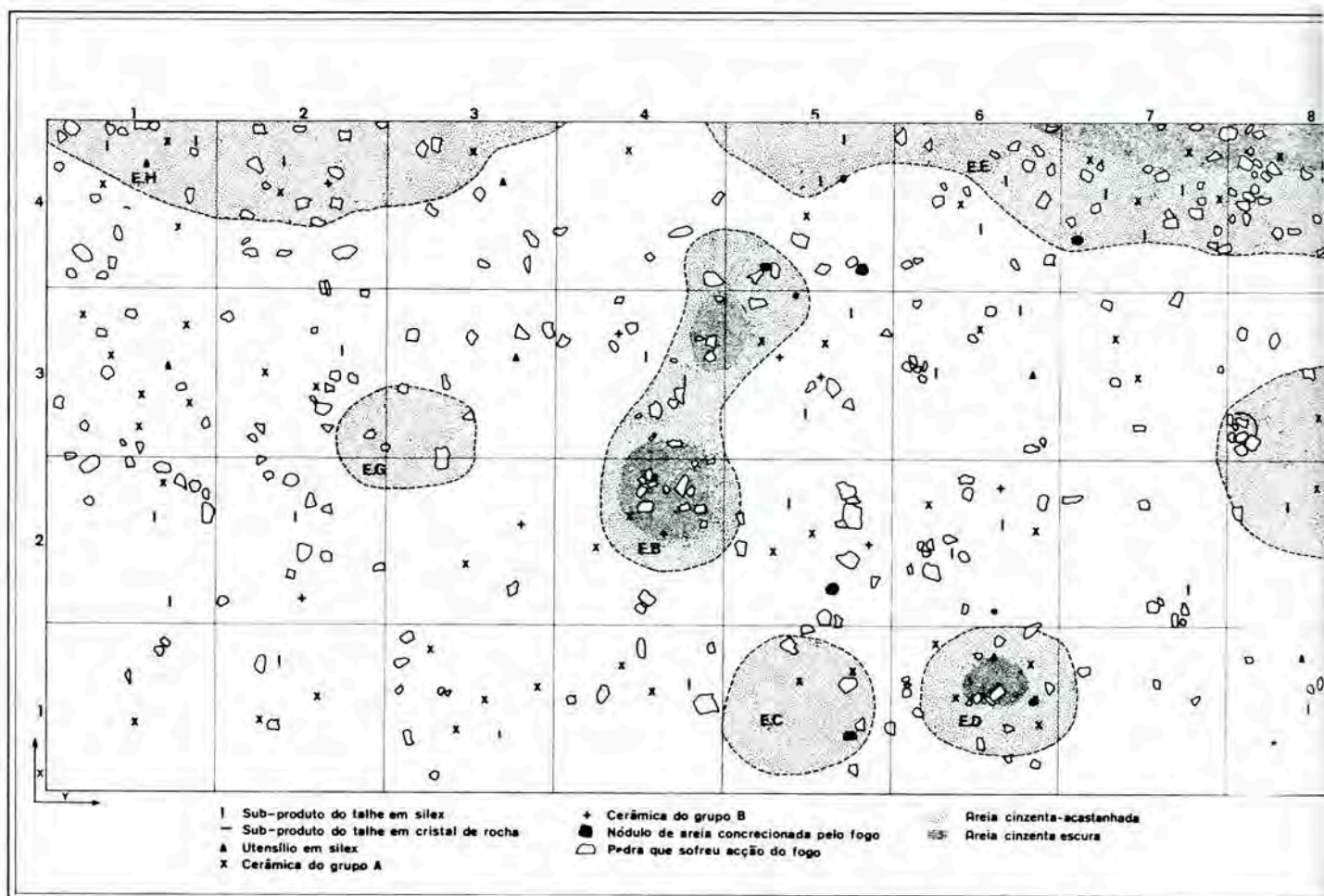


Fig. 29 — Vale Pínel I (*corte de reconhecimento*): plano da C.2d. A este nível foram abertos um «fundo de cabana», de que se observa parte (E.E. e E.H.), e covas destinadas a lareiras.

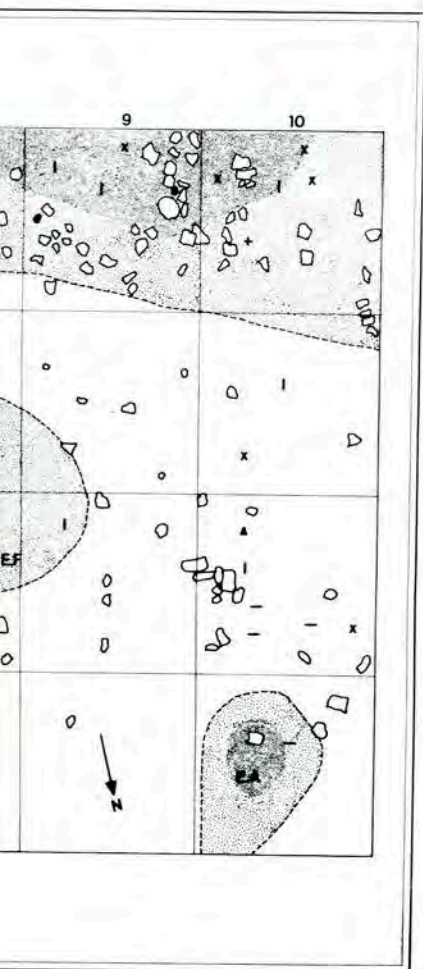


Fig. 30 — Vale Píncel I (*corte de reconhecimento*): um dos planos (C.3a) da estrutura de combustão E.B. Nota-se a presença, no seio de manchas de cinzas, de calhaus com vestígios de acção do fogo.

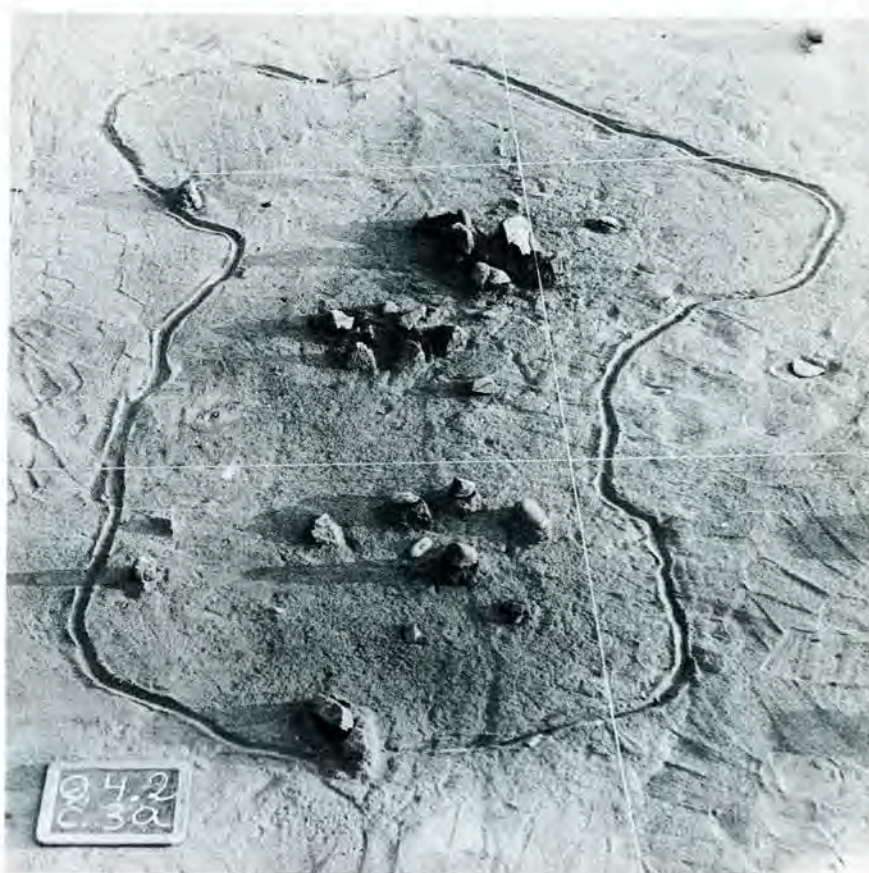


Fig. 31 — Vale Pincel I (*corte de reconhecimento*): topografia das estruturas habitacionais descobertas: parte de um «fundo de cabana» (E.E. e E.H.) e estruturas de combustão em cova (E.A., E.B., E.C., E.D., E.F. e E.G.).

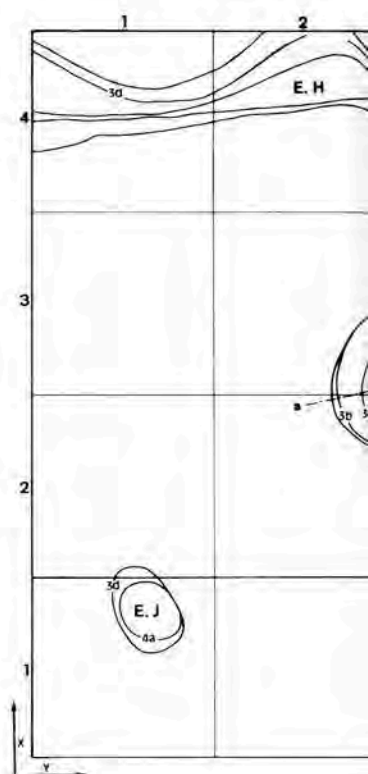
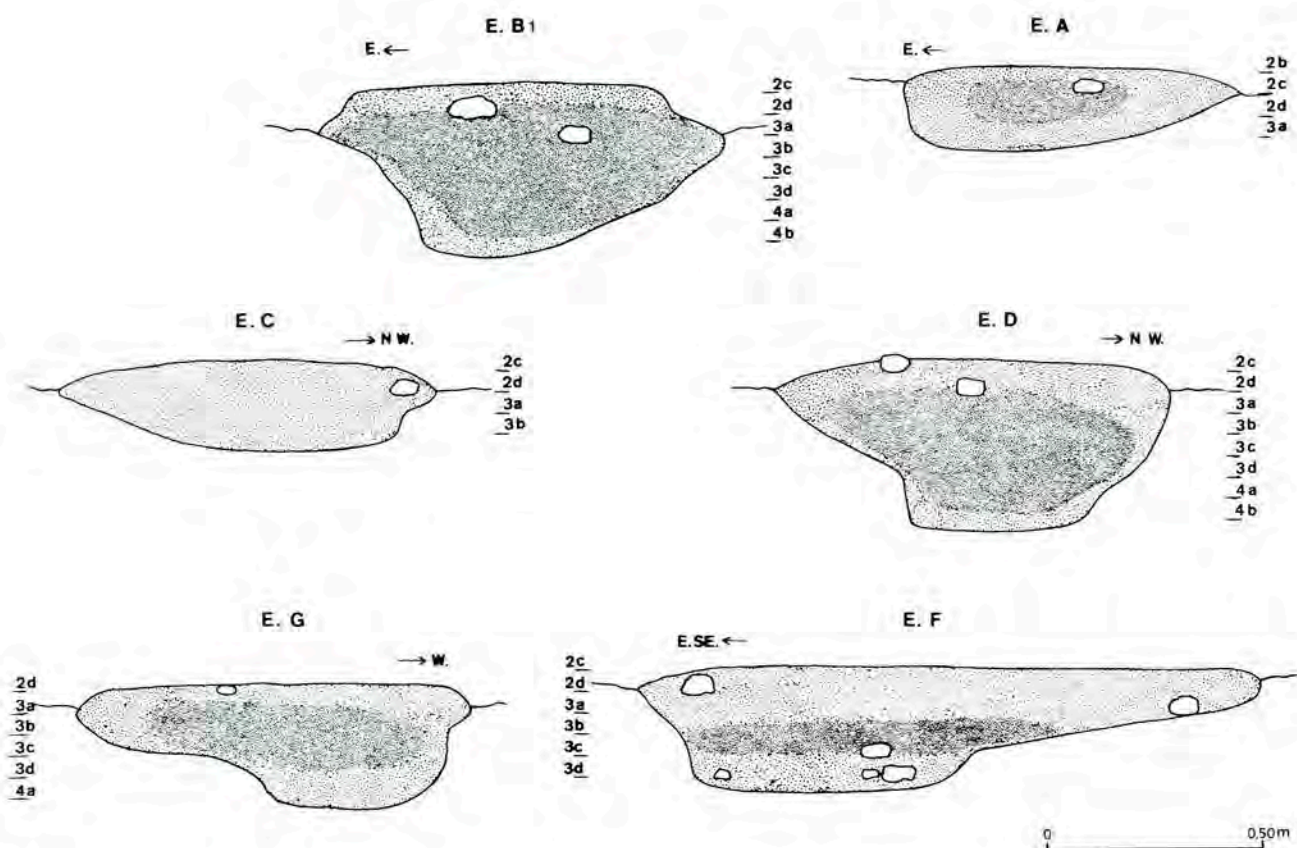
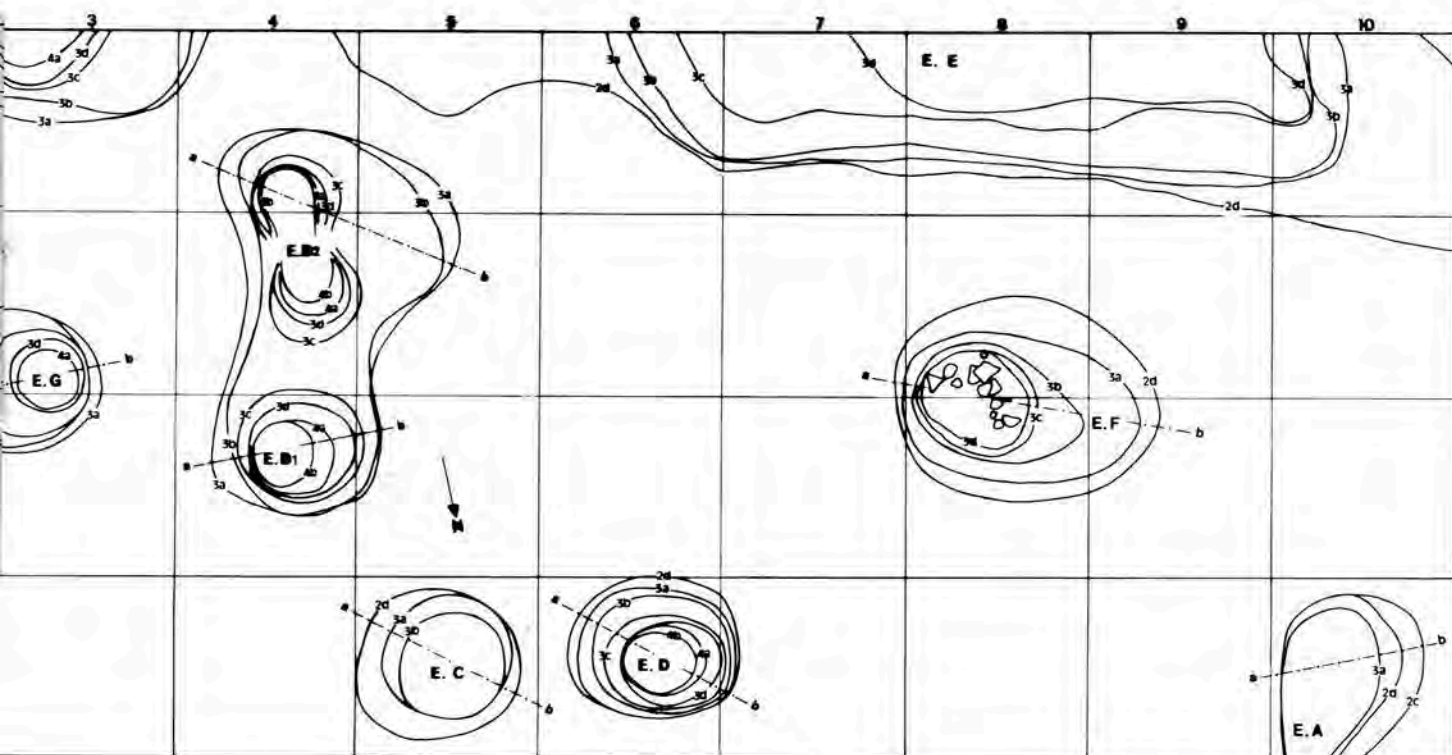


Fig. 32 — Vale Pincel I (*corte de reconhecimento*): perfis das estruturas de combustão — covas dissimétricas com um dos lados abrupto.



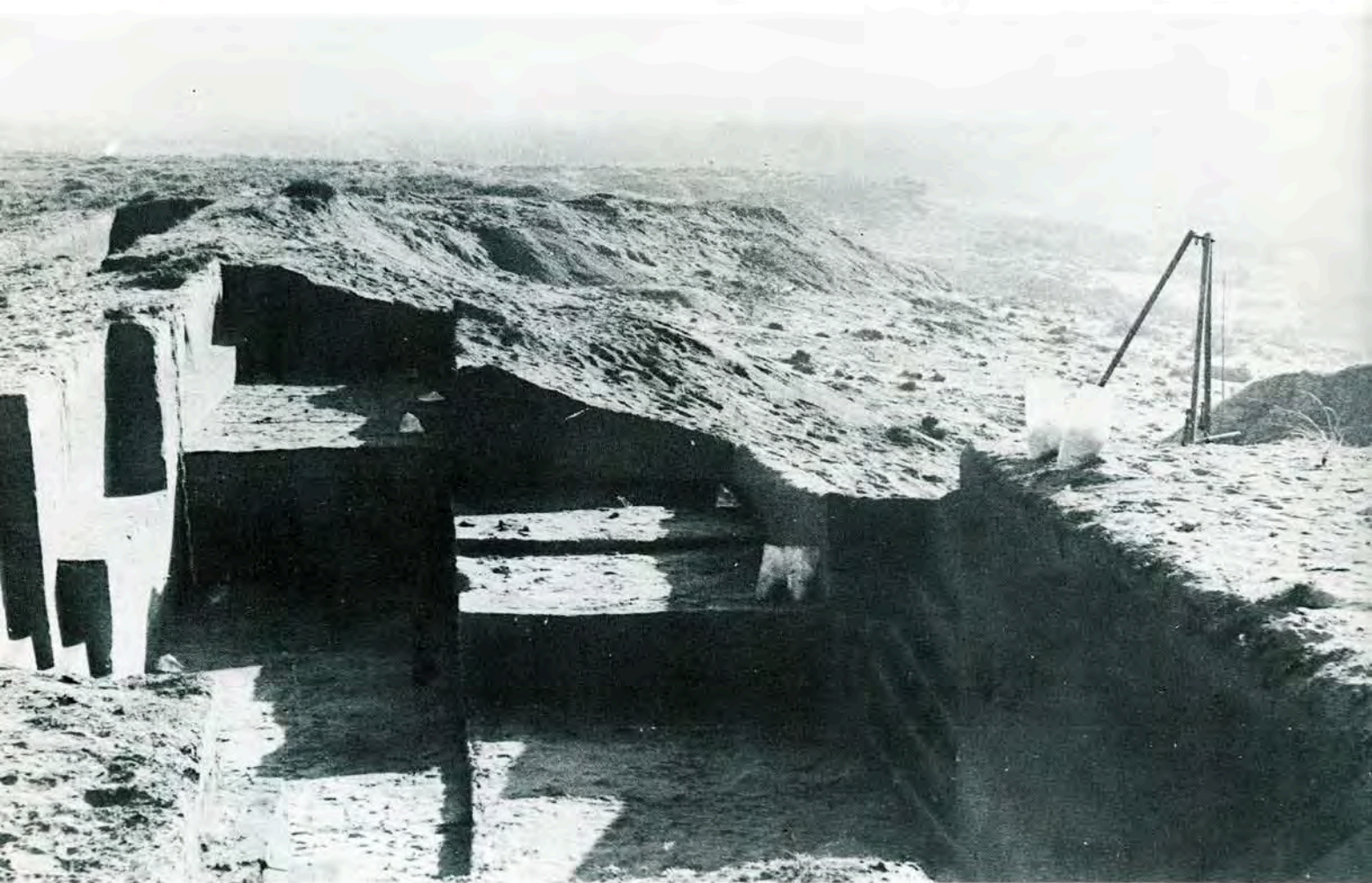


seis estruturas de combustão em «cuvette» dissimétrica (Perlés, C., 1976) (E.A., E.B., E.C., E.D., E.F. e E.G. — figs. 29-32) abertas nas areias da camada 3, quase sempre de contorno ovalado, com profundidades compreendidas entre 0,20 m. (E.A. e E.C.) e 0,40 m. (E.B. e E.D.) e o comprimento e a largura variando respectivamente entre 0,90 m. - 1,40 m. e 0,80 - 1,10 m.; continham cinzas, pequenos carvões, pedras partidas por acção do fogo, nódulos de areia concrecionada pelo fogo, subprodutos de talhe em sílex e em cristal de rocha (estes últimos, raros), fragmentos de quartzo leitoso, utensílios em sílex (raros) e cerâmica, em geral do grupo A (a do grupo B surge principalmente na parte superior do enchimento destas «cuvettes»); a sua maior superfície verifica-se, de um modo geral, ao nível da base da C.2d (em contacto com a C.3) o que significa terem sido abertas no início da ocupação humana do local; uma delas (E.A.) teria sido aberta na base da C.2c o que pode indicar menor antiguidade. Contudo, as estruturas de combustão da C.2d/3a não foram necessariamente construídas e utilizadas no mesmo momento: é lícito admitir que a sua abertura tenha ocorrido em diferentes épocas do ano, tendo a sua orientação sido condicio-

nada pela direcção dos ventos dominantes — umas possuem o lado de maior declive (em princípio o voltado para a zona de onde sopra o vento) virado a NW (E.C. e E.D.) ou a Oeste (E.G.), outras, com esse mesmo lado virado a Este (E.A., E.B1) ou a E.SE. (E.F.). (Figs. 31 e 32).

Em suma, a população que ocupou Vale Pinel I no Neolítico Antigo habitaria grandes cabanas feitas de materiais perecíveis, cada uma delas construída a partir de uma cova pouco profunda aberta nas areias plistocénicas e possuindo uma ou mais lareiras no interior. Haveria igualmente fogueiras no exterior das cabanas, em covas abertas em forma de «cuvette» dissimétrica, possuindo um comprimento raramente superior a 1 m.; nestas estruturas de combustão foram introduzidos calhaus colhidos na praia próxima, destinados a conservar o calor; é possível que, por vezes, a lareira fosse esvaziada, surgindo, na camada de ocupação situada entre as estruturas de *habitat* (C.2c e 2d), numerosos calhaus fracturados por acção do calor e nódulos de areia concrecionada pelo fogo. É ainda de admitir que, uma vez abandonada a cabana, o «fundo» desta fosse utilizado como «cova de detritos».

Fig. 33 — Vale Vistoso: aspecto da escavação (tortes XII e XIII).



Em Vale Vistoso, o nível de ocupação (parte inferior da C.3) possui uma espessura de 0,10 m. a 0,15 m. (fig. 34).

As estruturas de *habitat* são pouco nítidas nos cortes escavados. A lexiviação foi muito intensa, de tal modo que as cinzas das estruturas de combustão quase não deixaram vestígios. Porém, foram notadas na C.4 (formada por areias brancas plistocénicas) manchas escuras que podem corresponder aos restos de fogueiras efectuadas, tal como em Vale Pínel I, no interior de covas. A base da C.3 e a parte superior da C.4 forneceram abundantes fragmentos de calhaus partidos por acção do fogo (fig. 36); na C.4c do Corte 12 (Talhão 5) descobriu-se uma concentração de calhaus fracturados por acção do fogo, formando um pequeno «empe-

drado» de planta aproximadamente ovalada com cerca de 0,90 m. de eixo maior (de direcção NE.-SW.) e 0,45 m. de eixo menor (orientação NW.-SE.) que talvez tenha constituído o fundo de uma fogueira (fig. 35); os calhaus contribuiriam para a conservação do calor.

Fig. 34 — Vale Vistoso: perfil estratigráfico Este do Talhão 3 do Corte XIII. O nível arqueológico situa-se na base de uma camada de areia amarelada (C.3); apresenta bolsas que penetram na C.4 (formada por areias brancas do Plistoceno). As C.1 e C.2 são constituídas por areias dunares recentes e a C.5 por um arenito mal consolidado, avermelhado, do Plistoceno.

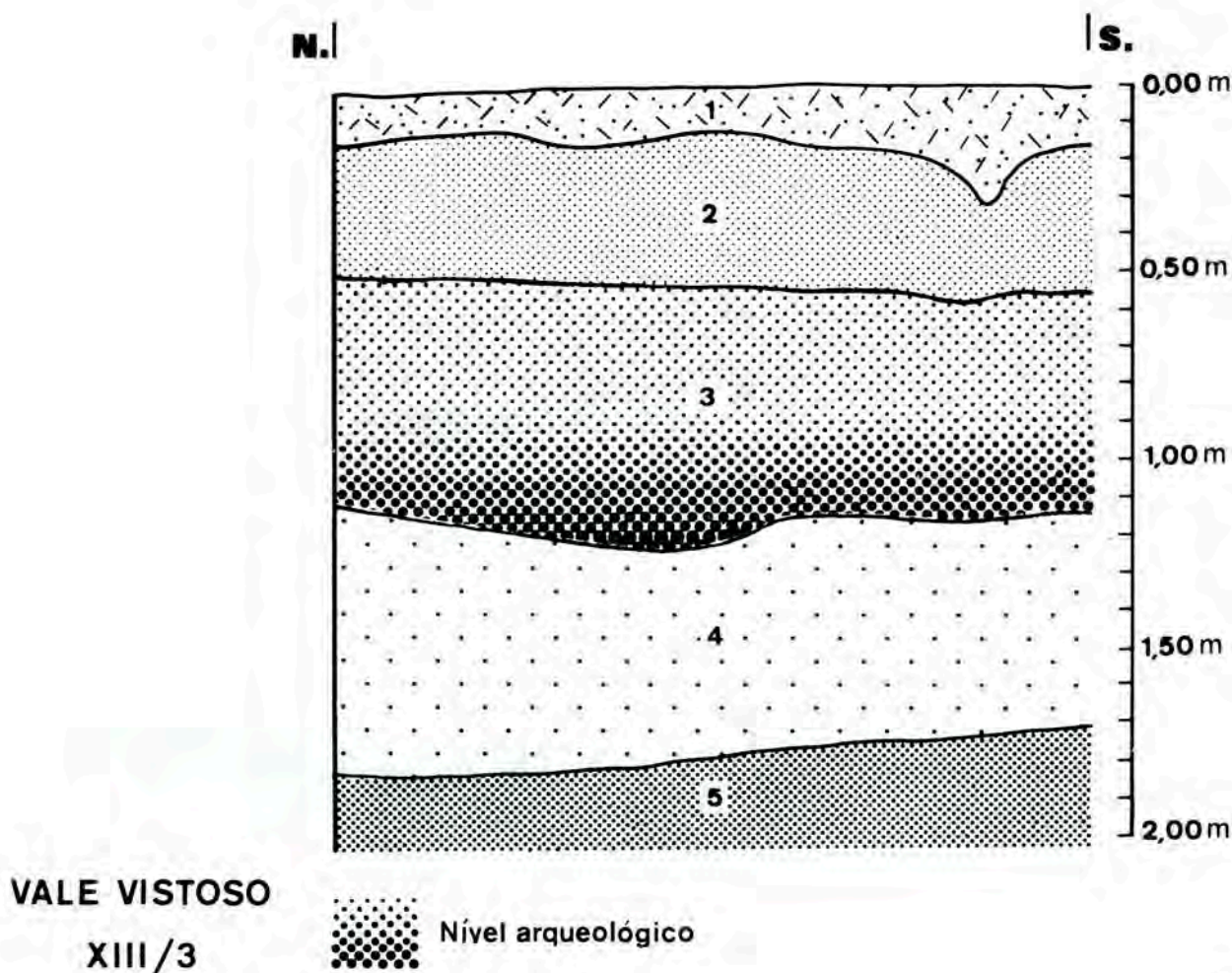




Fig. 35 — Vale Vistoso: «empedrado» de calhaus partidos por acção do fogo que constituia a base de uma lareira.

Fig. 36 — Vale Vistoso: calhau partido, *in situ*, por acção do calor.



Na Salema, onde a camada arqueológica se encontra a pouca profundidade (entre 0,20 e 0,30 m.) o nível de ocupação foi muito destruído pela acção da lavoura. Contudo, a escavação em curso pôs já a descoberto algumas estruturas de *habitat* (figs. 37-43) classificáveis em dois grupos:

— «Empedrados». — Concentrações de calhaus fracturados por acção do fogo; ocupam áreas subcirculares com cerca de 0,90 m. de diâmetro, localizadas na base do nível de ocupação. (Figs. 40 e 41).

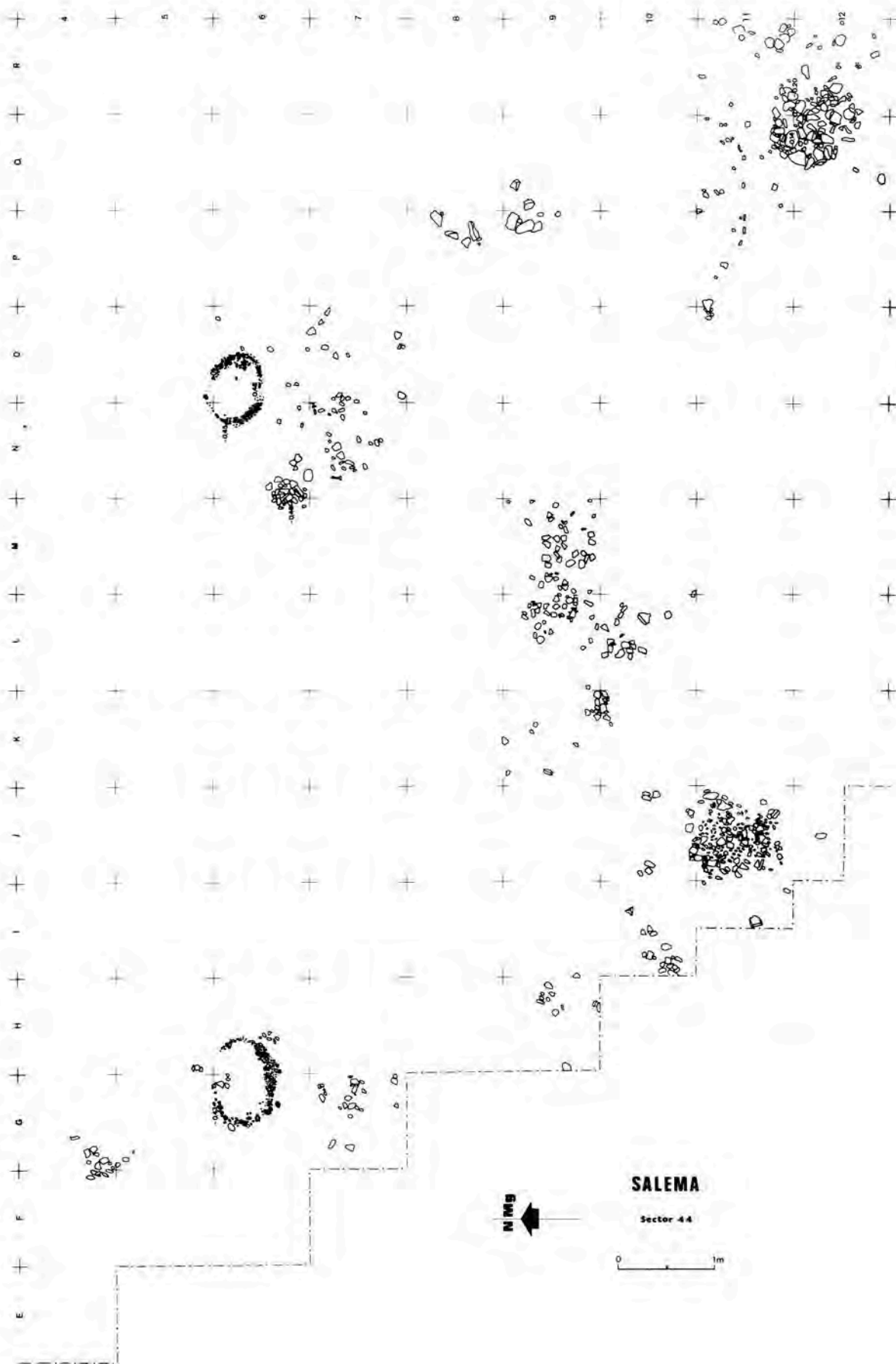
— «Silos». — Estruturas de planta ovalada com 0,70/0,80 m. por 0,40/0,50 m. Possuem uma parede de barro cozido com uma espessura de 30 mm. que parte da camada subjacente à de ocupação e se prolonga por esta, inflectindo para o interior. A base é constituída por areia. O seu conteúdo é formado por areia, alguns calhaus e fragmentos de cerâmica que teriam penetrado durante a fase de abandono e destruição. De notar que ao nível da base da parede surgem, no interior, muitos fragmentos de barro cozido que parecem ter

resultado da destruição da parte superior da estrutura e caído para dentro dela quando ainda se encontrava vazia. Devido a essa destruição, estas estruturas manifestam-se, na horizontal, através de um anel ovalado de barro cozido. (Figs. 42 e 43).

As habitações seriam feitas de materiais perecíveis (cabanas de ramagens?): à semelhança das duas jazidas referidas anteriormente, também na Salema não aparecem nem grandes pedras que pudessem ter feito parte de muros, nem sequer fragmentos de barro cozido com negativos de ramagens, tão comuns em povoados calcolíticos do Baixo Alentejo.

Fig. 37 — Salema: aspecto parcial da área escavada.





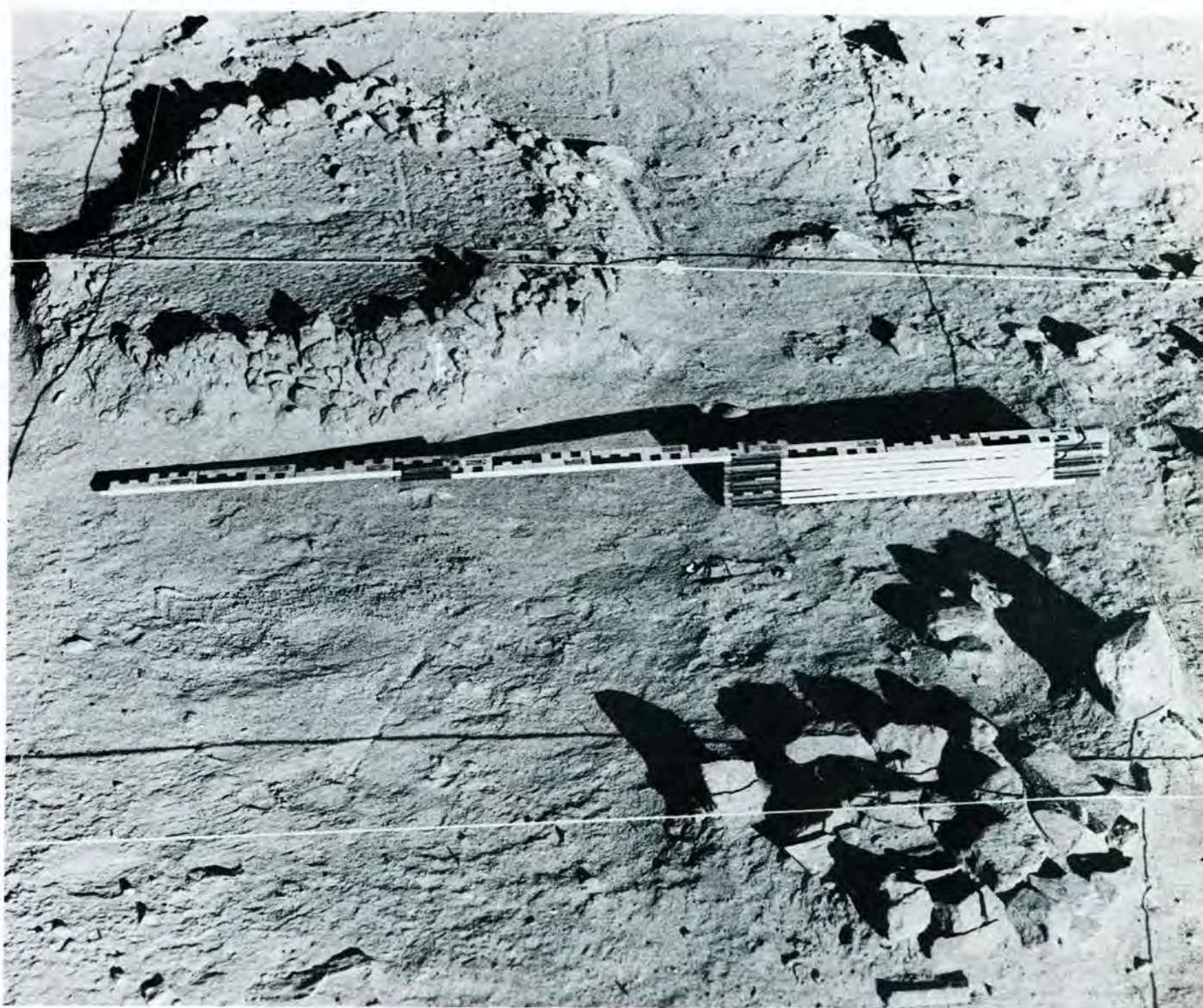


Fig. 39 — Salema (Sector 44): pequeno «empedrado» (em primeiro plano) e «silo» em barro cozido (canto superior esquerdo).

Fig. 38 — Salema: planta de parte do Sector 44 com algumas estruturas de *habitat*: «empedrados» e «silos».



Fig. 40 — Salema (Sector 44): «empedrado» — estrutura subcircular formada por calhaus partidos por acção do fogo. De notar a presença de um elemento dormente de mó manual facturado *in situ* por acção do calor.



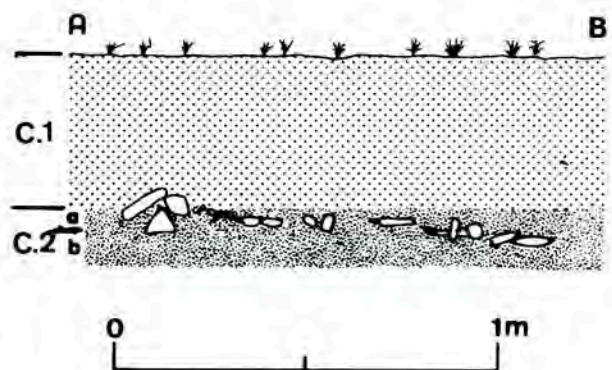
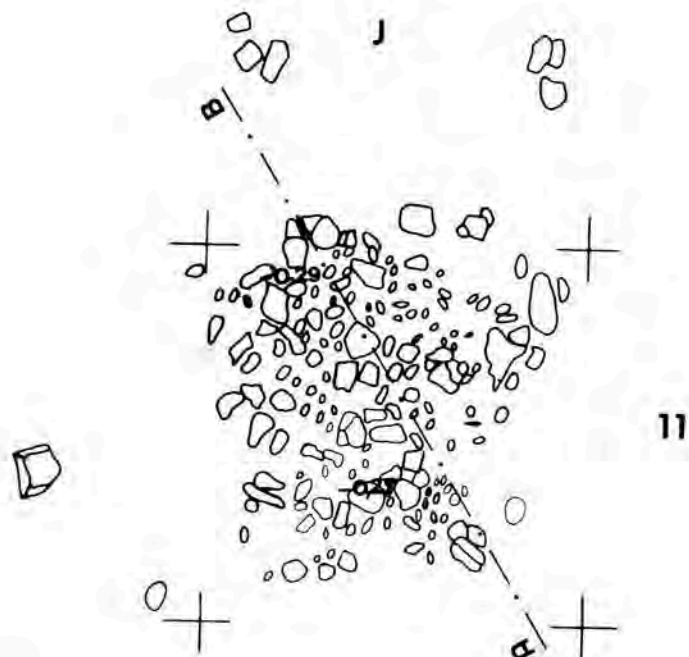
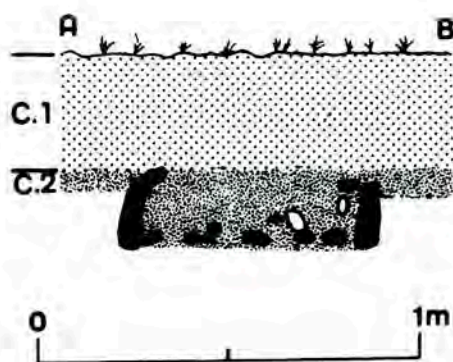
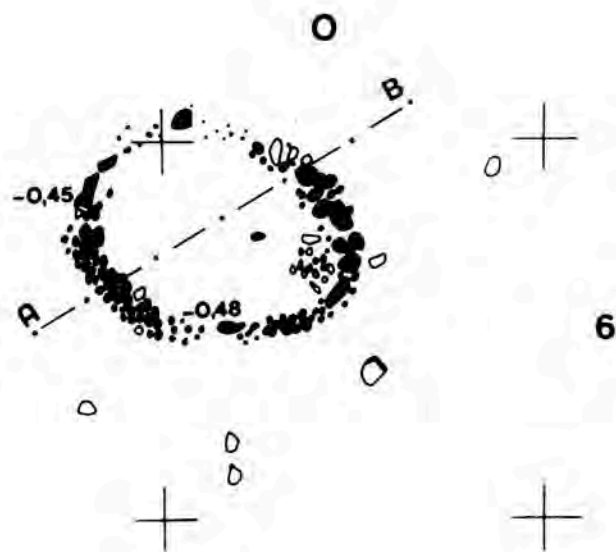


Fig. 41 — Salema (Sector 44): plano e perfil do «empe-
drado» do Q. J11.



Fig. 42 — Salema (Sector 44): «silo» — estrutura oval de paredes formadas por barro cozido.

Fig. 43 — Salema (Sector 44): plano e perfil do «silo» do Q. O6. Notar, no perfil, a inflexão da parede no sentido do interior.



 barro cozido

UTENSILAGEM LÍTICA

A indústria lítica de Vale Pincel I — a melhor conhecida (a de Vale Vistoso e a da Salema encontram-se ainda por estudar) — revela um talhe predominantemente lamelar: 45 % de lamelas na totalidade dos subprodutos e 55 % no total de 243 peças recolhidas no corte de reconhecimento e nas estruturas de *habitat* cortadas pelos taludes da via-rápida. As lamelas integram-se, em grande parte, no estilo Montbani; o seu índice de transformação em utensílios é de 44,7 %; constituem 73,1 % dos suportes dos instrumentos.

Os subprodutos são pouco abundantes (68 % do total das peças recolhidas no corte de reconhecimento). Possuímos 6 núcleos muito exaustos e irregulares e 5 flancos. De salientar o aparecimento no quadrado 10.2 (C.2d), *in situ*, de um núcleo prismático muito exausto, em cristal de rocha, e de várias lamelas da mesma matéria que parecem indicar a actividade do talhe nesse local.

O grupo tipológico melhor representado é o dos utensílios com *retoque irregular e parcial e com traços de uso* (19,6%). Os «*encoches*» e *denticulados* (11,6 %), pouco profundos, são, por vezes, difíceis de distinguir das peças do grupo tipológico anterior. Por ordem decrescente de representatividade numérica seguem-se os *raspadores* (12,5%), de tipologia variada e apresentando acentuado carácter microlítico; os *geométricos* (8,9 %), representados por segmentos de círculo (exceptua-se um trapézio de base menor retocada morfologicamente muito semelhante aqueles) e revelando marcado carácter pigmeu (comprimento inferior a 20 mm.) — foram exumados principalmente na base do nível de ocupação (C. 2d/3); os *furadores* (7,1 %); as *lamelas de bordo abatido* (7,1%), nas quais predominam as de dorso arqueado; os *buris*

(6,2 %) sobre fractura, com um ou mais golpes de buril e em que o quartzo leitoso foi grandemente utilizado (quase em metade das peças) — apareceram somente na parte superior da C.2 (2a-2c); os *elementos de foice* (7,1 %), sobre lamelas, caracterizados pela presença de «lustre de cereal» em um dos bordos (em 2 casos o bordo oposto ao do «lustre» é retocado; os dois utensílios inteiros medem $45 \times 12 \times 3$ mm. e $29 \times 12 \times 2$ mm.).

À superfície foi encontrada uma *flecha transversal cortante*.

A técnica do microburil parece notar-se em alguns segmentos de círculo. Um microburil distal e um ápice triédrico surgiram à superfície.

A matéria-prima mais utilizada foi o sílex, de cor predominantemente acastanhada/amarelada clara. O quartzo cristal de rocha e o quartzo leitoso foram também trabalhados.

Exumaram-se alguns macro-utensílios, nomeadamente 5 seixos afeiçãoados.

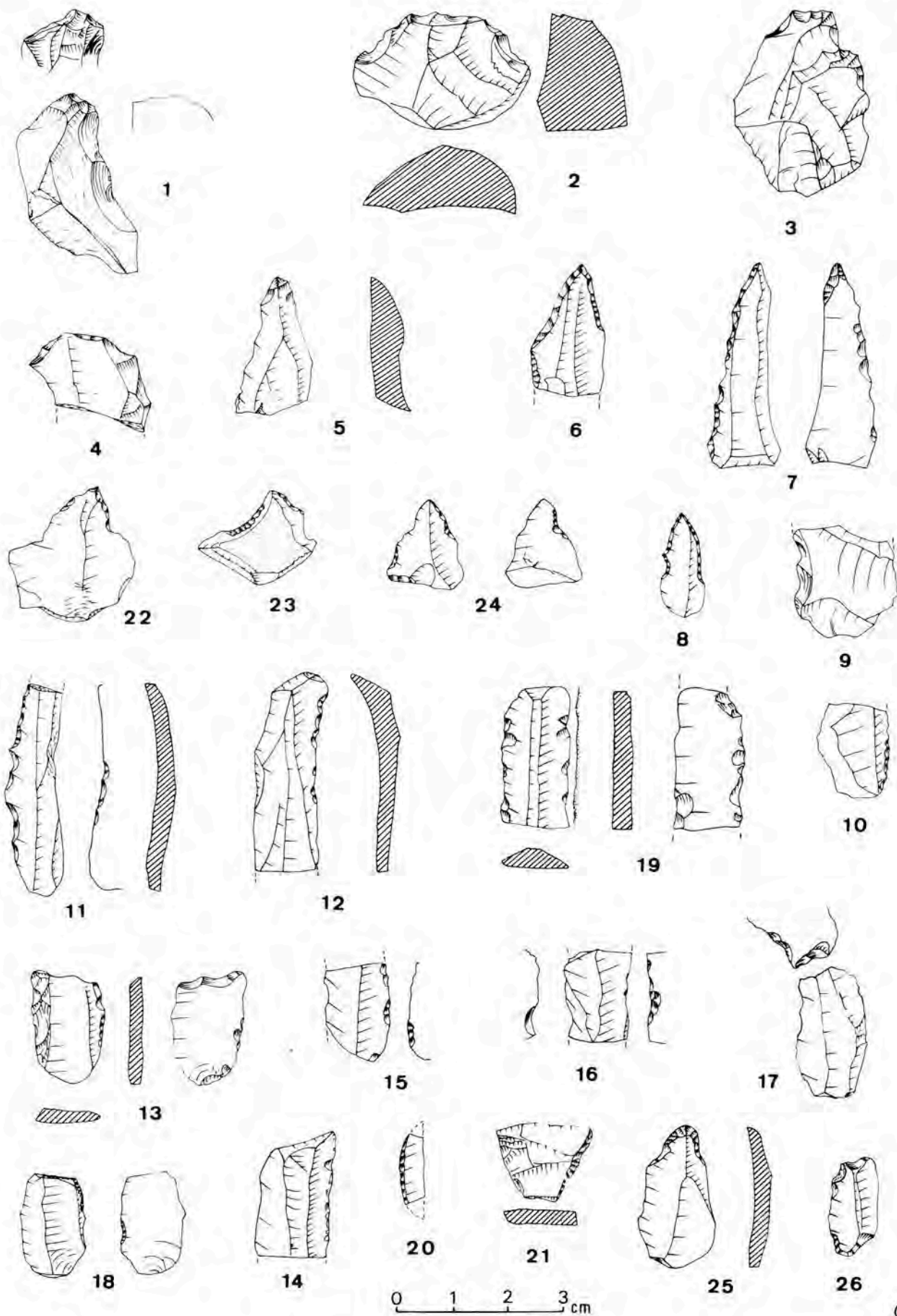
A utensilagem em pedra polida é rara: apenas o fragmento de um utensílio indeterminado e um machado de secção oval e talão picotado, em gabro cinzento-esverdeado.

Um calhau rolado achatado e de forma subtrapézoidal foi utilizado como polidor, possivelmente de cerâmica.

Próximo do machado e na mesma subcamada (3b), encontrou-se um fragmento de mó manual.

Dois calhaus rolados apresentam intensos vestígios de uso, tendo um deles sido utilizado como percutor (fig. 50,6) e outro como bigorna (fig. 51,2).

Fig. 44 — Indústria lítica de Vale Pincel I (superfície): 1 — raspador carenado; 2 e 3 — raspadores denticulados; 4 — raspador sobre lasca de tipo indeterminado; 5 a 7 — furadores; 8 — lamela de bordo abatido arqueado; 9 — lasca denticulada; 10 — lâmina denticulada; 11 e 12 — lamelas denticuladas; 13 — lamela com retoques oblíquos e semi-abruptos regulares; 14 — fragmento de lâmina com retoque irregular, parcial e com traços de uso; 15 a 18 — lamelas com retoque oblíquo irregular, parcial e com traços de uso; 19 — lamela com lustre de «cereal»; 20 — segmento de círculo; 21 — flecha transversal cortante; 22 a 26 — diversos.



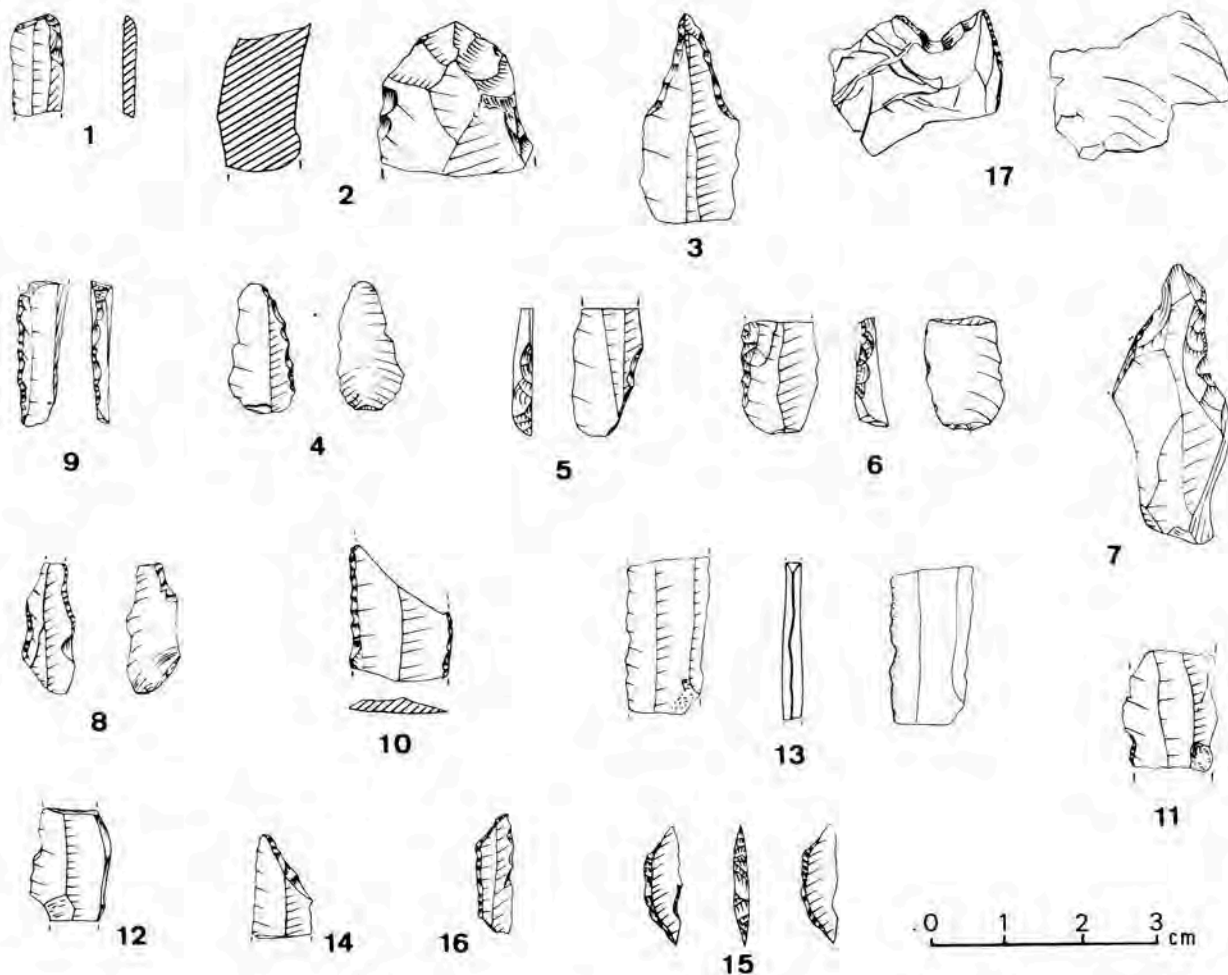


Fig. 45 — Vale Pínel I (*corte de reconhecimento*). Indústria lítica da C. 1: 1 — raspador sobre lâmina partida; 2 — raspador carenado; 3 — furador; 4 — lamela de bordo abatido arqueado; 5 — lamela de bordo abatido parcial; 6 — fragmento de lamela de bordo abatido; 7 — lasca com «enchoche»; 8 — lamela com «enchoche»; 9 e 10 — lamelas com retoque oblíquo e semi-abrupto regular; 11 e 12 — lamelas com retoque oblíquo irregular, parcial e com traços de uso; 13 — lamela com lustre de «cereal»; 14 — lamela truncada; 15 — segmento de círculo; 16 — trapézio com a base menor retocada; 17 — diversos.

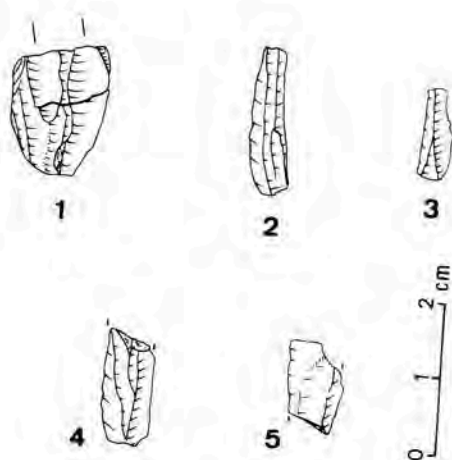
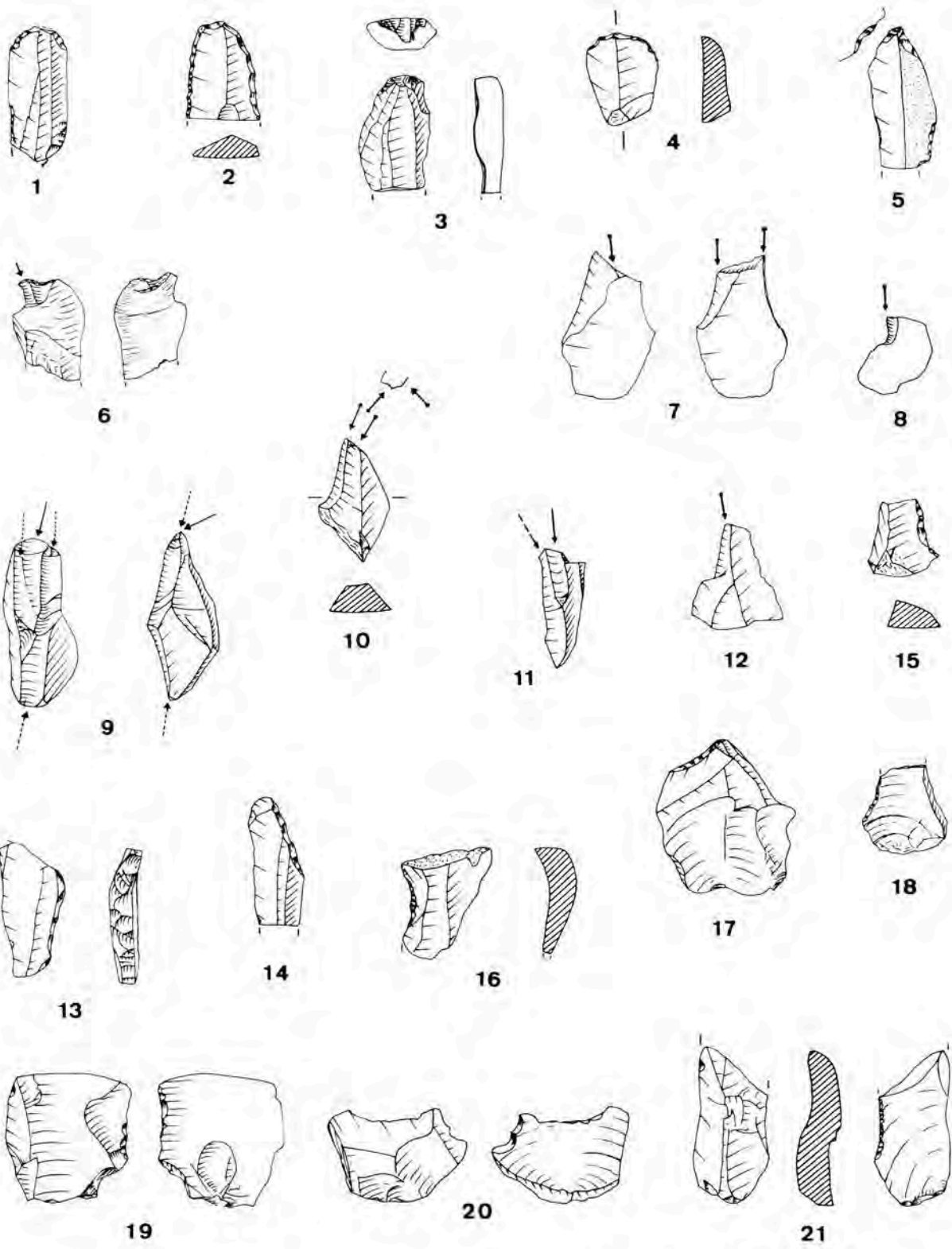


Fig. 46 — Vale Pínel I (*corte de reconhecimento*). Subprodutos de talhe em cristal de rocha da C. 2d: 1 — núcleo subprismático; 2 a 5 — lamelas e fragmentos residuais.

Fig. 47 — Vale Pínel I (*corte de reconhecimento*). Indústria lítica da C. 2a-2c: 1 — raspador duplo sobre lâmina longa; 2 e 3 — raspadores sobre lâmina partida; 4 — raspador unguiforme; 5 — furador; 6 a 12 — buris; 13 — lamela de bordo abatido e truncatura; 14 — lamela de bordo abatido parcial; 15 a 18 — lascas com «enchoche»; 19 e 20 — lascas com retoque oblíquo irregular e parcial; 21 — fragmento de lâmina com retoque irregular, parcial e traços de uso.



0 1 2 3 4 cm

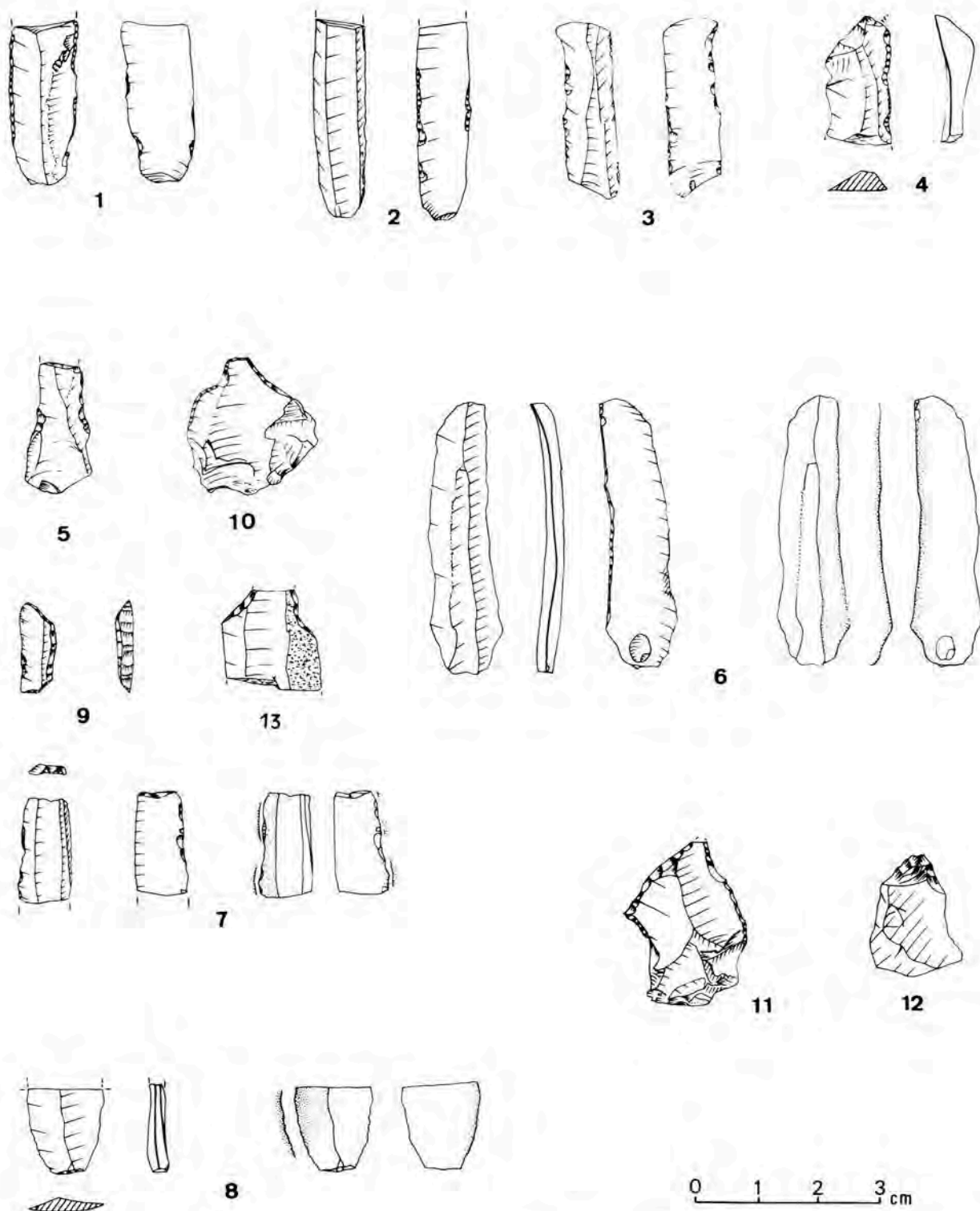


Fig. 48 — Vale Pincel I (*corte de reconhecimento*). Indústria lítica da C. 2a-2c: 1 a 5 — lamelas com retoque oblíquo, irregular, parcial e com traços de uso; 6 a 8 — lamelas com lustre de «cereal»; 9 — segmento de círculo; 10-13 — diversos.

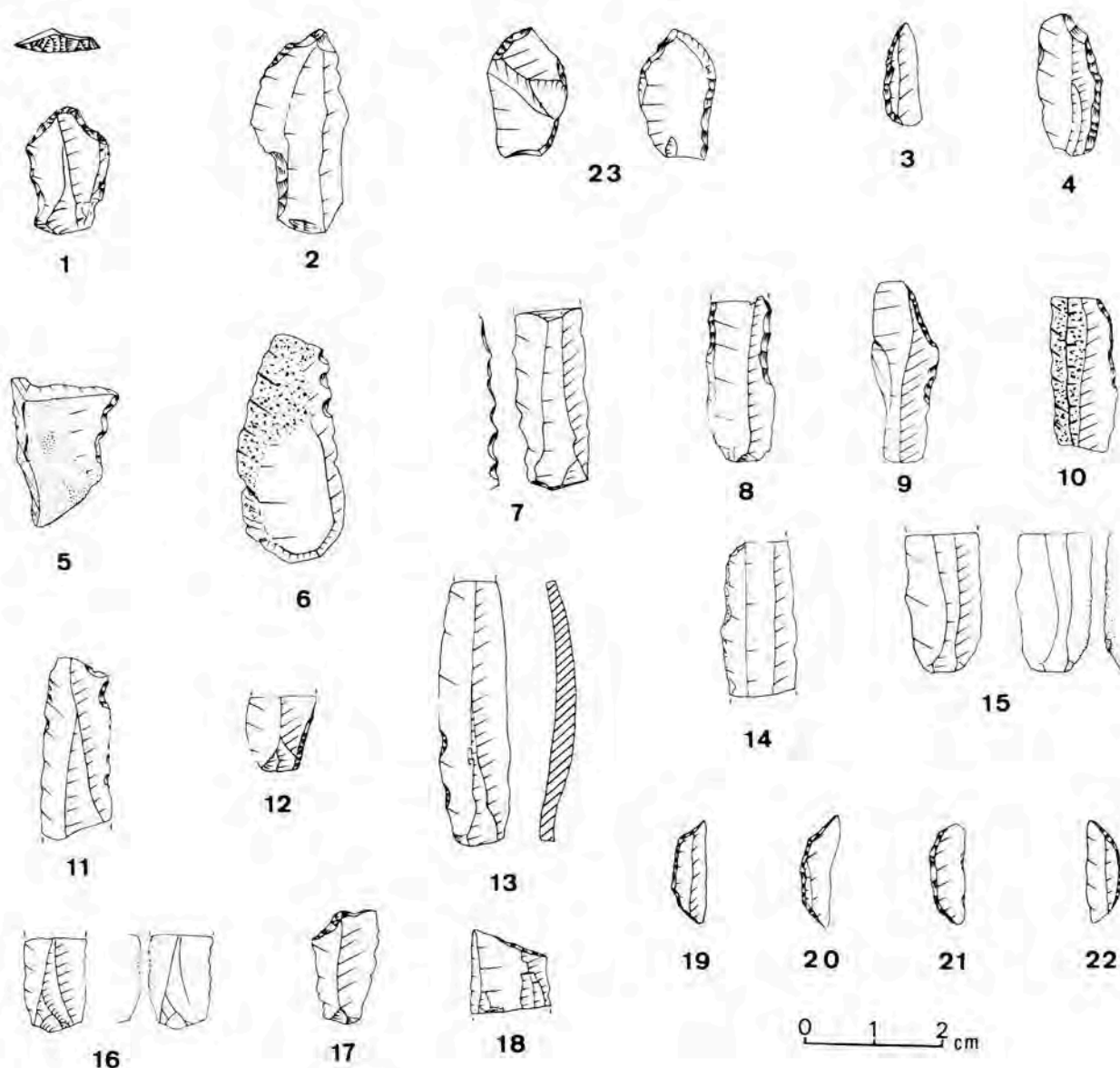


Fig. 49 — Vale Píncel I (*corte de reconhecimento*). Indústria lítica da C. 2d-3: 1 — raspador; 2 — furador; 3 — lamela de bordo abatido arqueado e de base retocada; 4 — lamela de bordo abatido arqueado; 5 e 6 — lascas denticuladas; 7 — lamela denticulada; 8-14 — lamelas com retoque oblíquo irregular, parcial, e com traços de uso; 15 e 16 — lamelas com lustre de «cereal»; 17 e 18 — lamelas truncadas; 19-22 — segmentos de círculo; 23 — diversos.

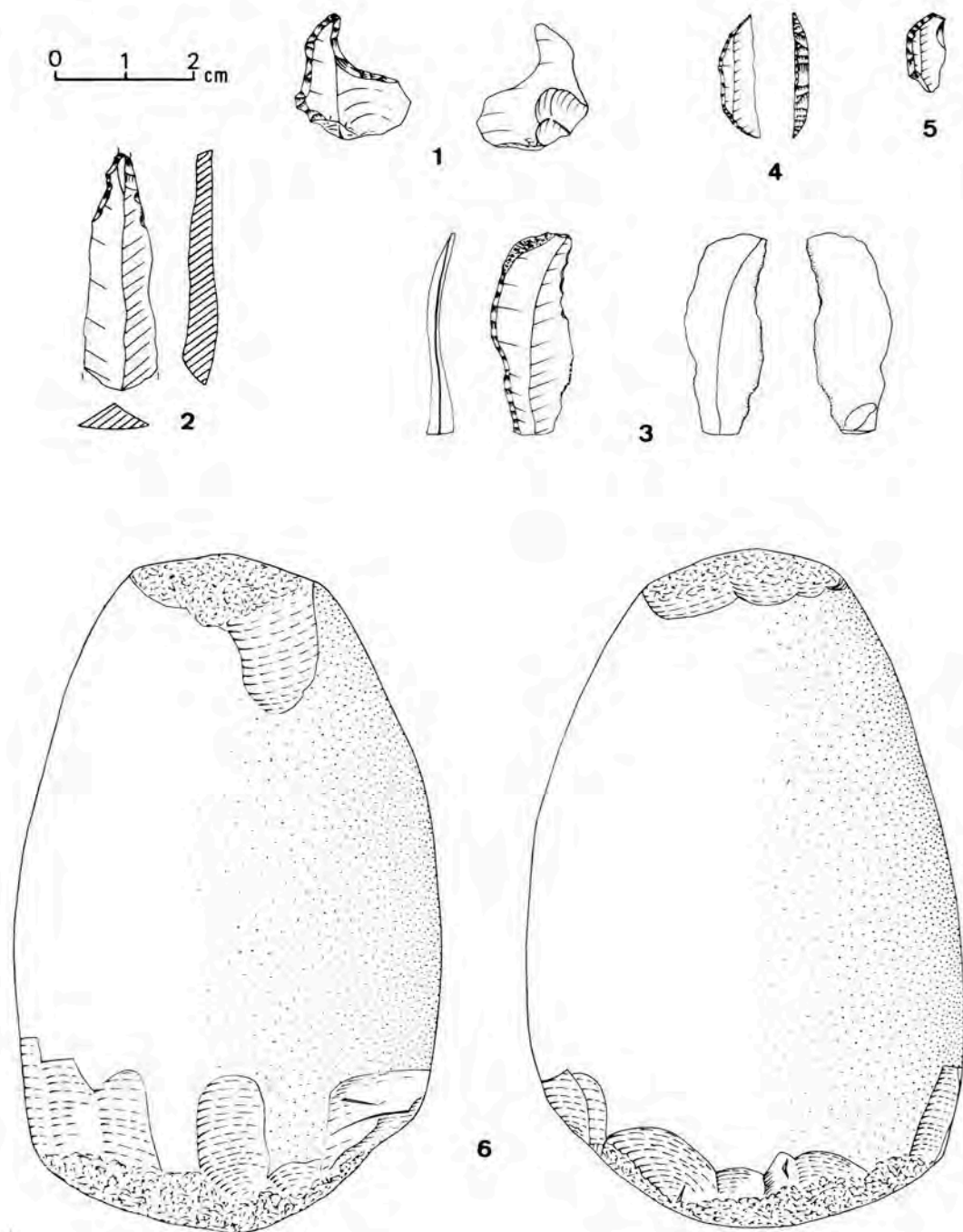


Fig. 50 — Vale Píncel I (taludes da via rápida). Indústria lítica da C. 2/3: 1 e 2 — furadores; 3 — lamela com lustre de «cereal»; 4 e 5 — segmentos de círculo; 6 — percutor.

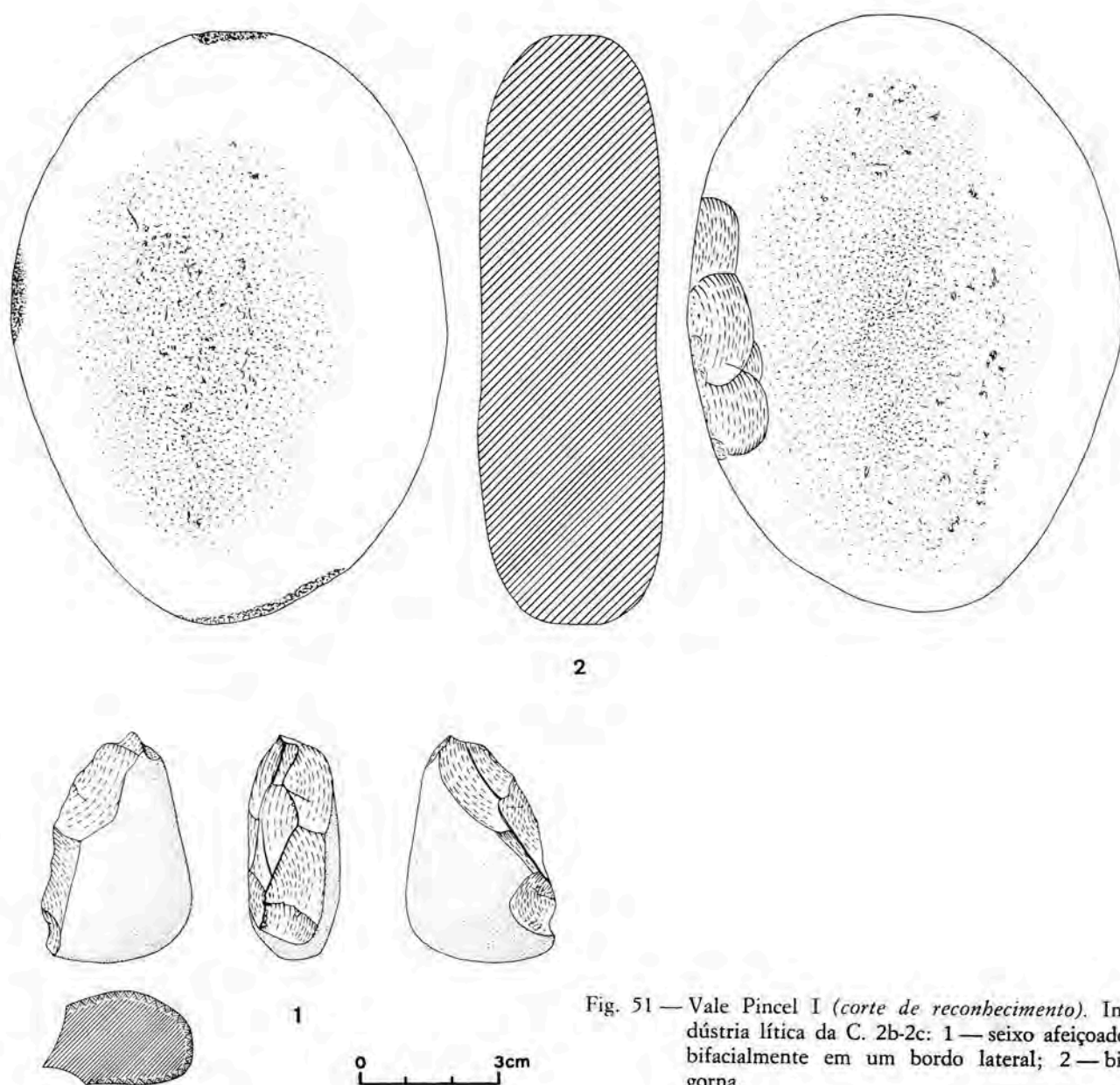


Fig. 51 — Vale Píncel I (*corte de reconhecimento*). Indústria lítica da C. 2b-2c: 1 — seixo afeiçãoado bifacialmente em um bordo lateral; 2 — bigorna.

Neste conjunto industrial verifica-se uma acentuada diversificação da utensilagem relativamente à do Mesolítico peninsular, facto que corresponde, por certo, a um momento de procura, de ensaio de novas formas susceptíveis de se ajustarem às necessidades surgidas com a progressiva viragem da economia. Com excepção dos geométricos, que assumem um carácter vincadamente homogéneo, torna-se por vezes bastante difícil classificar as peças em tipos bem definidos. De salientar, mais uma vez, a importante presença numérica das la-

melas com retoque irregular parcial e com traços de uso e, ainda, a ausência dos *buris* na base do nível de ocupação onde, pelo contrário, os *geométricos* atingem a sua maior incidência.

Os *elementos de foice* constituem, no seio da indústria em pedra lascada, a maior inovação relativamente aos contextos do Mesolítico peninsular.

A ausência de *flechas transversais cortantes* em estratigrafia (somente uma recolhida à superfície), peças tão características do Cardial, e a quase ex-

clusividade dos *segmentos de círculo* no grupo dos *geométricos* fazem supor, tal como a cerâmica nos indica, que a corrente cardial é aqui um longínquo eco das culturas do Sudeste francês e do Levante espanhol, já bastante enfraquecido na Andaluzia Oriental.

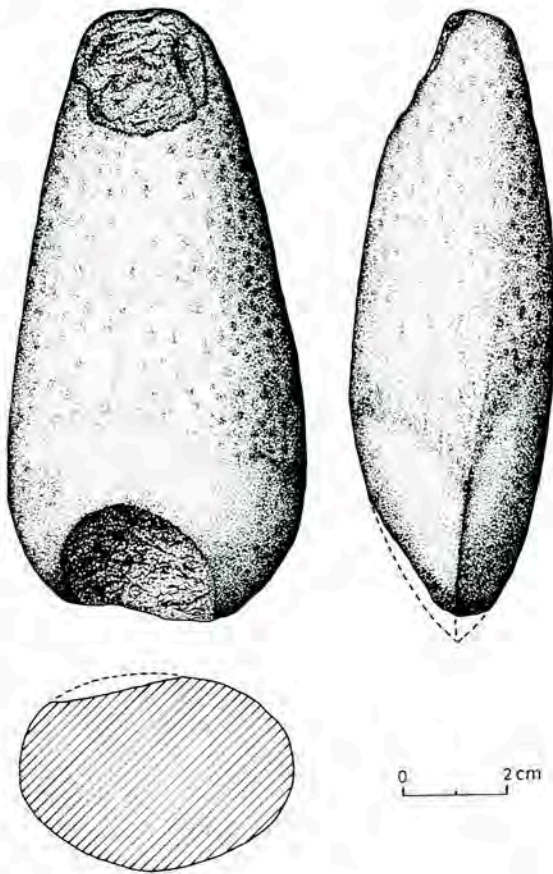


Fig. 52 — Machado de pedra polida de talão picotado da C. 3b de Vale Píncel I (*corte de reconhecimento*).

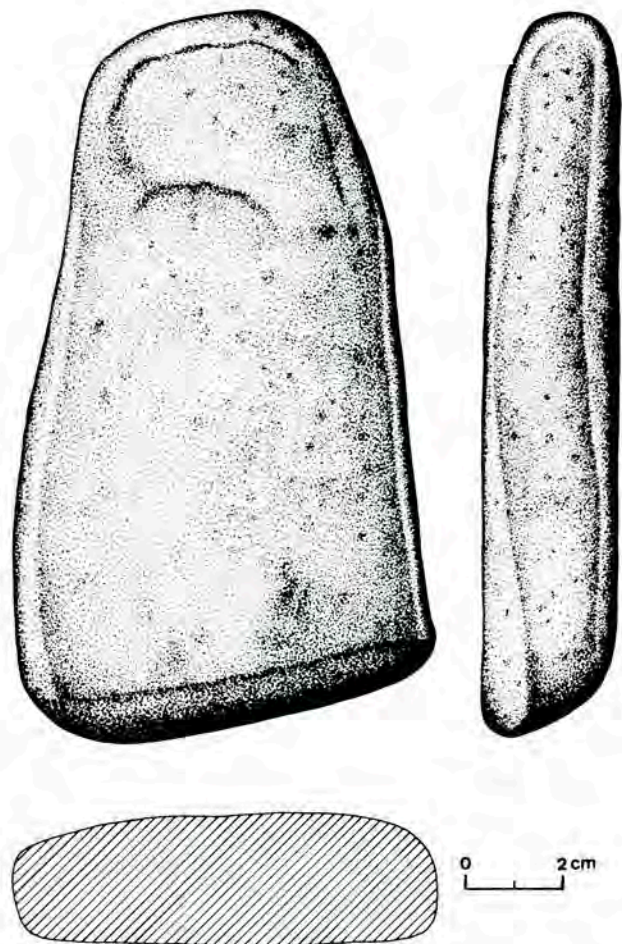


Fig. 53 — Vale Píncel I (*corte de reconhecimento*). Calhau rolado cuja extremidade distal foi utilizada como polidor.

A indústria lítica de Vale Vistoso parece ser fundamentalmente lamelar, salientando-se as *lamelas de bordo abatido* e as *lamelas com retoques parciais*. (Fig. 54).

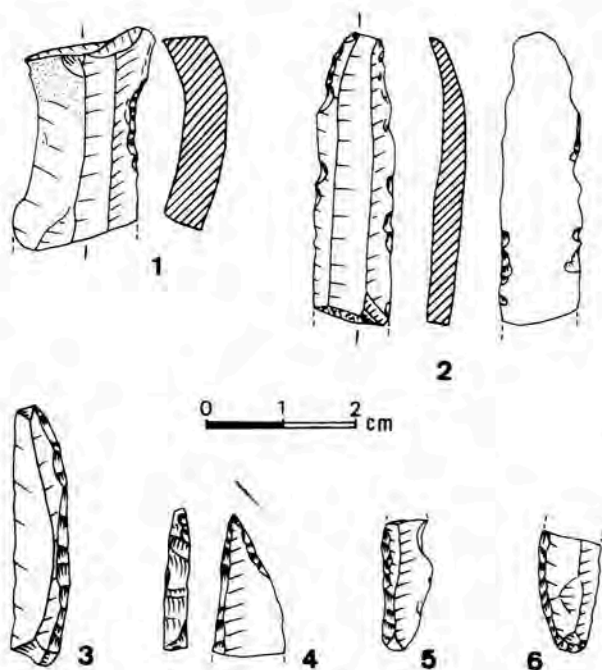


Fig. 54 — Vale Vistoso. Indústria lítica: 1 — lasca com «enchoche»; 2 — lamela denticulada; 3-6 — lamelas de bordo abatido.

Muito diferente da de Vale Pincel I, a indústria lítica da Salema é formada por abundantes lascas. Os núcleos ocorrem em número muito elevado. Em contrapartida os utensílios são menos numerosos que em qualquer das outras duas jazidas. Até agora não foi encontrado nenhum geométrico.

A utensilagem em pedra polida é de melhor execução que a de Vale Pincel I: presença de enxós completamente polidos. As mós são mais abundantes.

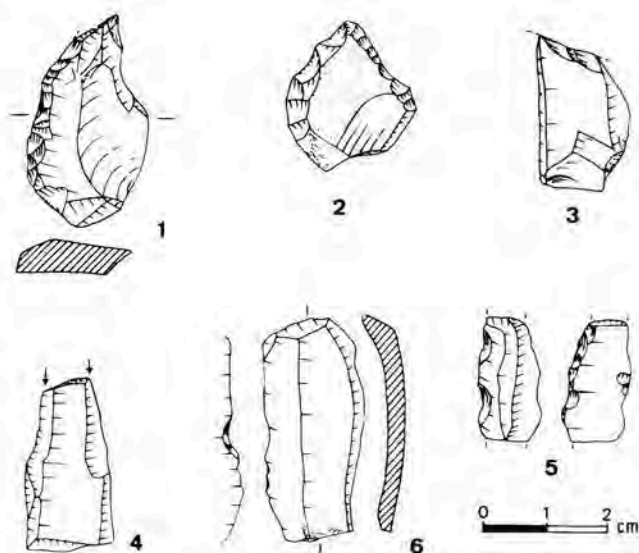


Fig. 55 — Salema. Indústria lítica (lascada): 1 e 2 — pontas diversas; 3 — lasca com retoques distais de tipo indeterminado; 4 — buril; 5 — lamela denticulada; 6 — com traços de uso.

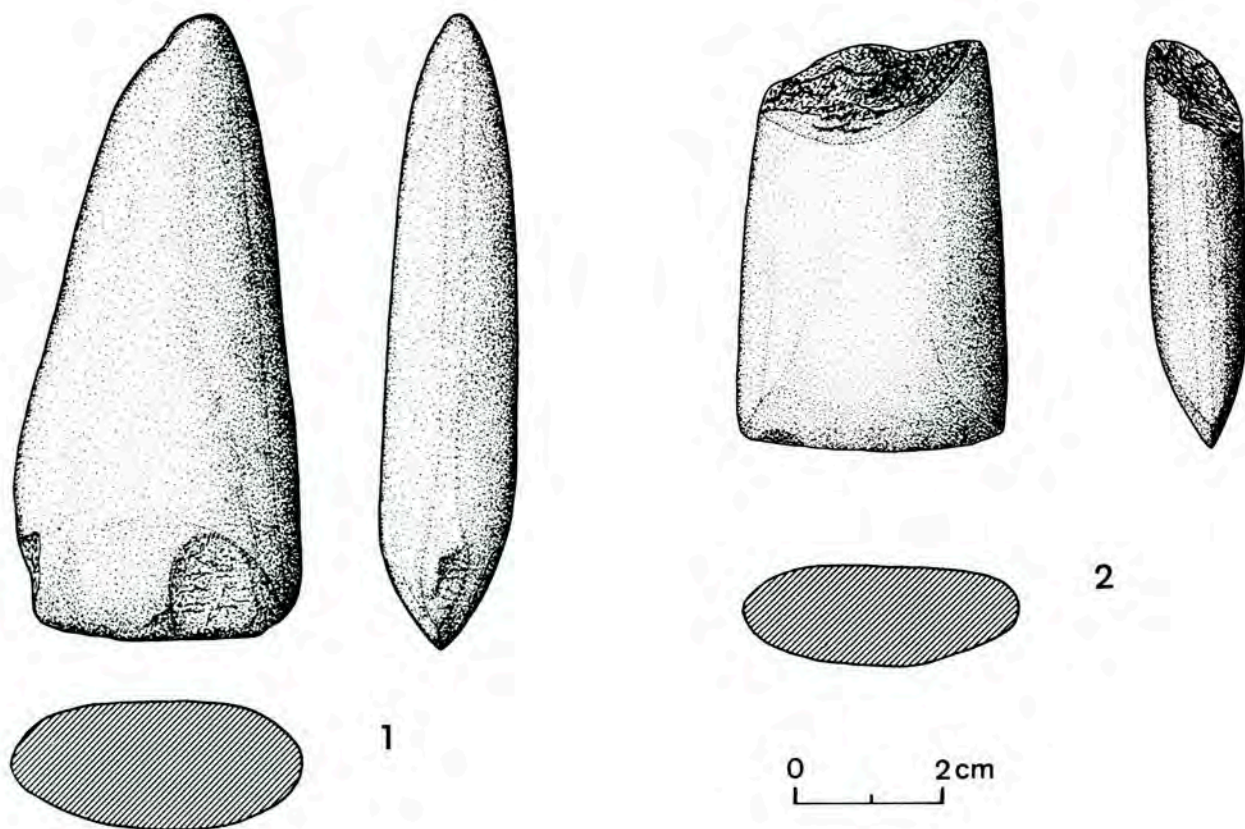


Fig. 56 — Salema. Instrumentos em pedra polida: enxós.

Fig. 57 — Salema. Fragmento de mó manual *in situ*.



zontais, muitas vezes segmentados por traços transversais impressos, e por mamilos situados, em muitos casos, sobre o bordo e associados a cordões. A decoração incisa é, como já dissemos, muito rara e limita-se, na sua quase totalidade, a um sulco horizontal localizado junto ao bordo. (Figs. 59-66).

A CERÂMICA

A cerâmica de Vale Píncel I, Vale Vistoso e Salema pode dividir-se em dois grandes grupos.

O primeiro, que marca talvez a fase plena do nosso Neolítico Antigo, está representado em Vale Píncel I e caracteriza-se por formas em geral muito simples (*esférico alto* — «saco» — e *taça em calote*) e por decoração essencialmente impressa e plástica, sendo muito rara a incisa. Além disso, na decoração impressa, que se limita quase exclusivamente a uma faixa situada junto ao bordo, as matrizes utilizadas oferecem uma gama de motivos pouco variada, sobressaindo a impressão executada através da extremidade de um punção actuado quase sempre obliquamente que produziu impressões ovaladas ou em ponto de exclamação; são pouco frequentes as impressões em cunha ou em U, bem como as cardiais. A decoração plástica, restringindo-se também, em grande parte, à zona superior do vaso, é constituída por cordões hori-

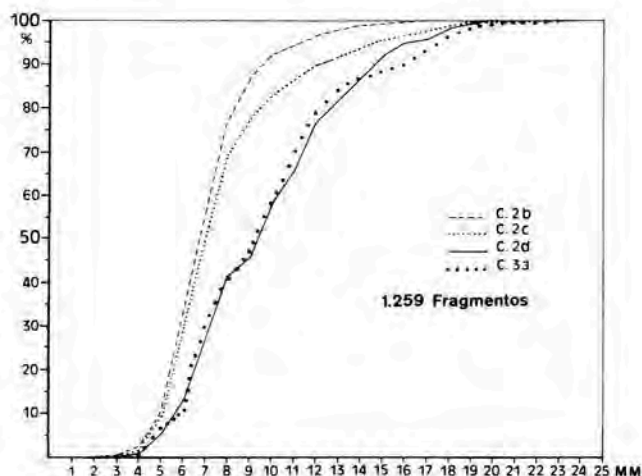
Em Vale Píncel I, as decorações impressa e plástica ocorrem principalmente nos *esféricos altos* — «sacos» —; o sulco inciso situado junto ao bordo surge em *taças em calote* e em *esféricos* de pequenas dimensões.

Relativamente ao número de vasos identificado na camada arqueológica do corte de reconhecimento de V.P. I, o número de fragmentos decorados é elevado. Assim, na C.2c, para 14 recipientes (fragmentos com bordo) há 11 fragmentos decorados (5 com bordo e 6 sem bordo): 9 com decoração impressa, impressa e plástica ou só plástica e 2 com decoração incisa (sulco horizontal sob o bordo). Na C.2d, para 17 recipientes, temos 11 fragmentos decorados (9 com bordo e 2 sem bordo), todos com decoração impressa ou impressa e plástica.

Na cerâmica da mesma jazida distinguem-se, quanto à técnica de fabrico, dois tipos principais:

— O A possui pasta pouco compacta e com abundantes elementos não plásticos de quartzo maiores que 1 mm. (chegam a atingir 5 mm.) distribuídos irregularmente; superfícies irregulares e frequentemente estaladas; cor das superfícies avermelhada; fractura com zona acinzentada ou negra o que denota cozedura realizada em ambiente redu-

Fig. 58 — Espessuras de fragmentos de cerâmica do corte de reconhecimento de Vale Píncel I. As curvas cumulativas mostram que a cerâmica da base do nível de ocupação (C. 3a e C. 2d) é mais espessa que a da parte superior do mesmo nível (C. 2c e C. 2b).



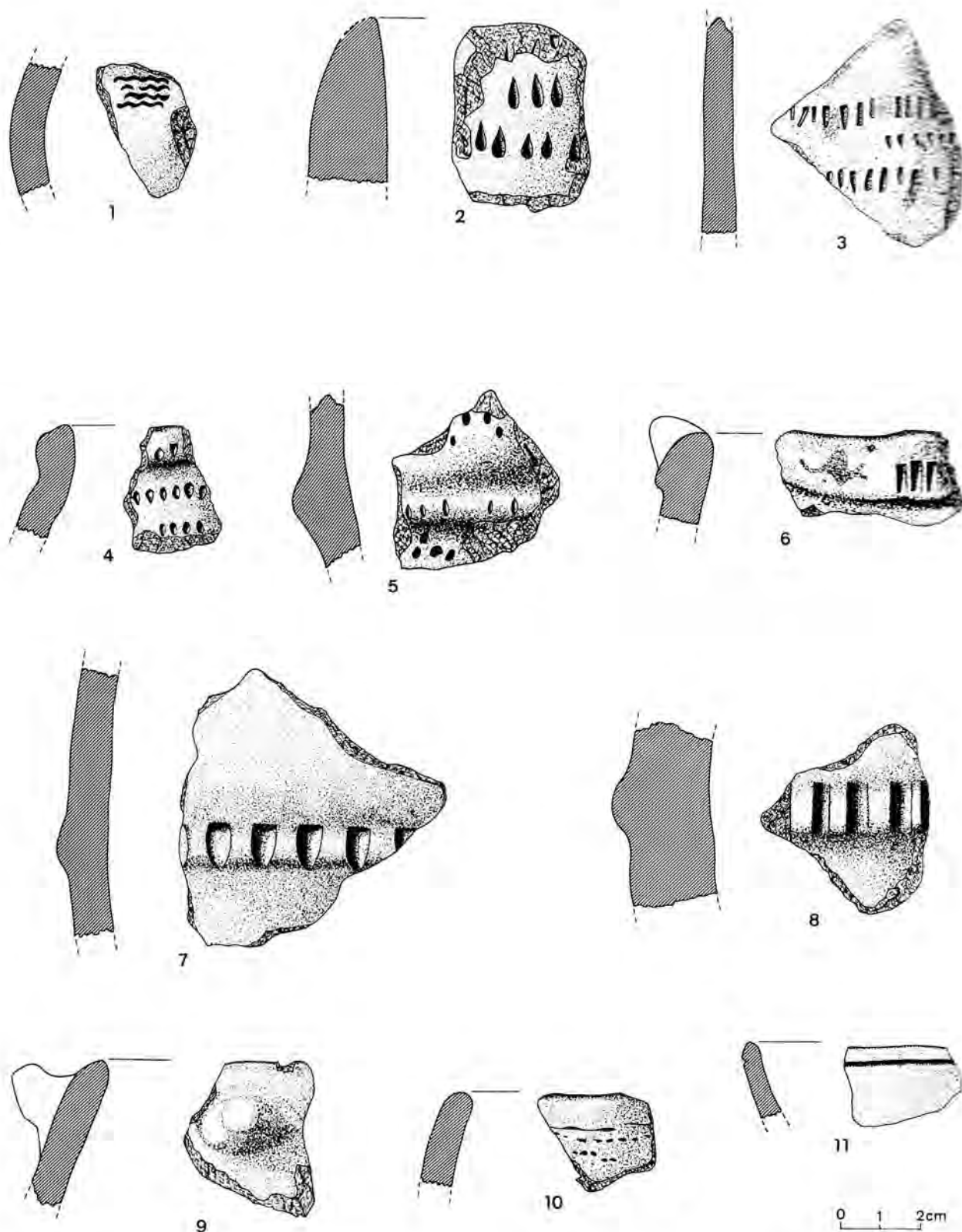


Fig. 59 — Vale Pínel I. Cerâmica da camada superficial com decoração impressa cardial (1), impressa a punção (2 a 5), incisa (10 e 11) e plástica (4 a 9).

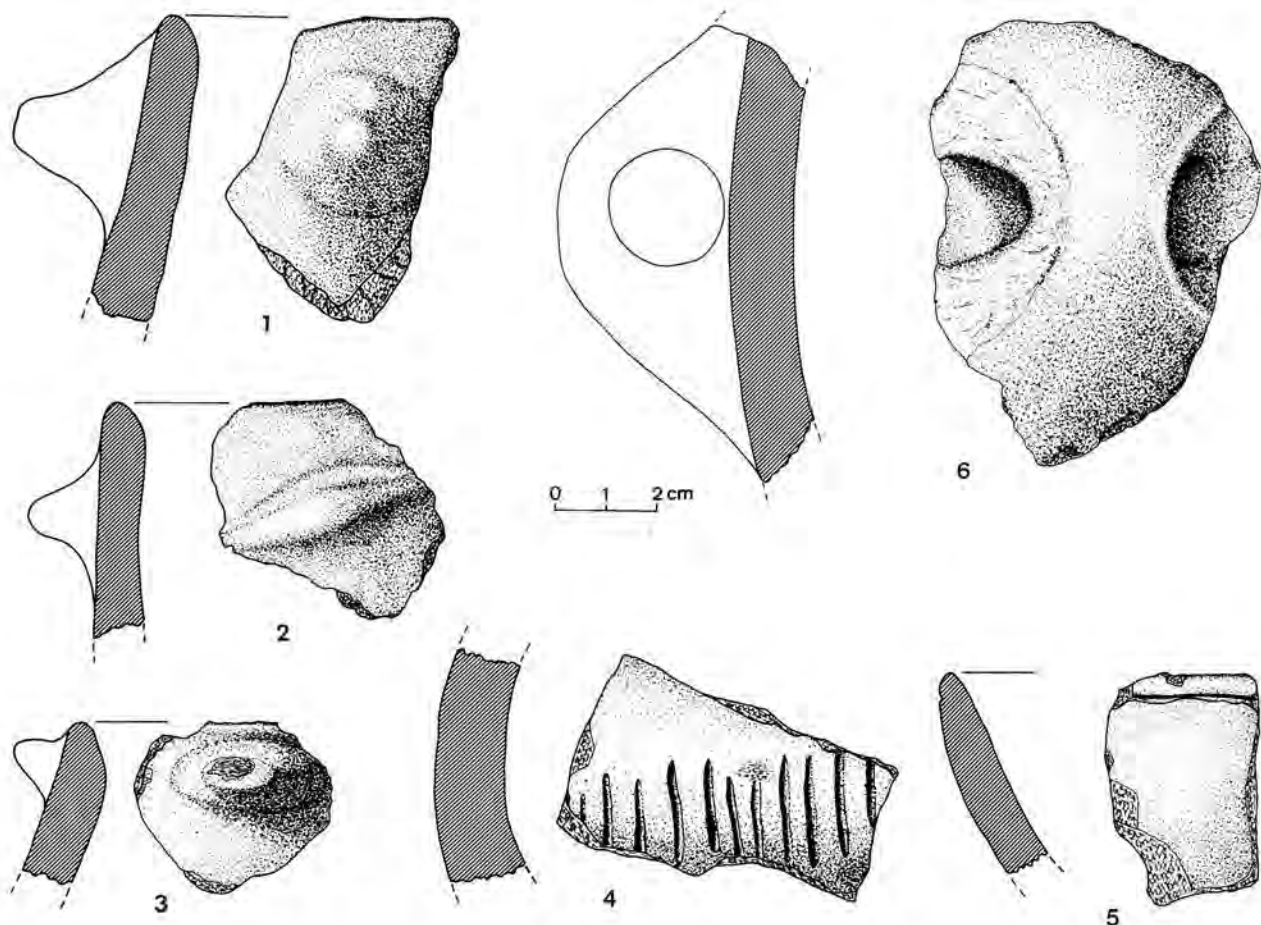


Fig. 60 — Vale Pínel I. Cerâmica da camada superficial com decoração incisa (4 e 5) e plástica (1-3); 6 — pequena asa perfurada horizontalmente.

tor-oxidante; parede espessa e muito espessa (valores por vezes superiores a 20 mm.).

— O B tem pasta compacta com abundantes elementos não plásticos menores que 0,5 mm, dis-

tribuídos regularmente, e escassos superiores a 0,5/1 mm. e finas partículas de mica; superfícies muito bem alisadas, de cor acastanhada; a fractura apresenta ou cor uniforme igual à das superfícies ou mostra uma zona acinzentada/negra; a espessura da parede raramente ultrapassa 7 mm.

O fabrico A é próprio dos vasos *esféricos altos* com decoração impressa, e o B das *taças em calote* e dos *esféricos* de pequenas dimensões, recipientes cuja decoração, quando existe, é constituída por um sulco horizontal junto ao bordo.

Na escavação do corte de reconhecimento aberto em V.P. I verifica-se que o fabrico A predomina na C.3a-2d (base do nível arqueológico); o fabrico B, embora também presente nas subcamadas mais profundas, atingia a sua maior frequência relativa nas subcamadas 2b e 2c. Com efeito, na C.2d, em 17 recipientes identificados (fragmentos com bordo), 12 são de fabrico A,

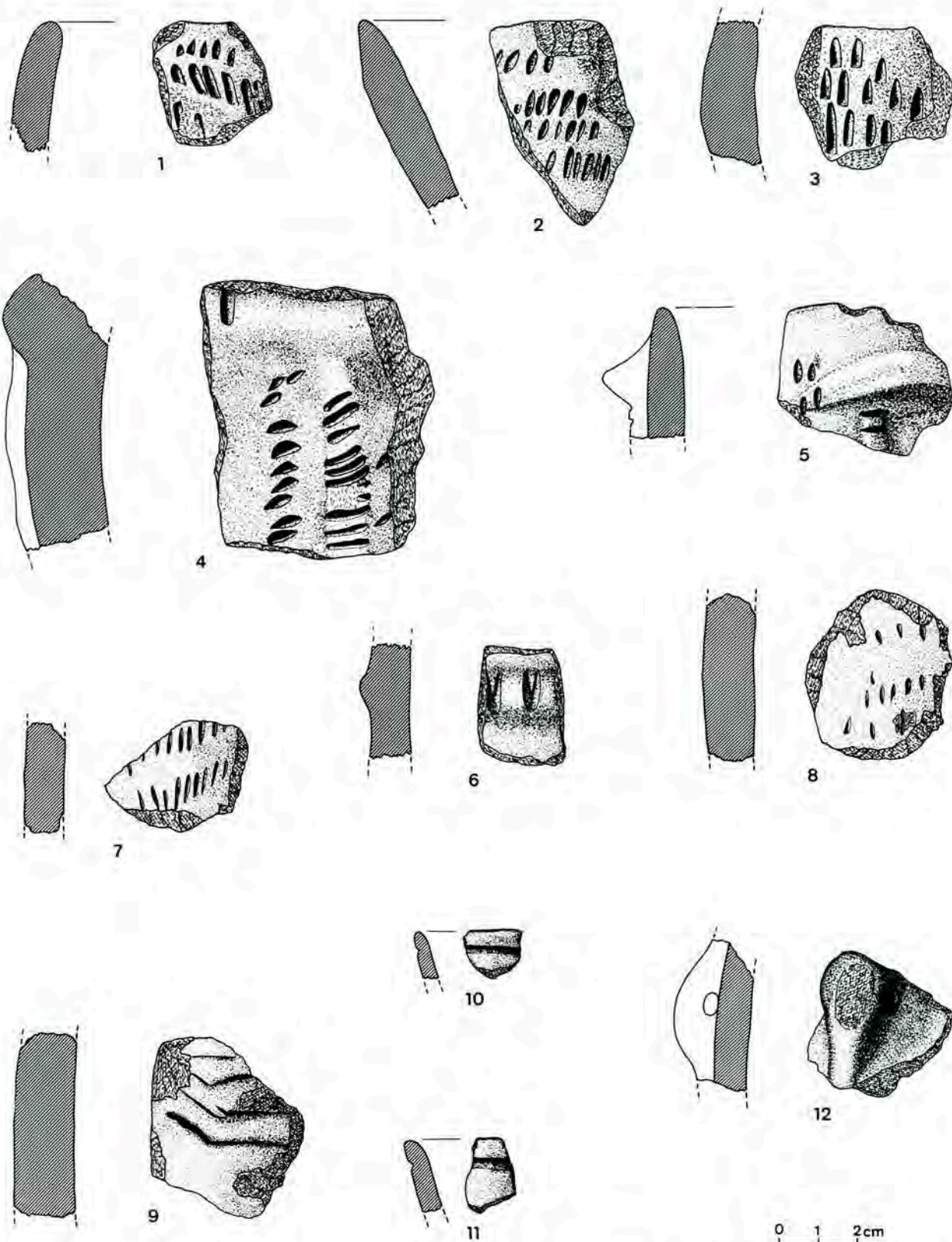


Fig. 61 — Vale Pínel I (*corte de reconhecimento*). Cerâmica da C. 2a-2c com decoração impressa a punção e a cunha (1-6), incisa (9-11) e plástica (4-6); 12 — elemento de suspensão.

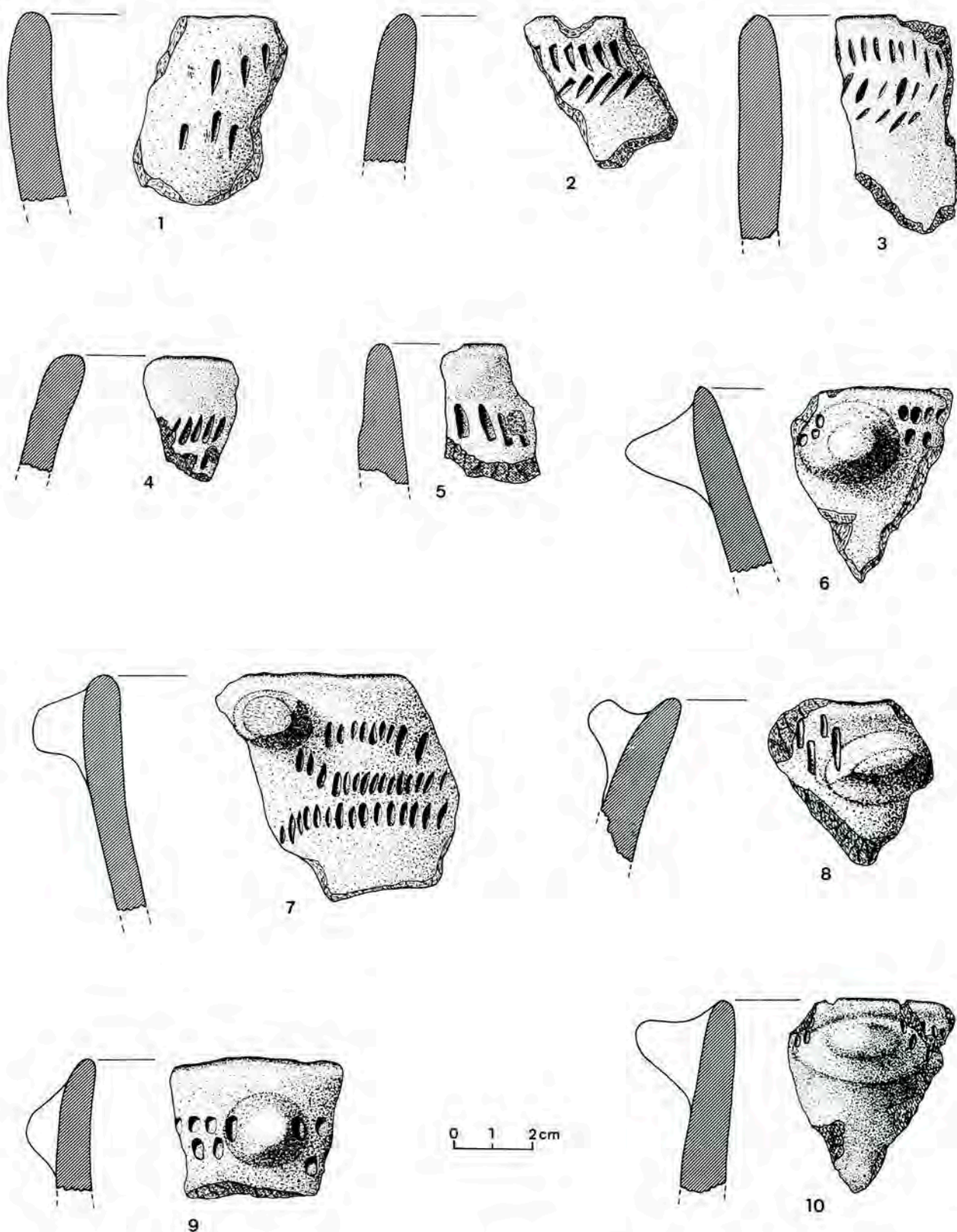


Fig. 62 — Vale Pínel I (*corte de reconhecimento*). Cerâmica da C. 2d-3 com decoração impressa a punção e a cunha e plástica (mamilos junto ao bordo).

3 de fabrico *B* e 2 de fabrico indeterminado; na C.2c, em 14 recipientes identificados, 3 pertencem ao fabrico *A*, 10 ao *B* e 1 é de fabrico indeterminado. O gráfico cumulativo da fig. 58, relativo à espessura dos fragmentos de cerâmica, mostra precisamente que a cerâmica mais espessa (por conseguinte a do fabrico *A*) se desenvolve na base do nível de ocupação e a menos espessa (em geral constituída por fragmentos do fabrico *B*) atinge a maior percentagem na fase final da vida do povoado. Fase que pode fazer a transição do Neolítico Antigo para o Neolítico Antigo Evoluído que vamos encontrar representado em Vale Vistoso e na Salema.

Fig. 63 — Vale Pincel I (*corte de reconhecimento*). Cerâmica da C. 2d-3 com decoração impressa a punção e plástica (cordões e mamilos junto ao bordo).

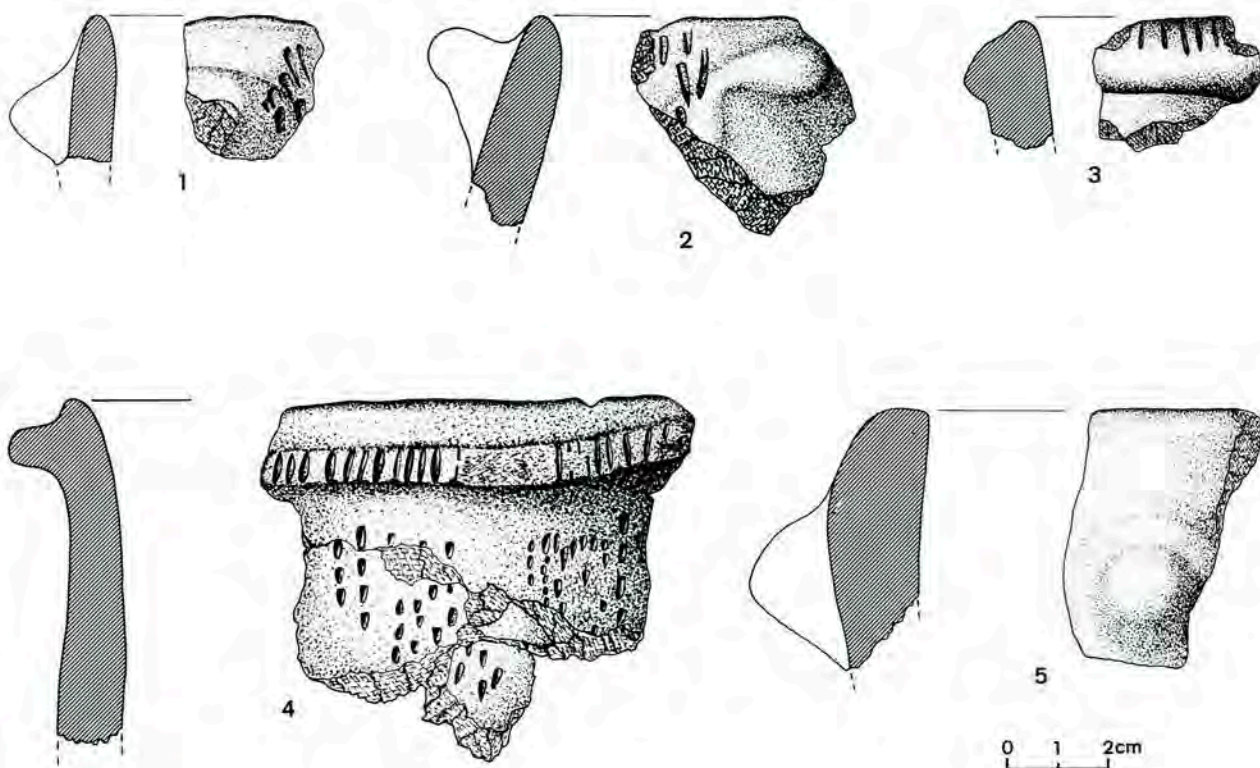
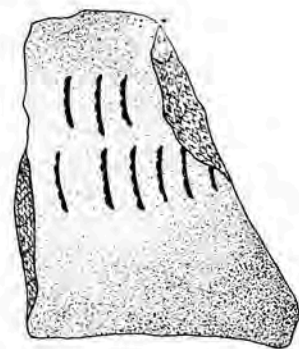
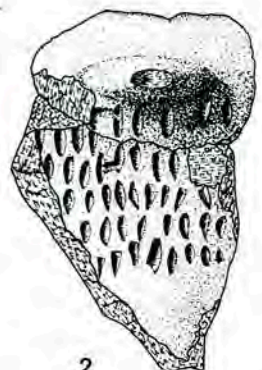
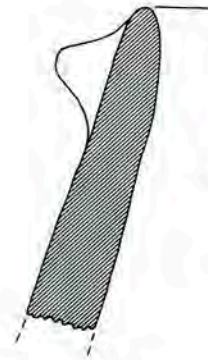


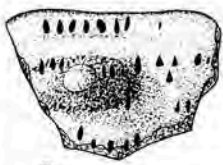
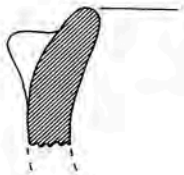
Fig. 64 — Vale Pincel I (C. 2/3 dos taludes da via-rápida). Cerâmica com decoração impressa cardial (1), impressa a punção e plástica (cordões e mamilos junto ao bordo).



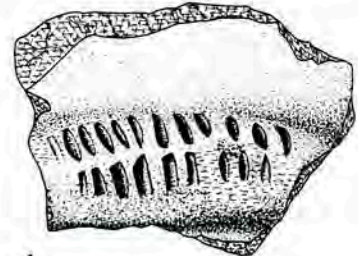
1



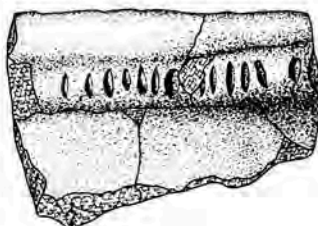
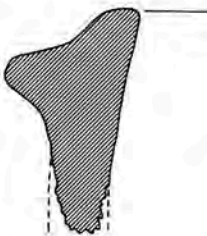
2



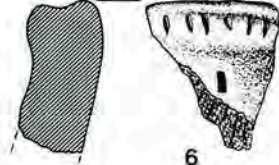
3



4



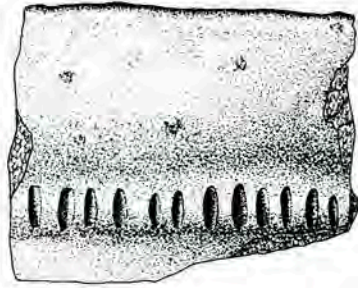
5



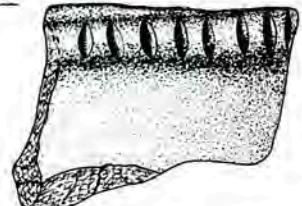
6



7



8



0 1 2cm

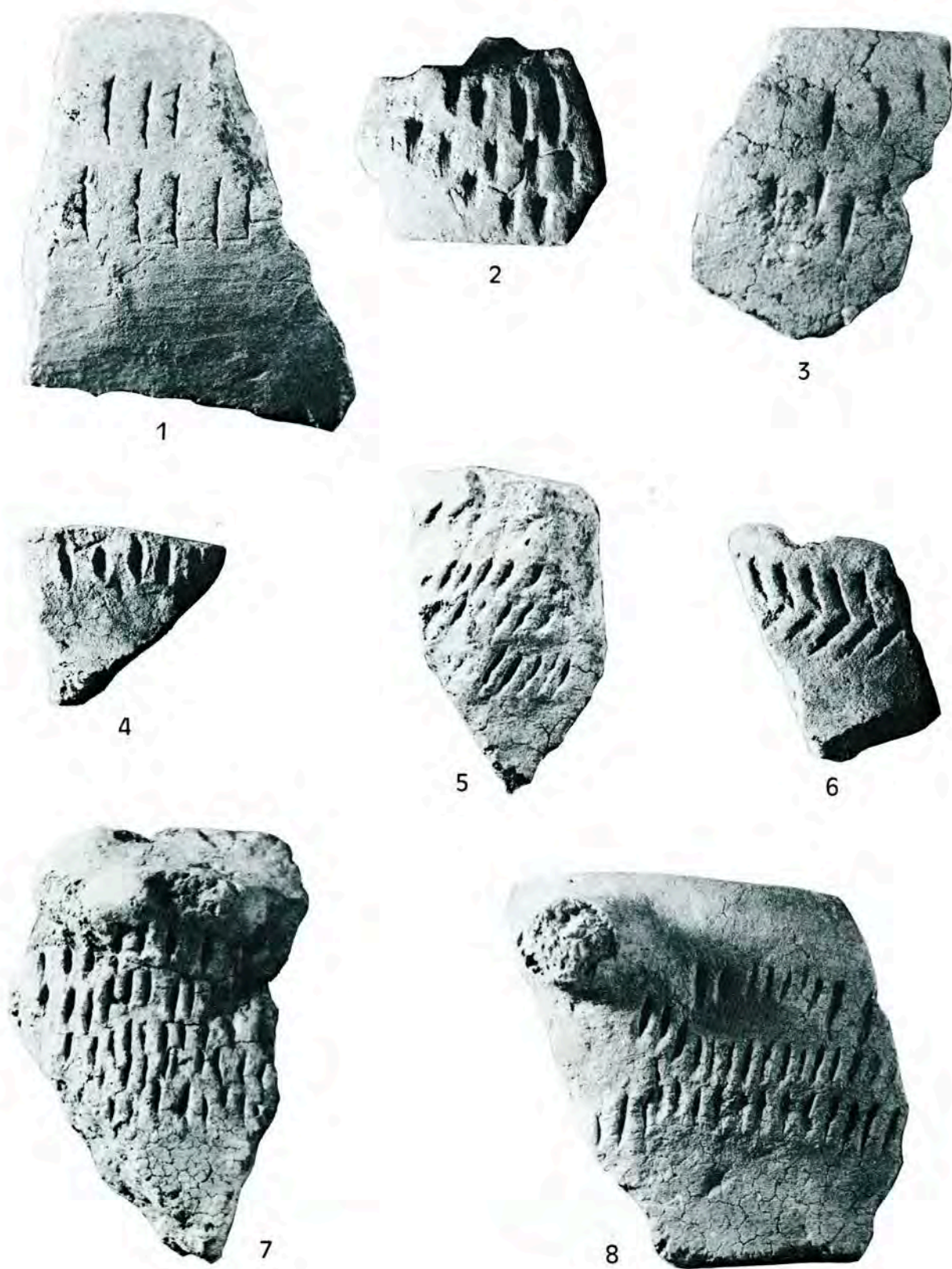


Fig. 65 — Vale Pínel I. Cerâmica com decoração impressa cardial (1), impressa a punção e a cunha (2 a 8) e plástica (7 e 8).



1



2



3



4



5



6

Fig. 66 — Vale Pínel I. Cerâmica com decoração impressa a punção e plástica (cordões horizontais e verticais segmentados).

O segundo grupo, formado pela cerâmica de Vale Vistoso (figs. 76 e 77) e da Salema (figs. 67-75), parece corresponder a um momento evolucionado do nosso Neolítico Antigo.

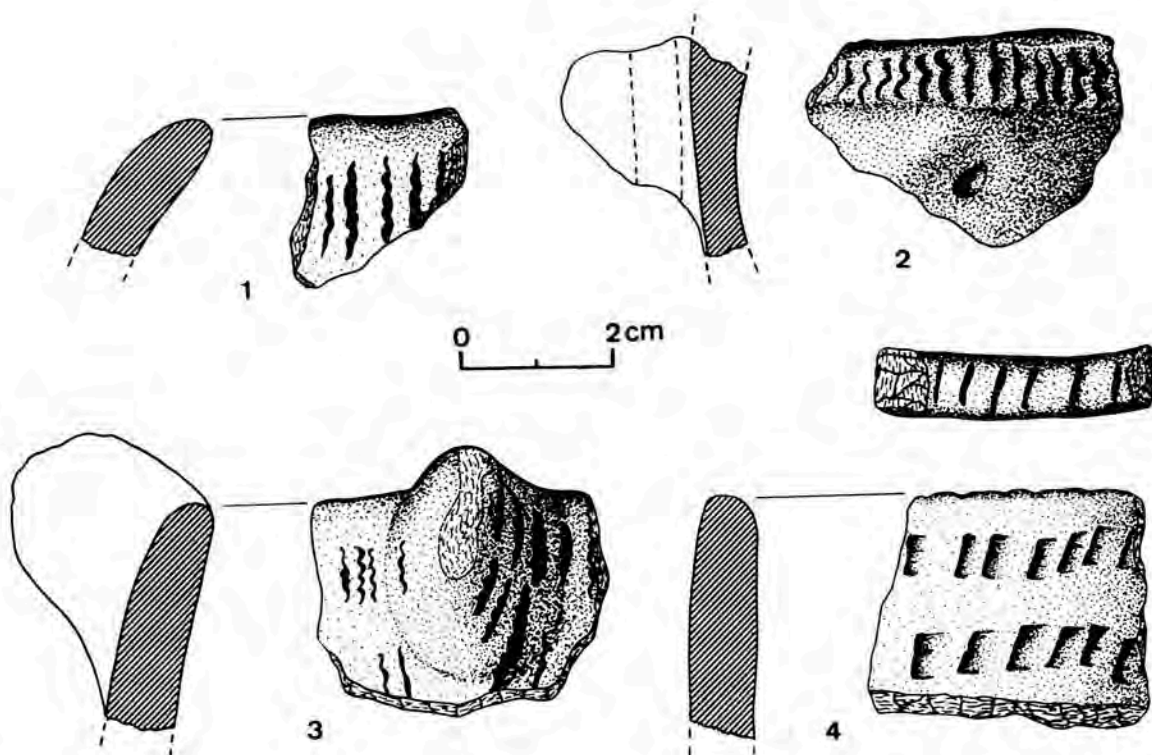
As formas são, como no primeiro grupo, predominantemente da família dos *esféricos altos* e das *taças em calote*, ainda que se note uma tendência para a ocorrência de variantes resultantes de espessamentos e de inflexões do bordo inexistentes ou muito raras em Vale Pínel I.

A decoração, impressa, plástica e incisa, é agora nitidamente mais rica e variada: maior distribuição pelo corpo do vaso; impressões denotando o uso de grande variedade de matrizes, sendo comuns os UU, as cunhas e os quadrados (presentes — na Salema — mas também raras, as cardiais); decoração incisa muito abundante e constituída quer por um sulco horizontal situado junto ao bordo de *taças em calote* e de *esféricos* de pequenas dimensões (a decoração mais frequente na Salema) quer por traços horizontais, verticais, oblíquos e em ziguezague associados entre si e formando motivos com-

plexos; presença (notada na Salema) de decoração «penteada» (estrias verticais e próximas) e de bordos denteados. A decoração plástica continua a apresentar mamilos e cordões. Surgem mamilos perfurados e asinhas. Um *esférico alto* — «saco» — de grandes dimensões (fig. 68, n.º 7), encontrado na Salema, e decorado por impressões obtidas através de uma matriz de extremidade bífida que produziu pequenas folhas compostas de orientação vertical e horizontal e agrupadas em metopas, possui largos furos de suspensão verticais e cilíndricos que atravessam grandes mamilos localizados sobre o bordo.

Em Vale Vistoso e na Salema as pastas são em geral compactas.

Fig. 67 — Salema: cerâmica com decoração impressa cardial. O exemplar n.º 4 apresenta o bordo denteado.



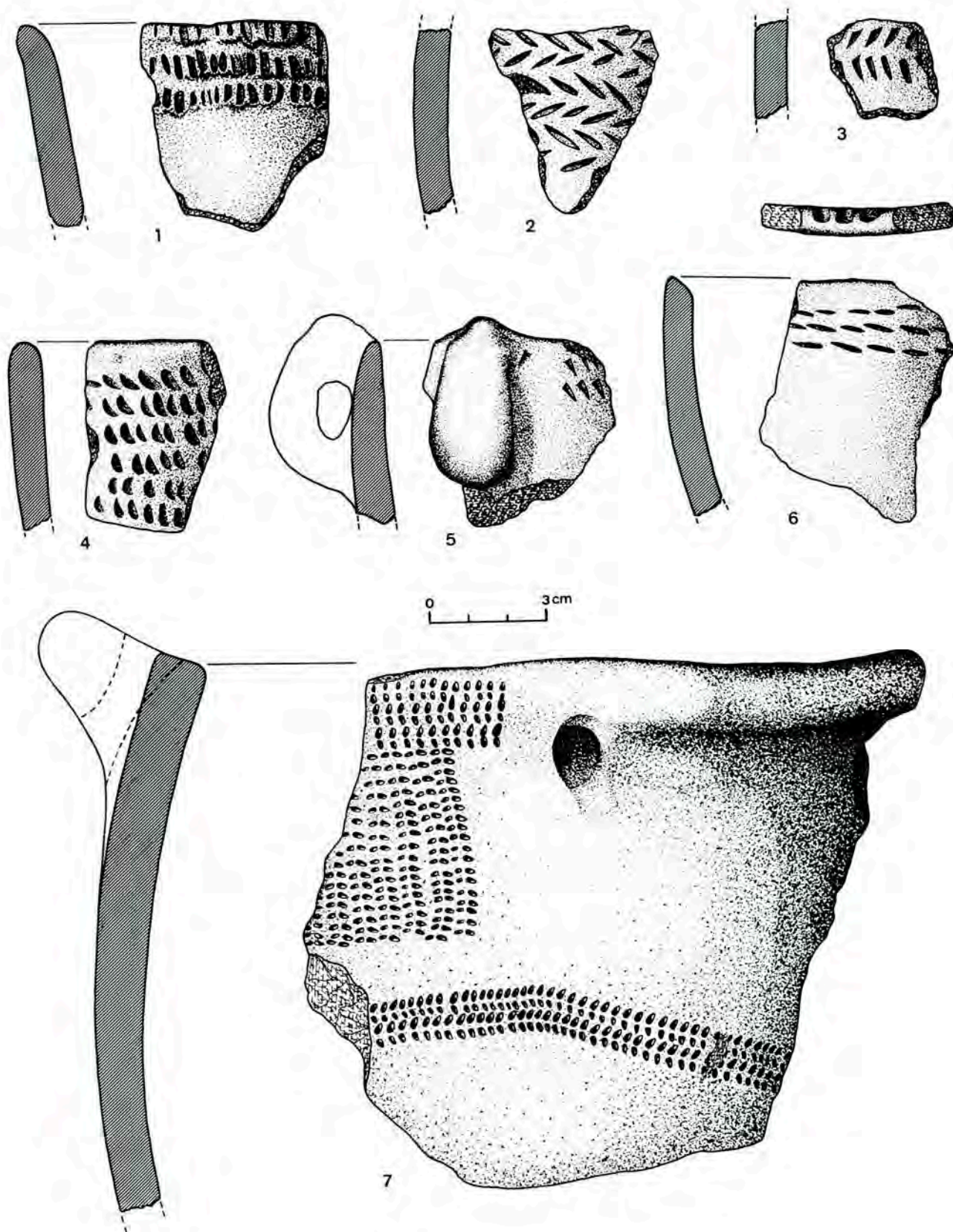


Fig. 68 — Salema: cerâmica com decoração impressa.



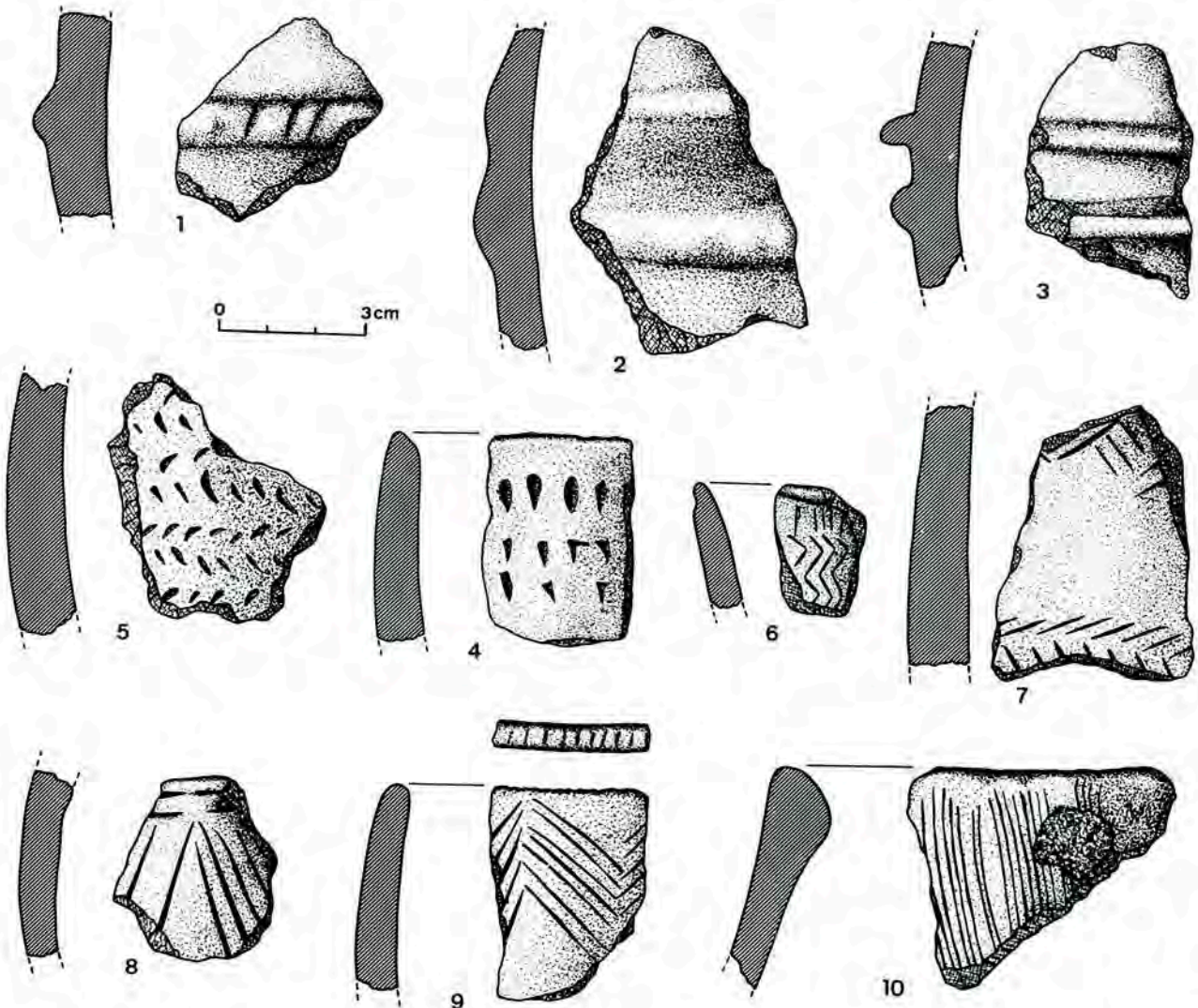
Fig. 69 — Salema: cerâmica com decoração impressa (n.ºs 1-9) e incisa (n.ºs 9-13).

OBJECTOS DE ADORNO

Há a assinalar especialmente o aparecimento, na Salema, do fragmento de um bracelete em pedra (rocha eruptiva) polida, de secção transversal bi-convexa a tender para plano-convexa (fig. 78).

Os braceletes em pedra têm surgido em contextos cardiais (Sul da França e Levante espanhol) e do Neolítico antigo evolucionado e médio francês e espanhol (Andaluzia Oriental). Em Portugal regista-se pela primeira vez o achado deste tipo de bracelete que parece poder fixar-se no Neolítico Antigo Evolucionado.

Fig. 70 — Salema: cerâmica com decoração plástica (n.ºs 1-3), incisa (n.ºs 4-9) e penteada (n.º 10).

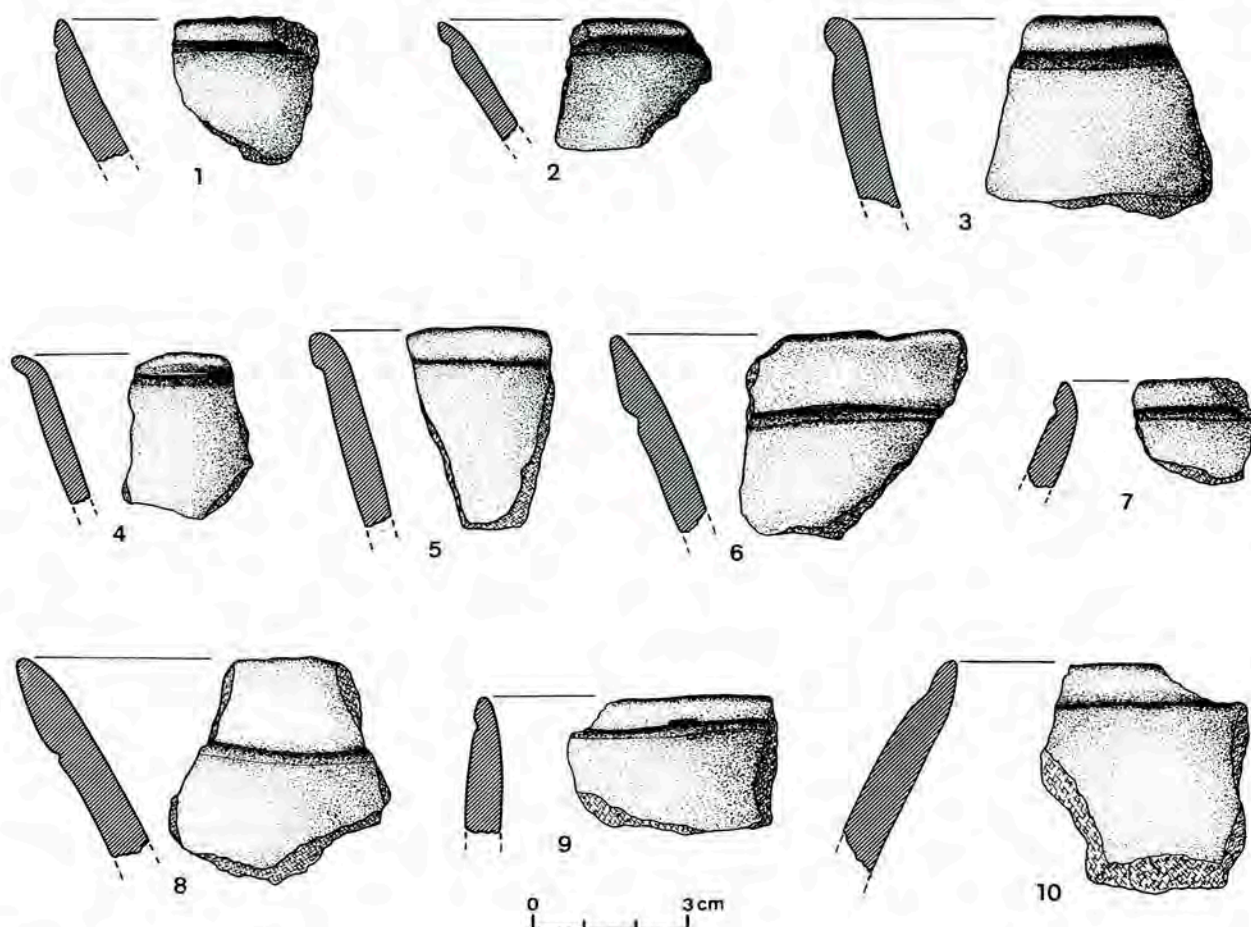


A implantação de Vale Pincel I e de Vale Visoso junto da falésia litoral, nas proximidades de praias e em terrenos arenosos pouco férteis, parece estar de acordo, por um lado, com uma intensa actividade de exploração dos recursos marinhos e, por outro, com uma incipiente prática agrícola dotada de fracos meios tecnológicos. Com efeito, na encosta Sul dos Chãos de Sines, onde foi possível observar uma sucessão de ocupações processadas desde o Mesolítico, verifica-se que no Neolítico final/Calcolítico inicial (Vale Pincel II) e no Calcolítico pleno (Monte Novo) as populações se afastam da linha de costa, integrando-se em zonas de terrenos argilosos e férteis, difíceis de agricultar.

Nos nossos povoados do Neolítico não se conservaram, como atrás dissemos, restos de fauna e de flora. Para uma tentativa de reconstituição, pálida embora, da vida económica que neles se desenrolou, dispomos somente da utensilagem lítica, com todas as reservas que a classificação funcional de tipos morfológicos nos deve merecer.

Em Vale Pincel I, povoado que consideramos de uma fase plena do Neolítico Antigo, a análise daquele espólio, reforçada pelo enquadramento geográfico do povoado, conduz-nos a considerar uma larga franja para as actividades depredadoras e, ainda, a aceitar uma prática agrícola muito incipiente (elementos de foice sobre lamelas, apenas um machado de pedra polida e um fragmento de mó manual).

Fig. 71 — Salema: cerâmica incisa — sulco abaixo do bordo.





1



2



4



3



5



6



7



8



9

Fig. 72 — Salema: cerâmica com decoração impressa cardial (n.ºs 1-4) e não cardial (n.ºs 5-9).



Fig. 73 — Salema: cerâmica com decoração impressa não cardial.

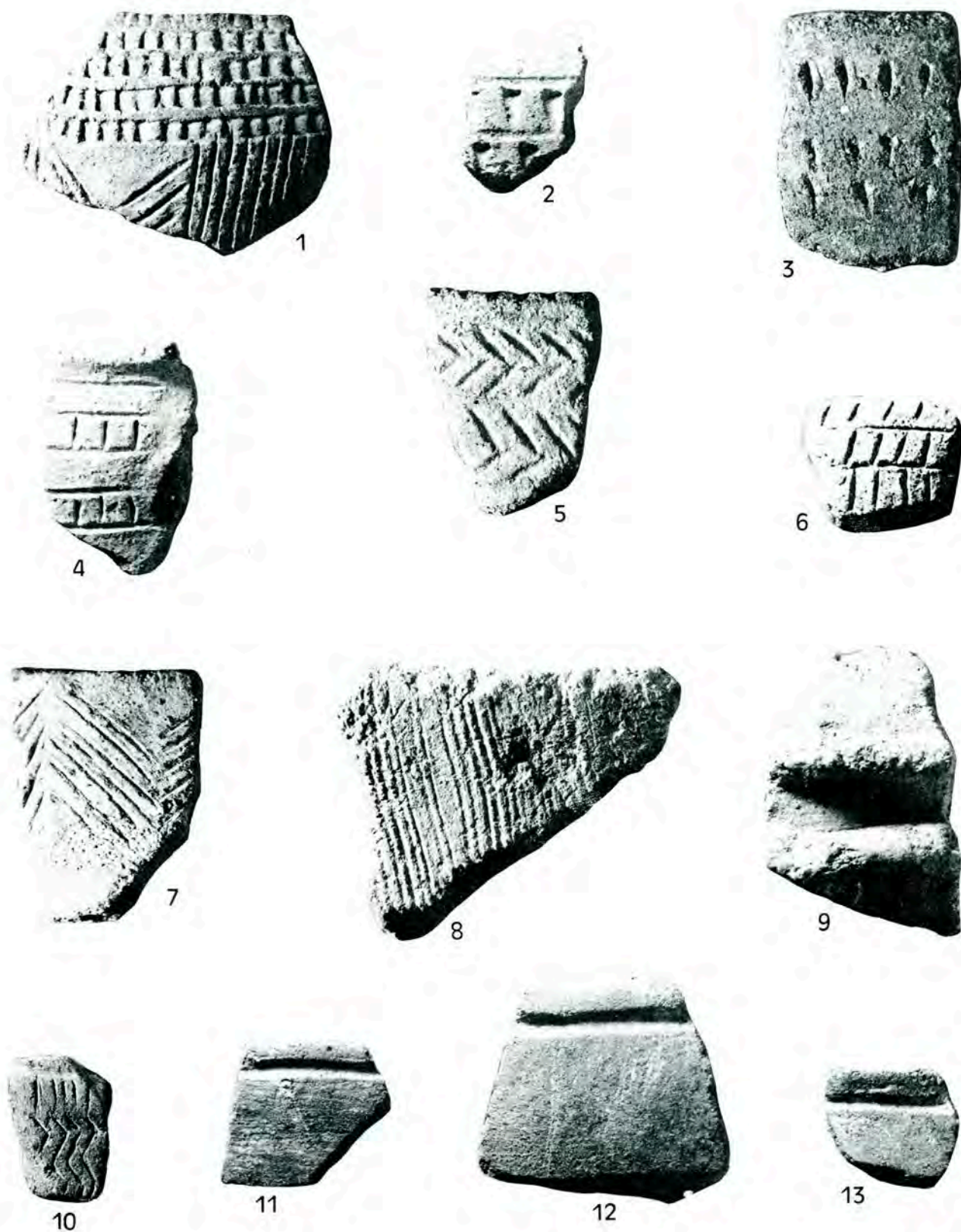
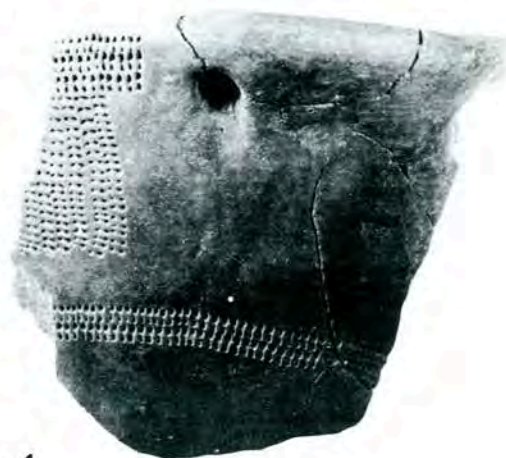
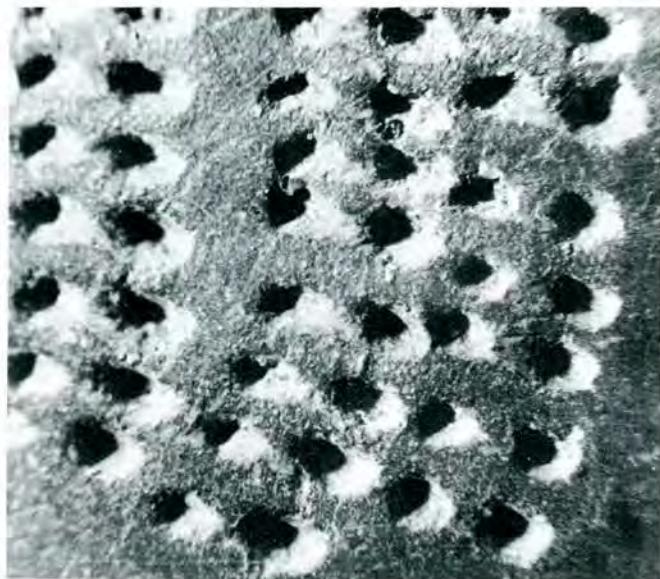


Fig. 74 — Salema: cerâmica com decoração impressa, incisa, penteada (n.º 8) e plástica (n.º 9).



1



2



3



Fig. 75 — Técnicas de decoração impressa comuns na Salema.

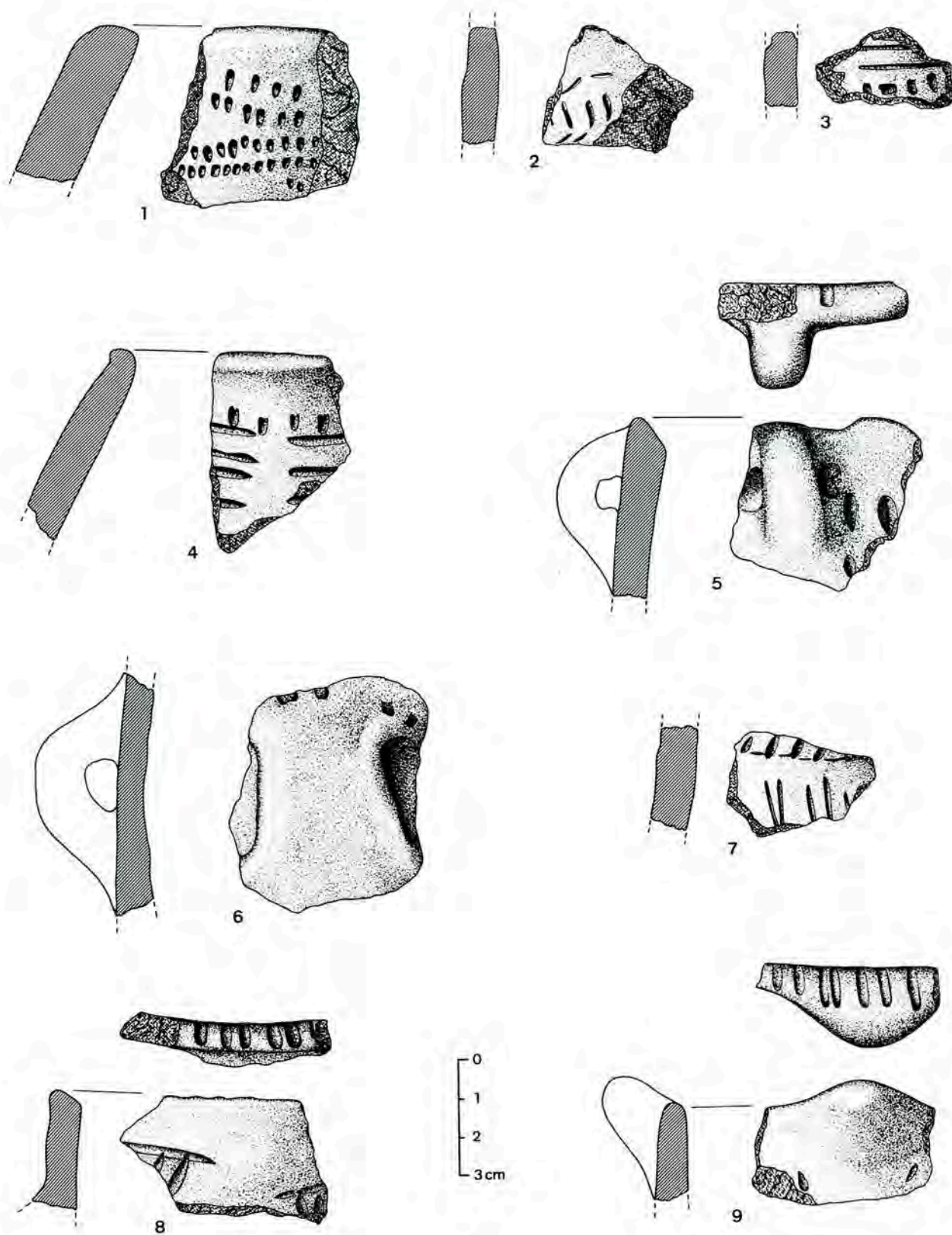


Fig. 76 — Vale Vistoso: cerâmica com decoração impressa, incisa e plástica.

Um outro povoado (Salema) estabeleceu-se a alguns quilómetros da costa e na proximidade de terrenos mais férteis; a sua indústria lítica não apresenta utensílios especializados dirigidos, pelo menos aparentemente, para actividades depredadoras. A pedra polida encontra-se melhor representada (enxós totalmente polidas) que em Vale Pincel I; de salientar também o maior número de mós manuais.

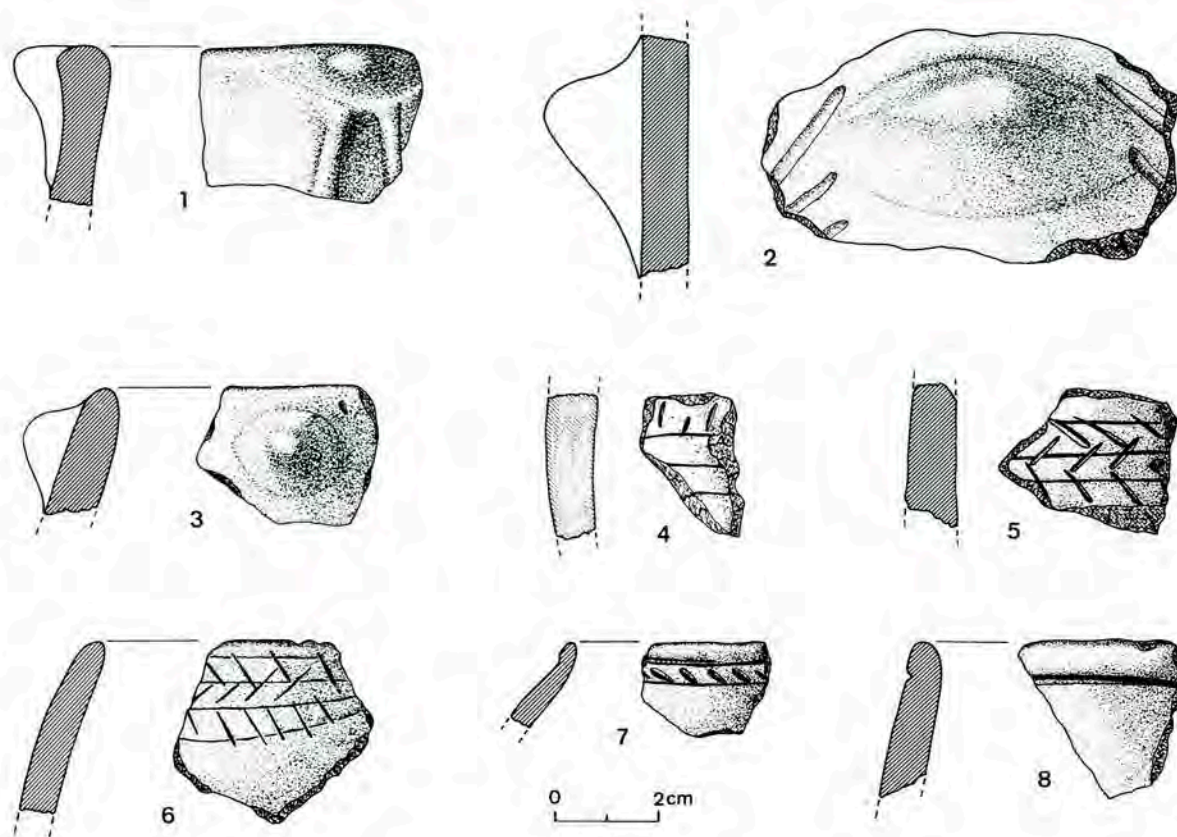
No que respeita ao desenvolvimento agrícola, temos pois duas categorias de povoados que podem não revestir um carácter cronológico (4) mas derivar de outros factores: cultura e ecologia. Porém, no presente caso parecem coincidir com duas fases distintas do Neolítico da Área de Sines: respectivamente, Neolítico Antigo e Neolítico Antigo Evolucionado.

No actual estado das investigações podemos apresentar apenas alguns dados soltos relativos à estrutura social, baseados sobretudo no estudo da implantação dos povoados e das suas estruturas de *habitat*.

É evidente, e comum a todos os povoados desta fase, a procura de áreas planas e extensas, sem quaisquer condições naturais (e artificiais) de defesa, facto que aponta para uma situação de estabilidade social, sendo a guerra um fenómeno inexistente.

(*) Há cerca de trinta anos era possível isolar, no litoral a Sul de Sines, famílias de pescadores-marisqueiros. Muito pobres, viviam exclusivamente da recollecção e da pesca e trocavam os produtos recolhidos por produtos agrícolas e por pão fornecidos por agricultores que habitavam «montes» de alvenaria, a poucos quilómetros, para o interior. Na praia da Oliveirinha, sobre as dunas, observámos ainda algumas cabanas de colmo pertencentes à família dos Cadeireiros, talvez os últimos descendentes daqueles outros pescadores-marisqueiros.

Fig. 77 — Vale Vistoso: cerâmica com decoração incisa e plástica.



Admitindo, como hipótese de trabalho, que pelo menos alguns conjuntos de estruturas de *habitat* de Vale Píncel I observados em perfil, nos taludes da via rápida (fig. 25), seriam contemporâneos ⁽⁵⁾, parece-nos legítimo pensar que a comunidade se dividia em pequenos grupos a que correspondiam unidades habitacionais («fundo de cabana» e estruturas anexas) bem isoladas no espaço e cuja dimensão máxima observada é frequentemente superior a 10 metros. Não se notam diferenças apreciáveis, quanto às dimensões e forma, entre essas unidades habitacionais que indiquem a existência de diferenciações sociais. A ausência destas, pode, de certo modo, ser corroborada pelo fraco desenvolvimento das forças produtivas (que não permitiria senão a produção de escassos excedentes) patente através dos instrumentos de trabalho conservados. A uniformidade das unidades habitacionais impõe-se como uma característica dominante. Cada uma delas é constituída por uma vasta e pouco profunda cavidade aberta nas areias («fundo de cabana»), com estruturas de combustão no interior e no exterior.

No povoado da Salema pusemos a descoberto estruturas de *habitat* mais elaboradas que as de Vale Píncel I e pertencentes a dois tipos («empedrados» com vestígios de acção do fogo e estruturas em barro cozido «abobadadas» — «silos») normalmente associados entre si e integrando, possivelmente, unidades habitacionais, uniformes e repetitivas como em Vale Píncel I. Também na Salema estão, pois, ausentes testemunhos arqueológicos de diferenciação social.

A organização económico-social das populações do Neolítico Antigo e Antigo Evolucionado da Área de Sines talvez se aproximasse da de algumas comunidades actuais de *economia agrícola simples* referidas por Jorge Dias (1965-66) e cujas características mais relevantes são a escassez de excedentes, em resultado de uma produção muito baixa fundamentada na pesca, na caça e na recollecção (a agricultura ocupa um lugar francamente secundário), a baixa densidade demográfica, a cooperação a todos os níveis, a propriedade colectiva da terra e a ausência de diferenças de fortuna e de *status* social; como se verifica entre os Carajás, cada aldeia representa uma unidade social independente, com um chefe sem poder coercitivo que se limita a manter a paz e a dirigir certos trabalhos ou movimentos colectivos que estão na tradição e na vontade de todos (Dias, 1965-66).

⁽⁵⁾ A coexistência de pelo menos uma parte das habitações é sugerida pelas observações estratigráficas, pela homogeneidade do espólio recolhido nas estruturas, ao longo dos taludes da via rápida, e pela uniformidade morfológica dos conjuntos habitacionais.

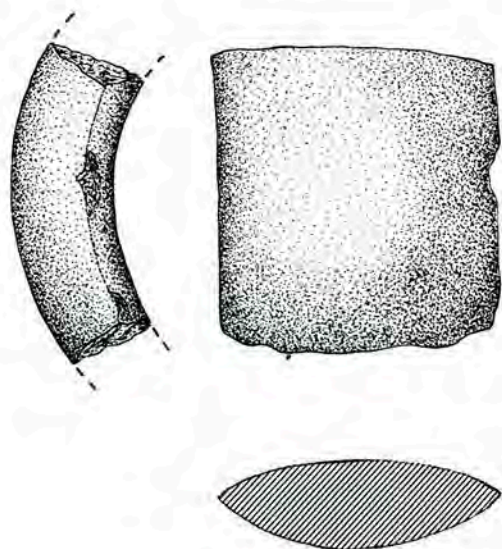


Fig. 78 — Braclete em rocha magmática, polida, exumado na Salema (tamanho natural).

INTEGRAÇÃO CULTURAL E CRONOLÓGICA

A inexistência de datações absolutas para as jazidas correspondentes às primeiras comunidades neolíticas da Área de Sines determina o estabelecimento de uma cronologia de largos parâmetros, da segunda metade do V milénio e início do IV, baseada na tipologia do espólio e nas escassas datações absolutas existentes para a Península Ibérica.

O Neolítico Antigo de Sines, representado especialmente pela base da camada de ocupação de Vale Pínel I (C. 2d/3) não pode ser integrado no ciclo cardial franco-ibérico pois a cerâmica cardial constitui uma rara presença, o que aliás se verifica em relação ao resto do país, revelando apenas uma ténue influência daquela área estilística. Em contrapartida domina a cerâmica impressa a punção quase sempre actuado obliquamente; a forma principal é o *esférico alto* — «saco». A indústria lítica, essencialmente lamelar, denota, por um lado, sobrevivências de carácter mesolítico e apresenta, por outro, novos tipos: elementos de foice. A técnica do polimento está presente: machado picotado, polido somente no gume e de secção transversal oval.

O povoado da Salema parece integrar-se em uma fase avançada do Neolítico Antigo da Área de Sines—Neolítico Antigo Evolucionado—caracterizada por cerâmica impressa com grande variedade de matrizes, por rara cerâmica cardial e por abundante cerâmica incisa. A indústria lítica, de lascas, ainda é mais pobre em utensílios especializados que a de Vale Pínel I e assemelha-se à das jazidas da Andaluzia Oriental. Não se evidenciam tradições mesolíticas. A técnica do polimento é mais aperfeiçoada (presença de enxós completamente polidas) e as mós manuais, mais abundantes.

São flagrantes os paralelos existentes entre a cerâmica dos povoados de Sines e a das regiões de Orão e da Andaluzia Oriental.

Em Orão foi identificado um Neolítico Antigo de cerâmica impressa com total ausência de cardial, datado, no Cimetière des Escargots, de 4.730 a.C. (Camps, 1974).

Na Andaluzia, o número de jazidas que forneceram cerâmica cardial é baixo e, nas poucas em que ocorre, surge numa fraca percentagem, à excepção da Cueva de Carigüela de Piñar onde está bem representada. Nesta última, verificou-se que nos estratos XVI e XV da área G predominava a decoração impressa, especialmente a cardial, que aparecia associada a decoração plástica e a escassa incisa. Nos estratos superiores, a cerâmica impressa reduzia-se consideravelmente, desaparecendo a cerâmica com impressões de concha a partir do estrato XI. Os cordões, em situação dominante nos estratos XIV e XIII, reduziam-se também nos níveis superiores. No estrato XII a decoração incisa aumentava notoriamente, sendo predominante até ao estrato V.

A estratigrafia de Carigüela pode levar-nos a considerar a cerâmica cardial como a mais antiga numa região onde, como atrás se disse, tem pouco significado quantitativo, e a pensar que a partir desse fundo cardial se teria processado um desenvolvimento subsequente de feição epicardial. Porém, outra interpretação dos dados se nos afigura possível. Pomos a hipótese de no Sul de Espanha (tal como na região de Sines) a corrente cardial ter sido, pelo menos parcialmente, sincrónica de

uma outra formada por cerâmica impressa não cardial, mais relevante e principal responsável pelo desenvolvimento do Neolítico Antigo desta área. Bastante significativa é a amostra de datações C14 obtida para os estratos mais profundos (V e IV) com cerâmica impressa sem cardial da Cueva de los Murcielagos, em Zuheros (Vicent Zaragoza e A.M. Muñoz Amilibia, 1973): 4300, 4030, 4010, 4200, 4240, 4075, 4150 e 4220 a.C.

O nosso grupo cerâmico que caracteriza o que designamos por Neolítico Antigo Evolucionado (Salema) é o que revela afinidades mais evidentes com a cerâmica de Zuheros. No território hoje português ele está bem representado especialmente no nível 2 do Abrigo 1 das Bocas (Gonçalves, V. S., 1977) e no Cabeço do Pez (Santos, F. dos, J. Soares e C. Tavares da Silva, 1974). Nesta última jazida, a cerâmica impressa (até agora sem cardial) integra um contexto do Mesolítico final com abundantes crescentes cuja cronologia, considerando as

datações absolutas obtidas para os concheiros de Muge, dificilmente poderá ser recuada para além dos finais do V-inícios do IV milénio. Por fim, e à semelhança do que se observa no Sul de Espanha, o mesmo grupo apresentaria, em algumas jazidas portuguesas, grande longevidade. Assim, por exemplo, na Caramujeira (Lagoa) foi encontrada uma taça carenada (forma que, nesta estação algarvia, deve integrar o horizonte dos finais do Neolítico) que possui decoração formada por impressões sub-triangulares (Gomes e Monteiro, 1978).

IV

CONSTRUTORES DE MEGÁLITOS

Descobrir relações entre as populações que durante o Neolítico Antigo ou Antigo Evolucionado viveram no litoral e fabricaram cerâmica impressa e os construtores de megálitos, tem sido uma das preocupações mais insistentemente sentidas pelos que, nos últimos anos, se têm dedicado ao estudo do Neolítico em Portugal.

A zona Norte da Área de Sines, localizada a poucos quilómetros de Melides, pode vir a revelar-se de grande importância para uma possível dilucidação desse problema. Aí se localiza o povoado da Salema, do Neolítico com cerâmica impressa, e, precisamente em frente deste, do outro lado do vale da ribeira da Cascalheira, foi descoberto e escavado o dolmen da Palhota, o único monumento megalítico até agora estudado pelo G. T. A. do G. A. S.

Não obstante a proximidade das duas jazidas, as tentativas para encontrar relações entre os habitantes de uma e os construtores da outra mostraram-se infrutíferas. Embora o dolmen da Palhota se possa integrar numa fase média do megalitismo do Sul do País, parece não ter nada a ver com o referido povoado. Este facto incita-nos a prospectar intensamente a região no sentido de descobrir um ou mais monumentos pertencentes a fases anteriores e, conseqüentemente, contribuir para o esclarecimento da questão posta pela dicotomia, talvez mais aparente que real, Neolítico com cerâmica impressa-Neolítico megalítico ⁽⁶⁾.

⁽⁶⁾ Em 1978 (fora, portanto, do período de investigação a que o presente trabalho diz respeito, e quando o original estava prestes a entrar no prelo) identificámos a cerca de 400 metros para Este do povoado da Salema, nas proximidades do Monte do Marco Branco, uma cista megalítica de planta sub-rectangular, orientada aproximadamente E.-W., formada por esteios grossos e estreitos de calcário e xisto grauváquico, e conservando ainda os restos de uma cintura tumular constituída por blocos de xisto e calcário. A escavação, ainda em curso, permitiu recolher, na área do *tumulus*, 1 geométrico trapezoidal em sílex.

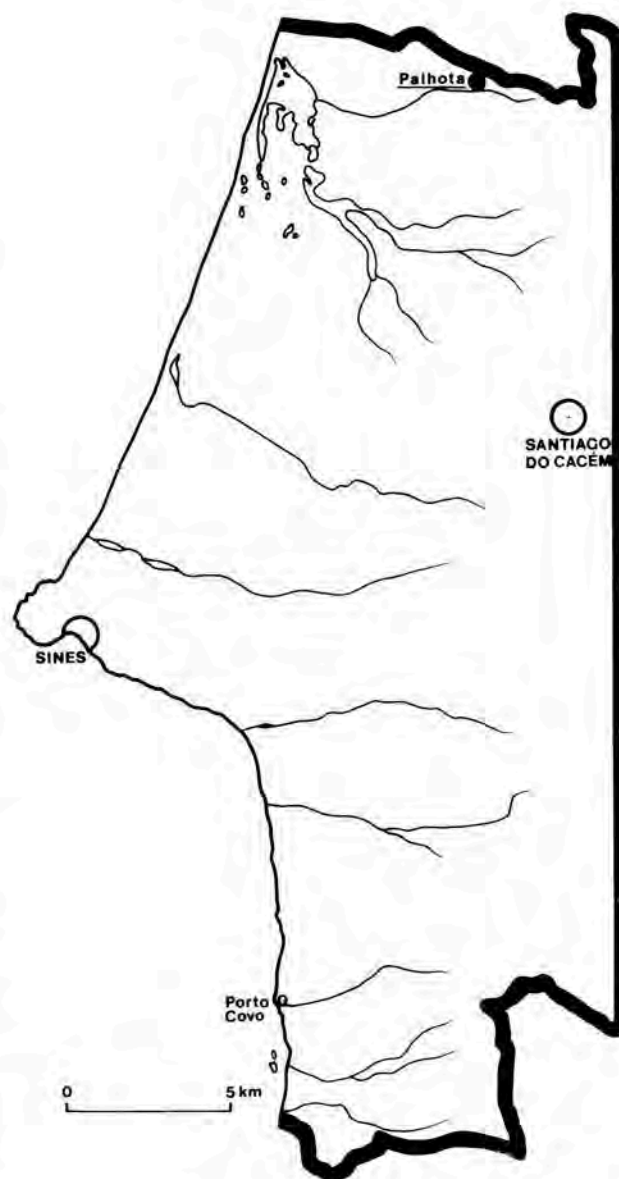


Fig. 79 — Localização, na Área de Sines, do monumento megalítico da Palhota.

O dolmen da Palhota situa-se a cerca de 6 km. do litoral, nos arredores de Melides (embora faça parte do concelho de Santiago do Cacém, freguesia de S. Francisco da Serra). Ocupa uma zona sensivelmente plana que forma um pequeno esporão na margem direita da ribeira da Cascalheira (fig. 80). Do fundo do vale, por onde corre este importante curso de água, à parte superior do esporão onde foi construído o monumento há uma diferença de nível de cerca de 50 metros. No local cresce o sobreiro (*Quercus Suber*) e, nas proximidades, desenvolve-se o pinheiro manso (*Pinus Pinea*).

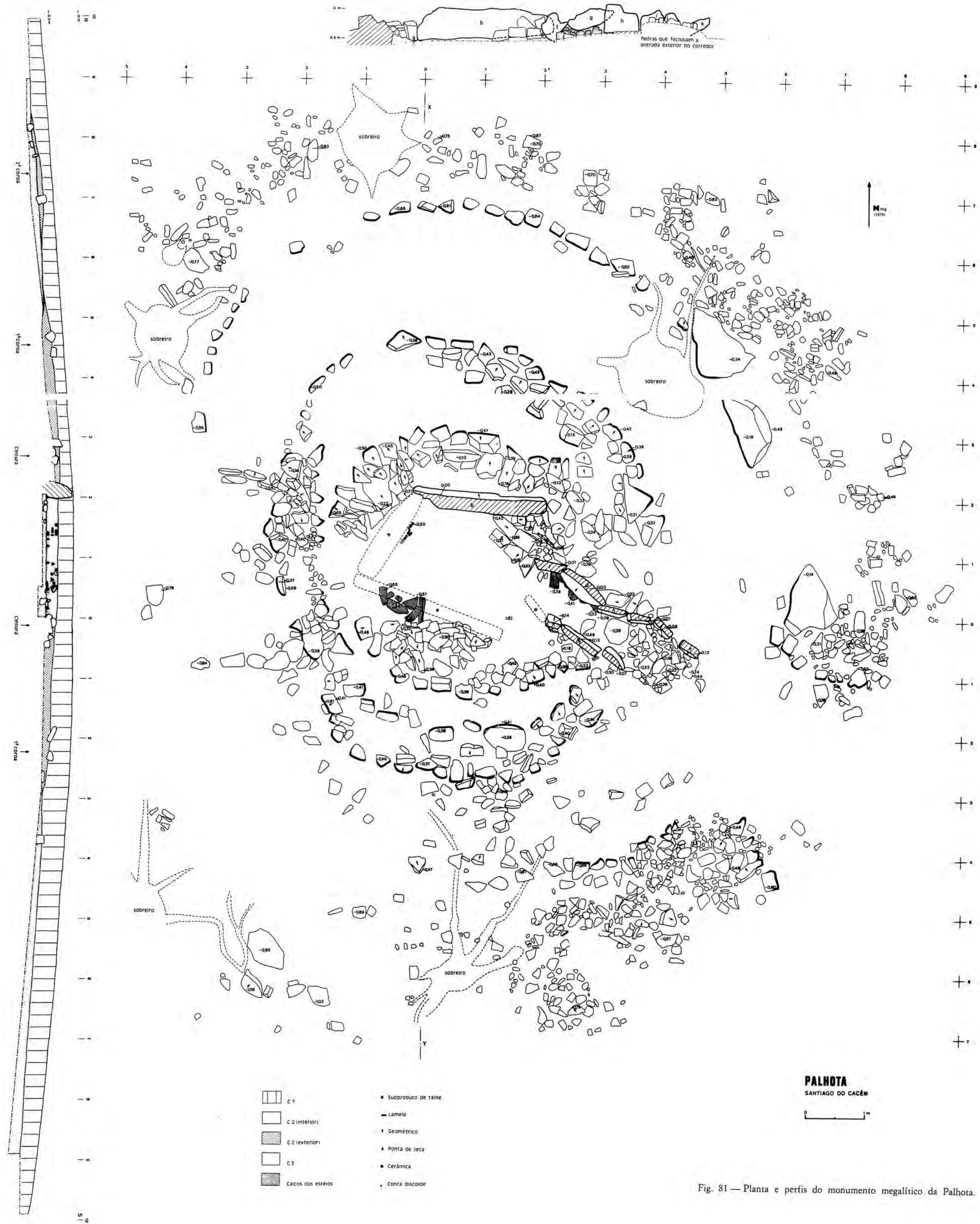
A escavação, efectuada em «extensão», pôs a descoberto não apenas as estruturas da sepultura megalítica propriamente dita mas também o que restava do *tumulus* que a envolvia.

O dolmen da Palhota possui uma câmara rectangular/trapezoidal e um corredor estreito e bem diferenciado; este conjunto é rodeado por um *tumulus* constituído por uma cintura de grandes blocos de calcário apoiados aos esteios da câmara e de parte do corredor e por duas coroas, de blocos, subcirculares e concêntricas (fig. 81).

Embora a câmara funerária se encontrasse bastante destruída, faltando-lhe grande parte dos esteios, utilizados recentemente na construção de uma casa das proximidades, foi possível determi-



Fig. 80 — O local onde se situa o monumento megalítico da Palhota, visto do povoado neolítico da Salema. Entre as duas jazidas, o amplo vale da ribeira da Cascalheira.



nar a sua planta pois conservou-se quase toda a cintura tumular que contactava directamente com os esteios e surgiram os calços e as «camas» dos esteios retirados. Concluimos tratar-se de uma câmara de planta sub-rectangular a tender para trapezoidal limitada por dois (?) esteios laterais e por um de cabeceira, e cujas dimensões seriam aproximadamente: compr. 2,20 m.; larg. 2 m.

Junto da entrada da câmara, no seu canto NE., existem blocos de calcário subparalelepipedicos que formam uma estrutura de planta rectangular (1 m. $\times$ 0,50 m.). A face superior destes blocos encontra-se cerca de 0,10 m. acima do chão primitivo e apresenta, em alguns deles, sinais de acção do fogo.

O corredor, de orientação E., 25° S., tem de comprimento 3,20 m. e de largura máxima 0,80 m. Possui, actualmente, nove esteios (faltam-lhe, pelo menos, dois) pouco espessos e estreitos; um é de «grés de Silves» e os restantes são de calcário; alguns deles assentam em calços também de calcário.

A entrada exterior do corredor foi obstruída por blocos de calcário, «grés de Silves» e diorito de dimensões máximas compreendidas entre 0,10 e 0,30 m., ocupando uma área com a largura do corredor e o comprimento de 1,20 m.; atinge presentemente, no seu conjunto, a espessura de 0,30 m. (fig. 82).

Fig. 82 — Zona da entrada exterior do corredor do monumento da Palhota, vendo-se o conjunto de blocos que a fechava.



A partir da entrada exterior, a seguir à zona obstruída, o chão do corredor foi pavimentado por duas lajes de calcário.

O eixo maior da sepultura (do meio da cabeça ao meio da abertura exterior do corredor) mede 5,40 m. e orienta-se segundo a direcção E., 19° S.

A câmara e o corredor seriam cobertos pelo *tumulus*, pequena «colina» artificial, de que restam as seguintes estruturas (figs. 83 e 84):

— Cintura de pedras encostada aos esteios da câmara e a alguns esteios do corredor; formada por lajes e blocos em geral de calcário, de dimensões máximas atingindo 0,70 m., colocados obliquamente e parcialmente sobrepostos; contorno subcircular com raio de cerca de 2,40 m. (a partir do centro da câmara); largura máxima 1,15 m.

— Primeira coroa. Subcircular (raio 3,50-4 m.), formada igualmente por lajes e blocos de calcário (dimensões máximas em geral de 0,25 m., mas chegando a atingir 0,70 m.); nas zonas melhor conservadas tem de largura 0,90-1 m.; é interrompida pelo corredor junto da sua entrada exterior.

— Segunda coroa. Circular (raio de cerca de 7,30 m.); largura máxima 1,50 m.; formada por blocos de calcário, diorito, grés, grauvaque e quartzo de dimensões máximas em geral compreendidas entre 0,15 e 0,40 m.; interrompe-se na zona correspondente à entrada do corredor (que se encontra recuada), apresentando uma abertura cuja largura actual é de 2,30 m.; comportar-se-ia como um anteparo das terras do *tumulus*, delimitando-o exteriormente.

Fig. 83 — Aspecto das estruturas tumulares do monumento da Palhota: A — cintura de pedras em contacto directo com os esteios da câmara funerária; B — primeira coroa; C — segunda coroa.



No espaço situado entre a chamada cintura e a segunda coroa surgiu uma camada de argila avermelhada aí colocada quando da construção do monumento.

Todos os materiais utilizados na construção quer da sepultura propriamente dita quer das estruturas tumulares são comuns na zona da Palhota.

Espólio do interior da sepultura

A C.2 da câmara e do corredor, de areia argilosa avermelhada com uma espessura de 0,15 m., forneceu, além de material antropológico (dentes, fragmentos de calote craneana e pequenos fragmentos de ossos longos) entregue para estudo ao Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, as seguintes peças arqueológicas ⁽⁷⁾:

- 1 ⁽⁸⁾ — Núcleo em sílex.
- 2 e 3 — Subprodutos de talhe em sílex.

4 — Subproduto de talhe em quartzo cristal de rocha.

5 — Raspador em calcedónia.

6 — Lamela com possíveis traços de utilização (sílex).

7 — Lamela com traços de utilização (sílex).

8 — Triângulo isósceles (sílex).

9 — Triângulo escaleno (quartzo leitoso).

10 — Triângulo escaleno (sílex).

11, 12 e 13 — Trapézios simétricos de trunca-
turas muito oblíquas (sílex); o n.º 12 com «en-
coche» na base menor.

14 — Trapézio simétrico curto com «encoche»
na base menor (sílex).

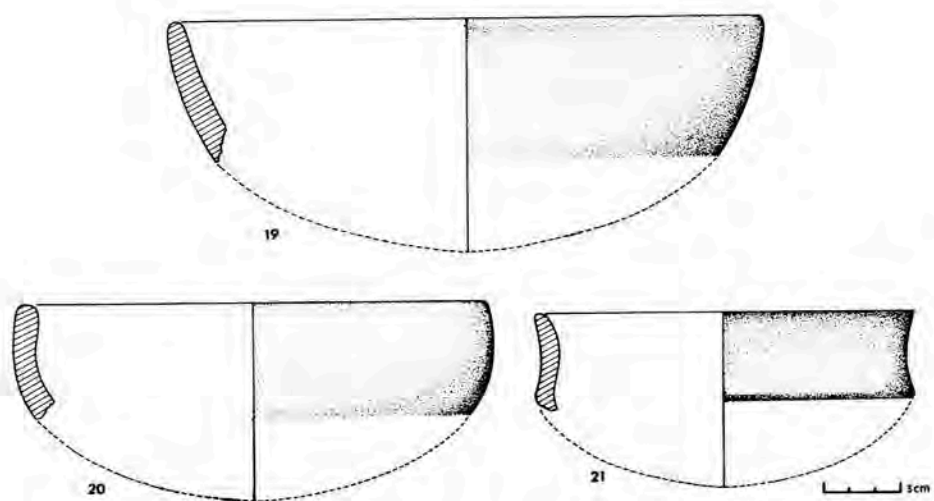
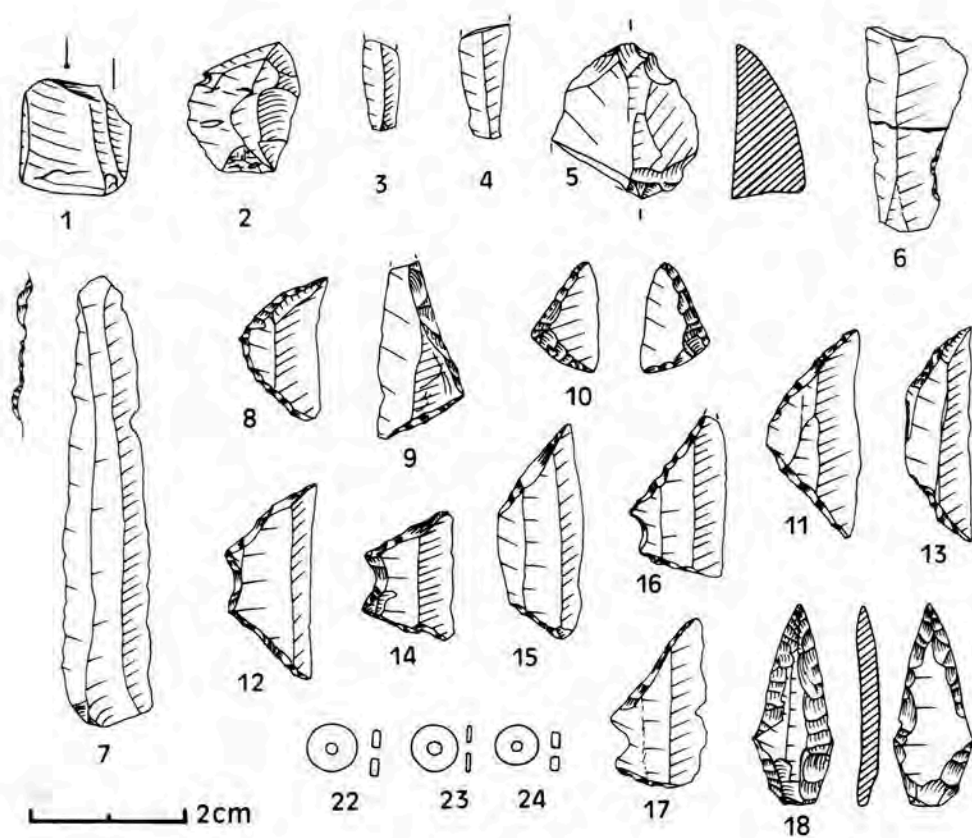
15 — Trapézio assimétrico de grande trunca-
tura curta (sílex).

⁽⁷⁾ Cf. Soares, J. e C. Tavares da Silva, 1976-77 *b*, onde se faz a descrição exhaustiva do espólio da Palhota.

⁽⁸⁾ Os números das peças são os dos respectivos desenhos (fig. 85).

Fig. 84 — Parte da estrutura tumular do monumento da Palhota: A — cintura de pedras; B — primeira coroa.





16 — Trapézio assimétrico com «encoche» na base menor (silex).

17 — Trapézio rectângulo com «encoche» na base menor (silex).

18 — Ponta de seta de base em lingueta e com aletas (silex).

19 e 20 — Taças em calote de esfera (cerâmica).

21 — Taça de carena média (cerâmica).

22, 23 e 24 — Elementos de adorno discóides (xisto).

O espólio distribuía-se por cinco zonas, três na câmara e duas no corredor. O número de tumulações a que corresponde não seria muito superior a cinco.

A escavação do *tumulus* e a crivagem integral das suas terras permitiram recolher abundante espólio lítico e cerâmico. A distribuição destes materiais não se fazia de um modo uniforme. Os abundantes fragmentos, resíduos e subprodutos de talhe, os núcleos e alguns utensílios em silex e rochas duras atingem um número um pouco mais elevado na metade Este (116 exemplares: 59 no sector SE. e 57 no NE.) que na metade Oeste (96 exemplares: 64 no sector NW. e 32 no SW.). Havia, pois, uma notória rarefacção no sector SW.

Não é lícito relacionar a presença de materiais no *tumulus* com a destruição parcial da câmara: a metade do *tumulus* correspondente à parte melhor conservada da sepultura foi a que forneceu maior frequência de espólio.

Ao analisar-se a distribuição da cerâmica (228 fragmentos recolhidos) notam-se diferenças quantitativas mais evidentes entre os sectores. Verifica-se uma grande concentração de fragmentos de cerâmica no sector SE., precisamente o correspondente à zona da entrada do monumento; é também neste sector que os fragmentos atingem maiores dimensões e onde o rolamento é menor.

Há ainda a referir a descoberta *in situ*, entre as pedras da cintura tumular, de um machado de pedra polida, de secção transversal oval e de flancos, bordos e talão picotados, bem como o aparecimento, à superfície do *tumulus*, de uma placa de xisto não decorada e de dois fragmentos de utensílios em cobre/bronze (cinzel e machado plano).

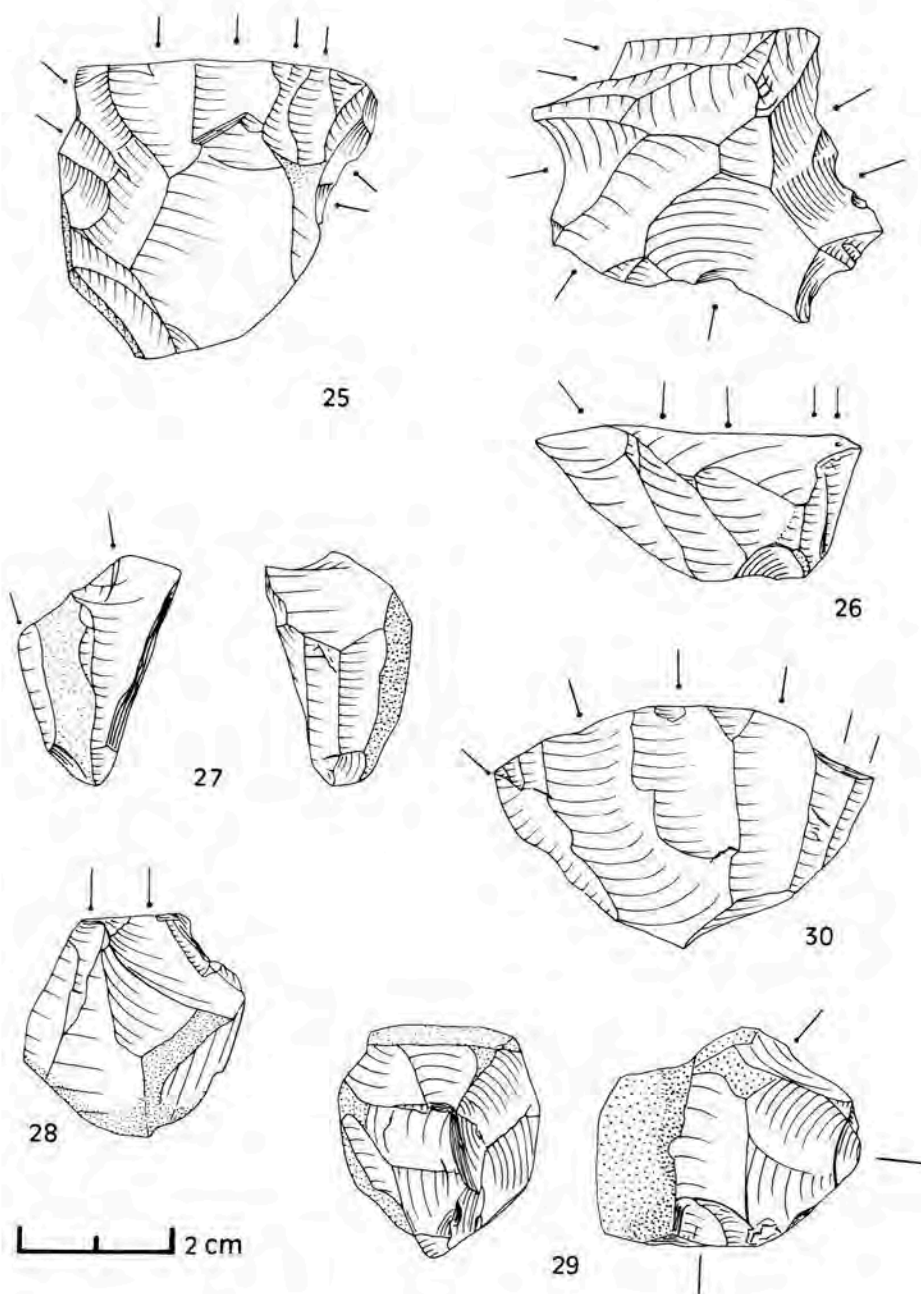
É possível que alguns dos materiais referidos tenham saído da câmara quando da extracção dos esteios que faltam. Outros teriam resultado da reocupação do local por uma população talvez da Idade do Bronze (cinzel e fragmento de machado plano em cobre/bronze). Quanto aos restantes, os quais representam a maioria, diversas hipóteses podem ser consideradas: corresponderem a uma ocupação do local anterior à construção do monumento o que parece pouco provável se atendermos

Fig. 85 — Monumento megalítico da Palhota. Espólio lítico (n.ºs 1-18 e 22-24) e cerâmico (n.ºs 19-21) do interior da câmara e do corredor: 1 — núcleo em silex; 2 a 4 — subprodutos de talhe; 5 — raspador em calcedónia; 6 e 7 — lamelas em silex; 8 a 10 — triângulos em silex e em quartzo leitoso (n.º 9); 11 a 17 — trapézios em silex; 18 — ponta de seta em silex, de base em lingueta; 19 e 20 — taças em calote; 21 — taça de carena média; 22 a 24 — elementos de adorno (contas discóides em xisto).

à cronologia da maior parte do espólio — aparentemente a mesma da utilização do monumento —; terem sido depositados, ritualmente, no *tumulus*; terem sido transportados juntamente com terra trazida do povoado. Destas três hipóteses, pensamos

que a segunda é das mais aceitáveis não só porque o machado de pedra polida se encontrou *in situ*, como também porque os fragmentos de cerâmica se concentravam na zona da entrada do monumento.

Fig. 86 — Monumento megalítico da Palhota. Material lítico da área do *tumulus*: 25, 26 e 30 — núcleos piramidais; 27 e 28 — núcleos unipolares; 29 — núcleo bipolar.



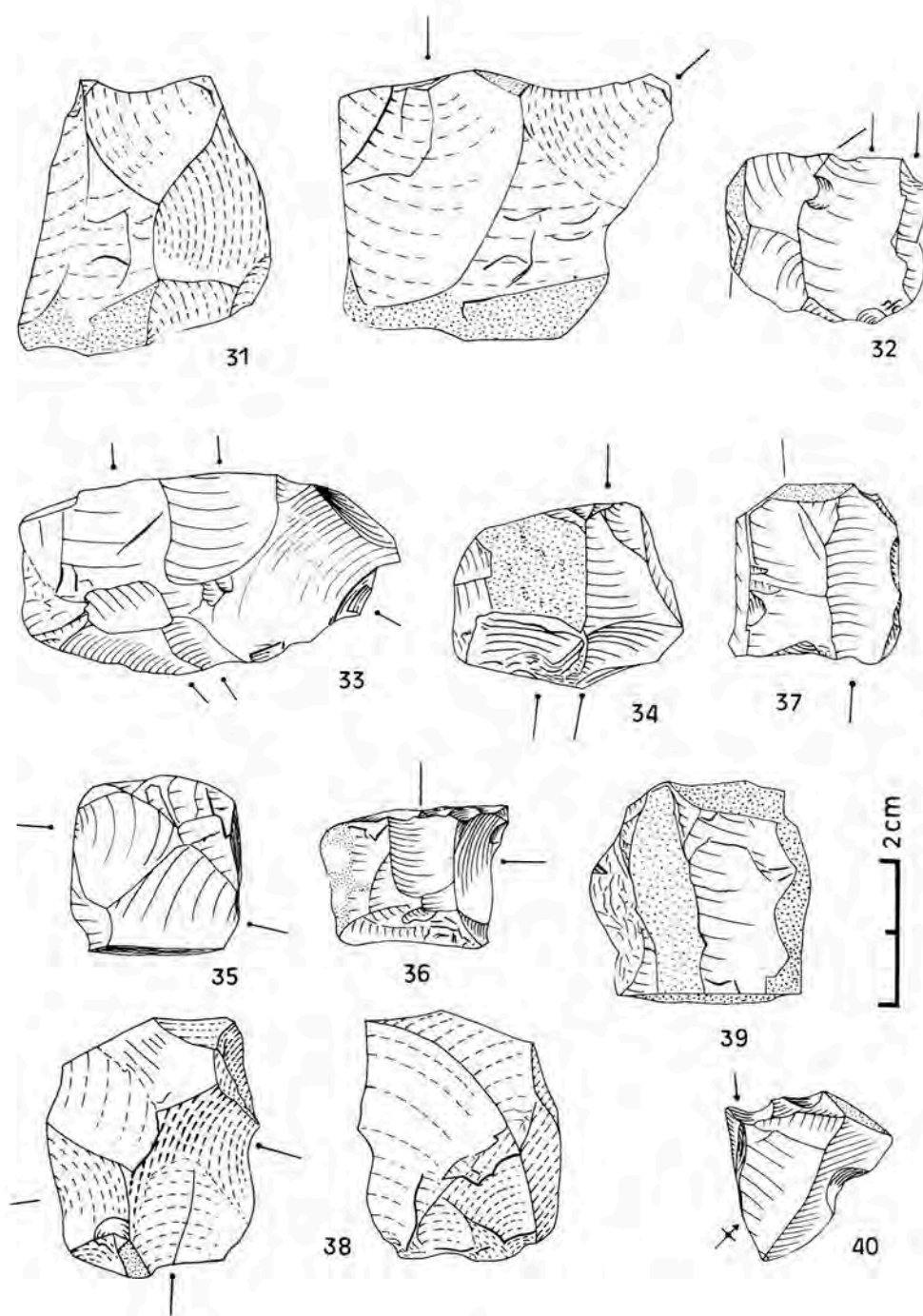


Fig. 87 — Monumento megalítico da Palhota. Material lítico da área do *tumulus*: 31 a 34 — núcleos bipolares; 35 a 38 — núcleos irregulares; 39 — núcleo atípico; 40 — buril simples sobre truncatura.

Muito sumariamente, foi o seguinte o espólio surgido no exterior da sepultura propriamente dita, na área do *tumulus* (figs. 86-90):

- 167 fragmentos, resíduos e subprodutos de talhe irregulares e atípicos em sílex (92 %) e rochas duras (8 %).

- 33 núcleos e 4 fragmentos (flancos), na maioria com negativos de lascas, sendo 28 em sílex, geralmente de má qualidade e de cores claras (castanho-amarelado, acinzentado e avermelhado), 2 em quartzito e os 7 restantes em material de natureza indeterminada. (Figs. 86 e 87).

- 1 buril simples sobre truncatura, associado a um «enchoche» clactonense (sílex).

- 2 lâminas com traços de utilização («facas») em sílex.

- 3 denticulados sobre lasca (2 em sílex e 1 em calcário dolomítico).

- 1 truncatura ou fragmento de geométrico (sílex).

- 1 flecha transversal trapezoidal com truncatura de retoque semiabrupto e de «duplo bisel» (sílex).

- 1 machado de pedra polida de secção transversal oval, com o polimento limitado ao gume e a uma pequena zona do talão (flancos, bordos e talão picotados); gume com vestígios de utilização (fig. 88, n.º 48).

- 228 fragmentos de cerâmica que permitiram a reconstituição gráfica de 16 exemplares distribuídos pelas seguintes formas gerais de recipientes: *taça em calote* (8 exemplares), *esférico*, em geral com o bordo ligeiramente inclinado para o interior (5 exs.), *globular* (1 ex.), *taça de carena média* (1 ex.) e *taça de carena muito alta* (1 ex.). A maior parte dos bordos não possui espessamento e o lábio é geralmente convexo. Só um fragmento se apresentou decorado: decoração plástica formada por um pequeno mamilo hemisférico situado abaixo do bordo. Um outro apresenta um mamilo espal-

mado que deve ser considerado um elemento de preensão. Tratamento das superfícies em geral pouco apurado. Pasta predominantemente compacta e pouco grosseira (elementos não plásticos de quartzo raramente superiores a 1 mm.); a mica está quase ausente. A cor (normalmente castanho-amarelada média nas superfícies e com uma zona acinzentada ou negra na fractura) revela uma cozedura efectuada quase sempre em ambiente redutor com fase de arrefecimento oxidante.

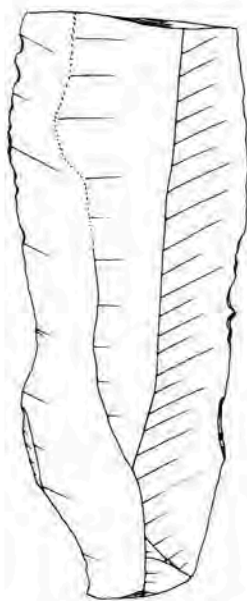
Exceptuando os n.ºs 63, 64 e 67 (figs. 89 e 90) que podemos atribuir à Idade do Bronze, os restantes recipientes formam um conjunto que nos parece muito homogéneo, integrável em uma fase avançada do megalitismo do Sul do País e cujos paralelos mais próximos podem ser encontrados nos espólios cerâmicos do Neolítico superior das grutas naturais e artificiais e dólmenes da Estremadura.

- 1 cinzel em cobre/bronze fragmentado (fig. 90, n.º 68).

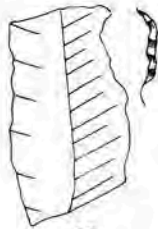
- 1 machado (?) plano em cobre/bronze (fragmento do talão — fig. 90, n.º 69).

- 1 placa de xisto de contorno trapezoidal, não perfurada e sem decoração (pode ser considerada um objecto de carácter religioso afim, por um lado, das placas de xisto gravadas e, por outro, de placas lisas da cultura de Almeria) (fig. 90, n.º 70).

Fig. 88 — Monumento megalítico da Palhota. Material lítico da área do *tumulus*: 41 e 42 — lâminas com traços de utilização; 43 a 45 — denticulados sobre lasca; 46 — truncatura ou fragmento de geométrico; 47 — flecha transversal cortante; 48 — machado de pedra polida.



41



42



43



44



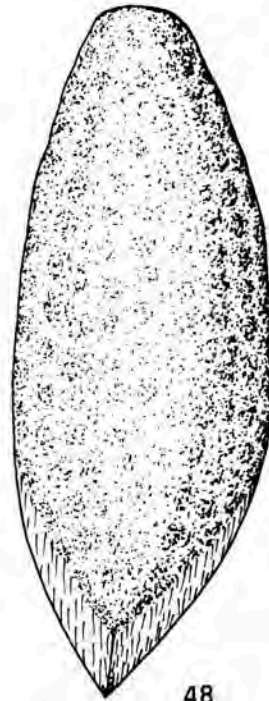
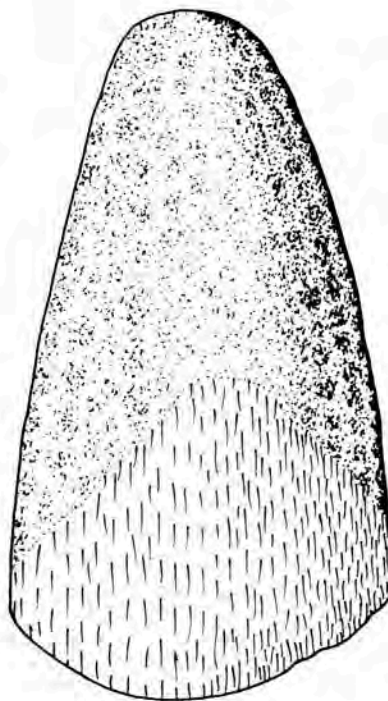
45



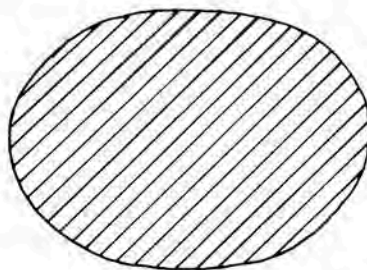
46



47



48



2 cm

O espólio do interior da sepultura megalítica da Palhota, no seu conjunto muito homogéneo (associação de geométricos à ponta de seta de base em lingueta e a contas discoides em xisto, elevada frequência de geométricos, ausência de ponta de seta de base côncava/recta e presença de cerâmica atribuída a uma fase avançada da cultura megalítica) mostra afinidades com o do Neolítico superior da Estremadura, cultura resultante da interacção de influências provenientes, por um lado, do Alto Alentejo, e, por outro, do Sudeste espanhol e tendo por substracto o património cultural das populações autóctones. Na Lapa do Fumo obteve-se uma datação absoluta para um estrato de uma fase plena deste horizonte: 3090 ± 160 a.C. (Cunha Serrão e G. Marques, 1971).

A câmara e o corredor do nosso monumento apresentam uma planta pouco comum no megalitismo português. O melhor paralelo que conhecemos é o monumento megalítico da Cabecinha, situado nos arredores da Figueira da Foz e que faz parte de um contexto megalítico muito semelhante ao da região de Lisboa, «afastando-se da arquitectura dos monumentos da cultura dolménica portuguesa» e «aproximando-se da do Sudeste espanhol» (Guerra e O. da Veiga Ferreira, 1968-70).

No Sudeste peninsular identificaram-se, com efeito, monumentos de câmara rectangular ou subtrapezoidal muito semelhante à da Palhota. Surgiram em Almería e na zona periférica do epicentro dessa cultura neolítica (Savory, H. N., 1969, 95 e 96). Os mais notáveis, pelas suas afinidades com o da Palhota, são os de Beatón, Totana, Alamedilha, Sene, Huéchar Alhama e Alhama la Seca (Leisner, G. e V., 1943, Tafel 34); a sua construção teria ocorrido no momento de transição da segunda para a terceira fase da cultura de Almería

(Leiner, G., 1945). O espólio que neles foi exumado é, de um modo geral, arcaizante, com geométricos, pontas de seta de base pedunculada, placa de xisto sub-rectangular não decorada.

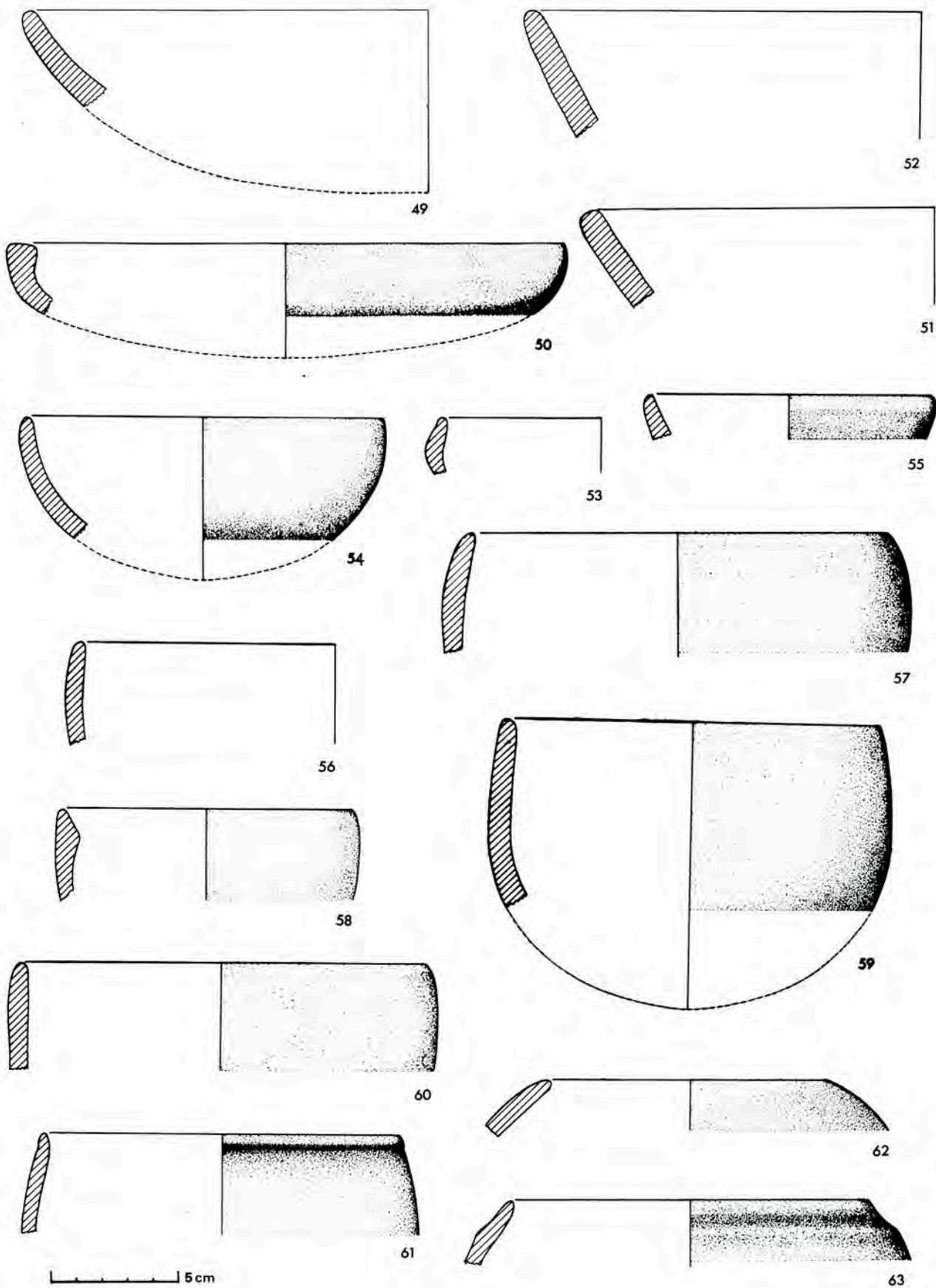
A câmara rectangular parece-nos ser, pelo menos na região de Melides-S. Francisco da Serra, mais primitiva do que a câmara poligonal. Esta ilacção ressalta da comparação entre a Palhota e a Pedra Branca. Este último dólmen, situado apenas a cerca de 700 metros do primeiro (já no concelho de Melides e, por conseguinte, fora da Área de Sines), forneceu espólio (referimo-nos, como é evidente, ao do estrato inferior) que assume um carácter um pouco mais tardio: exclusividade da ponta de seta de base côncava/recta, baixa frequência relativa de geométricos, abundantes placas gravadas de xisto.

Teríamos, assim, como hipótese de trabalho baseada na «estratigrafia horizontal» que estes dois dólmenes constituem, dois estágios bem diferenciados do Neolítico superior da região de Melides-S. Francisco da Serra:

— O mais antigo (Palhota) seria caracterizado por marcada influência almeriense;

— O superior (Pedra Branca), manifestado através da câmara poligonal, da abundância de placas de xisto gravadas e de pontas de seta de base côncava, corresponderia a um avançado grau de fusão das influências almerienses e autóctones com as da cultura megalítica do Alto Alentejo que, no seu apogeu, se teria sobreposto àquelas.

Fig. 89 — Monumento megalítico da Palhota. Recipientes cerâmicos exumados na área do *tumulus*.



A estrutura tumular da Palhota, com uma cintura de pedras em contacto com os esteios e duas coroas de blocos, concentricas, representa um dos aspectos mais interessantes revelados pela escavação deste monumento. Contudo, pouco poderemos dizer acerca do seu significado cronológico e cultural pois são quase nulos os paralelos que possuímos. Infelizmente, os estudiosos do nosso megalitismo raríssimas vezes se têm preocupado, mesmo nos últimos anos, com o conhecimento da arquitectura dos *tumuli* a qual é, quanto a nós, tão importante como a da sepultura propriamente dita (câmara e corredor) para a compreensão do monumento na sua totalidade. É imprescindível que as futuras escavações de monumentos megalíticos sejam realizadas em extensão, de modo a abrangerem as áreas tumulares. Teria o maior interesse, para um melhor enquadramento crono-corológico da Palhota, a escavação do *tumulus* do dólmen da Pedra Branca.

O valor do diâmetro do *tumulus* da Palhota (cerca de 14,60 metros) é comparável ao observado em *tumuli* de Reguengos (Leisner, G. e V., 1951, 30-31): Anta 1 de Gorginos com 13 x 16 m., Anta 1 das Vidigueiras com 13 m., Anta 1 do Cebolinho com 15 m. Em Reguengos, o maior diâmetro foi encontrado em antas de corredor comprido: 20 m. na Anta 1 dos Piteiros e 22 m. na Anta 12 das Areias.

Nas antas de Reguengos, como na da Palhota, o centro da câmara megalítica coincide com o centro do *tumulus* e muito raramente o corredor atinge a orla do *tumulus*: «é mais frequente a porta exterior do corredor ficar retirada da orla para o interior do *tumulus*» (Leisner, G. e V., 1951, 31).

Verificou-se ainda em algumas antas de Reguengos, sobretudo nas mais primitivas que «o conteúdo das câmaras consistia, totalmente ou apenas nas camadas inferiores, em um barro amarelo, diferente dos terrenos adjacentes» (Leisner, G. e V., 1951, 32). Este facto, também assinalado na Palhota (C.2, de areia argilosa avermelhada), levou G. e V. Leisner a suporem que essa «terra barrenta» seria proveniente do *tumulus* onde, certamente, teria sido intencionalmente colocada quando da sua construção. A Palhota mostrou precisamente que entre os blocos das estruturas do *tumulus* e nos espaços compreendidos entre essas mesmas estruturas existia areia argilosa estranha ao

Fig. 90 — Monumento megalítico da Palhota. Materiais da área do *tumulus*, em cerâmica (n.ºs 64 a 67), em cobre/bronze (n.ºs 68 e 69) e em xisto negro (n.º 70). As peças 67-69 podem corresponder a uma ocupação do local na Idade do Bronze.

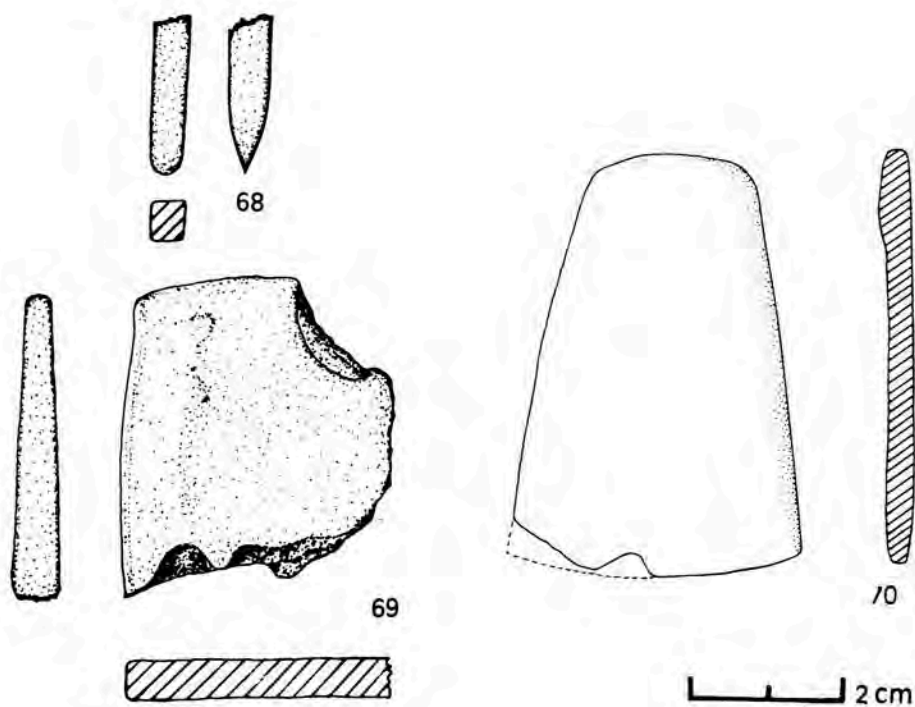
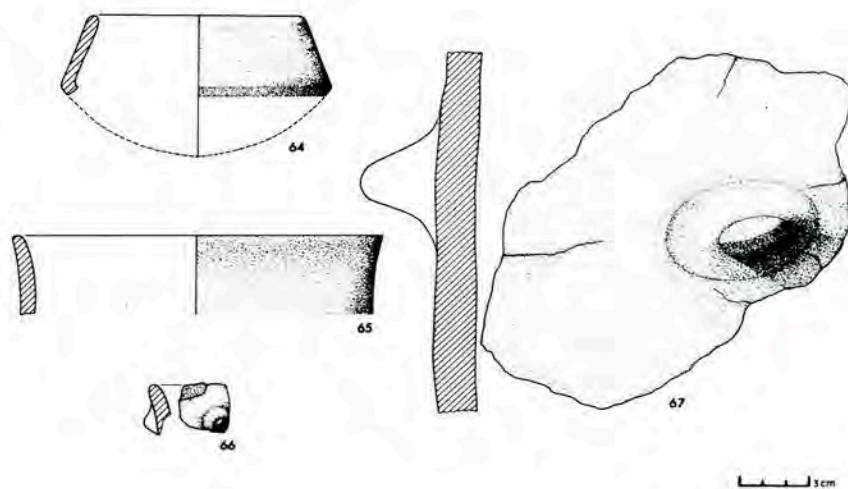
local da construção do monumento e muito semelhante à da C.2 do interior da câmara.

A escavação da Anta da Velada das Éguas (Évora) revelou a «existência de uma pequena cintura de pedra logo junto dos esteios» (Pina, H. L. e M. Galopim de Carvalho, 1962) e de uma coroa de blocos periférica com o raio de 7 a 10 metros contados a partir do centro da câmara. A estrutura do *tumulus* da Palhota distingue-se da do *tumulus* da Velada das Éguas pelo facto do nosso monumento possuir duas coroas de blocos além da «cintura de pedras» que contacta directamente com os esteios da câmara.

São igualmente escassos os paralelos que possuímos quanto à presença de espólio na área do *tumulus*. Só após um maior número de observações em *tumuli* futuramente escavados será possível avaliar do carácter presumivelmente ritual que o abundante espólio do *tumulus* da Palhota pode revestir.

Importa chamar a atenção para o reduzido número de tumulações (5 no máximo) da Palhota em flagrante contraste com o da Pedra Branca (cerca de 65). Pensamos ser muito importante a investigação do significado desta diferença, talvez relacionada com distintos graus de sedentarização e/ou diferenças demográficas.

De posse destes dados, tentemos situar o monumento da Palhota no contexto mais geral do megalitismo do Sul do País. Para isso, começemos por traçar um quadro esquemático da evolução desse fenómeno quer no Alto Alentejo, quer no Sul do Baixo Alentejo e Alto Algarve Ocidental. O megalitismo do Alentejo Litoral só agora começa a ser conhecido.



A fase inicial do megalitismo

O início do megalitismo, ocorrido talvez por volta dos fins do quinto milénio a.C. ou inícios do quarto, tem-se manifestado no Alto Alentejo e no

Sul do Baixo Alentejo-Alto Algarve Ocidental através de sepulturas de carácter cistoide, consideradas individuais, de planta rectangular ou oval e constituídas por pequenos esteios.

No espólio funerário encontram-se machados de secção circular, enxós, trapézios e raros exemplares de cerâmica, lisa, com um predomínio das formas esféricas. As pontas de seta e as placas de xisto gravadas estão ausentes.

A fase média do megalitismo

A prática da inumação colectiva marca uma etapa decisiva no desenvolvimento da arquitectura megalítica. A partir da sepultura cistoide processa-se uma diversificação, pelo menos em duas correntes distintas (as até agora detectadas com clareza; é possível que a Palhota se insira em uma terceira, centrada no Alentejo Litoral), em um momento que podemos situar na primeira metade ou em meados do quarto milénio a.C.

Assim, no Alto Alentejo (Reguengos de Monsaraz), surgem sepulturas com uma câmara pequena e irregular, de tendência poligonal alongada e possuindo um corredor muito curto e mal diferenciado (formado em geral por dois esteios). O Dólmen I do Poço da Gateira, monumento dos mais característicos desta fase média, forneceu um espólio constituído por numerosos trapézios, alguns com base pequena retocada, lâminas de sílex não retocadas, enxós, machados de secção transversal circular ou oval e recipientes em cerâmica lisa. Não apareceram nem pontas de seta nem placas de xisto gravadas.

Entretanto, no Sul do Baixo Alentejo e no Alto Algarve Ocidental (Monchique), as sepulturas individuais, em forma de cista, para fazerem face à necessidade da prática da inumação colectiva, tornam-se maiores (6 metros de comprimento em Palmeira), mantendo planta rectangular e oval e possuindo, por vezes, uma abertura virada a Este; o corredor está ausente. Ocorrem trapézios em grande percentagem, lâminas de sílex, enxós, machados de secção oval e, embora raramente, contas discoides em xisto. Tal como no Alto Alentejo, estão ausentes as pontas de seta e as placas de xisto.

Fase de apogeu do megalitismo

A cultura megalítica do Sul do País alcança o seu apogeu no final do Neolítico, na segunda metade do quarto milénio a.C. e durante a primeira metade do terceiro milénio. No Alto Alentejo, os dólmenes atingem grandes dimensões; as câmaras, de planta poligonal, não alongadas, erguem-se em altura, em forma de tronco de pirâmide e a diferença entre as alturas dos esteios da câmara e as dos do corredor torna-se notável (a altura dos últimos mais baixa que a dos primeiros); os corredores são compridos (Anta I do Silval, Anta Grande do Olival da Pega, Anta Grande do Zambujeiro, Anta Grande da Comenda da Igreja). Como espólio funerário, há numerosas pontas de seta de base côncava, lâminas retocadas, placas de xisto gravadas, contas discoides em xisto, pequenas esculturas zoomorfas (coelhos), alfinetes de cabeça segmentada, ídolos almerienses e cerâmica lisa. Alguns destes elementos denotam contactos com a Estremadura e influências da região de Almeria.

Por outro lado, no Sul do Baixo Alentejo, os monumentos abertos, de planta rectangular e sem corredor da fase anterior dão origem a sepulturas em forma de ferradura ou piriformes (Brejo), apresentando portanto uma câmara que se alonga por um corredor mal diferenciado, sem soluções de continuidade. Surgem, pela primeira vez, as pontas de seta, de base côncava e recta, as placas de xisto gravadas e as lâminas retocadas. Os geométricos, embora em menor percentagem que nas fases ante-

riores, persistem ainda. Em um momento final são construídos monumentos tipo galeria, como o de Nora, no Algarve (8 metros de comprimento), nos quais a tradição da sepultura sub-rectangular, cistóide, se mantém presente.

Embora o monumento da Palhota pareça integrar-se em uma corrente ou grupo megalítico diferente dos referidos anteriormente, é possível que corresponda a um momento avançado da fase média do desenvolvimento do megalitismo do Sul do País, fase que, no Alentejo Litoral, assumirá aspectos arquitectónicos distintos dos identificados quer no Alto Alentejo quer no Sul do Baixo Alentejo ⁽⁹⁾.

ASPECTOS ECONÓMICO-SOCIAIS

A construção de sepulturas colectivas megalíticas exigiria a produção de um considerável excedente económico. Só assim se tornaria possível desviar da actividade produtiva um elevado número de indivíduos que durante largo período se entregaria à construção de monumentos em que cada um dos esteios pesava, frequentemente, dezenas de toneladas. Esses excedentes resultariam, por certo, de uma economia fundamentalmente agro-pastoril, ainda que sejam numerosos os testemunhos materiais de actividades ligadas à caça (geométricos e pontas de seta).

O carácter monumental destas sepulturas tem levado alguns autores a considerarem a construção megalítica como própria de uma organização social hierarquizada (Nougier, L.-R., 1970, 114) que poderia corresponder a formas embrionárias de Estado; tem-se falado mesmo no Modo de Produção Asiático como o mais compatível com o fenómeno megalítico. De acordo ainda com esses autores, os dólmenes seriam sepulturas de grandes chefes e a sua construção só possível sob um ambiente social autoritário e repressivo.

No estado actual dos nossos conhecimentos, estes pontos de vista parecem-nos pouco aceitáveis, pelo menos para a zona Sul do nosso território, dado o tipo de povoados até agora identificados ⁽¹⁰⁾ e o elevado número de monumentos megalíticos existente em áreas reduzidas (134 no concelho de Reguengos de Monsaraz, por exemplo).

Os dados disponíveis permitem pensar numa sociedade de carácter tribo-patriarcal, tal como a definiu J. Suret-Canale (1974), possuindo como unidade económico-social básica a família patriarcal. A cada família corresponderia um monumento megalítico, construído em regime de entajuda com o concurso colectivo de outras famílias. Este processo de cooperação realizado em torno da construção dos monumentos megalíticos constituiria importante factor de coesão da comunidade e do desenvolvimento económico. O megalitismo seria, pois, a expressão superestrutural de necessidades muito concretas de uma fase avançada, e talvez já de desagregação, da comunidade primitiva.

⁽⁹⁾ No Alentejo Litoral a fase de apogeu estaria representada no dólmen da Pedra Branca. A cista megalítica do Marco Branco, identificada em 1978 (v. nota 6), poderá corresponder à fase inicial.

⁽¹⁰⁾ No Alto Alentejo conhecem-se apenas povoados atribuíveis à fase de apogeu do megalitismo e, quase sempre, a um momento avançado desta fase. Se não são calcolíticos, são, pelo menos, contemporâneos dos níveis do Calcolítico inicial ou pleno de povoados da Estremadura e do Baixo Alentejo. Não obstante a avançada fase em que se integram, nem a morfologia, nem as suas dimensões, nem as escassas estruturas descobertas sugerem uma sociedade afim da do Modo de Produção Asiático.

V

OS INÍCIOS DA METALURGIA

Não é possível, por enquanto, distinguir claramente, na Estremadura e no Sul de Portugal, os povoados dos finais do Neolítico dos inícios do Calcolítico. Se, por um lado, esta dificuldade se baseia no facto de serem ainda muito reduzidos os dados disponíveis, por outro, ela pode traduzir uma situação histórica concreta que, pela sua própria natureza, impeça realmente o estabelecimento de uma distinção inequívoca. Por outras palavras, é possível que as sociedades calcolíticas — ao contrário de corresponderem, como numerosos autores têm pretendido, à chegada maciça de elementos exógenos que, oriundos do Mediterrâneo Oriental, aqui se fixaram, passando a colonizar as populações neolíticas — tenham surgido a partir do desenvolvimento interno das sociedades neolíticas autóctones, ainda que não sejam de excluir impulsos exteriores que teriam agido como catalizadores no processo de calcolitização do Sul do País.

Perfilhamos inteiramente as objecções levantadas por Colin Renfrew (1967) à teoria do colonialismo calcolítico egeu que se baseia fundamentalmente em três ordens de dados: 1) existência de estabelecimentos fortificados, algumas vezes com bastiões semi-circulares; 2) metalurgia do cobre e uso do molde de duas peças; 3) sepulturas colectivas de falsa cúpula. Colin Renfrew demonstra a fragilidade desses argumentos e do próprio método comparativo, concluindo que «It may be felt that these three important features of Chalcolithic Iberia, fortification, metallurgy and built tombs, are not surprising in a proto-urban culture, founded as it was on a very flourishing Neolithic, with which there is no apparent discontinuity». O mesmo autor refuta a explicação, contida na Teoria das Colónias, da chegada dos elementos culturais «exóticos». «The ingenious suggestion that the colonists were metal prospectors is weakened

however by the relative abundance of copper in the East Mediterranean, by the location of the tin ores of Iberia in the north-west (where 'colonist' features are rare), and by the total absence of tin in the local metal artifacts. This would be strange if Los Millares were an intermediary in the tin trade from Galicia» (Renfrew, 1967).

Além disso, as escavações dos níveis de ocupação atribuídos ao Calcolítico inicial da Estremadura (Horizonte dos «Copos Canelados») têm fornecido indícios quase nulos (Vila Nova de S. Pedro I, de Savory, Pedrão I) da prática da metalurgia do cobre, facto que vem ao encontro da hipótese de um progressivo desenvolvimento da metalurgia do cobre no nosso território a partir de uma fase muito incipiente, não apoiando, pois, a ideia da chegada de uma metalurgia em estado tecnologicamente avançado.

Em contrapartida essas escavações têm proporcionado testemunhos materiais reveladores de uma intensa actividade agrícola (elementos de foice, sacos, enxós, machados e elementos de mós). O desenvolvimento das forças produtivas poderia então ter determinado o aparecimento de um excedente económico que permitisse a implantação da metalurgia do cobre. Esta necessitaria de artífices especializados que seriam mantidos através dos excedentes acumulados. As populações neolíticas estariam pois preparadas para receber os primeiros estímulos que as transformariam em calcolíticas.

O período de transição no qual estariam criadas as condições objectivas para o aparecimento das primeiras técnicas metalúrgicas encontra-se representado, na Área de Sines, no povoado de Vale Pínel II.

OS POVOADOS

O Calcolítico foi detectado na Área de Sines em três povoados, dois descobertos pelo G. T. A. (Vale Pincel II e Monte Novo) e um terceiro identificado por V. Oliveira Jorge e objecto de novas pesquisas pelo G. T. A. (Vale Vistoso) ⁽¹⁾.

Vale Pincel II é um povoado que podemos considerar do Calcolítico inicial, ou melhor, e como atrás dissemos, de uma fase de transição do Neolítico para o Calcolítico. Ocupa uma vasta área de terrenos arenosos (cerca de 200 m. por 400 m.), sensivelmente plana, sem condições naturais de defesa, atravessada por uma importante linha de água (fig. 92). Situa-se na base da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos de Sines e a poucas centenas de metros da falésia litoral, separando-se desta por Vale Pincel I, povoado do Neolítico Antigo com o qual confina. Não foram, até ao momento, reconhecidas estruturas de *habitat*. A acção intensa da lavoura, nos últimos anos mecanizada, tê-las-ia destruído (o nível de ocupação encontra-se a pouca profundidade, na base da camada superficial — fig. 94).

Apenas a cerca de 600 metros para E.NE. de Vale Pincel II, numa zona elevada da encosta Sul dos Chãos, abrangendo uma área com cerca de 150 m. por 150/200 m., limitada a Oeste por importante linha de água, localiza-se o povoado do Calcolítico pleno de Monte Novo (fig. 93). Ao contrário do que se verificou em Vale Pincel II, Monte Novo oferece condições naturais de defesa não só pela sua cota (dele se domina toda a baía de S. Torpes e as terras baixas que se estendem para Sul e Sudeste da base dos Chãos) como tam-

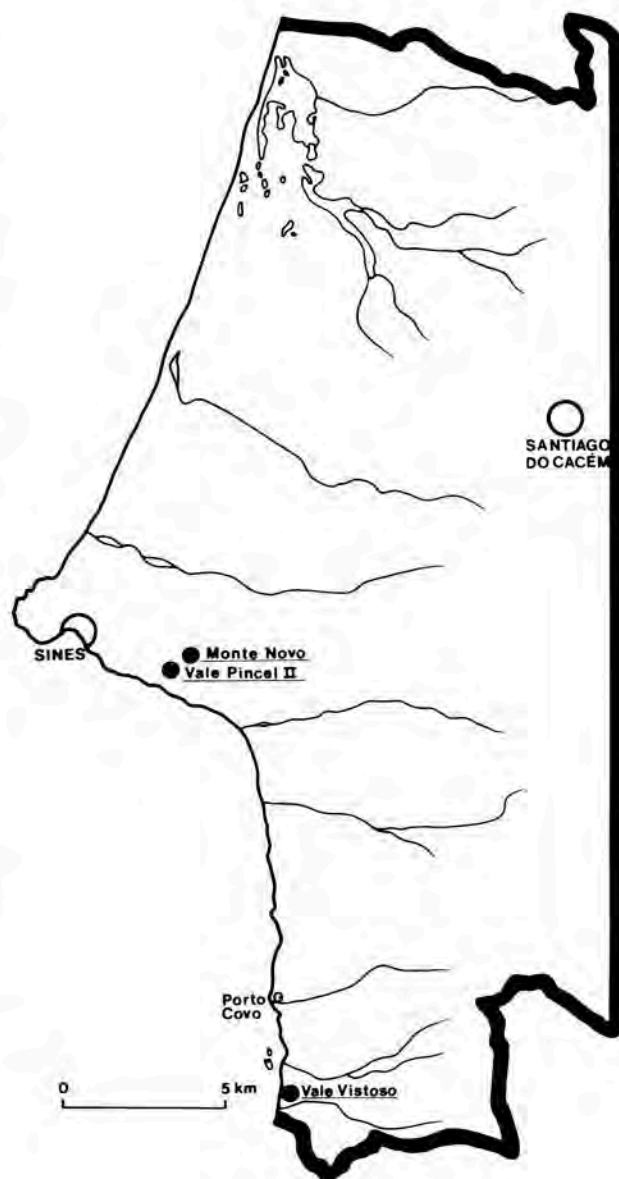


Fig. 91 — Povoados da Idade do Cobre inicial (Vale Pincel II), pleno (Monte Novo) e final (Vale Vistoso), na Área de Sines.

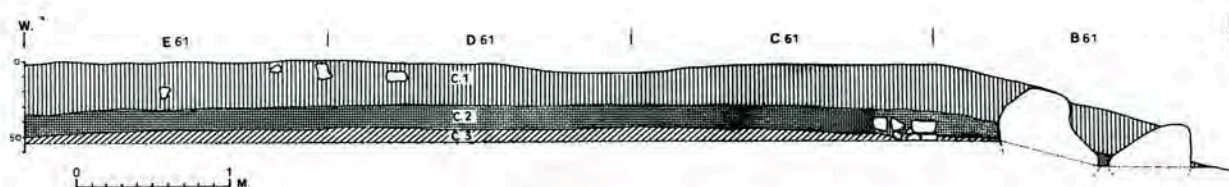
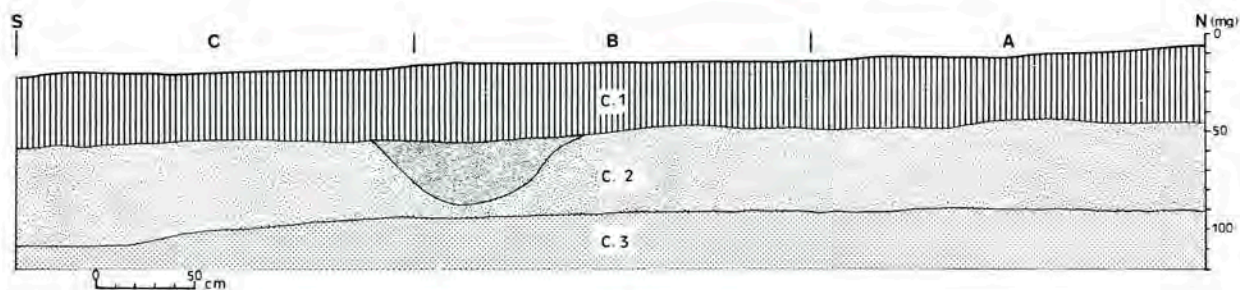
⁽¹⁾ O G.T.A. não identificou até agora nenhuma sepultura do Calcolítico. Os dois ídolos em calcário achados na Salema (V. Introdução) poderiam ter feito parte do espólio de uma sepultura colectiva utilizada durante esse período.



Fig. 92 — Vale Pincel II ocupa uma área plana e baixa, cortada por uma linha de água que a divide em duas zonas (A e B), da base da encosta Sul dos Chãos de Sines.

Fig. 93 — O povoado da plena Idade do Cobre de Monte Novo (1) situa-se em um local, com boas condições naturais de defesa, da suava encosta Este dos Chãos de Sines. Em (2) localiza-se a jazida do «Bronze do Sudoeste» da Quitéria.





bém pelos afloramentos de gabro-diorito que existem no local. Os terrenos, resultantes da desagregação dos gabro-dioritos, são argilosos e férteis.

Os trabalhos que o G. T. A. efectuou, e que prosseguem ainda, permitiram verificar a existência de um único nível de ocupação (fig. 95), em alguns pontos muito destruído pela acção da lavcura mecanizada. O afloramento de uma estrutura em arco com aproximadamente 24 metros de perímetro e 22 metros de corda, constituída por grandes blocos de gabro-diorito, pode estar em conexão com esse nível e, por conseguinte, pertencer à mesma ocupação. Embora desconheçamos a função desta estrutura não pomos de lado a hipótese de ter desempenhado um papel defensivo.

Em Vale Vistoso, na extremidade Sul da Área de Sines, quase no concelho de Odemira, em parte da área ocupada durante o Neolítico Antigo Evolucionado, foi descoberto um núcleo de cerâmicas campaniformes exclusivamente incisais, que representa o ponto mais meridional do País com campaniforme. O estabelecimento humano a que corres-

Fig. 94 — Perfil Norte do corte de reconhecimento aberto em Vale Pincel II. O nível arqueológico da ocupação do Cobre inicial correspondia à base da C. 1.

Fig. 95 — Monte Novo. Perfil Norte dos quadrados B 61-E 61. O nível arqueológico da ocupação da plena Idade do Cobre identifica-se com a C. 2. No quadrado B 61 notam-se, em secção, os grandes blocos de gabro-diorito que integravam uma estrutura em arco, talvez defensiva.

pondem estas cerâmicas assentava directamente sobre a duna consolidada würmiana e teve lugar sobre um pequeno esporão hoje muito destruído pela acção erosiva das ondas. É interessante notar que, enquanto a população do Neolítico Antigo Evolucionado construiu as suas cabanas sobre uma vasta área (400 m. ao longo da falésia litoral), abrangendo não só a zona do esporão de duna consolidada como também uma zona baixa e arenosa que se estende por 350 metros até à foz do Barranco do Queimado, a população campaniforme restringiu-se à pequena zona do esporão, a de cota mais elevada.

UTENSILAGEM EM PEDRA LASCADA

Muito escassa, a utensilagem em pedra lascada reduz-se a uma peça em Vale Pincel II (fragmento de uma lamela arqueada, em sílex castanho-amarelado pálido com retoque na extremidade distal e possíveis traços de utilização no bordo direito — «faquinha» — fig. 96, n.º 1) e a dois utensílios, recolhidos à superfície em Monte Novo (um fragmento de lâmina robusta, com traços de utilização — «faca» —, em sílex castanho-amarelado claro — fig. 96, n.º 3 — e uma ponta de seta de base recta em xisto cinzento e acastanhado com retoque invasor em ambas as faces — fig. 96, n.º 2).

Considerando as reduzidas dimensões das áreas escavadas até 1977 quer em Vale Pincel II quer em Monte Novo, as quais podem corresponder a zonas de actividades especializadas, não podemos interpretar com muita segurança a escassez deste espólio. É de salientar, porém, a flagrante diferença quantitativa entre o espólio em pedra lascada destes povoados e o dos da mesma época situados na Estremadura.

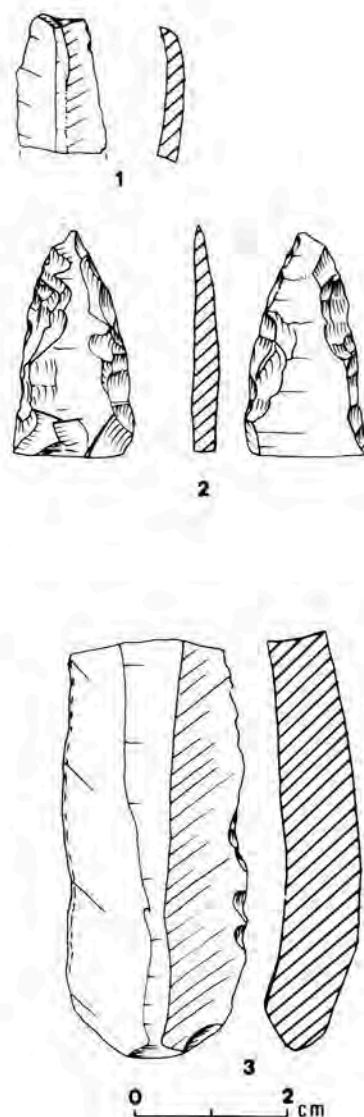
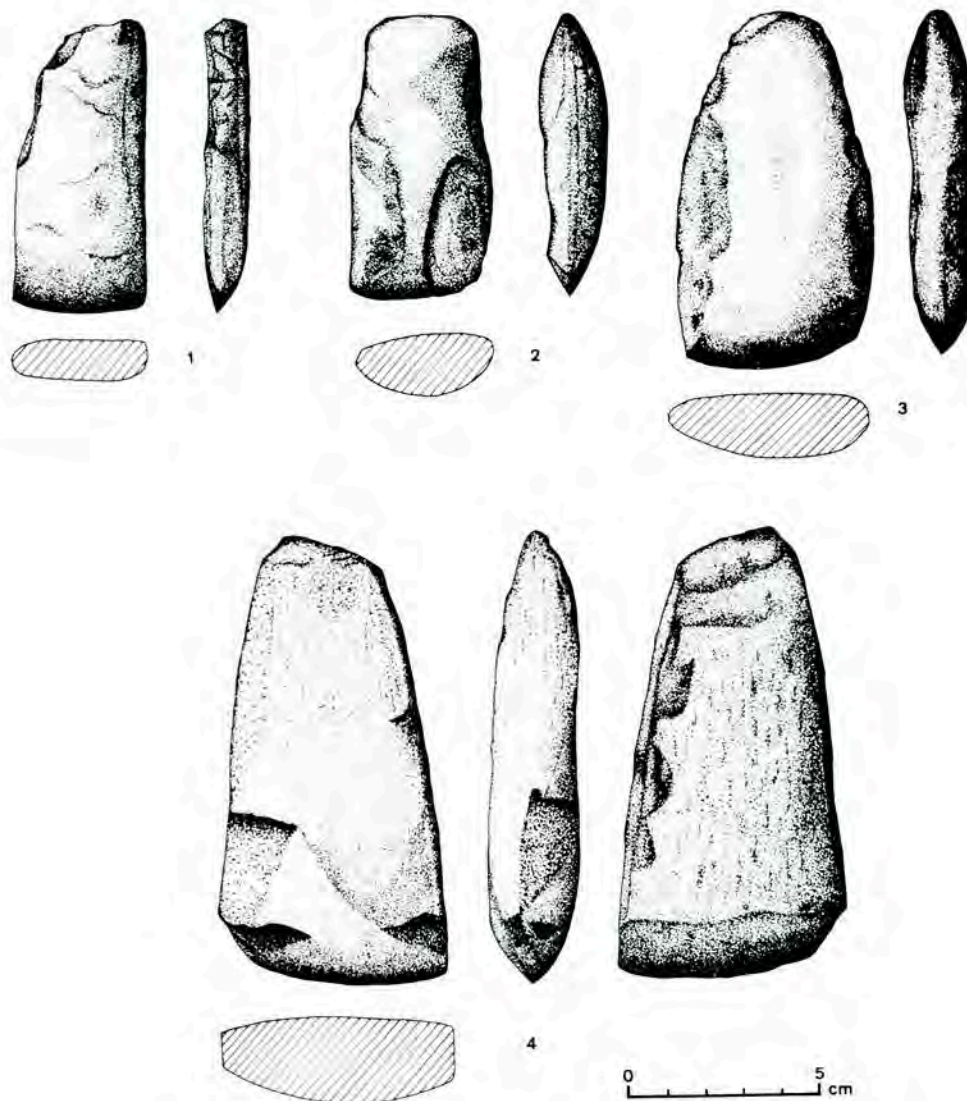


Fig. 96 — Utensilagem em pedra lascada de Vale Pincel II (n.º 1) e de Monte Novo (n.ºs 2 e 3): 1 — fragmento de lamela em sílex; 2 — ponta de seta de base recta em xisto; 3 — fragmento de lâmina em sílex, com traços de utilização.



UTENSILAGEM EM PEDRA POLIDA/PICOTADA

A utensilagem em pedra polida/picotada relaciona-se com actividades de carácter agrícola. É constituída por enxós de secção transversal rectangular ou plano-convexa (Vale Pincel II — fig. 97) e por elementos de mó (Vale Pincel II e Monte Novo) produzidos a partir de materiais locais: os moventes, de calhaus rolados colhidos no leito das linhas de água ou nas praias próximas e os dormentes, por vezes de grandes dimensões e de difícil transporte, de gabro-diorito do maciço dos Chãos. (Figs. 98-99).

Fig. 97 — Instrumentos em pedra polida recolhidos em Vale Pincel II.

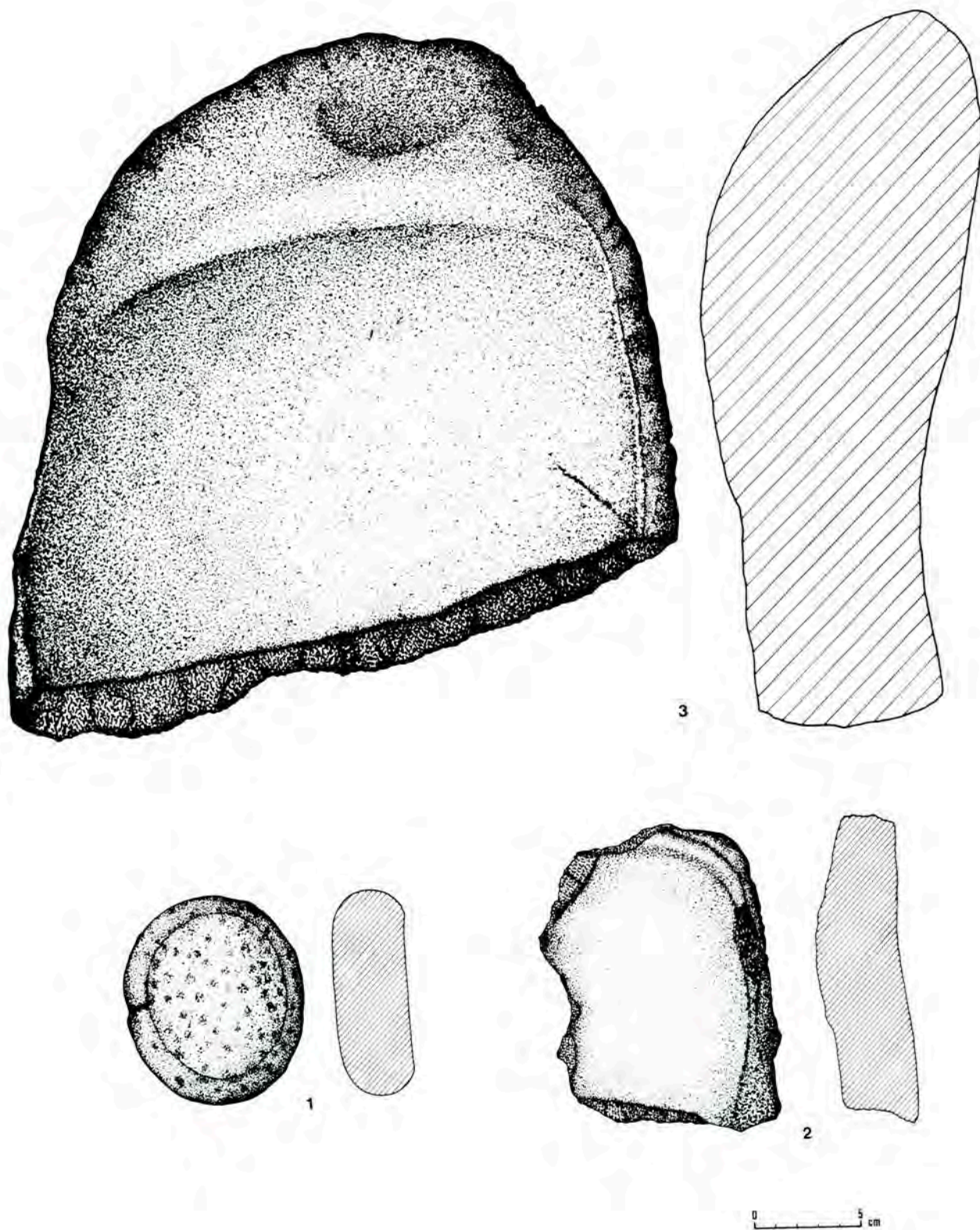
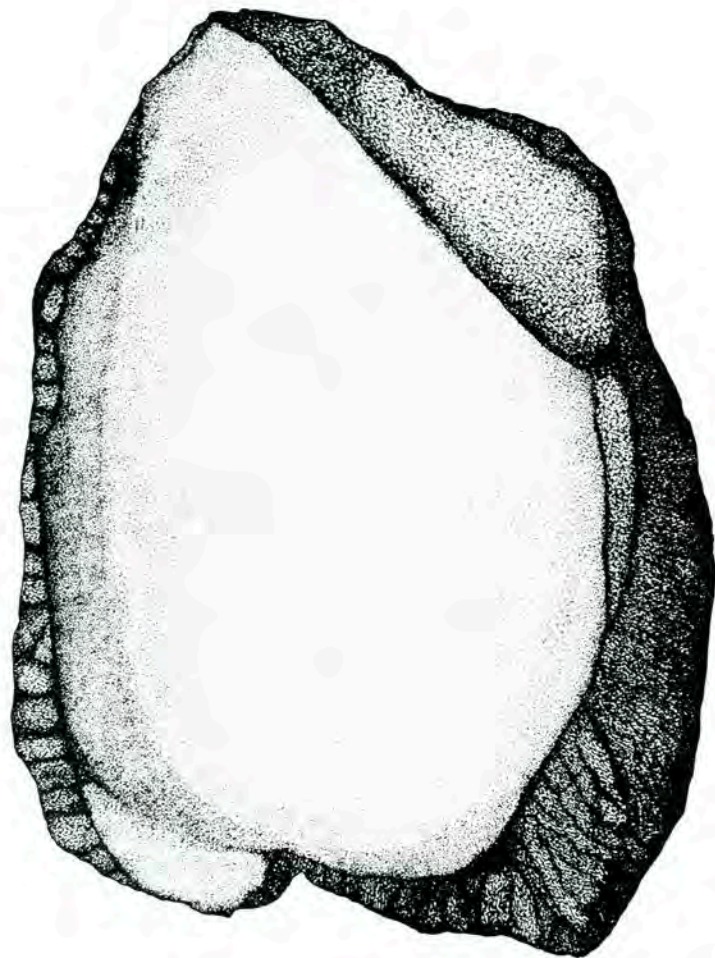
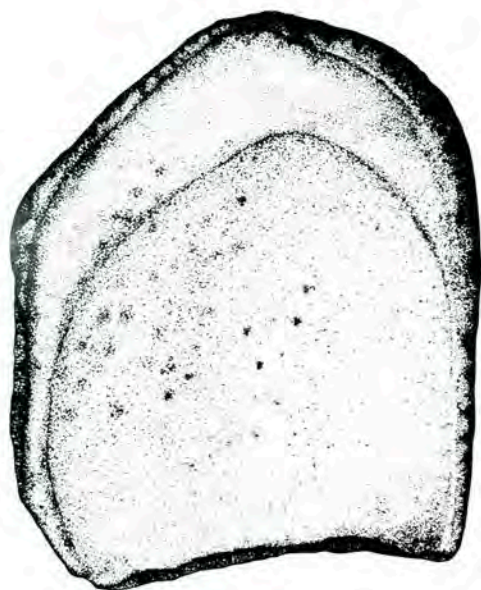
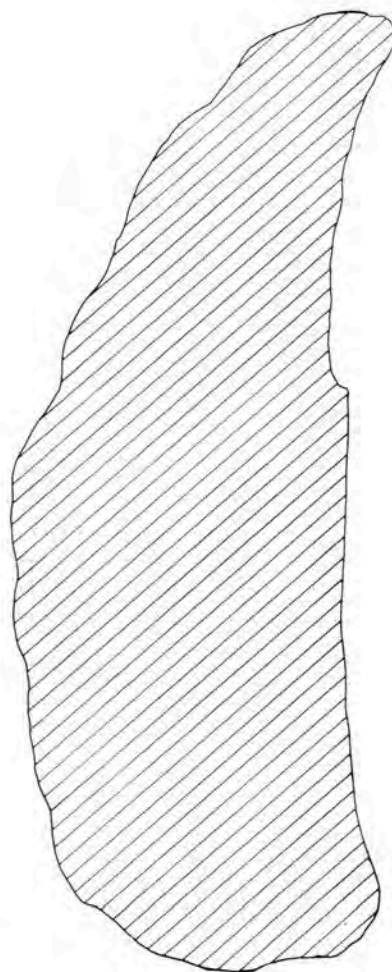


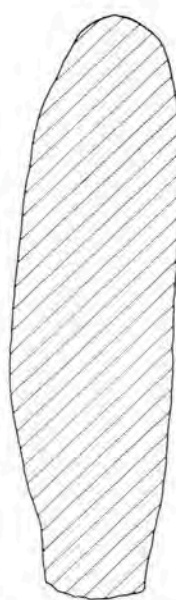
Fig. 98 — Vale Pincel II. Elementos de mó: 1 — elemento movente; 2 e 3 — elementos dormentes.



1



2



0 5 CM

Fig. 99 — Elementos de mó manual de Monte Novo.
126

A CERÂMICA

É no domínio da cerâmica, mais propriamente no das formas dos recipientes e no da decoração que se notam diferenças significativas entre os três povoados considerados. Cada um deles, e de acordo com as características morfo-estatísticas do respectivo espólio cerâmico, corresponde a um horizonte bem definido.

Os recipientes de Vale Pincel II possuem uma pasta predominantemente compacta com elementos não plásticos de quartzo raramente maiores que 1 mm.; presentes finas partículas de mica. A cozedura foi, em geral, efectuada em ambiente completamente oxidante pelo que as superfícies e a fractura dos fragmentos são castanho-avermelhadas; em menor percentagem, surgem fragmentos com as superfícies castanho-avermelhadas e uma zona intermédia, da fractura, acinzentada ou negra, revelando uma cozedura redutora seguida de uma fase de arrefecimento em ambiente oxidante; finalmente, são raros os que apresentam superfícies e fractura completamente acinzentadas ou negras, correspondendo a uma cozedura e a uma fase de arrefecimento totalmente redutoras.

No tratamento das superfícies notam-se dois grupos distintos: *a)* superfícies bem alisadas — o melhor representado; *b)* superfícies não alisadas, ásperas e muito irregulares — presente somente em *taças em calote* de paredes pouco espessas (entre 3 e 7 mm.), geralmente de bordo afilado e, por vezes, com ligeiro espessamento não intencional, resultante de deficiente acabamento da peça.

A decoração é quase nula. Assinalaram-se, num total de 268 exemplares com bordo, de forma iden-

tificável, apenas 2 com decoração: 1 *taça em calote* decorada externamente por um sulco horizontal situado a curta distância do lábio (fig. 101, n.º 14) e 1 *esférico* com denteado impresso sobre a aresta exterior do bordo (fig. 103, n.º 8). Esta decoração, comum em jazidas do Neolítico Antigo ou Antigo Evolucionado da região de Sines pode assumir, em Vale Pincel II, um carácter arcaizante ligado a um fundo cultural neolítico.

As formas compreendem *pratos de bordo sem espessamento*, *taças largas de bordo espessado internamente*, *taças carenadas*, *taças em calote*, *esféricos*, *globulares* e «*potes*».

Os *pratos de bordo sem espessamento* (figs. 100,1 e 103,1), muito raros (0,54 % na C.1), são largos e de fundo em geral convexo-aplanado; a relação diâmetro externo da boca/altura é superior a 5.

A *taça larga de bordo espessado internamente* (fig. 100,2-6), de fundo convexo e cuja relação diâmetro externo da boca/altura é inferior a 5 mas raramente menor que 2,5, possui o bordo espessado internamente (por vezes também com espessamento externo) e lábio plano ou convexo-aplanado. Ocorre (C.1) na frequência de cerca de 11 %, com o diâmetro externo da boca compreendido entre 300 e 380 mm. A parede é, em alguns casos, atravessada por furos de suspensão.

A *taça carenada* (fig. 100,7-11), uma das formas mais características, é um recipiente pouco profundo (a relação diâmetro externo da boca/altura varia entre 10 e 2,5) e largo (o diâmetro da boca atinge 470 mm.), formado por um fundo quer aplanado quer em calote de esfera, e por um corpo, subcilíndrico ou tronco-cónico, separado daquele por uma carena. Notam-se diversas variantes consoante a altura da carena (desde muito baixa a alta), a inclinação da parede do corpo (subvertical ou inclinada para o interior) e a convexidade do fundo. Em Vale Pincel II (C.1) surge em cerca de 5 %.

A *taça em calote* (figs. 101 e 103,3-6), a forma mais abundante (C.1 com 57 %), é um recipiente em calote de esfera que, em linguagem corrente, pode ser designado por tigela. A relação diâmetro externo da boca/altura varia de 2 a 5. Predomina a que possui a parede muito aberta, ou seja, muito inclinada para o exterior, e o bordo sem espessamento com o lábio convexo.

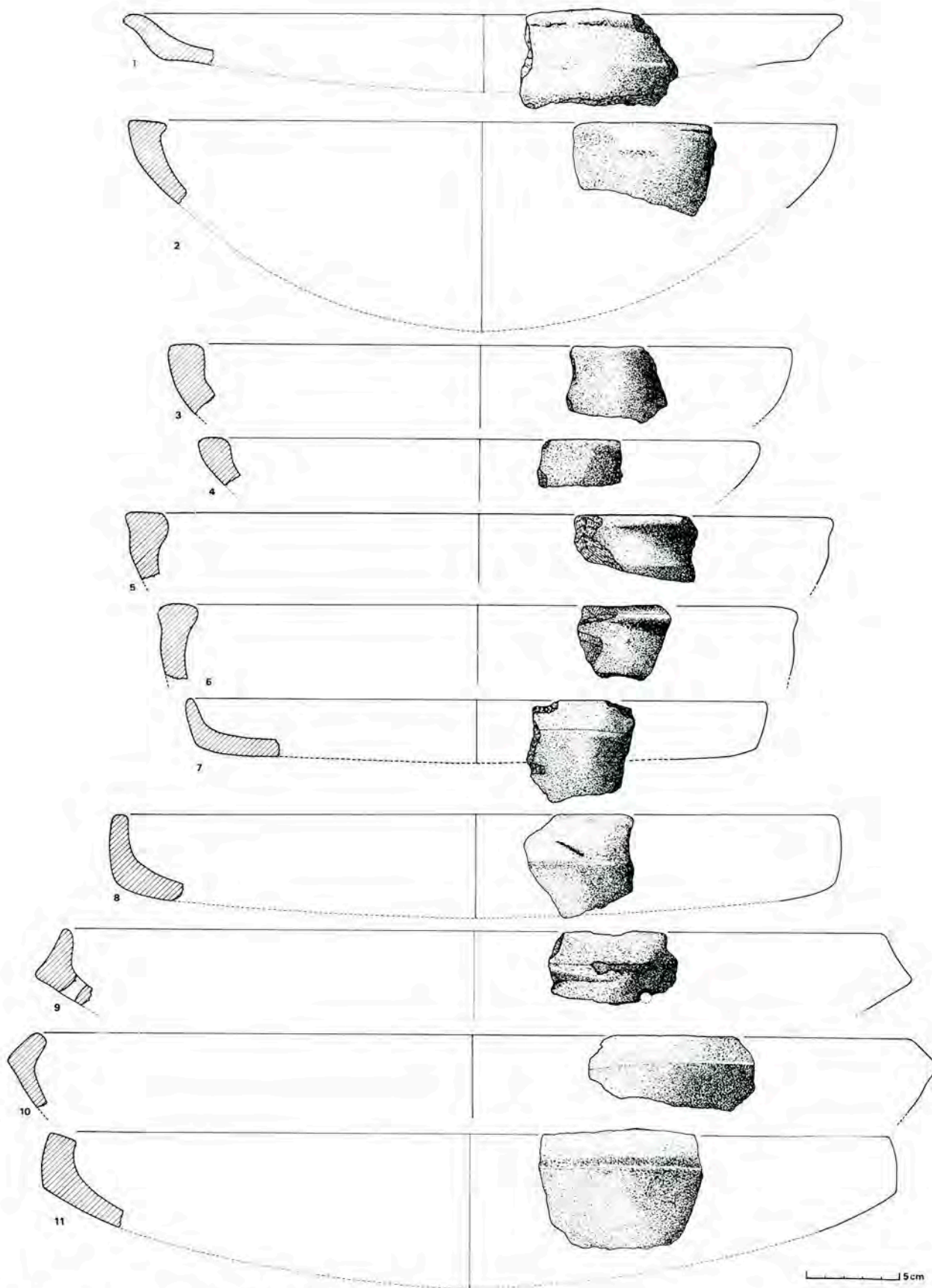


Fig. 100 — Recipientes cerâmicos de Vale Pincel II recolhidos à superfície (n.ºs 1-3, 7 e 9) e provenientes da C. 1 (n.ºs 4-6, 8, 10 e 11).

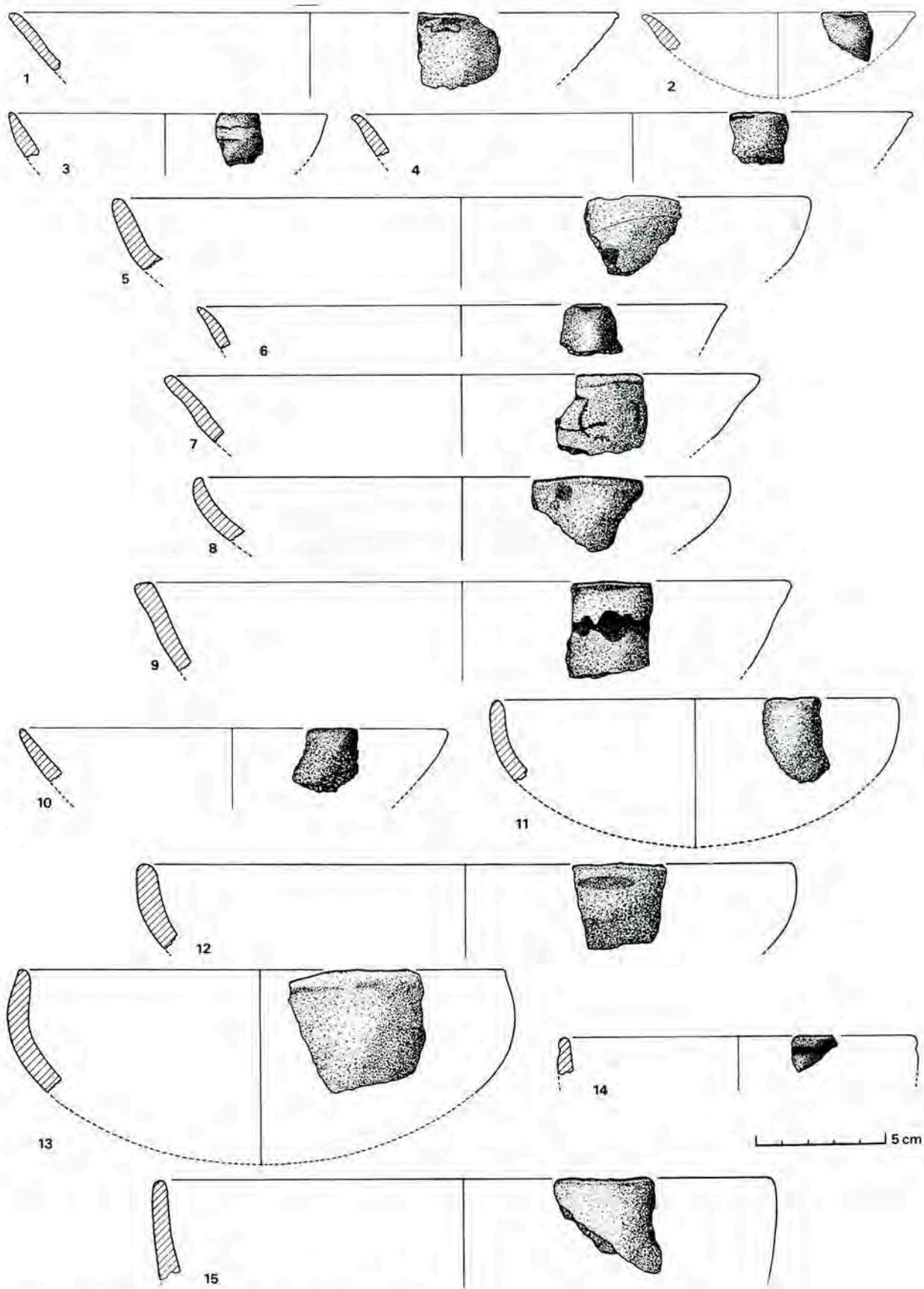


Fig. 101 — Taças em calote de Vale Píncel II, da superfície (n.º 13) e da C. 1 (1-12, 14 e 15).

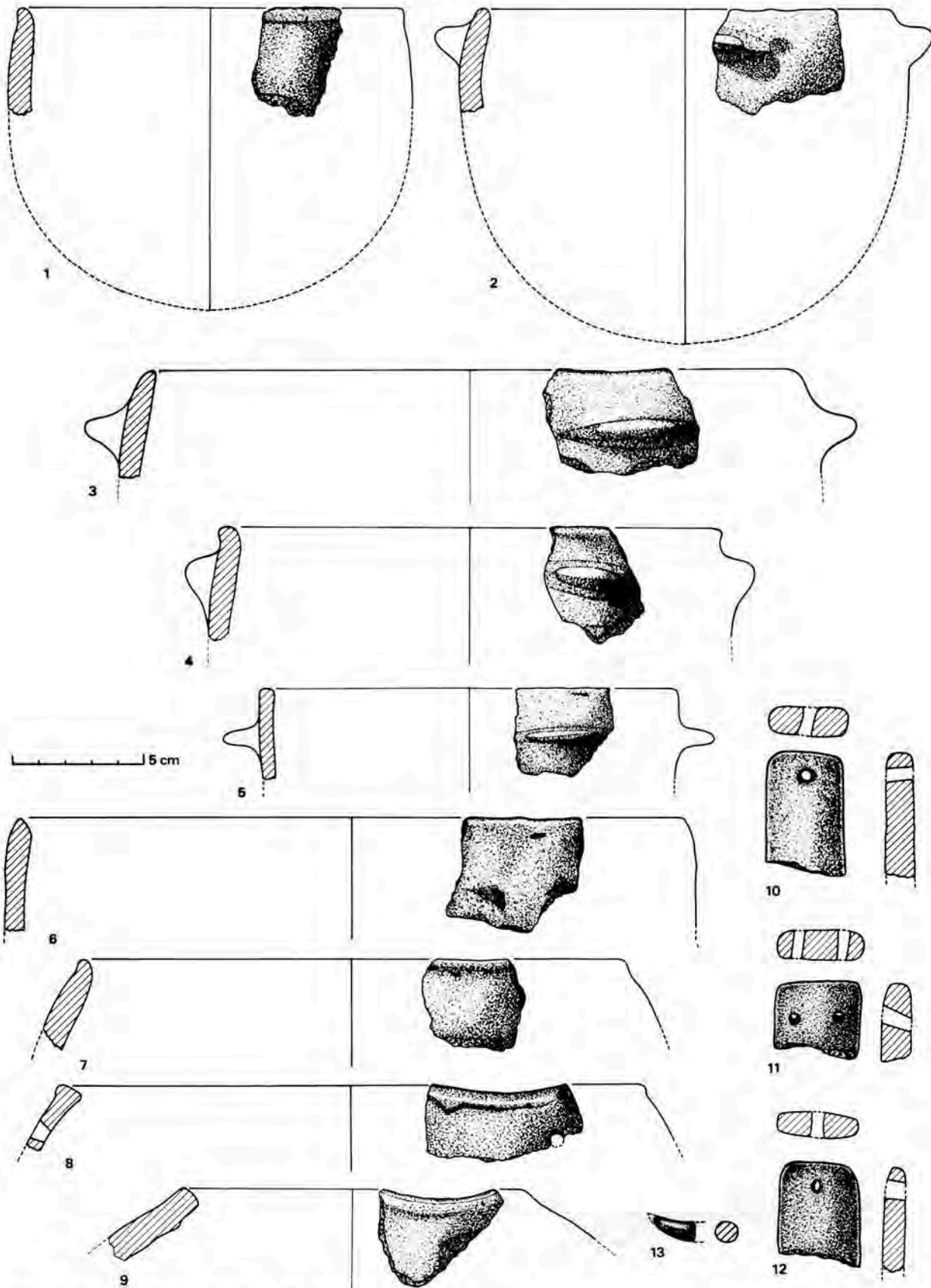


Fig. 102 — Vale Pínel II. Cerâmica da superfície (3, 7 e 8) e da C. 1 (1, 2, 4-6, 9-13). Os n.ºs 10-12 são «pesos de tear» e o n.º 13, uma peça corniforme.

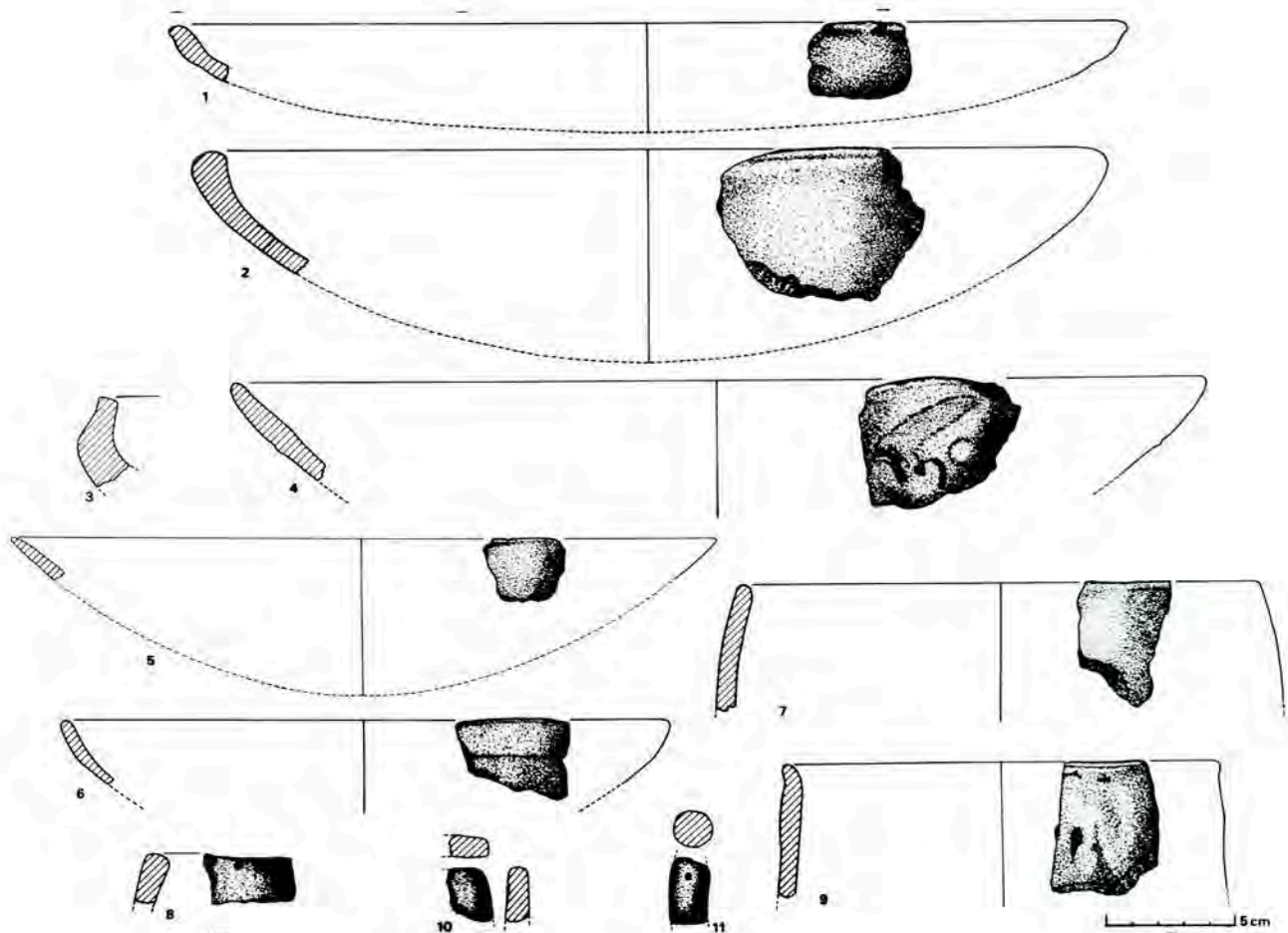


Fig. 103 — Cerâmica da C. 2 de Vale Pínel II: 1 a 9 — recipientes; 10 — «peso de tear»; 11 — crescente (?).

Os *esféricos* (figs. 102,1-7), cuja forma geral se baseia na esfera (fundo esférico; ausência de carena e colo; relação diâmetro máximo/altura inferior a 2) e em que o diâmetro da boca é igual ou pouco inferior ao diâmetro da pança (bordo subvertical ou com ligeira inclinação para o interior; abertura pouco fechada), poderiam ter sido utilizados para cozinhar. Tinham, por vezes, mamilos de prensão, quase sempre alongados, situados a curta distância do lábio. Surgem numa frequência elevada (25 % na C.1).

Os *globulares* (fig. 102,9), recipientes esféricos de boca fechada, com a parede muito inclinada para o interior e com o diâmetro da pança igual ou superior à altura, são pouco frequentes: cerca de 1 % (C.1).

Os «*potes*» são vasos de grandes dimensões, de forma geral aproximadamente globular e com o bordo espessado externamente; ocorrem numa frequência muito baixa (0,54 % na C.1).

Além dos recipientes há ainda a considerar o aparecimento de outros produtos em cerâmica, dos quais se destacam os chamados «*pesos de tear*», placas paralelepípedicas, compridas, estreitas e pouco espessas, quase sempre com um furo em cada topo e, mais raramente, com dois (fig. 102). Em alguns furos notam-se evidentes traços deixados pela acção do fio de suspensão.

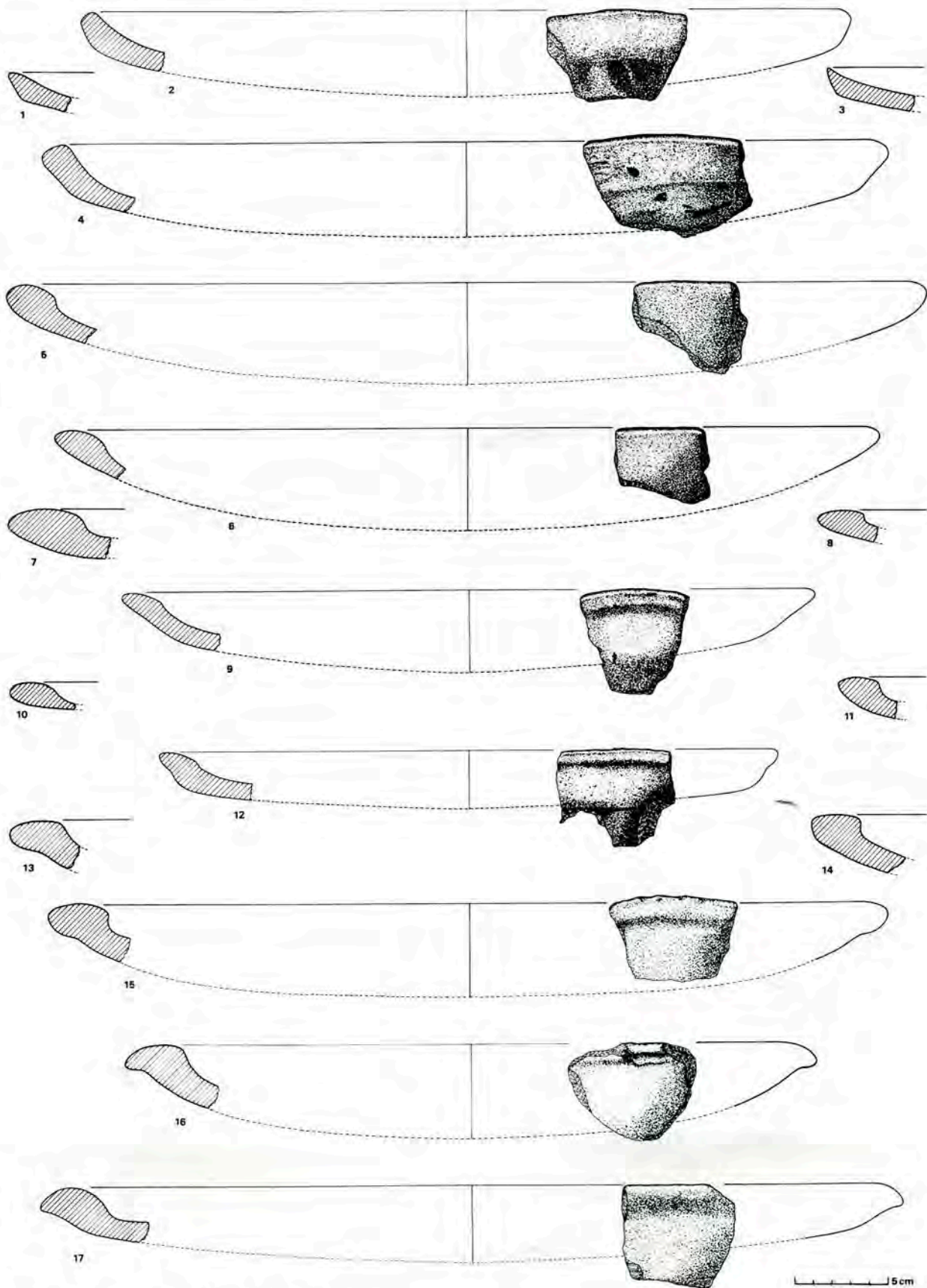


Fig. 104 — Monte Novo. Pratos em cerâmica.

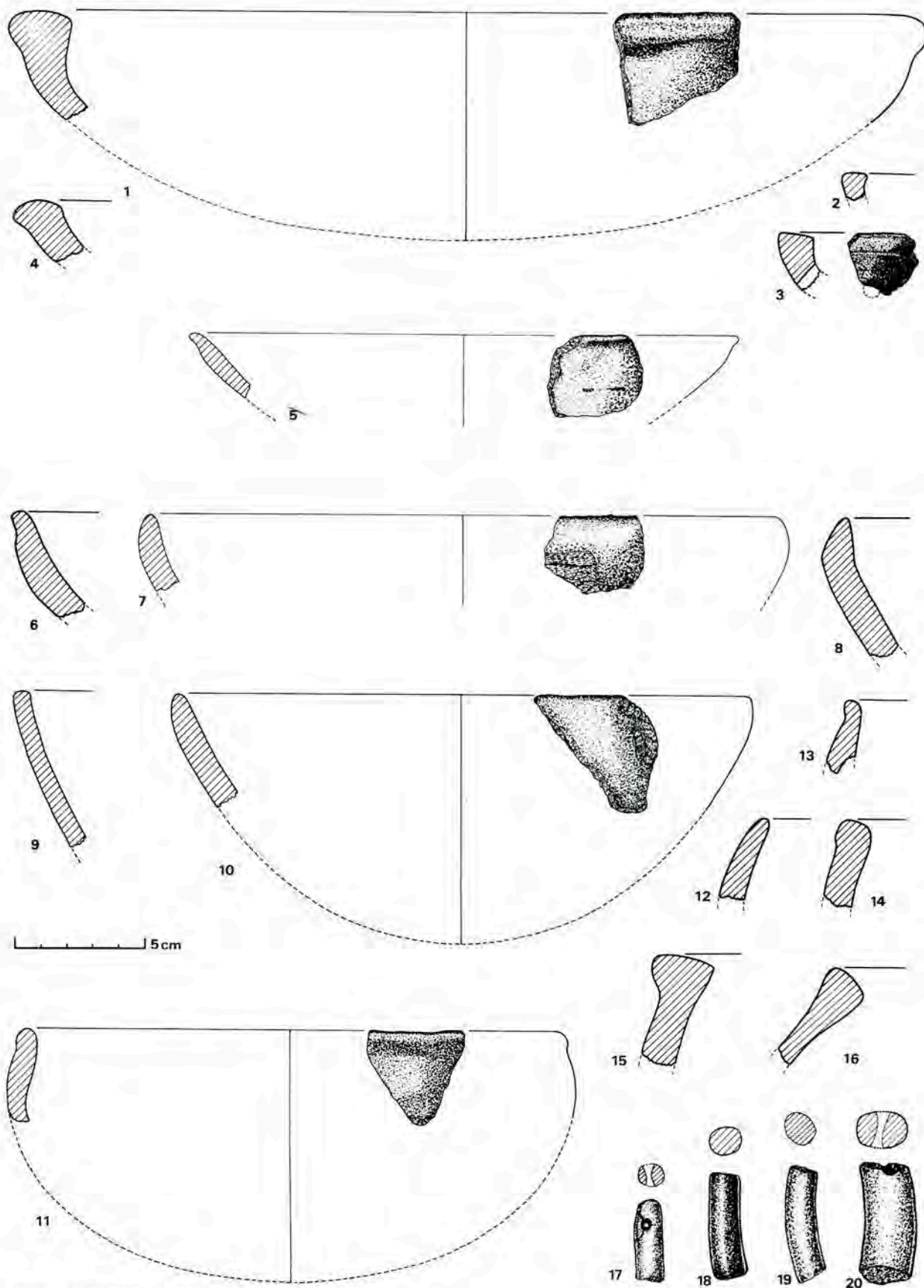
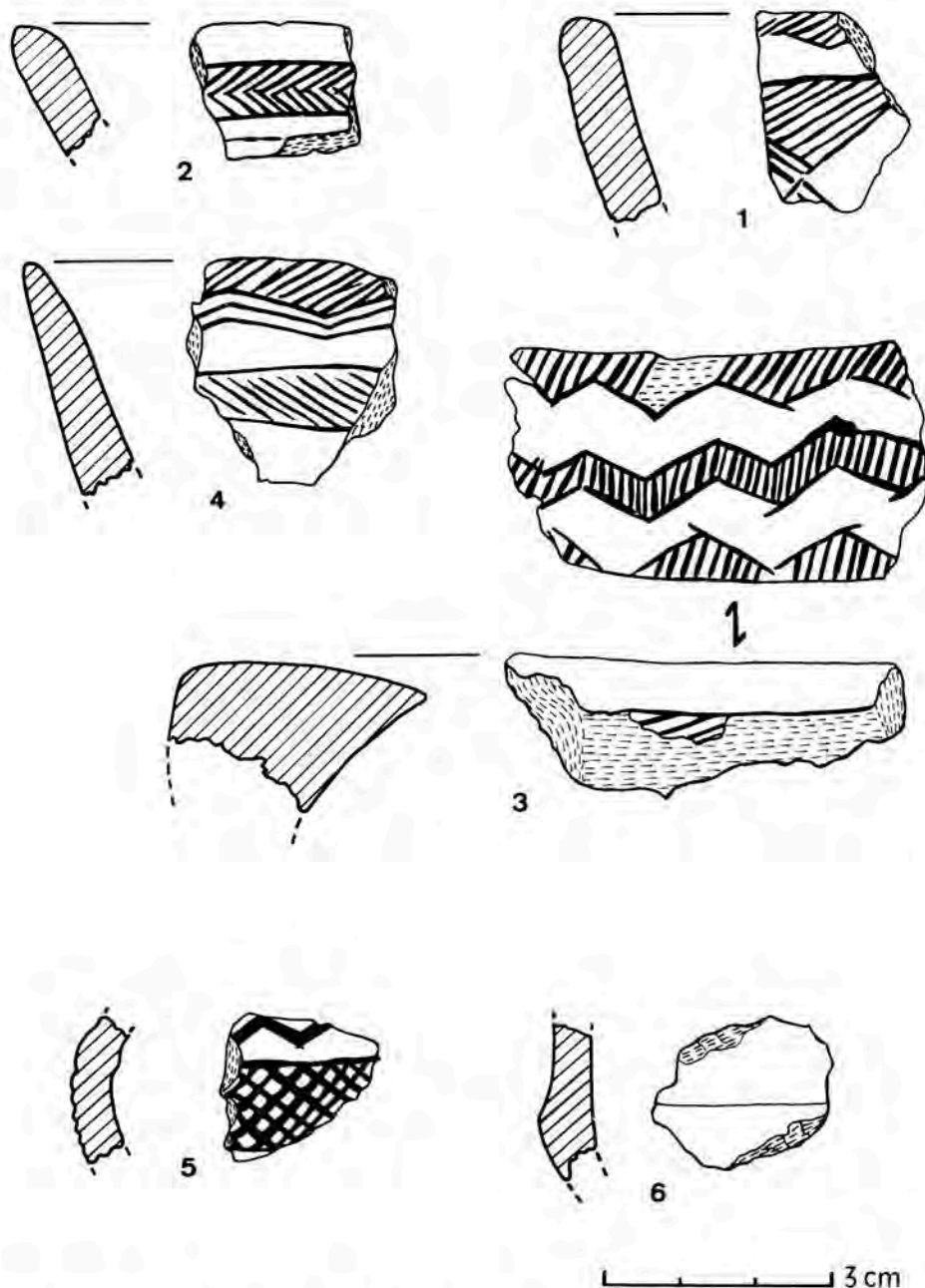


Fig. 105 — Cerâmica de Monte Novo: 1 a 16 — recipientes; 17 a 20 — crescentes.

Fig. 106 — Cerâmica campaniforme de Vale Vis-
toso. Decoração in-
cisa.



A cerâmica de Monte Novo mostra uma unidade técnica mais acentuada que a de Vale Píncel II: a pasta é quase exclusivamente compacta e contém numerosos elementos não plásticos de quartzo superiores a 1 mm. e abundante mica; de um modo geral foi cozida em ambiente completamente oxidante (as superfícies e a fractura são, pois, castanho-avermelhadas, sem zonas cinzentas ou negras).

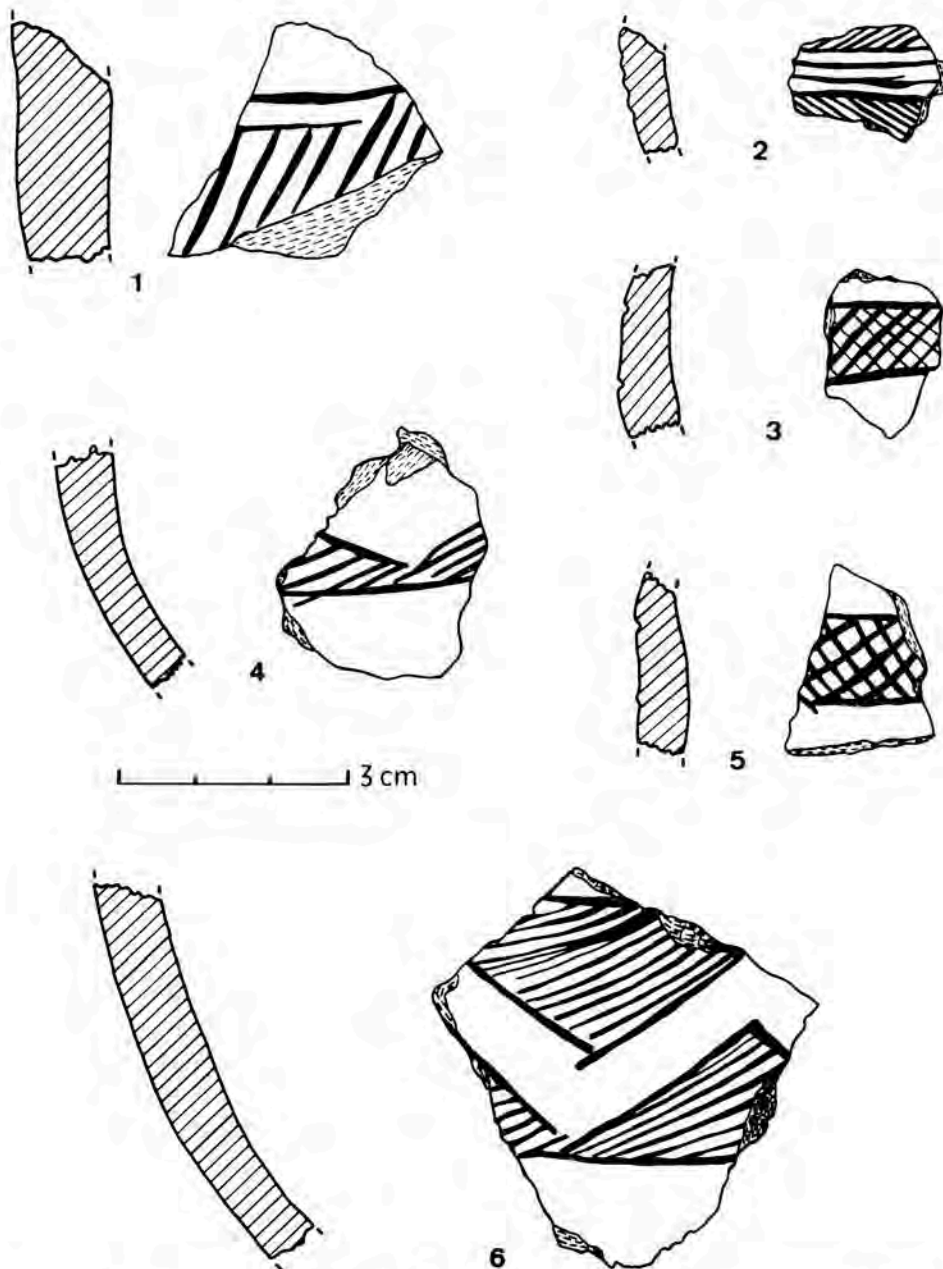
Torna-se difícil falar do tratamento das superfícies, uma vez que estas se apresentam muito erodidas; verifica-se, porém, que os pratos, quer os de

bordo sem espessamento quer os de bordo almen-
drado, têm a superfície interna muito bem alisada e a externa mal alisada e muito irregular.

A decoração está completamente ausente.

Isolaram-se as seguintes formas (figs. 104 e 105): pratos de bordo sem espessamento (7 %), pratos de bordo almen-
drado (43 %), taças largas de bordo espessado internamente (12 %), taças em calote (28 %), esféricos (6 %) e «potes» (5 %). Verifica-se que, em relação à cerâmica de Vale Píncel II, falta a taça carenada, estando pre-

Fig. 107 — Cerâmica campaniforme de Vale Vis-
toso. Decoração in-
cisa.



sente uma forma nova — o *prato de bordo almen-
drado*. Além disso, os *pratos de bordo sem espessa-
mento* e os «*potes*» surgem numa frequência muito
superior à de Vale Píncel II, enquanto, pelo contrá-
rio, as *taças em calote* e os *esféricos*, sobretudo os
que possuem mamilos alongados, ocorrem em
Monte Novo numa percentagem mais baixa que
em Vale Píncel II.

O *prato de bordo almen-
drado* (fig. 104,5-17),
forma ausente em Vale Píncel II e a mais abun-
dante em Monte Novo, é um recipiente muito
baixo (relação diâmetro externo da boca/altura

superior a 5) e largo (o diâmetro externo da boca
aproxima-se de 500 mm), com um lábio largo,
plano ou plano-convexo, e um característico es-
pessamento interno do bordo, de secção em amên-
doa.

Além das referidas diferenças há ainda a con-
siderar o facto de os «pesos de tear» paralelepí-
picos, com um furo em cada topo não surgirem
em Monte Novo e, por outro lado, aparecerem
neste povoado os chamados «crescentes», peças
em barro, arqueadas, de secção subcircular e com
um furo em cada extremidade, quase inexistentes
em Vale Píncel II (fig. 105,17-20).

Em Vale Vistoso não foi estudada a cerâmica lisa da ocupação calcolítica dado que os materiais deste período se encontravam misturados com os do Neolítico. Atendemos somente à cerâmica caracteristicamente campaniforme (figs. 106 e 107).

A pasta é compacta ou semicompacta com elementos não plásticos de quartzo superiores a 1 mm. A cor da maior parte dos exemplares (fractura com zona cinzenta ou negra e superfícies castanho-avermelhadas) revela uma cozedura realizada em ambiente redutor seguida de uma fase de arrefecimento processada em ambiente oxidante.

Alguns fragmentos, menos rolados, apresentam superfícies muito bem alisadas.

A decoração é exclusivamente incisa e localiza-se sobre a superfície externa e, no caso da «taça tipo Palmela», também sobre o lábio. Como motivos decorativos temos a faixa preenchida por xadrez (o mais abundante), as séries de traços paralelos e horizontais, a faixa de traços oblíquos, a faixa preenchida por «espinha» e a faixa em ziguezague preenchida por traços oblíquos.

Foram identificadas as seguintes formas: *taça em calote*, «taça tipo Palmela» com o espessamento interno do bordo muito acentuado e de perfil vincadamente triangular e a *caçoila carenada*.

Vale Pincel II e Monte Novo comportam-se como dois «estratos» bem diferenciados de uma «sequência estratigráfica horizontal». A proximidade entre os dois povoados, as distintas condições de implantação, as diferenças entre os seus espólios cerâmicos e, por fim, os paralelos com materiais de outras jazidas são elementos que permitem distinguir no Calcolítico pré-campaniforme da região de Sines dois grandes horizontes:

— O representado por Vale Pincel II, com *taças carenadas*, *taças largas de bordo espessado internamente*, *esféricos* com mamilos de preensão alongados, «pesos de tear» paralelepípedicos com um furo em cada topo, que parece marcar a fase de transição do Neolítico para o Calcolítico ou, mesmo, a fase inicial do Calcolítico.

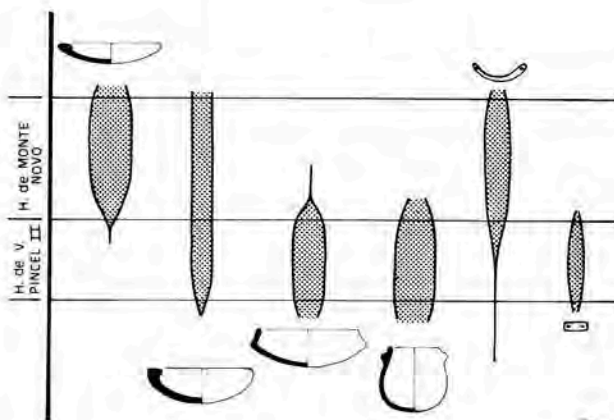


Fig. 108 — Os horizontes do Cobre inicial (Vale Pincel II) e do Cobre pleno (Monte Novo) definidos através da evolução de algumas formas cerâmicas.

— O representado por Monte Novo, do Calcolítico pleno, sem *taça carenada* nem «pesos de tear» paralelepípedicos e onde o *esférico* com mamilos alongados é quase nulo, mas possuindo, em contrapartida, abundantes *pratos de bordo almenдрado* e «crescentes» em barro, materiais ausentes em Vale Píncel II.

O primeiro destes horizontes seria contemporâneo do Horizonte dos Copos Canelados do Calcolítico inicial da Estremadura; o segundo, do Horizonte da Cerâmica com «Folha de Acácia» (Calcolítico médio da Estremadura).

O isolamento destes dois horizontes pré-campañiformes na Área de Sines pode ser generalizado, embora ainda com reservas, a outras zonas do Baixo Alentejo e até do Algarve. De facto, verifica-se que os materiais mais característicos exumados em Vale Píncel II se encontram igualmente presentes no Cabeço da Mina, povoado situado no interior, a 70 km., nos arredores do Torrão; Monte Novo, por seu turno, possui paralelos em dois outros povoados, um situado no Sul do Baixo Alentejo — o Cortadouro (Ourique) no qual a prática da metalurgia do cobre está testemunhada —, outro no Algarve Litoral — o de Alcalar, correspondente à necrópole de monumentos de falsa cúpula conhecida pelo mesmo nome (Tavares da Silva, e J. Soares, 1976-77).

Assim, na fase pré-campañiforme, o Calcolítico da Área de Sines integrar-se-ia em um grupo cultural mais vasto que abrangeria o Baixo Alentejo e o Algarve bem como, muito possivelmente, as províncias espanholas de Huelva (Papa Uvas, junto ao litoral, oferece flagrantes afinidades com Vale Píncel II) e de Sevilha (Valencina de la Concepcion). Este Calcolítico do Sudoeste Peninsular diferencia-se culturalmente, sobretudo ao nível de certos tipos cerâmicos, dos grupos da Estremadura (Vila Nova de S. Pedro) e do Sudeste Peninsular (Los Millares), embora, com estes, faça parte de um grande complexo cultural calcolítico (Sul da Península Ibérica) caracterizado na sua fase plena por povoados de altura, muitas vezes fortificados, pela construção de monumentos funerários colectivos de falsa cúpula (*tholoi*) e, muito especialmente, por uma economia agrícola enriquecida pelas primeiras manifestações da metalurgia do cobre.

Fig. 109 — A Idade do Cobre da Área de Sines no contexto das culturas da Estremadura e do Sudoeste peninsular.

	TEJO Ribatejo e Estremadura	BAIXO ALENTEJO E ALGARVE	HUELVA-SEVILHA
-1500	H. campaniforme (Rotura III)	Arcaza I do Sudoeste H. campaniforme/ Parradaira	H. campaniforme
-2000	Cerâmica c/ Decoração tipo folha de acácia. (Rotura II)	Prato de bordo almenдрado (Monte Novo)	Prato de bordo almenдрado (Valencina)
-2500	Copos canelados (Parada I)	Taça carenada (Vale Píncel II)	Taça carenada (Papa Uvas)
-2700			

Em Sines, a fase final do Calcolítico, ou seja, o Horizonte Campaniforme está representado em Vale Vistoso por cerâmica campaniforme exclusivamente incisa, facto que se reveste de grande importância para a compreensão do fenómeno campaniforme em Portugal pois vem contribuir para o isolamento do que designamos por Grupo Campaniforme Inciso (Soares, J. e C. Tavares da Silva, 1974-77; Soares, J. e C. Tavares da Silva, 1976-77 a).

O fascínio provocado pela larga distribuição da cerâmica campaniforme no continente europeu levou, até há pouco tempo, muitos autores a verem neste facto a expressão de uma grande cultura que, por volta de 2.000 a.C., teria dominado quase toda a Europa. Após estudos realizados em regiões geograficamente bem caracterizadas e de pequena amplitude, verificou-se a fragmentação e heterogeneidade da chamada Cultura do Vaso Campaniforme.

Em vez de uma única e grande cultura estaríamos, tão somente, em presença de alguns componentes que se teriam difundido por uma vasta área. Nas diversas regiões, esses componentes seriam assimilados e transformados, assumindo formas novas em função dos respectivos substratos culturais.

Assim, em Portugal, o horizonte Campaniforme integraria três grupos histórica e culturalmente bem definidos: o Internacional, o de Palmela e o Inciso (Soares, J. e C. Tavares da Silva, 1975 e 1974-77).

O Grupo Internacional corresponderia à chegada dos primeiros vasos campaniformes aos povoados da Estremadura que, como o Zambujal, Vila Nova de S. Pedro, Pedra do Ouro, Penedo e Rotura, possuíam, devido à sua situação e desenvolvimento económico, maior poder aquisitivo. Com efeito, nessas estações, ou melhor, nos seus estratos superiores, o tipo cerâmico melhor representado é o *vaso campaniforme internacional*, precisamente o tipo de cerâmica campaniforme considerado mais antigo e de maior expansão. Trata-se de um recipiente de pasta muito depurada, em forma de campânula invertida, decorado por traços oblíquos dispostos em bandas horizontais, traços que mudam de orientação alternadamente de banda para banda e que foram executados segundo a técnica do pontilhado obtido, em geral, através da

impressão dos dentes de uma matriz semelhante a um pente. Este recipiente, bem como a sua técnica decorativa, não encontram filiação nos conjuntos cerâmicos pré-campaniformes portugueses.

O Grupo de Palmela forma-se com a assimilação pelas populações autóctones, e aplicação a formas de recipientes que já faziam parte da sua cultura material, da técnica de decoração campaniforme. Uma dessas formas é a *taça larga de bordo espessado internamente* que existia pelo menos desde o Neolítico final-Calcolítico inicial; iria dar origem, nos finais do Calcolítico, pela decoração que receberia, à chamada «taça tipo Palmela». As populações do Grupo de Palmela ocupavam um grande número de locais, quase sempre de altura e com boas condições naturais de defesa, situados nas penínsulas de Setúbal (Pedrão, Moinho da Fonte do Sol, Malhadas) e de Lisboa (Parede II), nos arredores dos antigos e importantes estabelecimentos calcolíticos que tinham recebido o vaso campaniforme internacional e que, entretanto, haviam entrado em decadência.

O Grupo Inciso, no qual se integra a nossa estação de Vale Vistoso, teria resultado da acção de influências oriundas da Península Ibérica, da área da Meseta, sobre a cerâmica do Grupo de Palmela, e caracteriza-se pela presença de técnica decorativa exclusivamente incisa aplicada a vasos de perfis, por um lado, semelhantes aos daquela região espanhola e, por outro, comuns ao Grupo de Palmela (caso da *taça larga de bordo espessado internamente*). A distribuição da cerâmica campaniforme incisa no nosso território não se restringe à faixa litoral estremenha mas abrange também o Alentejo quer difundindo-se ao longo da costa para Sul do Sado (dólmen da Pedra Branca, em Melides e povoado de Vale Vistoso) quer penetrando no interior (Barrada do Grilo, nas proximidades do Torrão). Na Estremadura, ocorre principalmente em grutas naturais e está igualmente bem representada em povoados como o de Montes Claros (Lisboa) e o do Miradouro dos Capuchos (Almada).

A análise destes dois aspectos é grandemente dificultada pelo facto de serem ainda muito poucos os povoados conhecidos no Baixo Alentejo e Algarve (apenas três do Calcolítico pleno publicados: Monte Novo, Cortadouro e Alcalar), bem como por raramente aparecerem restos de alimentação devido à acidez dos terrenos (exceptua-se Alcalar que, situando-se sobre formações calcárias, forneceu, por prospecções de superfície, ossos de mamíferos e abundantes conchas de moluscos marinhos). Contudo, baseados nos escassos elementos de que dispomos, referiremos alguns aspectos relacionados com o modo de produção.

O desenvolvimento das forças produtivas, asentando fundamentalmente no domínio das técnicas agrícolas, teria conduzido ao aparecimento de um excedente económico que permitiu a implantação da metalurgia do cobre. Esta necessitaria de artífices especializados que, como já vimos, só poderiam ser mantidos através dos excedentes acumulados pela colectividade. De notar, com efeito, e como referimos no capítulo dedicado ao megalitismo, que as sociedades megalíticas pré-calcolíticas teriam necessariamente de produzir um considerável excedente económico.

Com o desenvolvimento da metalurgia do cobre, melhor, com o incremento de uma economia agro-metalúrgica, teria ocorrido uma grande divisão social do trabalho caracterizada pela existência, por um lado, dos agricultores, dos criadores de gado, dos caçadores e dos colectores e, por outro, dos artífices especializados ligados à metalurgia nas mãos dos quais se iria acumulando o sobreproduto adquirido pelo trabalho dos primeiros. Com esta grande divisão social gerar-se-ia um processo que levaria à diferenciação da comunidade em grupos antagónicos e no decurso do qual se manifestariam as primeiras formas de guerra.

Ao analisar-se na região de Sines a morfologia inerente a cada estabelecimento humano, desde o Mesolítico ao Calcolítico pleno, verifica-se que, enquanto até aos inícios do Calcolítico os povoados se localizam em zonas baixas, amplas e abertas sem quaisquer condições naturais ou artificiais de defesa (Vale Marim, Samouqueira, Vale Pincel I e Vale Pincel II), no Calcolítico pleno se nota a preocupação de escolher um local de onde se domine uma vasta região e no qual se constroem estruturas muito possivelmente defensivas (Monte Novo). Observa-se, de resto, a mesma preocupação na escolha do local para a implantação de outros povoados do Calcolítico pleno quer da área do Baixo Alentejo-Algarve (Cortadouro e Alcalar) quer da Estremadura.

Se estes dados relativos à existência de manifestações guerreiras podem mostrar de forma indirecta a vincada diferenciação social que terá acompanhado no Sul de Portugal o advento da prática da metalurgia do cobre, a necrópole correspondente ao povoado de Alcalar (contemporâneo do de Monte Novo) fornece, pelo menos, um testemunho directo do mesmo fenómeno. Assim, no monumento n.º 3, não obstante se manter a prática do enterramento colectivo, é nítido o destaque dado ao indivíduo do sexo masculino sepultado no «nicho» lateral da câmara funerária.

Como afirmámos noutro lugar (Tavares da Silva, C. e J. Soares, 1976-77) cremos estar em presença de uma fase de transição da sociedade comunitária para a sociedade de classes. E não podemos esquecer, como aponta J. Suret-Canale (1974), que entre uma e outra há todas as transições possíveis.

VI

OS CEMITÉRIOS DE CISTAS DA IDADE DO BRONZE

Na Área de Sines não foi até agora encontrado qualquer testemunho arqueológico da fase de transição da Idade do Cobre para a Idade do Bronze. Mas, um pouco mais a Sul, nos arredores de Vila Nova de Mil Fontes, a descoberta, no século passado (Estácio da Veiga, 1891), de uma sepultura rectangular, tipo cista, formada por oito lajes, com o comprimento de 1,00 m. e a largura de 0,76 m. e contendo uma ponta de seta em cobre tipo Palmela — achado que Schubart (1971) integrou no Horizonte de Ferradeira —, pode representar um importante contributo para o estudo desse momento de transição. Com efeito, se por um lado se trata de uma sepultura tipo cista com uma dimensão igual à das sepulturas do Bronze de Sines, por outro, forneceu uma ponta de seta tipo Palmela, peça dos finais da Idade do Cobre e frequentemente associada a cerâmica campaniforme.

Podemos admitir, com H. Schubart (1971 b), que, nos finais da primeira metade do segundo milénio, as comunidades do Sul do País, sob a acção de estímulos culturais oriundos do Mediterrâneo e veiculados através de um processo de relações comerciais — e não de uma migração relativamente importante —, teriam originado uma nova cultura. Esta, distinguindo-se nitidamente da do Bronze Argárico (com a qual, até há poucos anos, foi confundida), possui fisionomia própria; é designada pelo nome de Bronze do Sudoeste.

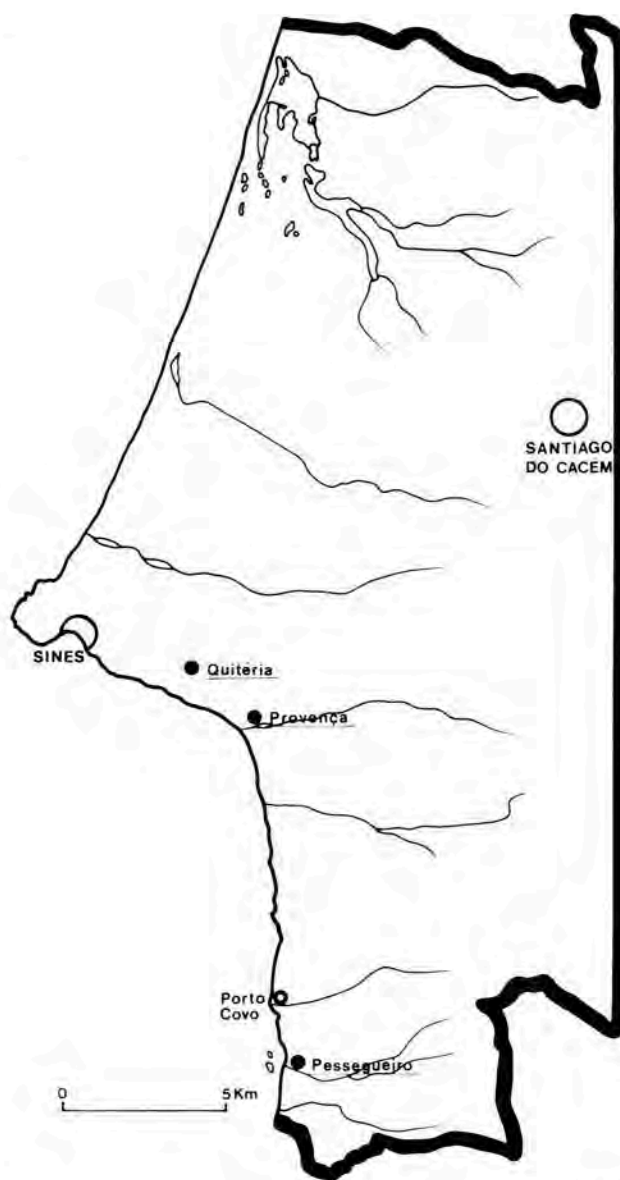


Fig. 110 — Localização das jazidas do «Bronze do Sudoeste» na Área de Sines.



Fig. 111 — A Ribeira da Provença, na margem direita da qual se situa a necrópole da Idade do Bronze do mesmo nome.

AS NECRÓPOLES

A Cultura do Bronze do Sudoeste era conhecida, até ao momento em que na Área de Sines descobrimos os seus primeiros povoados, exclusivamente por achados sepulcrais, facto que nos leva a iniciar este capítulo pela análise das necrópoles.

Efectuámos trabalhos em três estações: Provença, Quitéria e Pessegueiro. Estas localizam-se a curta distância do Oceano (entre 400 metros — Pessegueiro — e 1700 metros — Provença) em zonas planas, nas proximidades de linhas de água e sobre terrenos arenosos (só em parte xistosos, na Provença).

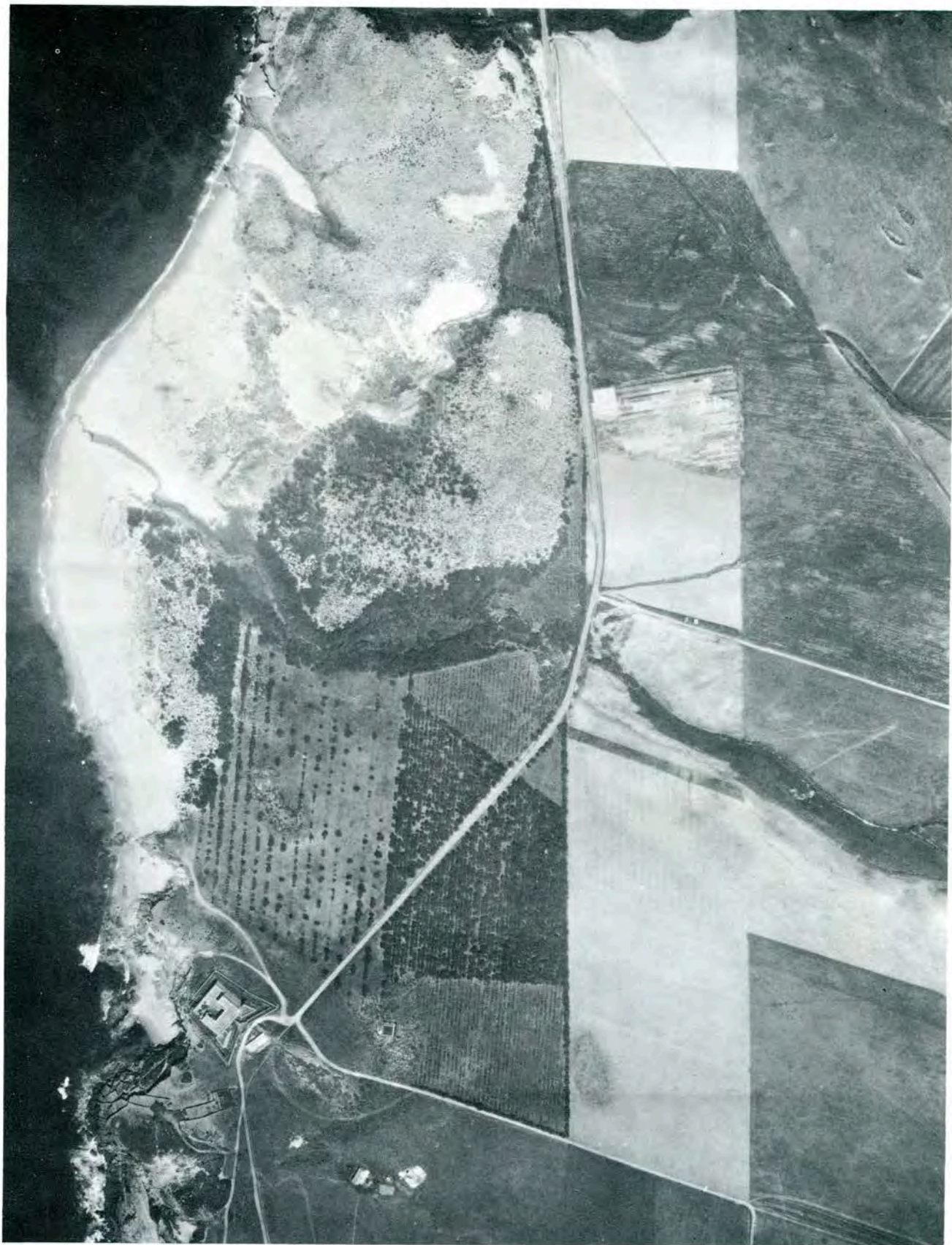
Pela segunda vez em Portugal — e após a escavação pelo Instituto Arqueológico Alemão da necrópole de Atalaia, no concelho de Ourique — foram efectuadas escavações em extensas áreas de jazidas do Bronze do Sudoeste. Assim, ao contrário do que até então era hábito, não se procurou conhecer somente as sepulturas propriamente ditas, as cistas, mas pôr a descoberto todo o monumento no qual essas sepulturas se integram. Por esta via, tornou-se possível verificar que na Área de Sines

as sepulturas do Bronze do Sudoeste se situam no seio de recintos tumulares de planta rectangular, limitados por lajes colocadas verticalmente (só muito excepcionalmente com lajes, intercaladas, dispostas na horizontal). Sepulturas e respectivos recintos agrupam-se, formando núcleos ou monumentos sepulcrais.

Foram identificados dois monumentos na Provença (um deles foi totalmente escavado), um na Quitéria (não completamente escavado) e seis no Pessegueiro (um totalmente escavado — o monumento I —, outro — o mon. II — escavado só no exterior das sepulturas e os restantes assinalados por vestígios de superfície).

São diversas as dimensões dos monumentos: entre 5 sepulturas no mon. I do Pessegueiro e 28 na Provença.

Fig. 112 — Vista aérea do local onde se situa a jazida do «Bronze do Sudoeste» do Pessegueiro, notando-se a área escavada até 1977.



As *sepulturas*, todas de tipo cista, com quatro lados, apresentam planta rectangular ou trapezoidal (por deformações resultantes de pressões exteriores) e têm normalmente quatro esteios: dois laterais, maiores e dois de topo, menores. Possuem tampa monolítica formada por uma laje de contorno sub-rectangular (muitas não apresentavam tampa, na altura da descoberta, talvez por aquela ter sido destruída ou retirada quando da realização de trabalhos agrícolas).

O material litológico utilizado na sua construção é variado: quase exclusivamente o xisto na Provença (exceptuando a sepultura 15 cujos esteios são de grés dunar e a sep. 1 com tampa de grés ferruginoso); o grés dunar (mesmo em algumas tampas), o xisto e o gabro-diorito na Quitéria; o grés dunar e o xisto no Pessegueiro.

As dimensões variam em torno dos seguintes valores: 1,00/1,20 m. de comp., 0,50/0,55 m. de larg. e 0,60 de profundidade ou altura; só muito excepcionalmente estes valores são ultrapassados (sep. 4 da Quitéria com 1,60 m. de comprimento). Algumas são muito pequenas (sep. 5 do mon. I do Pessegueiro com 0,57 de compr. e 0,21 m. de larg.).

O volume primitivo do interior foi quase sempre alterado devido a pressões exteriores as quais provocaram a deslocação dos esteios, principalmente os dos topos.

Em cada sepultura os esteios não foram implantados todos ao mesmo nível: as suas bases encontram-se a cotas diferentes, embora as partes superiores estejam sensivelmente ao mesmo nível.

Fig. 113 — Vista parcial do núcleo Norte do monumento I da Provença.



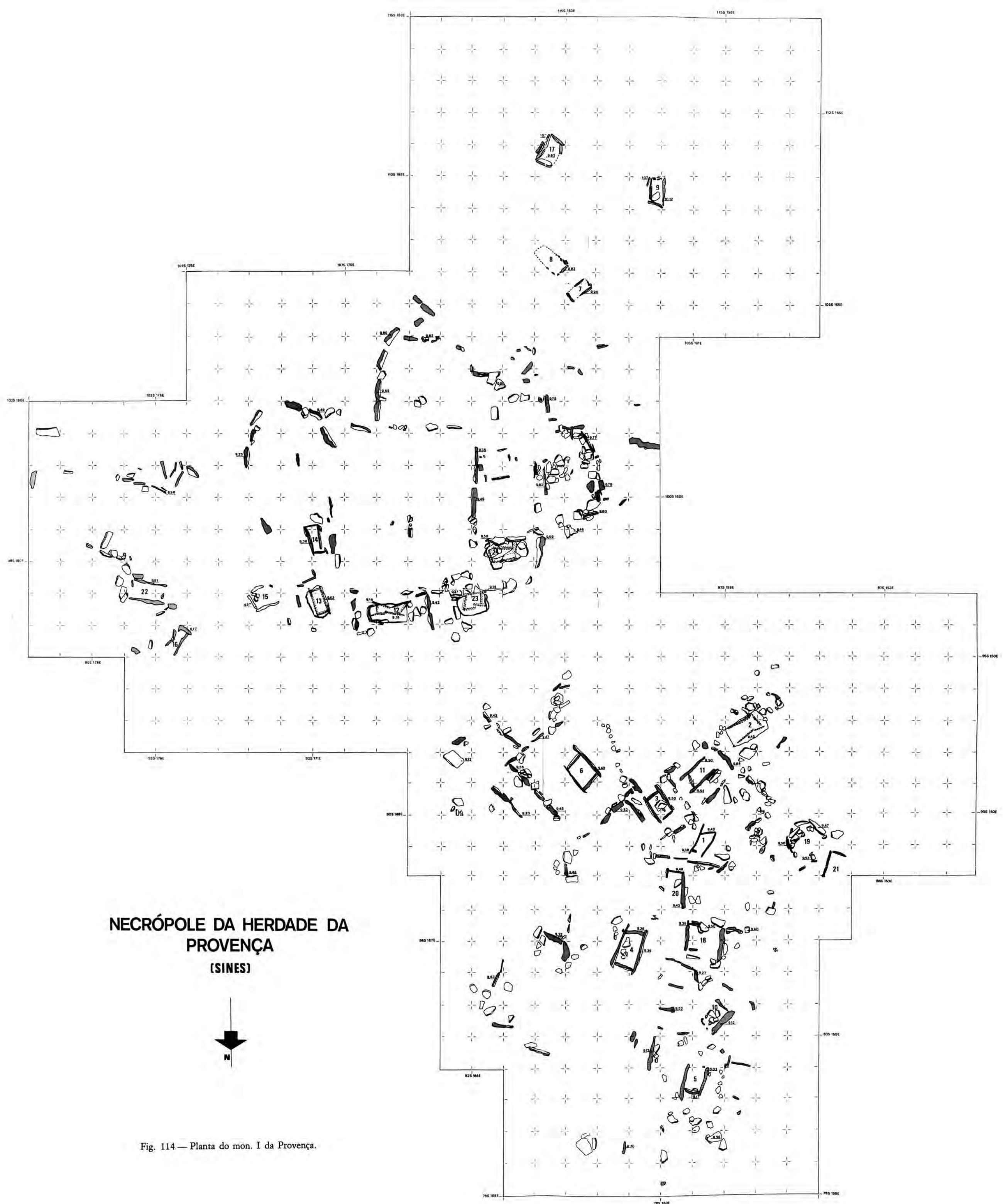


Fig. 114 — Planta do mon. I da Provença.



Fig. 115 — Aspecto do monumento I da Provença, vendo-se sepulturas de tipo cista integradas em recintos tumulares de planta rectangular.

Os esteios eram introduzidos em roços abertos na rocha (fosse esta de areias ferruginosas compactas como na Quitéria e no Pessegueiro, fosse de xisto, como na Provença). A fim de evitar a sua deslocação, reforçavam-nos por meio de lajes colocadas verticalmente no exterior e, mais raramente, no interior da sepultura.

Após a implantação dos esteios, o fundo da cista era preparado com uma camada de terra e, por vezes, algumas pedras (sep. 18 da Provença), até cerca de 0,20 m. acima da base dos esteios (a sep. 18 da Quitéria era pavimentada por lajes de xisto). Em seguida era depositado o cadáver (ou cadáveres — sep. 24 da Quitéria) e, eventualmente, um ou mais objectos.

A tampa seria, pelo menos em alguns casos, travada por meio de lajes ou calhaus colocados obliquamente à sua volta, com uma parte sobre a tampa e outra fincada no solo (sep. 2 da Provença).

Algumas sepulturas da Provença (n.ºs 12, 13 e 24), em que a tampa se conservou, apresentavam-se incompletamente cheias de terra. Na Quitéria, verificou-se que a tampa da sep. 5 se encontrava partida (devido à pressão exercida pelas pedras da cobertura tumular), com os fragmentos tombados para o interior e assentando directamente sobre o espólio. Nesta necrópole e na do Pessegueiro a escavação revelou o frequente aparecimento de fragmentos de tampa no interior das sepulturas. Estas observações parecem indicar que os cadáveres não seriam cobertos por terra.

A estrutura circundante que delimita o recinto tumular, no seio do qual se localiza a sepultura, define uma área de planta rectangular; é constituída por lajes colocadas verticalmente e, raramente, por lajes intercaladas dispostas na horizontal e empilhadas (Provença e Quitéria).

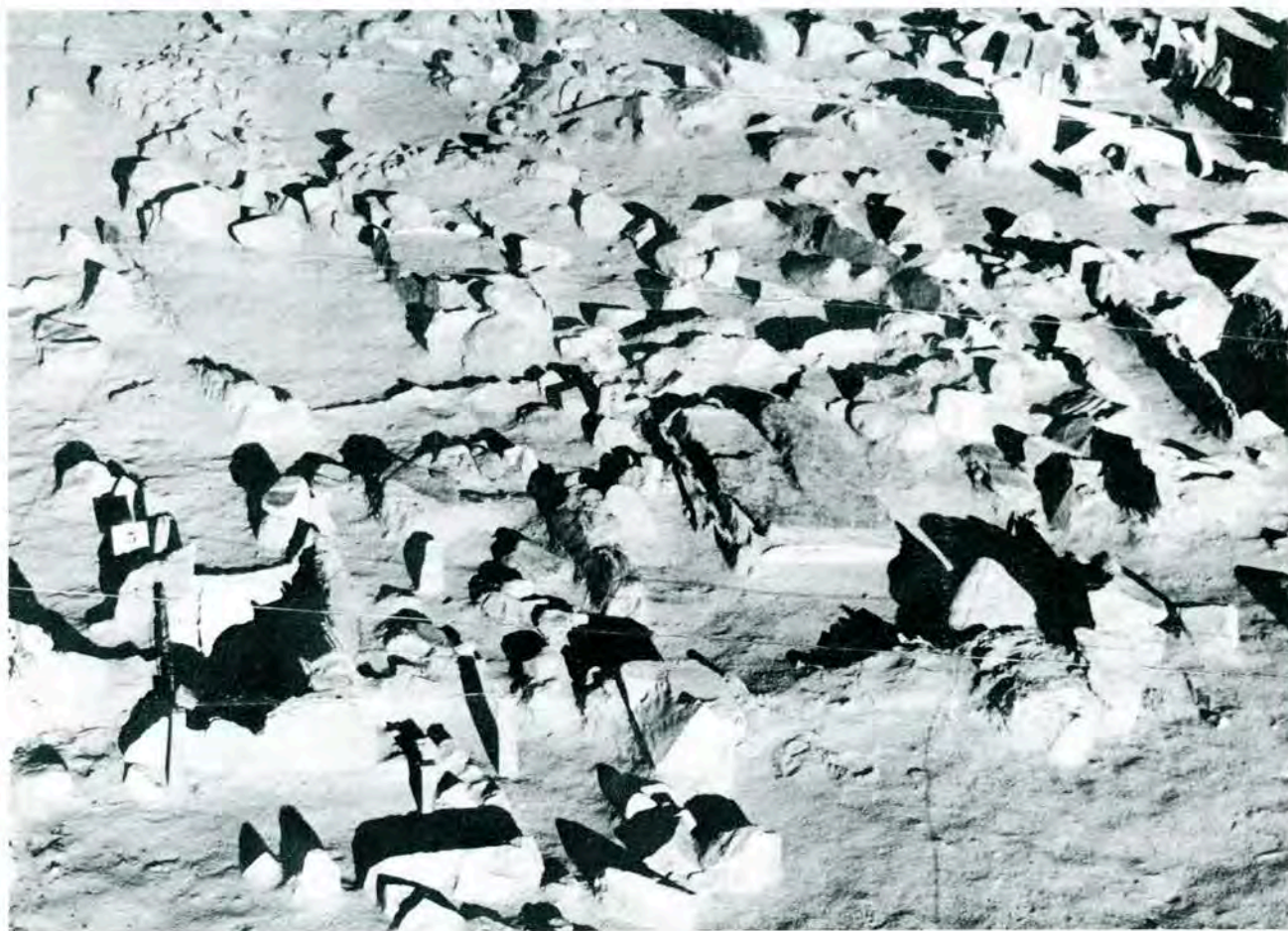
Os esteios que limitam o recinto possuem a base a um nível sempre superior ao da base dos esteios da sepultura; têm, em muitos casos, reforços formados por calhaus.

Na Provença, na Quitéria e no mon. I do Pessegueiro a maior parte dos recintos apresenta lados comuns; verificam-se também interpenetrações. No mon. II do Pessegueiro, pelo contrário, os recintos, muito pequenos, não são contíguos. Por conseguinte, não têm lados comuns e separam-se por estreitos corredores.

A matéria-prima utilizada na construção dos limites dos recintos tumulares foi o xisto (muito abundante na Provença), o grés dunar e o gabro-diorito (Quitéria).

A orientação dos recintos coincide, de um modo geral, com a das sepulturas. Na Provença verificou-se que as sepulturas mais antigas e, portanto, os respectivos recintos estavam orientados segundo a direcção N.-S., NNW.-SSE. e NNE.-SSW.; as mais recentes, cujos recintos se foram encostar aos anteriores, situando-se na periferia dos núcleos sepulcrais, tinham orientação E.-W.,

Fig. 116 — Vista parcial da necrópole da Quitéria. Notar o aspecto aparentemente caótico do monumento, resultante da utilização de grande número de blocos de gabro-diorito na construção das estruturas tumulares.



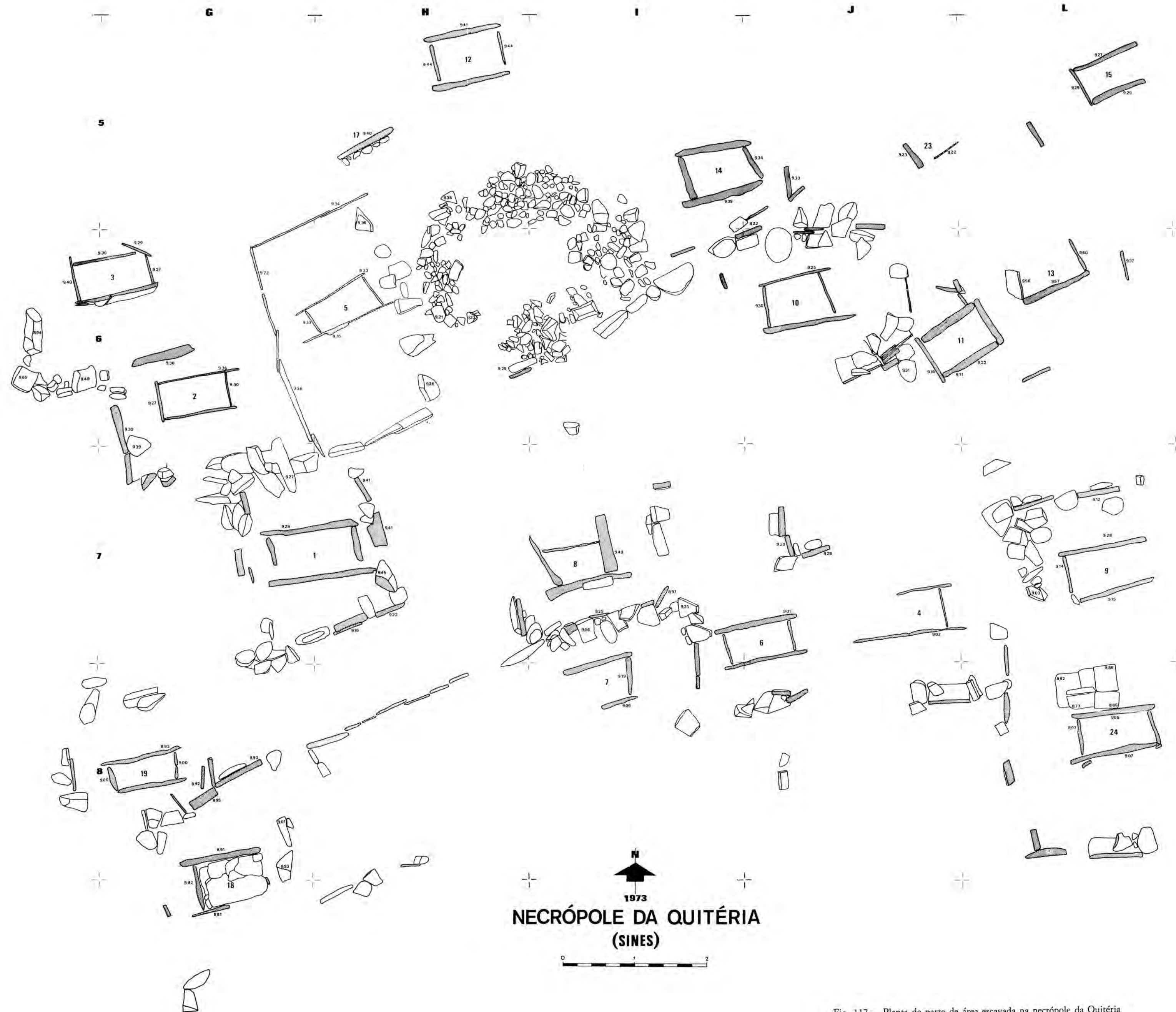


Fig. 117 — Planta de parte de área escavada na necrópole da Quitéria (não figuram as sepulturas 16, 20, 21 e 22).



Fig. 118 — Sepultura n.º 6 da Quitéria, vendo-se, em segundo plano, uma das paredes do recinto tumular formada por esteios intercalados por blocos empilhados horizontalmente.

NE.-SW. e NW.-SE. Na Quitéria, predomina a orientação ENE.-WSW. No mon. I do Pessegueiro, ao contrário do observado na Provença, as sepulturas e os recintos mais antigos parecem ser os de orientação E.-W., tendo os mais recentes a orientação N.-S.

Quanto às dimensões, verifica-se que na Provença oscilam entre $1,35 \times 1,80$ m. (rec. da sep. 3) e $4,40 \times 5,20$ m. (rec. da sep. 29, o mais antigo do núcleo Sul), sendo os menores os mais recentes. Na Quitéria variam entre $1,80 \times 1,80$ m. (o da sep. 20) e $1,90 \times 3,15$ m. (o da sep. 5). É no mon. II do Pessegueiro que os recintos se reduzem consideravelmente, sendo pouco maiores que as respectivas sepulturas.

A cada recinto corresponderia um *tumulus* formado por terra e pedras que assentariam directamente sobre a tampa da sepultura; a sua forma seria talvez subpiramidal. Os esteios que limitam os recintos teriam como função sustentar a terra e as pedras do *tumulus*.

Na Quitéria, no recinto da sep. 2, pusemos a descoberto lajes de xisto horizontais que formavam um pavimento situado 0,18 m. abaixo do nível da parte superior dos esteios da sepultura. Na mesma necrópole e no interior do recinto da sep. 24, encostada a esta, surgiu, cerca de 0,30 m. abaixo do nível da parte superior dos esteios da sepultura, uma área rectangular, com aproximadamente $0,60 \times 0,80$ m., pavimentada por lajes de xisto.

Fig. 119 — Planta e perfil do mon. I do Pessegueiro.

34

35

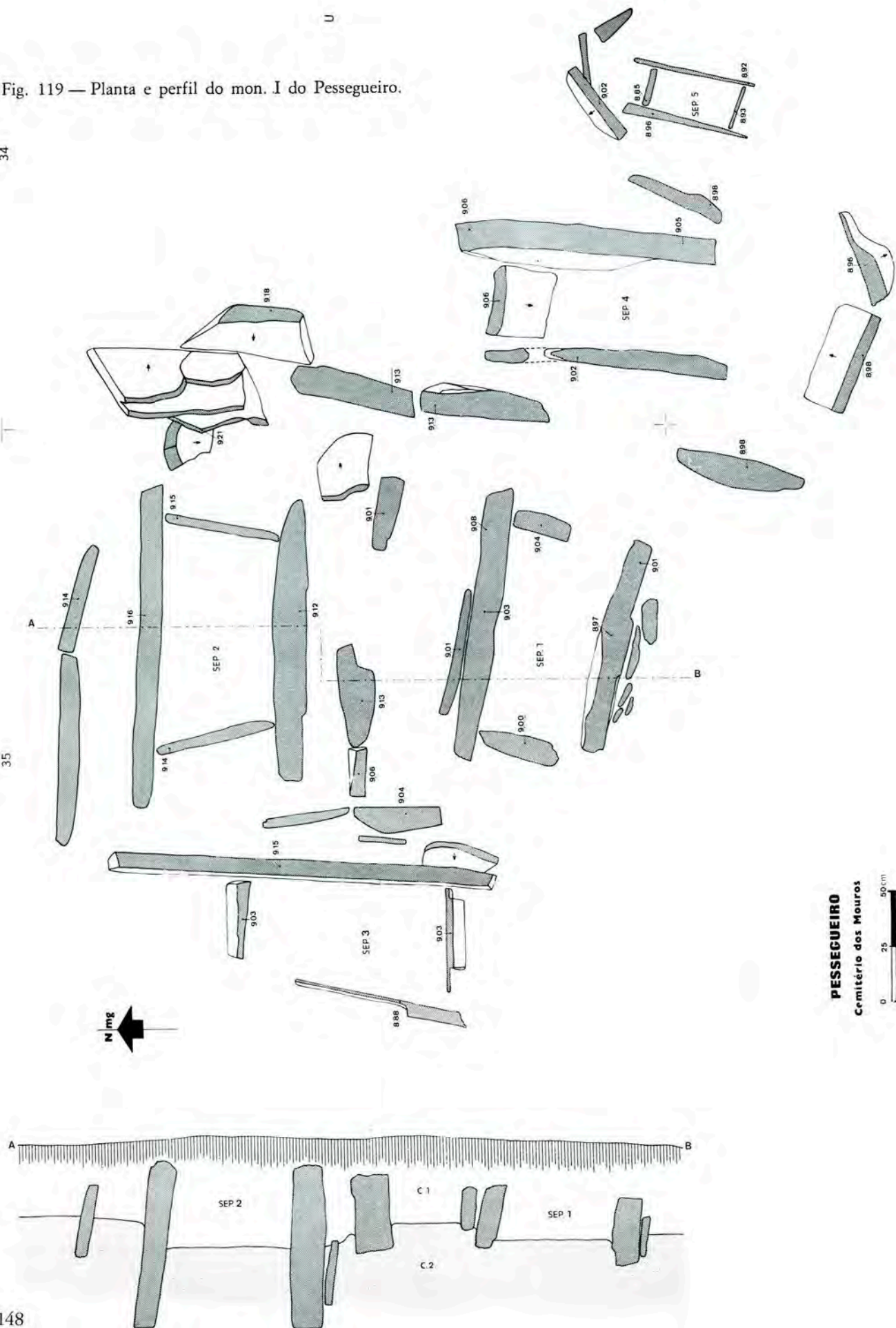




Fig. 120 — Sepultura 4 do monumento I da Provença. As sepulturas do Bronze de Sines são de tipo cista, constituídas por dois esteios laterais maiores e por dois de topo, menores.

Espólio do interior das sepulturas

No interior das sepulturas raramente era depositado mais do que um objecto, constituído quase sempre por um pequeno recipiente em cerâmica. Algumas sepulturas, embora conservando a tampa e não mostrando sinais de violação (seps. 2 e 13 da Provença) não ofereceram qualquer peça. Contrastando com essa pobreza foi descoberta na Provença uma sepultura (n.º 12) relativamente rica: continha dois recipientes em cerâmica, um punhal em cobre/bronze e três contas de colar (duas em mineral de cor verde e uma em ouro).

Os recipientes em cerâmica, de pequenas dimensões, surgem nas seguintes formas:

— Taça semiesférica de base aplanada (2 exemplares: seps. 22 e 24 da Quitéria).

— Esférico baixo/médio (1 exemplar de bordo reentrante proveniente da sep. 3 da Provença).

— «Vaso com zonas horizontais» (Shubart). Colo estrangulado; bojo de grande diâmetro relativamente ao da boca; colo alto; fundo a tender para cónico. Decoração na superfície externa: bandas horizontais no colo (fiadas de pontuações) e no início do bojo (fiadas horizontais de pontuações sobre finas nervuras verticais); um exemplar da Quitéria (sep. 12) foge a esta temática decorativa pois apresenta decoração incisa constituída por uma banda horizontal em espinha situada na parte inferior do colo e duas bandas em ziguezague



Figs. 121 e 122 — Após a implantação dos esteios, o fundo da sepultura era elevado através da deposição de terra e, por vezes, como no presente caso (sep. 18 da Provença), de blocos de pedra, até cerca de 0,20 m. da base dos esteios. Seguidamente, era colocado o cadáver e, eventualmente, um ou mais objectos.



Fig. 123 — Sepultura 24 da Quitéria, notando-se um dos esqueletos encontrados e, no exterior, junto de um dos esteios laterais da cista, uma estrutura horizontal de planta rectangular, formada por diversas lajes de xisto.

preenchidas por traços verticais, no bojo. 4 exemplares: 1 da Provença (sep. 19); 2 da Quitéria (seps. 12 e 20); e 1 do mon. I do Pessegueiro (sep. 5).

— «Vaso de nervuras verticais» (Schubart). Colo estrangulado e curto; bojo de grande diâmetro relativamente ao da boca. Decoração na superfície externa: gomos e nervuras verticais. 2 exemplares: 1 da Provença (sep. 12) e 1 da Quitéria (sep. 21).

— «Taça tipo Atalaia» (Schubart). 5 exemplares: 3 da Provença (seps. 15, 18 e 24) e 2 da Quitéria (seps. 1 e 9).

— «Taça tipo Atalaia»/«tipo Odívelas». Carena muito baixa, fundo aplanado e parede alta com ligeira concavidade (forma subcilíndrica). Por um lado faz lembrar a «taça tipo Atalaia» e, por outro, a «taça tipo Odívelas» da classificação de Schubart. 1 exemplar (sep. 12 da Provença).

— Taça larga de carena baixa; parede com acentuada concavidade. Aproxima-se do perfil da

«taça Santa Vitória» de Schubart. 1 exemplar com a carena amputada (sep. 14 da Quitéria).

— Taça ou copo tronco-cónico, de carena baixa, parede alta, direita e inclinada para o interior. Decoração na superfície externa: quatro séries verticais de mamilos. 1 exemplar (sep. 23 da Quitéria).

— Vaso de carena alta (fragmento). Parede com acentuada concavidade. 1 exemplar (sep. 23 da Provença).

A pasta destes recipientes é em geral semicom-pacta com elementos não plásticos (quartzo) raramente superiores a 1 mm.

A cor, quase sempre acastanhada nas superfícies e acinzentada/negra em uma zona intermédia da fractura, revela cozedura redutora-oxidante, ou melhor, efectuada em ambiente redutor e com uma fase final ou de arrefecimento em ambiente oxidante.



Figs. 124 e 125 — No interior das sepulturas, acompanhando o morto, era depositada, frequentemente, uma peça em cerâmica. Sepultura n.º 1 da necrópole da Quitéria, com uma taça tipo Atalaia.





Fig. 126 — Espólio funerário da sepultura n.º 9 da necrópole da Quitéria.

Fig. 127 — Sepultura n.º 5 da Quitéria. Acha-
do de um elemento de xorca, em
barro.





Fig. 128 — Sepultura n.º 12 da Provença, no momento da descoberta de um vaso de colo estrangulado decorado por nervuras verticais.



Fig. 129 — Mobiliário funerário (vaso de colo estrangulado) da mais pequena sepultura encontrada no Bronze de Sines. Sep. 5 do mon. I do Pessegueiro.



Fig. 130 — As sepulturas não eram completamente cheias de terra, como se verificou na sep. 13 do mon. I da Provença.

Fig. 131 — A mesma sepultura, conservando ainda a laje de cobertura, em xisto.





Fig. 132 — Na sepultura 5 da Quitéria verificou-se que a tampa se encontrava partida com os fragmentos assentes no nível de tumulação, facto que permite pôr a hipótese de a sepultura, após o enterramento, não ter sido intencionalmente cheia de terra.

Os vasos de colo estrangulado — de paredes finas e com decoração — apresentam frequentemente as superfícies negras (engobe? fase de arrefecimento em ambiente redutor?) e muito bem polidas. As superfícies das restantes formas receberam um tratamento menos apurado: embora muito bem alisadas, o polimento não mostra o brilho quase metálico dos vasos de colo estrangulado e com decoração em bandas ou em gomos.

Além destes materiais cerâmicos, a sepultura 5 da Quitéria forneceu, como único espólio, um «elemento de xorca» em barro.

Como *objectos metálicos* há a assinalar o aparecimento das seguintes peças:

— Fragmento mesial de um punção (?) em cobre/bronze de secção quadrangular. Sep. 6 da Quitéria.

— Punhal em cobre/bronze com três rebites; goteira na linha média de cada face da lâmina; zona de encabamento trapezoidal. Sep. 12 da Provença.

Como *elementos de adorno* temos somente 3 contas provenientes da sepultura 12 da Provença: 2 esférico-achatadas feitas de uma substância mineral verde de brilho gorduroso, com perfuração cilíndrica; 1 conta espiralada em ouro.



Fig. 133 — Sepultura 2 do mon. I da Provença. Tampa em xisto.



Fig. 134 — Sepultura 12 do mon. I da Provença. Tampa em xisto.



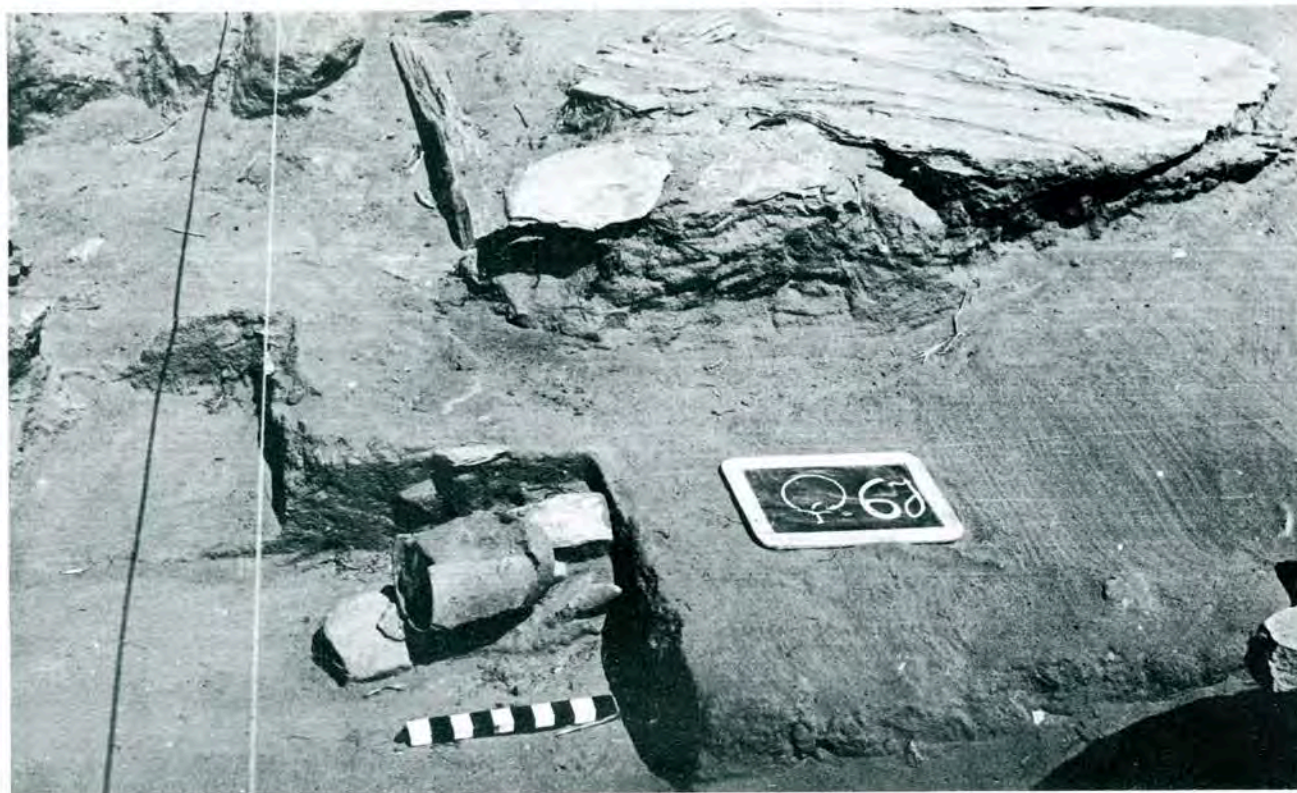
Figs. 135 e 136 — Tampa da sep. 23 do mon. I da Provença, apresentando no seu canto NE, três «cavinhas» insculptadas.

O espólio sepulcral não se limita aos objectos depositados no interior das sepulturas. No exterior, na área dos recintos tumulares, encontraram-se sempre numerosos fragmentos de cerâmica misturados com a terra e as pedras resultantes da destruição dos *tumuli*. Alguns recipientes, encontrados inteiros e *in situ* (recintos da sep. 1 da Provença e das seps. 2 e 10 da Quitéria), não deixam dúvidas quanto à intencionalidade da sua colocação junto da sepultura. Quanto aos fragmentos, várias hipóteses podem ser apresentadas. Poder-se-ia admitir que o seu aparecimento na área das necrópoles se tivesse ficado a dever ao facto de terem sido transportados, por acção da lavoura ou de agentes da geodinâmica externa, da zona do povoado, que se situa nas proximidades, para junto das sepulturas. Não negando na totalidade esta hipótese é, porém, necessário considerar que, no monumento escavado na Provença, em terrenos argilosos, se verificou claramente a presença de fragmentos de cerâmica entre as pedras dos *tumuli* que cobriam as sepulturas. Além disso, no Pessegueiro, onde a área escavada foi muito extensa, abrangendo não apenas os locais com estruturas habitacionais e funerárias mas também o espaço que separa o povoado dos monumentos sepulcrais, tendo o material arqueológico sido integralmente recolhido, verificou-se que o número de fragmentos por metro quadrado decrescia à medida que a escavação se afastava do povoado, para aumentar consideravelmente na zona correspondente ao monumento funerário I situado a Oeste e a 20 metros da área habitacional. Por conseguinte, no Pessegueiro, não obstante as camadas serem constituídas

por areias bem calibradas, eólicas, onde o transporte por acção da lavoura e/ou de agentes da geodinâmica externa está muito facilitado, temos de aceitar a existência de uma relação entre o aumento do número de fragmentos de cerâmica e a presença do monumento funerário. Por outro lado, observou-se que os fragmentos menores ou iguais a 25 mm., em geral rolados, apresentam uma distribuição semelhante à dos fragmentos de maiores dimensões, quase sempre pouco rolados, isto é, os primeiros como os restantes atingem a sua máxima frequência na área das estruturas sepulcrais bem como na das estruturas habitacionais. Além disso, não encontramos nos recintos tumulares do mon. I dois fragmentos de bordo que pudessem fazer parte do mesmo recipiente. Em face destes dados somos levados a admitir a hipótese de ter havido a deposição, possivelmente ritual, no seio dos recintos tumulares, de terra trazida do povoado que, por conseguinte, continha fragmentos de cerâmica de todas as dimensões e pertencentes a uma variedade muito grande de vasos.



Fig. 137 — Pequena caixa em grés dunar, parcialmente danificada pela acção da lavoura, contendo um crânio humano. Situava-se no interior do recinto tumular da sepultura n.º 10 da Quitéria.



Figs. 138 e 139 — Deposição de um vaso em cerâmica no recinto da sep. 10 da Quitéria.

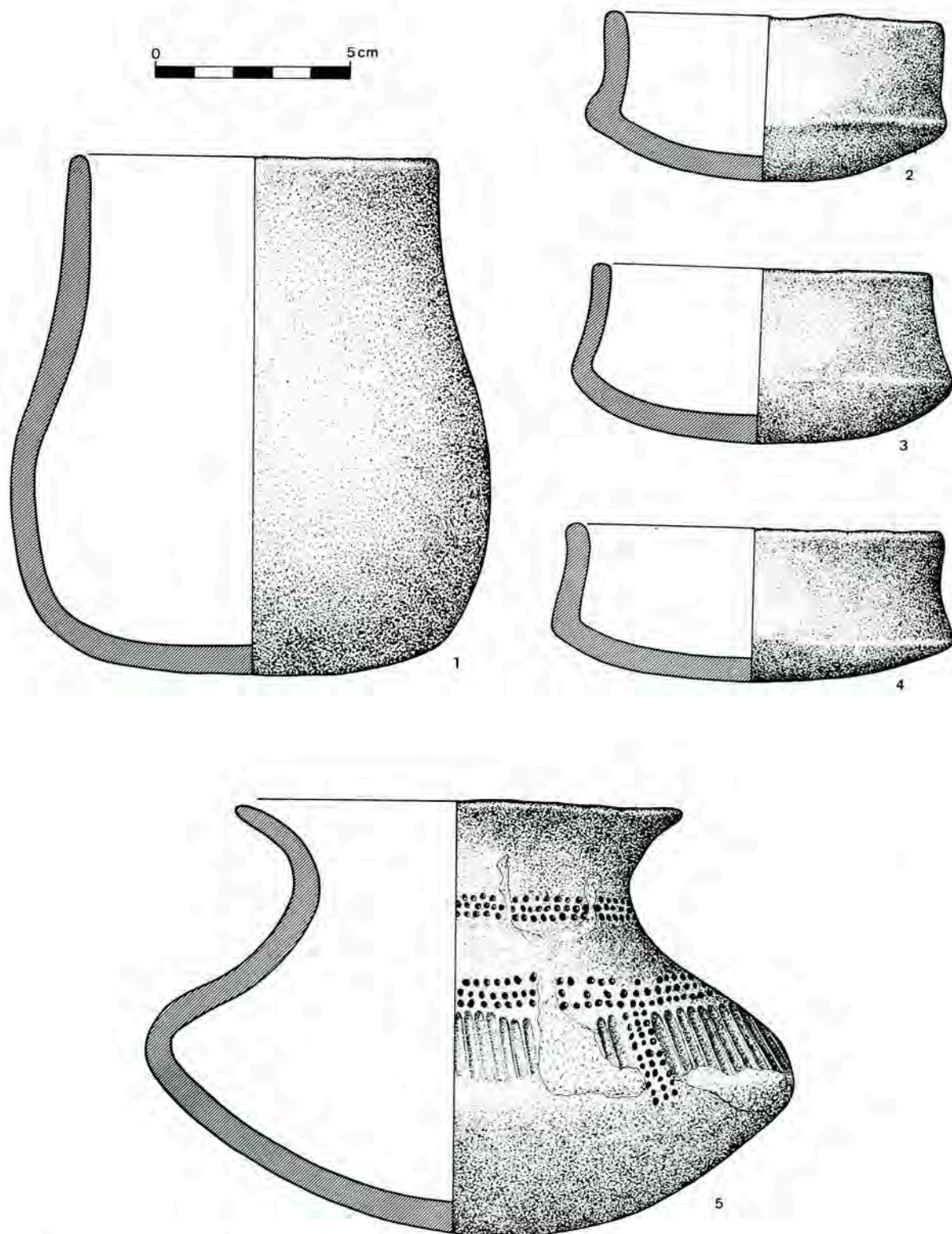


Fig. 140 — Espólio cerâmico do interior de sepulturas da Provença: 1 — vaso piriforme (sep. 22); 2, 3 e 4 — taças tipo Atalaia (2 - sep. 18; 3 - sep. 15; 4 - sep. 24); 5 — vaso de colo estrangulado decorado por bandas (sep. 19).



Fig. 141 — «Vaso com zonas horizontais» proveniente da sep. 19 da Provença.

A cerâmica proveniente dos recintos tumulares é, no seu conjunto, afim da encontrada nas áreas habitacionais. Identificam-se abundantes pratos ou taças baixas de bordo espessado internamente com o lábio geralmente arredondado (mais raramente aplanado), taças de bordo sem espessamento (abundantes), esféricos (?), vasos altos subcilíndricos com mamilos junto ao bordo e fundo plano (abundantes), «potes» de bordo com espessamento arredondado (raros), taças de carena baixa, média e alta (pouco frequentes). A pasta é, em geral, compacta ou semicompacta com elementos não plásticos de quartzo frequentemente superiores a 0,5 e, mais raramente, a 1 mm. Na cor predominam as fracturas com zonas acinzentadas/negras e zonas avermelhadas/acastanhadas; destacam-se as que possuem uma zona acinzentada/negra entre zonas superficiais avermelhadas/acastanhadas o que revela cozedura em ambiente redutor com uma fase final, que pode ser de arrefecimento, oxidante. São também abundantes, ainda que em menor percentagem, as fracturas e as superfícies totalmente acinzentadas/negras indicativas de cozedura completamente redutora. No que se refere ao tratamento das superfícies nota-se que,

enquanto os vasos altos de paredes subverticais apresentam superfícies ásperas e irregulares, mal alisadas, as taças, bem como as formas carenadas têm superfícies bem alisadas ou polidas, em alguns casos com engobe.

Se excluirmos os mamilos, podemos dizer que a decoração é quase nula. Na Provença, das centenas de fragmentos recolhidos no exterior das sepulturas, nas áreas tumulares, somente dois exemplares têm decoração: 1 fragmento de vaso de colo com a superfície externa decorada por dois sulcos oblíquos e paralelos e com o lábio denteado; 1 taça de carena alta (recinto da sep. 1) decorada exteriormente por caneluras pouco fundas verticais, umas rectilíneas, outras curvilíneas que formam motivos elípticos.

Ritual funerário

Destacamos os seguintes aspectos:

— As sepulturas, reunidas em monumentos, localizam-se a curta distância da área habitacional, ao contrário do que acontecia na Idade do Cobre ou no Neolítico recente em que os monumentos sepulcrais se situavam em locais afastados dos povoados.

— Seriam, de um modo geral, sepulturas individuais; em alguns casos, uma sepultura poderia conter mais do que um enterramento como se verificou na sep. 24 da Quitéria onde surgiram os restos de dois indivíduos ⁽¹²⁾.

⁽¹²⁾ O espólio antropológico recolhido nas sepulturas do Bronze de Sines foi entregue, para estudo, ao Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

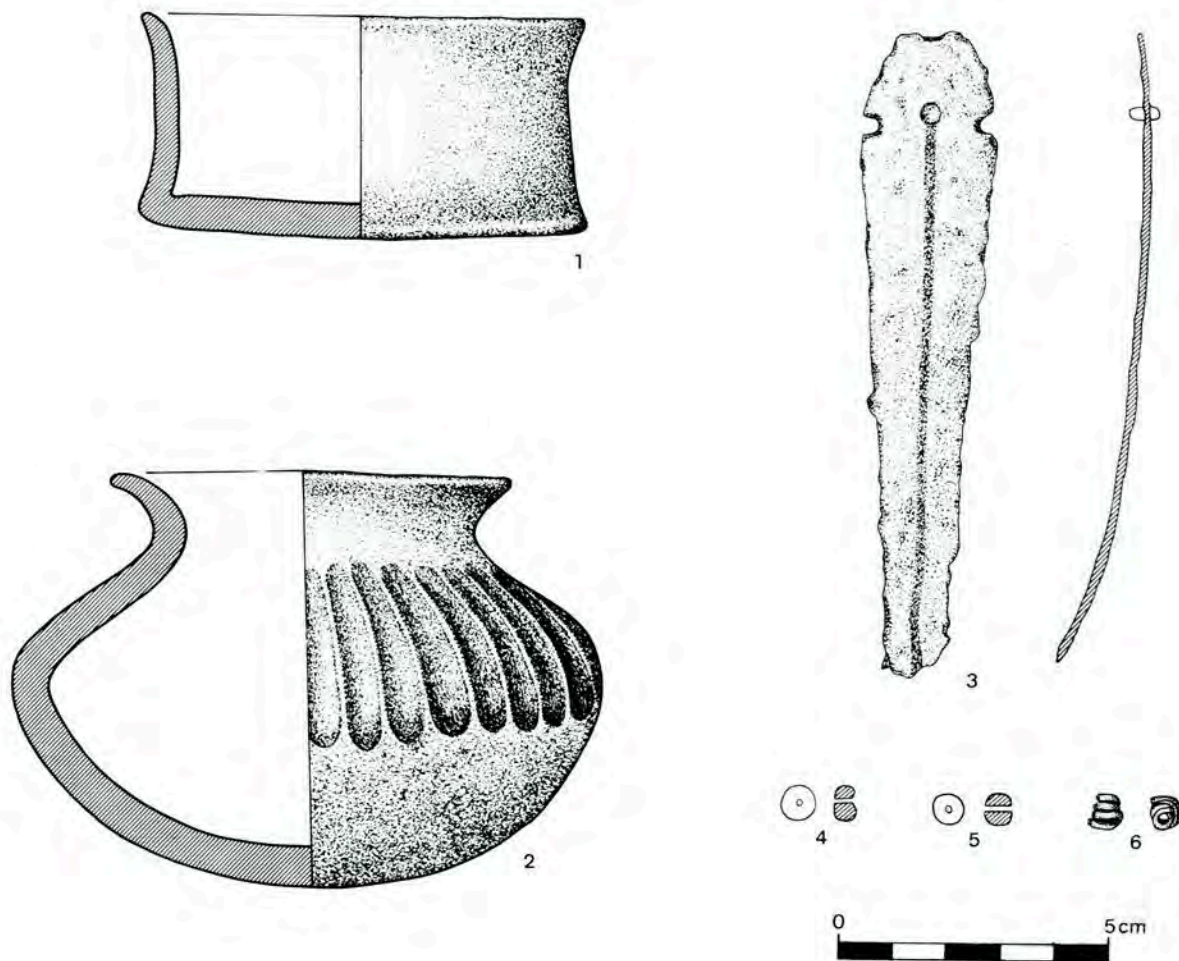


Fig. 142 — Espólio da sep. 12 do mon. I da Provença:
1 — taça tipo Atalaia/Odivelas; 2 — vaso de
colo estrangulado decorado por nervuras ver-
ticais; 3 — punhal de rebites em cobre (?);
4 e 5 — contas em mineral de cor verde; 6 —
conta espiralada, em ouro.



Fig. 143 — Recipientes em cerâmica da sep. 12 da Pro-
vença.

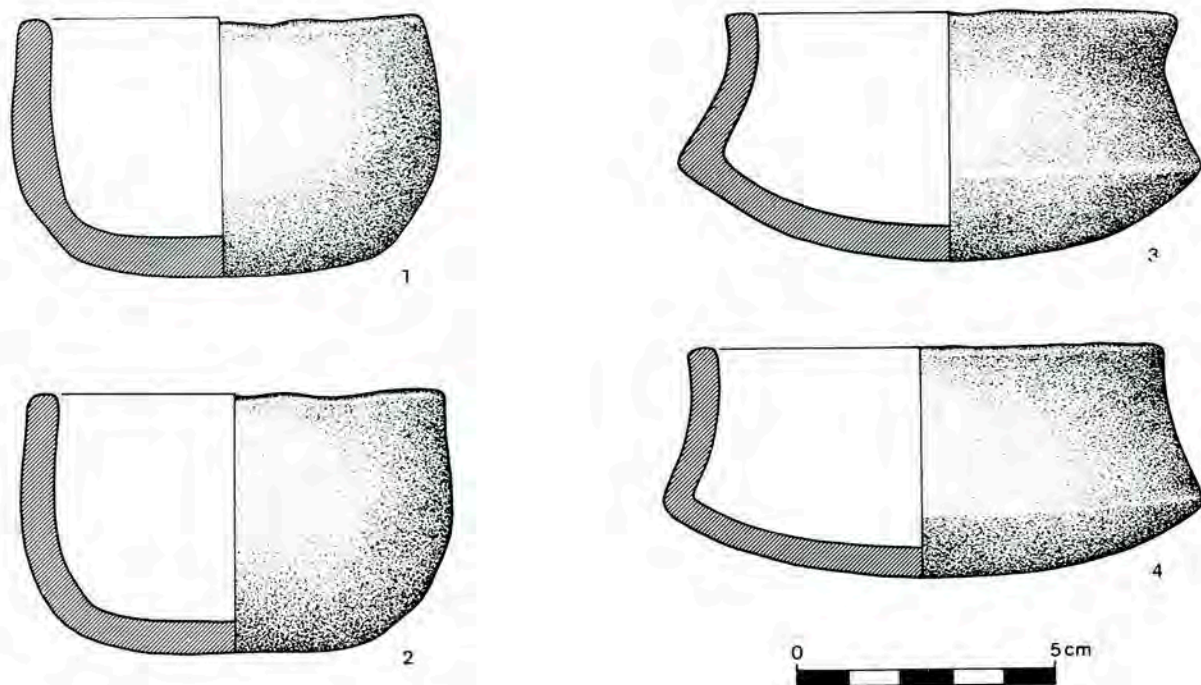


Fig. 144 — Espólio cerâmico do interior de sepulturas da Quitéria: 1 e 2 — vasos sub-hemisféricos de fundo aplanado (1 - sep. 22; 2 - sep. 24); 3 e 4 — taças tipo Atalaia (3 - sep. 1; 4 — sep. 9).

— Na Quitéria, descobriu-se um crânio, separado do resto do esqueleto, dentro de uma caixa feita de placas de grés dunar e de xisto situada no exterior da sepultura mas no seio do recinto tumular ⁽¹⁾.

— A maior parte das sepulturas não forneceu espólio. Se, por um lado, tal facto pode ser atribuído a violações (muitas das cistas já não possuíam tampa), por outro, não há dúvida que algumas não receberam qualquer peça (seps. 2 e 13 da Provença, com tampa não deslocada). Quando continham espólio, este reduzia-se normalmente a um recipiente em cerâmica; os vasos nem sempre foram colocados inteiros (na sep. 23 da Provença, coberta por tampa, surgiu, como única oferenda, um fragmento de cerâmica com bordo).

— Também no exterior das sepulturas, nos recintos tumulares, era depositada cerâmica; põe-se ainda a hipótese de, na construção dos *tumuli* que cobriam as sepulturas, ter sido utilizada terra, que incluía cerâmica fragmentada, proveniente da área habitacional.

— O morto era colocado em posição contraída, com os joelhos nas proximidades da boca e não haveria qualquer depósito (terra e pedras) a cobri-lo directamente.

⁽¹⁾ Um ritual semelhante foi observado na necrópole de Alcaria (Monchique) onde se encontrou um crânio depositado numa pequena caixa de placas de xisto construída no interior de uma sepultura; na necrópole de Torre de Frades (Algarve) descobriu-se um crânio dentro de um vaso de carena média localizado no interior de uma cista.

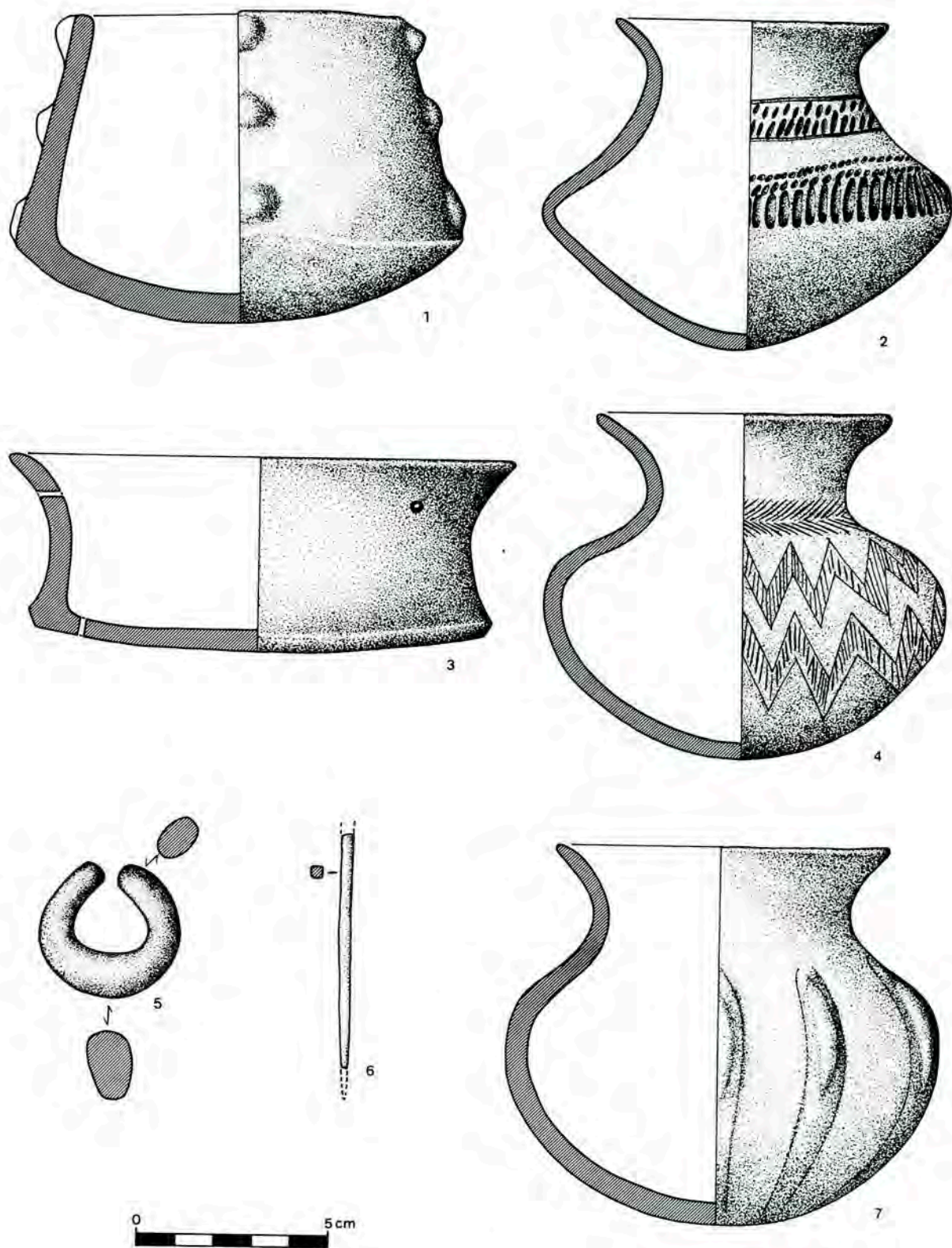


Fig. 145 — Espólio cerâmico e metálico (n.º 6) do interior de sepulturas da Quitéria. A peça n.º 5 é um elemento de xorca, em barro (sep. 5). 1 — Sep. 23; 2 — sep. 20; 3 — sep. 14; 4 — sep. 12; 7 — sep. 21.

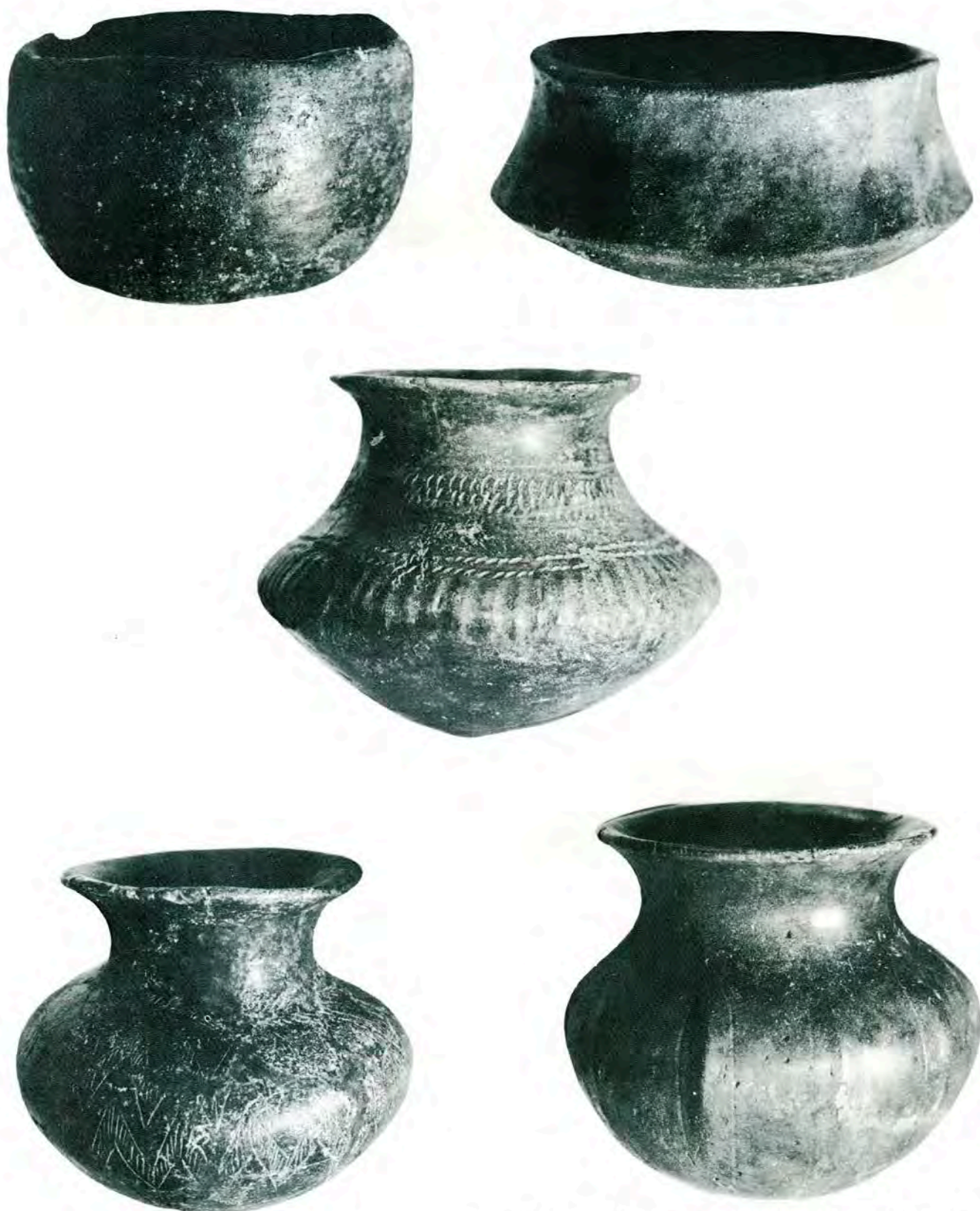


Fig. 146 — Recipientes em cerâmica de sepulturas da Quitéria.

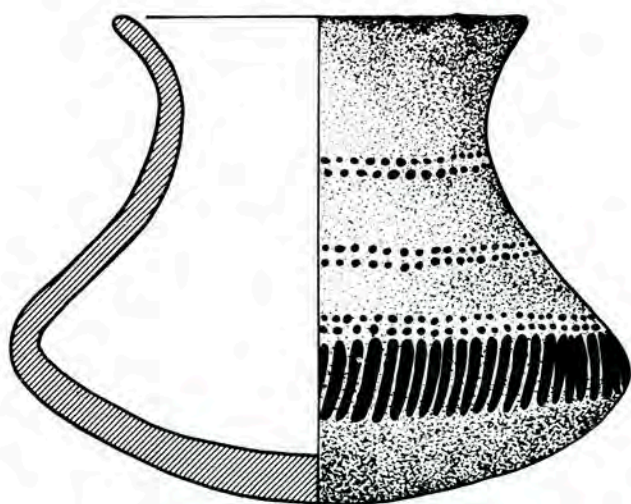
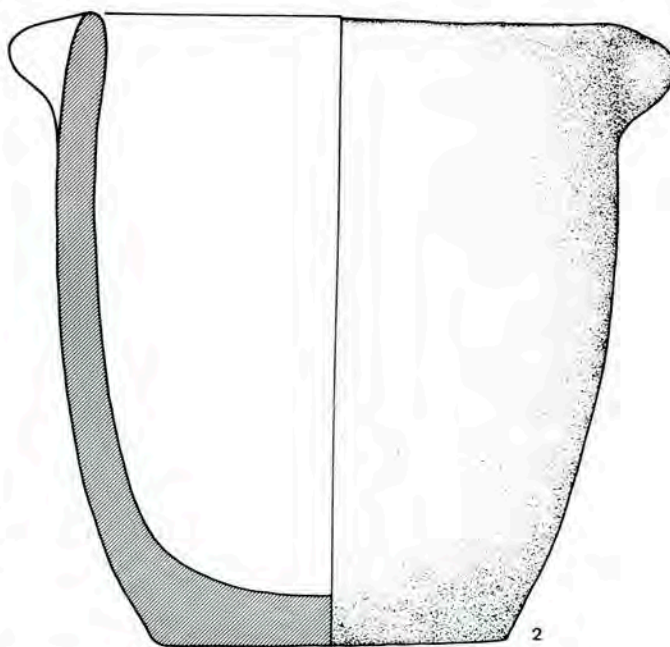
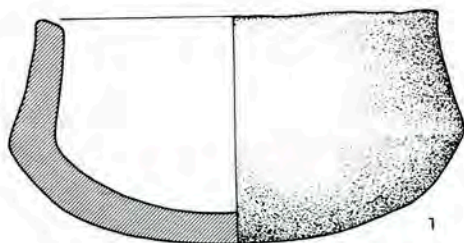


Fig. 147 — Recipiente em cerâmica (desenho e fotografia) proveniente da sep. 5 do mon. I do Pessegueiro.

Fig. 148 — Espólio encontrado em recintos tumulares (exterior das sepulturas) da necrópole da Quitéria. 1 — Rec. da sep. 2; 2 — rec. da sep. 10.





OS POVOADOS

Um dos resultados mais relevantes da actividade do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do G.A.S. foi, sem dúvida, a identificação, pela primeira vez na área do Bronze do Sudoeste, de povoados desta cultura, conhecida até aos nossos trabalhos, como já dissemos, unicamente através de necrópoles.

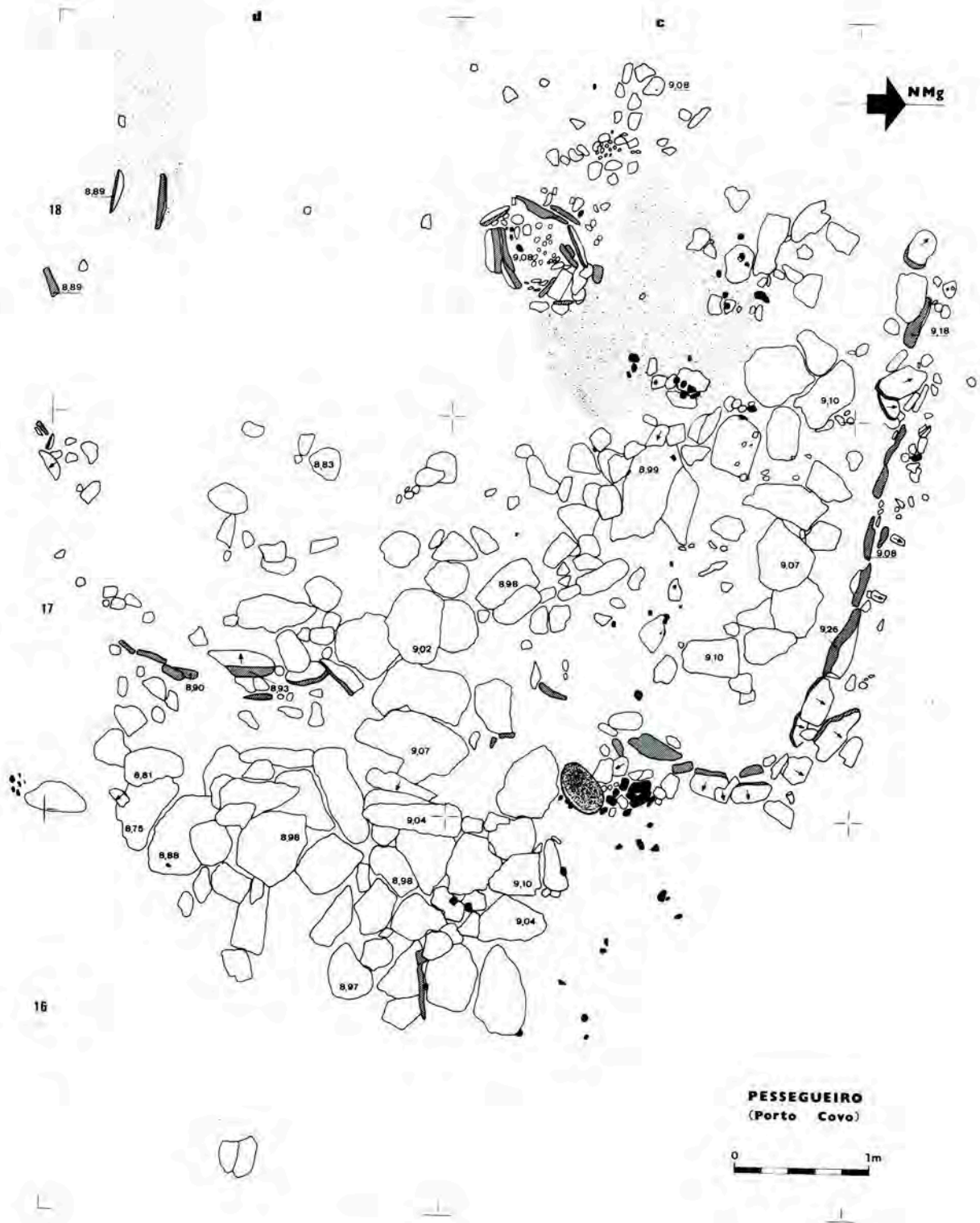
Sondagens realizadas junto (a Norte) da necrópole da Quitéria mostraram que a respectiva zona habitacional se situava a poucos metros das sepulturas, ocupando uma zona plana e aberta, sem condições naturais de defesa, do sopé da encosta Sudoeste dos Chãos de Sines.

Os extensos trabalhos desenvolvidos no Pessegueiro a partir de 1975 puseram a descoberto um maior número de vestígios habitacionais do Bronze do Sudoeste e permitiram conhecer como se organi-

zavam e relacionavam os diversos monumentos sepulcrais e o núcleo habitacional. Verificou-se que este último, implantado, à semelhança do da Quitéria, em uma zona plana, sem as mínimas condições naturais de defesa, abrangia uma área com pelo menos 4.200 m² (as escavações prosseguem ainda; essa área é certamente maior) e situava-se a curta distância dos monumentos sepulcrais que, de certo modo, o rodeavam: o mon. I a Oeste, o mon. II a NW., o mon. III a ENE., o mon. IV a SE. e o mon. V a SSW.

Fig. 149 — Lareira de uma cabana de planta rectangular da área habitacional do Pessegueiro.

Fig. 150 — Área habitacional do Pessegueiro: cabana de planta rectangular com o pavimento lajeado e estrutura de combustão.



O povoado e a necrópole distribuíam-se por uma superfície de 60.000 m², no mínimo, limitada a Norte e a Sul por duas importantes linhas de água; é provável que todo este conjunto se estendesse até à praia: no talude Oeste da estrada que se dirige para o fortim do Pessegueiro afloram os esteios de uma sepultura da Idade do Bronze que deve fazer parte de um outro monumento localizado na zona que dá para a praia.

Até agora, a escavação no povoado do Pessegueiro revelou um único estrato de ocupação, integrável no Bronze II do Sudoeste.

Não obstante as intensas, e extensas, destruições provocadas pela lavoura, foi ainda possível pôr a descoberto algumas estruturas de *habitat*: lareiras, buracos de poste e pavimentos lajeados.

As lareiras, subcirculares, com um diâmetro que ronda os 0,70 m, têm lados em geral constituídos por lajes de xisto colocadas verticalmente que possuem, junto da base, reforços formados por outros pequenos esteios e por calhaus. No interior, bem

como na zona exterior envolvente, surgem calhaus com acção de fogo e pedaços de barro cozido. O fundo da lareira é plano (não em «cuvette» como nas do Neolítico Antigo), e mostra evidentes sinais da acção do fogo; em alguns casos é revestido por argila cozida. Nesta jazida, e à semelhança do observado nos povoados do Neolítico, seriam introduzidos calhaus de grauvaque e quartzito nas lareiras a fim de melhor se conservar o calor.

Os buracos de poste apresentam-se estruturados através de calhaus e de lajes de xisto e de grés dunar. Estas estruturas, por vezes alinhadas rectiligneamente, corresponderiam a cabanas de planta talvez rectangular construídas com materiais perecíveis.

Fig. 151 — Lareira e orifício de poste, estruturado, da área habitacional do Pessegueiro.



O contorno rectangular das cabanas foi posto em evidência pela escavação de parte do que julgamos ser a base de uma dessas construções. Trata-se de uma estrutura situada nos quadrados c16-c18 e d16-d18 (Sector Oeste), formada por dois lados bem definidos, perpendiculares entre si, de orientação WNW.-ESE. e NNE.-SSW. e constituídos por pequenos esteios; a fiada WNW.-ESE. mede 3,70 m e a NNE.-SSW., 4,70 m. No interior do recinto assim formado, cujos lados Sul e Oeste não foram detectados, bem como numa zona situada no exterior, junto do lado Este, descobriu-se um pavimento de lajes de xisto. Na zona Oeste deste presumível compartimento existe uma lareira de contorno subcircular com aproximadamente 0,70 m de diâmetro externo (não se inclui a estrutura de reforço); a sua construção obedece ao esquema atrás referido. No exterior e para Oeste desta lareira estende-se um conjunto, alongado, de calhaus com acção do fogo que pode corresponder à acumulação de subprodutos das actividades de combustão; também no seu interior surgiram calhaus com acção do fogo, juntamente com nódulos de barro cozido. De notar que a parte superior da mesma lareira se encontra a um nível mais alto que o do pavimento. Verifica-se, assim, mais uma diferença entre as lareiras do Bronze do Sudoeste e as do Neolítico: enquanto as deste período eram abertas no chão da cabana ou da área exterior circundante, as do Bronze sobrelevavam o pavimento.

Todo o conjunto que acabámos de descrever parece, pois, identificar-se com os restos de uma cabana que possuía o pavimento parcialmente lajeado e cuja super-estrutura seria constituída por materiais perecíveis. As fiadas de esteios que limitavam, talvez só em parte, os seus lados Norte e Este serviriam para reforçar a base das paredes.

O material arqueológico do povoado do Pessegueiro comporta utensílios líticos, cerâmicos e metálicos; a fauna e a utensilagem óssea não se conservaram.

Utensilagem litica

É notável a escassez de utensílios líticos no povoado do Pessegueiro. Assinalamos a presença,

embora em número muito reduzido, de elementos de foíce (denticulados) feitos em sílex, com o característico «lustre de cereal».

As mós são quase desconhecidas no Pessegueiro (apenas 2 elementos dormentes); na Quitéria surgiram elementos dormentes e moventes integrados nas estruturas dos recintos tumulares da necrópole.

Recipientes em cerâmica

Tal como se observou nos recintos tumulares, as formas cerâmicas mais abundantes na área habitacional do Pessegueiro são as taças de bordo sem espessamento («tegelas»), as taças de bordo espessado internamente (de clara filiação calcolítica regional) quer com o lábio arredondado, quer com o lábio aplanado e ténue espessamento, por vezes com furos de suspensão situados a curta distância do bordo, e os vasos altos subcilíndricos com mamilos junto ao bordo.

De entre as formas menos frequentes são de destacar os vasos de colo estrangulado decorados por bandas e as taças de carena muito vincada e parede acentuadamente côncava (cf. taça tipo Santa Vitória).

Podemos dizer que, com o Bronze do Sudoeste, os fundos planos surgem verdadeiramente pela primeira vez: se exceptuarmos os fundos aplanados dos grandes pratos do Calcolítico, os recipientes deste período ou dos anteriores da nossa Pré-história possuem o fundo quase sempre esférico. Nos materiais até agora exumados na C.2 dos quadrados c17 e c18 onde apareceu parte da base da cabana lajeada a que acima fizemos referência, o índice de fundos planos ⁽¹⁾ é igual a 12.

⁽¹⁾ Relação centesimal entre o número total de fragmentos de fundos planos e o número total de bordos.

A cerâmica decorada é muito rara. Na C.2 da área da mesma cabana obteve-se o valor 3 para a relação centesimal entre o total de fragmentos decorados e o total de fragmentos com bordo. Os motivos presentes são característicos do Bronze II do Sudoeste: caneluras pouco fundas, em arco, a formar elipses; traços paralelos, por vezes associados a traços oblíquos, brunidos ou incisos, no interior do fundo de taças carenadas e de taças de bordo espessado internamente; bandas horizontais de ponteados associadas a finas nervuras verticais que ocorrem no exterior de vasos de colo estrangulado.

A pasta da cerâmica do povoado do Pessegueiro apresenta, de um modo geral, escassos elementos não plásticos (quartzo) superiores a 1 mm; é pouco compacta nos vasos altos subcilíndricos e quase sempre compacta nas restantes formas. A mica é quase nula ou está mesmo ausente. No que se refere à cor, predominam os fragmentos de superfícies acastanhadas/avermelhadas e fractura com zona intermédia acizentada/negra; seguem-se os de superfícies e fracturas totalmente acizentadas/negras; por último, em reduzido número, temos os de fractura e de superfícies completamente acastanhadas/avermelhadas. Verifica-se, pois, que a cozedura foi efectuada principalmente em ambiente redutor-oxidante.

No tratamento da superfície há a notar a existência de polimento em taças de bordo espessado internamente, em vasos de colo estrangulado e em taças carenadas; as superfícies rugosas, mal alisadas, estão sobretudo representadas nos vasos de paredes altas, subcilíndricos.

Utensílios diversos em cerâmica

A área habitacional do Pessegueiro forneceu diversos fragmentos de cadinhos de fundição e de «pesos de tear» (peças paralelepípedicas de cantos arredondados e com furos de suspensão, mais espessas e largas que as suas congéneres calcolíticas).

Do mesmo povoado veio ainda uma peça em forma de carrete cuja função desconhecemos e que encontra paralelos em uma outra proveniente da camada superficial da necrópole de Casta-

ñuelo II, na província espanhola de Huelva (Amo, 1975).

Metal

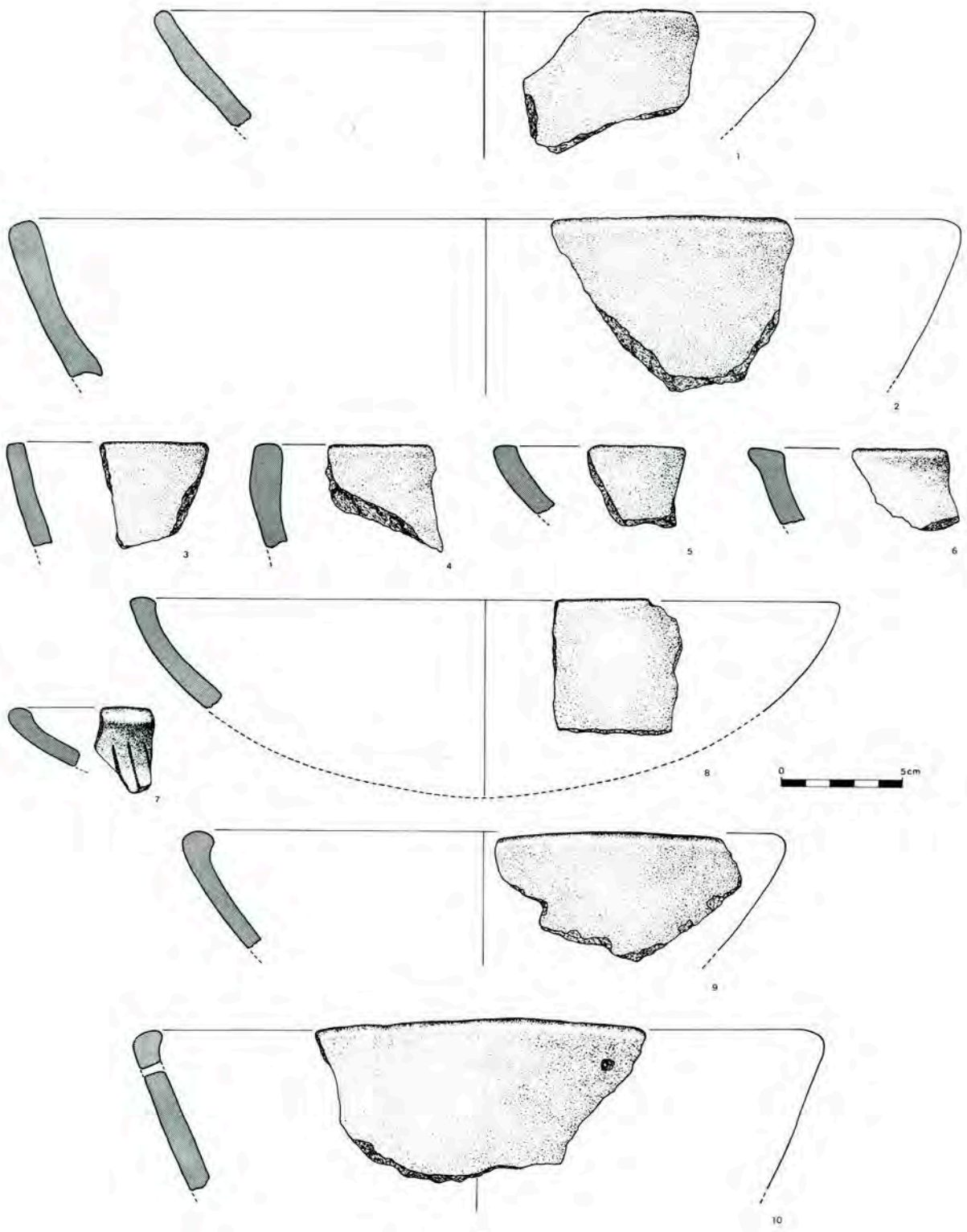
Não obstante a prática da metalurgia do cobre/bronze estar representada no povoado do Pessegueiro através de cadinhos de fundição, são raros os objectos de metal aí encontrados. Exumámos até agora os seguintes instrumentos em cobre/bronze:

1 machado plano de corpo trapezoidal e gume arqueado;

1 cinzel de secção transversal rectangular;

1 anzol com a zona do empate em argola (fragmentada) e ponta simples, sem farpa, do tipo dos encontrados em alguns povoados calcolíticos da Estremadura (Tavares da Silva, 1967).

Fig. 152 — Área habitacional do Pessegueiro. Cerâmica.



Deve-se ao arqueólogo alemão Hermanfrid Schubart (1975) a maior e mais recente síntese sobre a Idade do Bronze do Sudoeste da Península Ibérica. Nessa obra de conjunto, o referido autor — baseando-se nos numerosos estudos publicados sobre cemitérios de cistas, desde Estácio da Veiga, Santos Rocha e Leite de Vasconcelos, na segunda metade do século passado e inícios do actual, até Abel Viana, esse investigador infatigável da arqueologia do Baixo Alentejo e Algarve, José Formosinho, Veiga Ferreira, Fernando Nunes Ribeiro, Afonso do Paço e Bação Leal nos últimos decénios; na análise do espólio, muitas vezes inédito, guardado em museus; e, finalmente, nos seus próprios trabalhos de escavação da necrópole de Atalaia (Ourique) — não só conseguiu demonstrar (na esteira de Fernando Nunes Ribeiro e de Tarradel) que durante a Idade do Bronze se desenvolveu no Sul de Portugal e na província espanhola de Huelva uma cultura perfeitamente autónoma e independente da do Sudeste espanhol, da de El Argar, na qual era até então integrada, como tentou uma sistematização e periodização que continuamos a considerar válida. A essa cultura chamou Schubart «Bronze do Sudoeste», dividindo-a em duas fases: Bronze I do SW. e Bronze II do SW.

No Bronze I do SW., fase que teria tido os seus inícios por volta de 1500 a. C., os cadáveres eram sepultados em posição contraída em sepulturas de tipo cista, sendo acompanhados por escassos objectos, quase sempre de cerâmica (dominavam os recipientes de carena e com a parede pouco côncava, sendo muito abundantes as taças tipo Atalaia). Como espólio metálico (cobre) distinguem-se os punhais de rebites, as alabardas tipo Montejicar, as pontas de flecha de pedúnculo comprido e os anéis em espiral. Algumas destas peças indicam relações com El Argar B.

Por volta de 1100 a. C. a fase I dá lugar ao Bronze II do SW. que terminará entre 800 e 700

a. C. As cistas, agora mais pequenas, são por vezes cobertas por tampas decoradas com representações, em relevo, de armas e outros instrumentos em metal, bem como de uma figura ancoriforme, considerada ídolo por muitos autores e que nós identificamos como símbolo de poder. No espólio que acompanha o morto, constituído, como na fase anterior, quase sempre por uma só peça, encontramos, a par de formas cerâmicas já existentes no Bronze I, como taças tipo Atalaia, recipientes novos: largas taças de carena muito acentuada e parede côncava, por vezes com decoração, no interior do fundo, formada por ténues sulcos; vasos de colo estrangulado, uns decorados por nervuras em relevo, outros com decoração distribuída por zonas horizontais; «garrafas» decoradas por sulcos curvilíneos. Alguns destes exemplares (o vaso com nervuras, por exemplo) revelam influências mediterrânicas. Ocorrem, com uma certa frequência, punhais de rebites.

De acordo com esta periodização, cremos que as jazidas até agora escavadas na Área de Sines se integram, pelo espólio que forneceram, no Bronze II do Sudoeste. É possível, todavia, que as sepulturas mais antigas da Provença pertençam ao Bronze I, se bem que a um momento final desta fase. No conjunto sepulcral que aí escavámos verificámos, através das relações cronológicas entre os recintos tumulares, que as sepulturas orientadas N.-S. são mais antigas que as orientadas E.-W.; estas surgem na periferia do núcleo Sul do monumento e os seus recintos, de pequenas dimensões, foram construídos aproveitando os lados dos recintos de orientação N.-S., de maiores dimensões. A sepultura mais antiga desse mesmo núcleo forneceu um recipiente em cerâmica cujo perfil parece pertencer ao Bronze I.

O estudo das necrópoles de Sines revelou um tipo de monumento sepulcral até agora desconhecido ou muito mal conhecido que parece revestir um carácter não cronológico mas sim cultural. Os nossos monumentos são caracterizados pela existência de cistas situadas no seio de recintos tumulares de planta rectangular limitados por lajes colocadas verticalmente, recintos que, de um modo geral, confinam entre si, possuindo, portanto, lados comuns. Estas características permitem falar do que designamos por Grupo de Sines o qual se diferencia do de Atalaia (Ourique) pelo

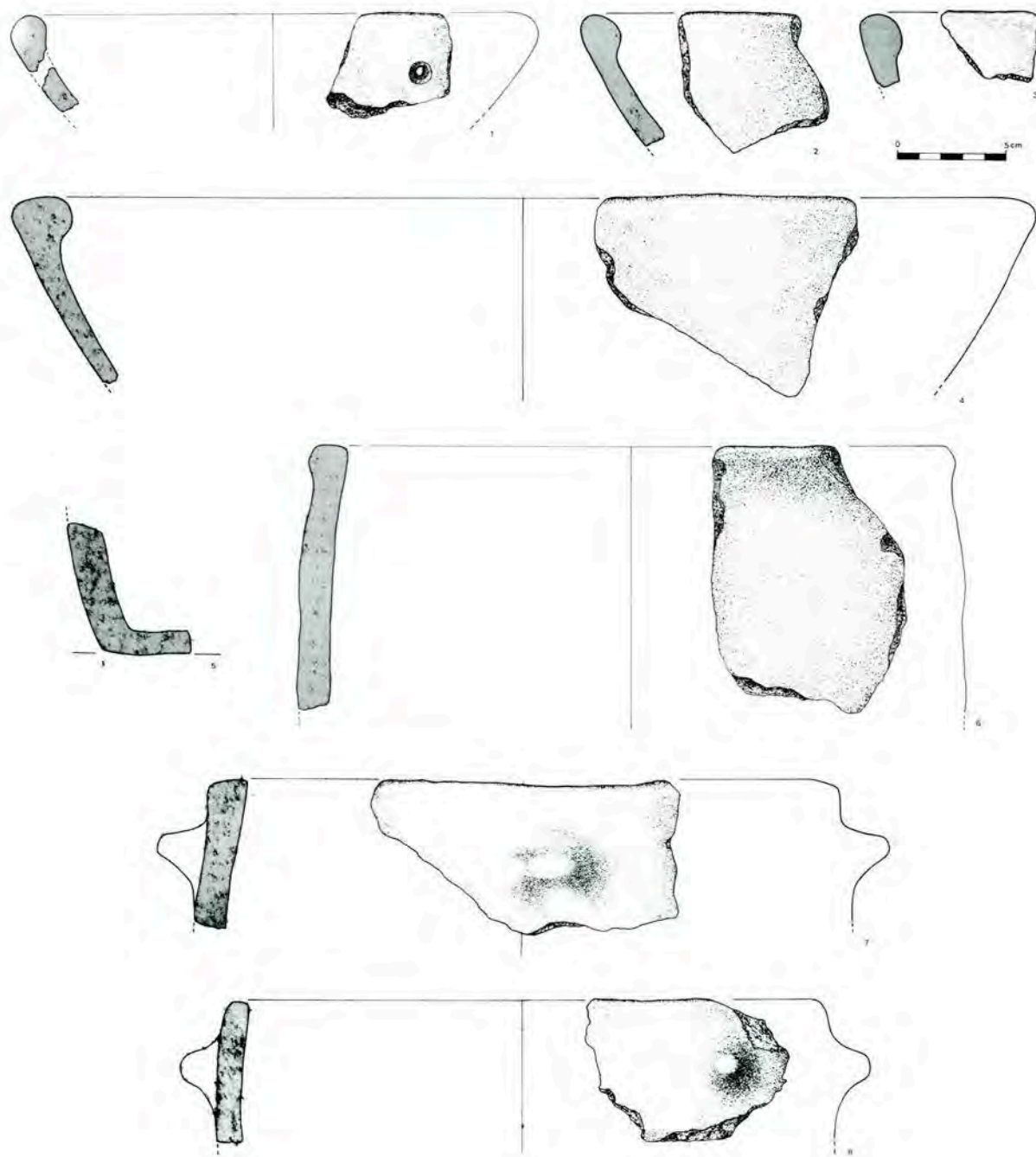


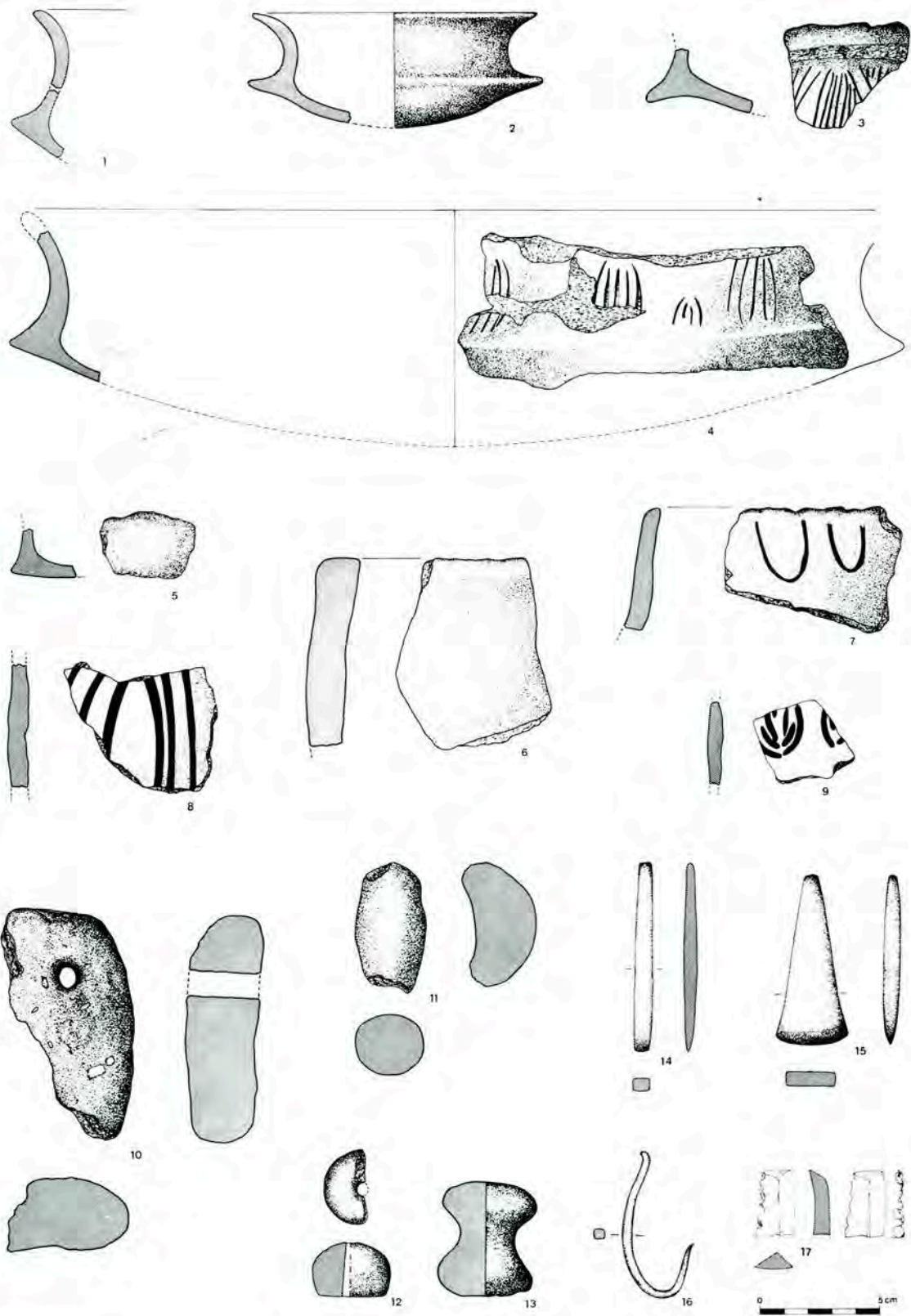
Fig. 153 — Área habitacional do Pessegueiro. Cerâmica.

facto de este último apresentar sepulturas de «fossa», abertas nos xistos do Carbónico, que se integram em recintos tumulares, não de planta rectangular como os de Sines, mas sim circulares, limitados por muretes formados por lajes horizontais sobrepostas. Deste modo, enquanto os monumentos de Sines têm o aspecto geral de um favo, os de Atalaia dão a ideia de um cacho.

A hipótese das necrópoles tipo Atalaia corresponderem à fase I do Bronze do SW. e as de Sines à fase II, não nos parece ter fundamento pois se, por um lado, a descoberta, por Caetano Beirão (1973), de um vaso de colo estrangulado decorado por nervuras em uma sepultura da necrópole tipo Atalaia de Alcária (Ourique) veio mostrar que este tipo de monumentos se prolonga pelo Bronze II, por outro, e como já vimos, a necrópole da Provença teria os seus inícios no Bronze I. As diferenças consideradas corresponderiam, por conseguinte, a diversas fácies ou grupos culturais que integrariam o Bronze do Sudoeste. Nesta perspectiva, haveria um outro grupo cujas necrópoles, de cistas, não apresentariam recintos tumulares. A escavação, ainda inédita, que realizámos em extensão ⁽¹⁵⁾ na necrópole de Casas Velhas (Melides), numa zona do sopé dos contrafortes da Serra de Grândola e a cerca de 7 km do Oceano, mostrou que as cistas se agrupavam em dois núcleos ou monumentos situados a poucos metros um do outro nos quais não existiam vestígios da presença de recintos tumulares. Esta necrópole, ainda em estudo, parece ser, pelo menos em parte, do Bronze II do Sudoeste. Também as numerosas necrópoles escavadas nos últimos anos por Mariano del Amo, na região de Huelva, não apresentam recintos tumulares.

Fig. 154 — Área habitacional do Pessegueiro. Espólio cerâmico (n.ºs 1-13), metálico (n.ºs 14-16) e lítico (n.º 17 — elemento de foice em sílex).

⁽¹⁵⁾ Escavações do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal dirigidas pelos autores. Os primeiros resultados foram apresentados em Novembro de 1975 no II Colóquio Arqueológico de Setúbal: C. Tavares da Silva e Joaquina Soares, *Aspectos gerais do «Bronze do Sudoeste» da região de Sines*.



ASPECTOS ECONÓMICO-SOCIAIS

O estudo da economia das populações que durante a Idade do Bronze habitaram o litoral da Área de Sines é grandemente dificultado pela falta de restos de cozinha, como conchas e ossos, nos povoados onde se realizaram trabalhos de escavação (Quitéria e Pessegueiro), ausência explicável pela forte acidez dos terrenos e intensa lixiviação a que estiveram submetidos.

No povoado do Pessegueiro estão representadas a pesca (anzol em cobre/bronze), a agricultura (elementos de foice denticulados em sílex) e a metalurgia do cobre (cadinhos de fundição). É possível que também se praticasse a tecelagem («pesos de tear»?) bem como a olaria (muita cerâmica encontrada poderia ter sido fabricada no próprio povoado).

Pela localização do Pessegueiro a poucas dezenas de metros da praia e pela grande escassez de vestígios relacionados com a agricultura (reduzido número de elementos de foice e quase ausência de mós) pensamos que a economia deste povoado assentaria fundamentalmente na pesca e na recolha de «marisco».

Na Quitéria foram encontrados alguns elementos de mós, moventes e dormentes, fazendo parte das estruturas tumulares. É possível que se tratasse de uma população mais ligada à agricultura do que a do Pessegueiro. Atenda-se à localização da Quitéria no seio de uma zona de férteis terrenos de cultivo que contrasta com a do Pessegueiro, de terrenos agricolamente muito pobres — areias.

A estrutura económico-social das populações do Bronze do Sudoeste Peninsular foi, por certo,

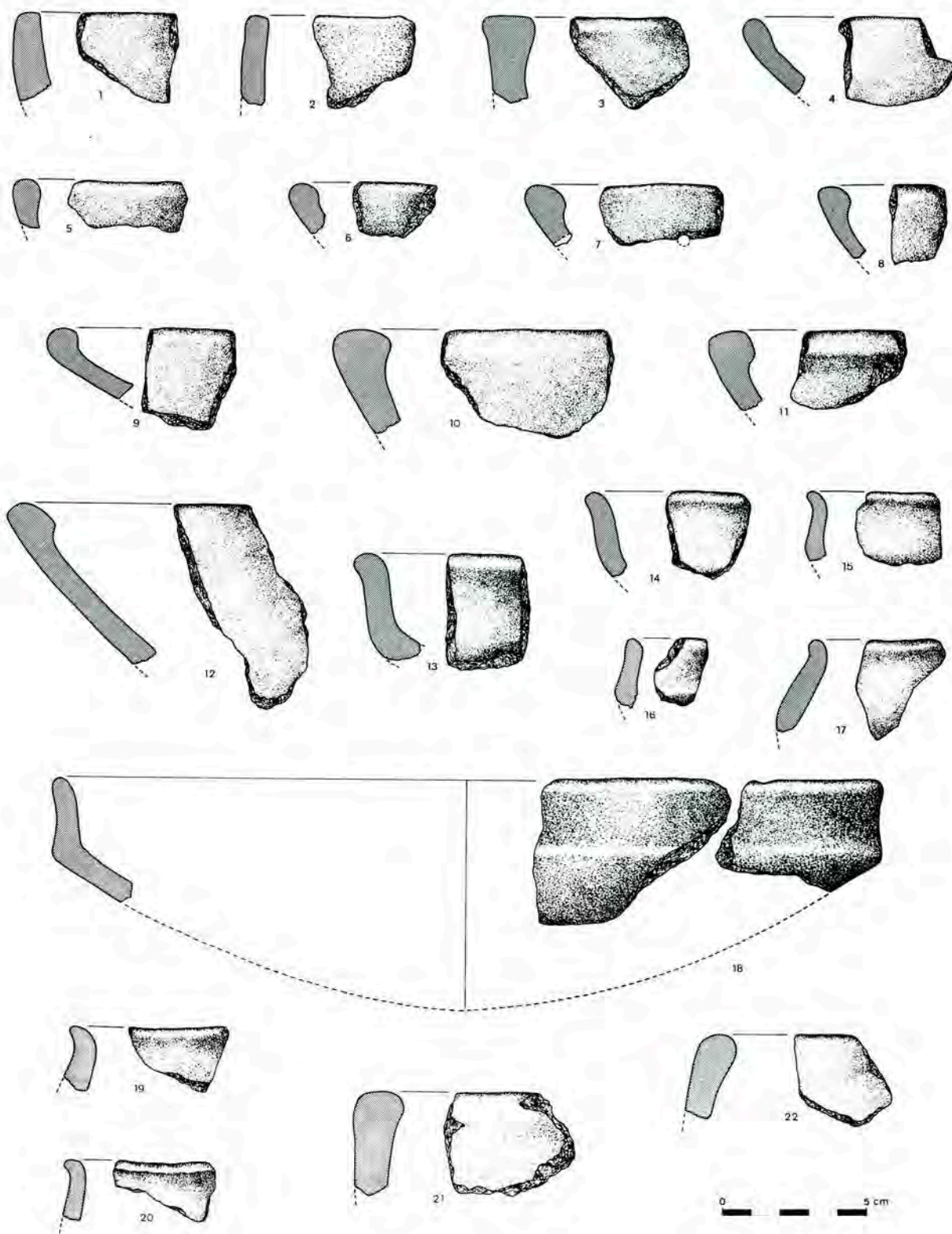
fortemente marcada por intensa actividade metalúrgica. Não é por acaso que essa cultura ocupa, como mostrou Schubart, uma das áreas mais ricas da Península em minérios de cobre. E, como vimos, mesmo no Pessegueiro, agregado humano talvez essencialmente piscatório, aparecem numerosos testemunhos da prática da metalurgia.

O incremento e a generalização desta actividade teria acentuado, por um lado, a divisão social do trabalho ocorrida na Idade do Cobre, e provocado, por outro, um maior desenvolvimento das forças produtivas. Estes dois factores estariam na base de uma progressiva alteração das estruturas sociais comunitárias no sentido do aparecimento das primeiras formas da sociedade classista e do Estado.

As sepulturas deixam de ser colectivas para se tornarem individuais, se bem que continuem integradas em monumentos talvez de carácter familiar patriarcal. Este individualismo, manifestado ao nível do culto dos mortos, pode reflectir a desagregação da vida comunitária. Além disso, algumas sepulturas, como a sep. 12 da Provença, teriam recebido um número relativamente elevado de oferendas, enquanto a maioria, ainda que com tampa e não acusando sinais de violação, apresenta apenas uma peça ou não contém nenhuma, facto relacionável com a existência de diversos graus de riqueza.

Na análise do material de carácter sepulcral há que referir também o esporádico aparecimento, em cemitérios do Bronze II, de tampas decoradas. Nestas, estão patentes representações de armas e de outros artefactos metálicos aos quais teriam acesso um limitado número de indivíduos; surge, além disso, muito frequentemente, uma figura ancoriforme que constituiria, possivelmente, um símbolo de comando e autoridade.

Fig. 155 — Área habitacional da Quitéria. Cerâmica.



No exaustivo estudo comparado de M. Varela Gomes e J. Pinho Monteiro (1976-77) sobre as tampas e as estelas decoradas da Idade do Bronze do Sul da Península, chega-se à conclusão, numa tentativa, infelizmente tão rara entre nós, de interpretação paleo-etnológica, de que os personagens inumados nas cistas providas de tampas esculpidas (a maior parte das sepulturas era coberta por simples tampa não decorada) «auferiam de um estatuto social diferente e superior», e ainda que as estelas do Sudoeste mostram «o passo de uma estrutura que, baseada na diferenciação, é no seu todo orgânico indiferenciada, a outra onde o corpo social se fragmenta e começa a emergir a esfera política, os rudimentos do Estado».

Por fim, queremos chamar a atenção para o facto dos povoados do Bronze de Sines, ao contrário do observado relativamente à situação dos povoados da Idade do Cobre, se localizarem em zonas planas e abertas sem condições naturais de defesa. Este facto que, no contexto das sociedades neolíticas, poderia ser visto como o reflexo da ausência de guerra, estaria na Idade do Bronze relacionado com a existência de um poder centralizador, forma embrionária de Estado, que dominaria um determinado território, ocupando-se da sua segurança. Nesta perspectiva, é possível que povoados como os do Pessegueiro e da Quitéria, sem condições de defesa, tenham a sua contrapartida em povoados fortificados do interior, ainda não identificados, onde residiria a classe dirigente.

VII

O POVOAMENTO DA ÁREA DE SINES DURANTE A PRÉ-HISTÓRIA. CONCLUSÕES

Após cinco anos de pesquisas arqueológicas contínuas e sistemáticas na Área de Sines, encontramos perante um considerável volume de dados que abarca, numa sucessão quase ininterrupta, todos os grandes períodos da Pré-história pós-paleolítica. As nossas investigações incidiram sobre o povoamento que se processou durante os últimos quatro mil anos da Pré-história, ou seja, desde há cerca de 7000 anos, das comunidades caçadoras e recolectoras do Mesolítico até há 2700 anos, altura em que o nosso território é atingido por influências de carácter orientalizante que, com o desenvolvimento interno das populações autóctones, conduzem ao aparecimento das primeiras manifestações da escrita e das formas embrionárias da sociedade estatal.

O que sabemos acerca dessa evolução económico-social e dos factores geográficos de fixação permite-nos estabelecer três grandes marcos no processo do povoamento:

— Os povoados sem defesas naturais, na fase comunitária primitiva.

— A procura de zonas elevadas, na Idade do Cobre (primeiras manifestações guerreiras; desagregação do comunitarismo primitivo).

— O retorno à planície, na Idade do Bronze — formas embrionárias de organização estatal.

Durante o VI e talvez parte do V milénios a.C., nessa fase pós-würmiana em que, pelas modificações climáticas ocorridas e consequentes transformações da flora e da fauna, as comunidades caçadoras dos finais do Paleolítico passam a dedicar-se intensamente à recollecção e à caça de pequenos animais, existiam na Área de Sines pequenos grupos humanos que ocupavam zonas arenosas, planas e abertas situadas junto da falésia litoral e nas proximidades de linhas de água e de praias. A sua economia basear-se-ia na recollecção de «marisco». Esta população mesolítica, cujos vestígios foram identificados em Vale Marim e na Samouqueira, era portadora de uma utensilagem em pedra lascada de que se destacam os geométricos trapezoidais em sílex, micrólitos utilizados como elementos de zagaia ou flechas.

Enquanto em Vale Marim o sílex foi a matéria-prima mais utilizada, na Samouqueira recorreu-se frequentemente ao grauvaque para o fabrico de instrumentos como seixos afeiçãoados e, possivelmente, «machados mirenses».

No V milénio a. C. assistimos ao aparecimento de inovações económicas e tecnológicas que representarão a base de um longo processo de transformações sociais: ocorrem as primeiras manifestações de produção de alimentos e surge a cerâmica.

Numa primeira fase, este Neolítico Antigo não se diferencia grandemente, nas formas de vida e até na utensilagem lítica, do Mesolítico local. Ele ter-se-ia formado a partir do desenvolvimento interno da sociedade mesolítica cujo dinamismo foi catalizado e enriquecido por impulsos da corrente neolitizadora do Mediterrâneo Ocidental. Não podemos, pois, falar de uma vaga oriunda do Mediterrâneo Oriental que tivesse trazido, de uma forma acabada, o conhecimento da agricultura e da cerâmica.

Em Vale Pincel I, a população estabeleceu-se, como no Mesolítico, numa zona arenosa, aberta e plana, sem as mínimas condições naturais de defesa e situada junto de uma praia onde a recolção de «marisco» desempenharia, como naquele período, um papel fundamental. A aldeia era constituída por conjuntos de grandes cabanas feitas de materiais perecíveis; o fundo destas construções era escavado nas areias, formando uma depressão pouco funda onde se abria uma pequena cova destinada à lareira. No exterior, acendiam-se outras fogueiras, em pequenas covas, nas quais se introduziam calhaus, recolhidos na praia próxima, a fim de melhor se conservar o calor.

Na parte superior do nível arqueológico de Vale Pincel I foram descobertos empedrados com calhaus partidos por acção do fogo.

A utensilagem lítica, de carácter lamelar e em grande parte relacionada com actividades depredadoras, indica, por um lado, uma forte tradição mesolítica e, por outro, uma adaptação a novas necessidades económicas: presença de elementos de foice sobre lamelas, escassos instrumentos em pedra polida. A indústria em pedra lascada diferencia-se da do Mesolítico por ser, no seu conjunto, mais diversificada e menos especializada.

Na cerâmica, as formas dos recipientes restringem-se quase exclusivamente aos esféricos altos em forma de saco e às taças em calote. A decoração, que ocorre sobretudo nos «sacos», abrange, de um modo geral, a parte superior do vaso, e é constituída por impressões obtidas predominantemente através de um utensílio ponteagudo actuado obliquamente; as impressões cardiais são raras; os cordões, muitas vezes segmentados, e os mamilos situados junto ao bordo surgem frequente-

mente; a técnica incisa foi utilizada em um número muito reduzido de exemplares.

Note-se que a decoração impressa se manifesta em vasos de pasta friável e pouco homogénea, de paredes espessas e muito espessas, cozedura irregular, redutora-oxidante, superfícies mal alisadas, cerâmica que predomina na base do nível arqueológico. Há um outro grupo de cerâmica, por vezes decorado por um sulco horizontal situado junto ao bordo, que se desenvolve na parte superior do nível arqueológico e que se caracteriza por pasta menos friável, homogénea, de paredes pouco espessas, cozedura mais regular e superfícies muito bem alisadas.

A evolução das técnicas ligadas à economia de produção de alimentos ter-se-ia processado lentamente. Numa segunda fase do Neolítico Antigo da Área de Sines, por volta dos finais do V milénio a. C., as populações continuam a ocupar locais arenosos, planos e abertos, sem condições naturais de defesa mas situados, agora, não só junto da falésia litoral, mas também no interior, nas margens de uma importante ribeira. Este facto pode corresponder a uma menor dependência dos recursos marinhos e, concomitantemente, a um maior domínio das técnicas agrícolas. Com efeito, na Salema, situada a 6 km do Oceano e na margem esquerda da ribeira da Cascalheira, os indícios da prática da agricultura são mais evidentes que em Vale Pincel I, surgindo a enxó completamente polida e diversos elementos dormentes de mós manuais. Ao mesmo tempo, os utensílios em sílex, na sua maioria fabricados a partir de lascas, formam um conjunto ainda menos especializado que o desse povoado da falésia litoral.

A cerâmica, em geral de pasta compacta, oferece uma decoração impressa obtida a partir de uma grande variedade de matrizes que produziram triângulos, quadrados, UU, pontuações; presentes também as impressões cardiais. São frequentes as incisões. Os motivos decorativos distribuem-se por uma vasta área da superfície externa. A decoração formada por um sulco horizontal situado junto ao bordo, que em Vale Pincel I era escassa e aparecia principalmente na parte superior do nível arqueológico, é agora muito abundante.

As estruturas de *habitat* da Salema são mais elaboradas que as de Vale Pincel I. Embora não

tenham sido identificados fundos de cabana, surgiram empedrados de calhaus partidos por acção do fogo (em Vale Pincel I ocorrem na parte superior do nível arqueológico) e uma estrutura desconhecida em Vale Pincel: o «silo» de barro cozido.

Ao procurarmos conhecer a organização social, o modo de produção das últimas sociedades recolectoras-caçadoras (Mesolítico) e das primeiras comunidades agrícolas com uma economia ainda fortemente marcada pela recollecção (Neolítico Antigo), importa considerar os seguintes aspectos:

— baixo nível do desenvolvimento das forças produtivas o que implica, por certo, a existência de escassos excedentes alimentares;

— povoados de cabanas ocupando zonas planas, amplas e abertas sem condições naturais de defesa o que pode indicar uma grande estabilidade social e, por conseguinte, a ausência de guerra.

Estes aspectos ajustam-se à ideia de um modelo de sociedade comunitária na qual a cooperação se manifestaria a todos os níveis, a propriedade dos meios de produção seria colectiva e as diferenças de riqueza e de *status* social estariam ausentes. Nesta sociedade igualitária em que cada aldeia representaria uma unidade social independente, não existiria, pois, uma classe social dominante.

O Neolítico superior ou recente está representado na Área de Sines pelo monumento megalítico da Palhota. Este dólmen (de câmara sub-retangular, corredor bem diferenciado e possuindo uma estrutura tumular formada por uma cintura de pedras em contacto directo com os esteios da câmara e duas coroas subcirculares concêntricas, e com um espólio constituído por abundantes geométricos, ponta de seta de base em lingueta subtrapezoidal, contas descoïdes em xisto, machado de pedra polida de secção transversal subcircular e talão picotado, cerâmica com taças em calote e pequenas taças carenadas) integraria a segunda fase do desenvolvimento do megalitismo do Alentejo Litoral datável da segunda metade do IV milénio a. C. e culturalmente caracterizada pela presença de um forte componente de feição almeriense. A primeira fase estaria presente na «cista» megalítica do Marco Branco, recentemente identificada pelos autores (1978). À terceira fase, a de apogeu, pertenceria

o dólmen da Pedra Branca (nível inferior), já fora da Área de Sines, embora a poucas centenas de metros do monumento da Palhota, formado por uma câmara poligonal e um corredor diferenciado e em cujo espólio avultam as placas de xisto gravadas (abundantes), as pontas de seta de base côncava (as de base pedunculada ou em lingueta triangular/trapezoidal estão ausentes), as contas discoides em xisto; os geométricos são relativamente escassos. Esta última fase corresponderia à expansão da cultura megalítica do Alto Alentejo e à sua fusão, na Estremadura e no Alentejo Litoral, com os elementos culturais pré-existent, uns de carácter autóctone, outros almerienses.

A construção de monumentos megalíticos reflecte uma organização social mais estruturada que a dos recolectores-agricultores do Neolítico Antigo litoral. A construção de um dólmen pressupõe a existência de um apreciável sobreproduto económico e até de uma certa, ainda que incipiente, divisão social do trabalho, fenómenos resultantes do desenvolvimento das actividades agro-pastoris e que representariam a base das profundas transformações pelas quais iria passar a comunidade primitiva, entrando numa fase de desagregação. A sociedade organizar-se-ia, agora, segundo um modelo tribo-patriarcal em que a unidade económico-social básica seria a família patriarcal. Cada monumento megalítico pertenceria a uma família e seria construído sob um sistema de entajuda com o concurso de outras famílias. Deste modo, a sua construção poderia desempenhar um importante papel de coesão social e representaria o pretexto para o estabelecimento de fecundas relações económicas entre grupos familiares distintos.

Os excedentes acumulados devido ao desenvolvimento das técnicas agrícolas que, no Neolítico superior, permitiram a construção dos grandes monumentos funerários colectivos teriam, por outro lado, criado as condições para que, por volta de 2700 a. C., as sociedades do Sul de Portugal assimilassem os primeiros impulsos ligados à prática da metalurgia do cobre. Esses excedentes seriam indispensáveis para a manutenção dos artífices especializados, dos metalurgistas do cobre.

O povoado de Vale Pincel II, ainda de planície, com numerosos vestígios da prática da agricultura e uma cerâmica já muito especializada (pra-

tos de bordo não espessado, taças largas de bordo espessado internamente, grandes taças carenadas, abundantes taças em calote, esféricos altos com mamilos alongados situados junto ao bordo, «pesos de tear» paralelepípedicos, alongados e com um furo em cada topo) seria contemporâneo do Horizonte dos Copos Canelados da Estremadura e representaria a fase inicial do Calcolítico, ou melhor, a transição do Neolítico para o Calcolítico do Baixo Alentejo e Algarve.

A impossibilidade de distinguir claramente os povoados do Calcolítico inicial dos de uma fase de transição do Neolítico para o Calcolítico, parece pôr em causa a ideia de que a metalurgia se estabeleceu no nosso território através da chegada de populações colonizadoras oriundas do Mediterrâneo Oriental. Se assim tivesse acontecido, os povoados considerados dos inícios do Calcolítico, quer do Baixo Alentejo, quer da Estremadura forneceriam numerosos vestígios de uma metalurgia «acabada» e não escassíssimos ou mesmo total ausência desses vestígios.

A passagem do Neolítico para o Calcolítico parece fazer-se por um processo que se radica mais na dinâmica de um desenvolvimento interno das populações autóctones do que na «miraculosa» e «fecunda» intervenção de colonizadores...

O desenvolvimento da metalurgia do cobre no Calcolítico pleno teria provocado uma grande divisão social do trabalho que se traduziu pela existência de dois grupos distintos: o dos que produziam alimentos e o dos que se dedicavam exclusivamente, ou quase, à metalurgia. Este último poderia representar o embrião de uma classe social bem diferenciada que, talvez na Idade do Bronze, viria a assumir uma posição dominante.

A referida grande divisão social do trabalho e a necessidade de se defender um sobreproduto económico agora já apreciável teriam produzido fracturas na comunidade primitiva e alterado a sua estabilidade. Surgem, assim, as primeiras manifestações guerreiras. Os povoados passam, por conseguinte, a situar-se em zonas elevadas, com boas condições naturais de defesa e são, muitas vezes, providos de estruturas defensivas.

O povoado de Monte Novo, separado do de Vale Pincel II apenas por uns escassos 600 metros, ocupa uma zona elevada da encosta Sul dos Chãos,

da qual se domina toda a baía de S. Torpes. Atribuível ao Calcolítico pleno, forneceu numerosos vestígios da prática da agricultura e uma cerâmica que se diferencia da de Vale Pincel II principalmente pela ausência da grande taça carenada e do «peso de tear» paralelepípedo com um furo de suspensão em cada topo e pelo aparecimento em grande abundância de uma forma desconhecida em Vale Pincel II — o prato de bordo almendrado; continuam, porém, a ocorrer as taças largas de bordo espessado internamente bem como as taças em calote; são comuns os crescentes em barro com um furo em cada extremidade. As estruturas em arco, formadas por grandes blocos de gabro-diorito que as escavações ainda em curso estão a pôr a descoberto, poderiam ter tido um carácter defensivo.

O estudo de Vale Pincel II e de Monte Novo trouxe um importante contributo para o conhecimento do Calcolítico do Sudoeste peninsular pois, atendendo à curta distância que separa estes dois povoados, a análise das diferenças entre os seus espólios tornou possível identificá-los com dois horizontes distintos de uma sequência «estratigráfica» horizontal: o horizonte de Vale Pincel II encontra paralelos no Cabeço da Mina (Torrão), na Caramujeira (Lagoa) e em Papa Úvas (Huelva) e corresponde à transição do Neolítico para o Calcolítico, sendo contemporâneo do Horizonte dos Copos Canelados da Estremadura, e o horizonte de Monte Novo, com paralelos no Cortadouro (Ourique), Alcalar (Portimão) e Valencina (Sevilha), representa a fase plena do Calcolítico do Sudoeste, estando ao mesmo nível cronológico do Horizonte da Cerâmica de Folha de Acácia da Estremadura.

Na Área de Sines, a fase final do Calcolítico, ou seja, o Horizonte Campaniforme, deixou vestígios, constituídos por cerâmicas campaniformes exclusivamente incisas, no povoado de Vale Vistoso. Aqui, a ocupação campaniforme, contrastando com a do Neolítico Antigo Evolucionado que abrange toda uma vasta área plana que se estende até à foz do Barranco do Queimado, restringiu-se somente à zona de cota mais elevada que se prolonga por um pequeno promontório hoje muito destruído pela acção erosiva das ondas. Esta cerâmica campaniforme, a mais meridional do País, por possuir decoração totalmente incisa, veio contribuir para o isolamento de um grupo cultural do nosso Calcolítico final a que demos o nome de

Grupo Campaniforme Inciso, cuja formação teria resultado do contacto entre o Grupo da Meseta e o Grupo Campaniforme de Palmela.

O Bronze da Área de Sines integra-se na Cultura do Bronze do Sudoeste conhecida até aos nossos trabalhos naquela região unicamente através de achados de carácter funerário. Sines revelou os primeiros povoados dessa grande cultura.

Quer no Pessegueiro quer na Quitéria, onde identificámos estruturas habitacionais do Bronze do Sudoeste, verificámos que o povoado se situava em uma zona plana, aberta, sem condições naturais de defesa e nas proximidades do ou dos monumentos sepulcrais. Na primeira destas jazidas, o núcleo habitacional era rodeado por diversos monumentos funerários que se localizavam a escassas dezenas de metros. A população, cuja economia se basearia fundamentalmente na pesca (anzol em cobre/bronze) e na recollecção de marisco, dedicar-se-ia igualmente à metalurgia do cobre (cadinhos de fundição) e praticaria, embora de um modo pouco relevante, a agricultura (alguns elementos de foice — denticulados com «lustre de cereal» — e escassas mós manuais); habitaria cabanas de planta rectangular de que ficaram os buracos de poste estruturados com calhaus e pequenas lajes de xisto, os reforços das bases das paredes formados por lajes de xisto implantadas verticalmente e um pavimento lajeado. O fogo era aceso em lazeiras subcirculares, reforçadas por calhaus e lajes e com o fundo plano de barro cozido, que se sobreelevavam relativamente ao pavimento das habitações. Esta população utilizava recipientes de cerâmica raramente decorados, cujas formas, embora em alguns casos pareçam estar na evolução de formas calcolíticas (taças largas de bordo espessado internamente, com o espessamento arredondado, fazendo lembrar o dos pratos de bordo almeirado da Idade do Cobre), mostram maior variedade que as dos períodos precedentes, reflectindo, por certo, o aparecimento de novas necessidades: são muito comuns, além das taças largas a que fizemos referência, as «tijelas», por vezes de fundo plano, e os vasos altos e subcilíndricos com mamilos junto ao bordo e de fundo plano; em menor quantidade, ocorrem as formas carenadas, algumas aproximando-se das «taças tipo Santa Vitória», e os vasos de colo estrangulado, decorados por nervuras verticais ou por bandas horizontais

de pontuações e de curtas e estreitas nervuras, característicos do Bronze II do Sudoeste.

As necrópoles formam monumentos com um número variável de sepulturas de tipo cista cujo comprimento ronda normalmente 1 metro, cobertas por tampa monolítica, integrando-se cada uma delas em um recinto tumular de planta rectangular limitado por lajes verticais, recintos que confinam entre si. O monumento apresenta, assim, o aspecto geral de um favo, planta própria da região de Sines que caracteriza um dos grupos ou fácies culturais do Bronze do Sudoeste.

As sepulturas seriam, de um modo geral, individuais, embora na sep. 24 da Quitéria tenham sido encontrados os esqueletos de dois indivíduos; o morto era colocado em posição contraída e quase sempre acompanhado de uma única peça, normalmente de cerâmica (pequeno recipiente), se bem que, por vezes, não fosse depositado qualquer espólio ou, pelo contrário, e muito excepcionalmente, fosse depositado um espólio relativamente rico (sep. 12 da Provença). No exterior das sepulturas, mas na área dos recintos tumulares, eram colocadas peças de cerâmica, inteiras ou fragmentadas; além disso, põe-se a hipótese de a terra dos *tumuli* ter sido transportada do povoado, talvez por razões rituais. Pela análise tipológica verifica-se que as necrópoles conhecidas no litoral de Sines teriam tido os seus inícios talvez nos finais do Bronze I do Sudoeste (núcleo mais antigo da Provença), prolongando-se por todo o Bronze II (fase 2 da Provença, Quitéria e Pessegueiro), terminando por volta de 800 a. C.

Os testemunhos arqueológicos disponíveis (desenvolvimento da actividade metalúrgica, carácter individual das sepulturas, sepulturas ricas e sepulturas pobres, povoados de planície sem condições naturais de defesa e ainda, fora da Área de Sines, o aparecimento de tampas sepulcrais decoradas com símbolos de poder) parecem corresponder a um modelo de sociedade já bastante diferenciada. O incremento da actividade metalúrgica, que teria provocado um maior desenvolvimento das forças produtivas e acentuado a divisão social do trabalho ocorrida na Idade do Cobre, estaria na base de uma profunda alteração das estruturas sociais comunitárias no sentido do aparecimento, nos finais do Bronze do Sudoeste, das primeiras formas da sociedade classista e da organização estatal.

VIII

INVENTÁRIO DAS ESTAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS IDENTIFICADAS/RECONHECIDAS PELO G. T. A. DO G. A. S.

No tratamento de cada estação arqueológica serão considerados os seguintes pontos:

1. Localização geográfica (coordenadas GAUSS);
2. Geologia;
3. Tipo de jazida;
4. Trabalhos arqueológicos efectuados;
5. Estratigrafia/estruturas;
6. Material arqueológico;
7. Cronologia e integração cultural;
8. Observações;
9. Bibliografia.

As jazidas serão ordenadas segundo um critério geográfico: de Norte para Sul e de Este para Oeste.

1 — PALHOTA

1. X = 148 0; Y = 126 8 (Carta Militar de Portugal, Folha 505 — Santo André, Esc. 1:25000, 1944); cota: 80 m.

Freguesia de S. Francisco da Serra; concelho de Santiago do Cacém; a cerca de 300 m. para E.S.E. do Monte da Palhota.

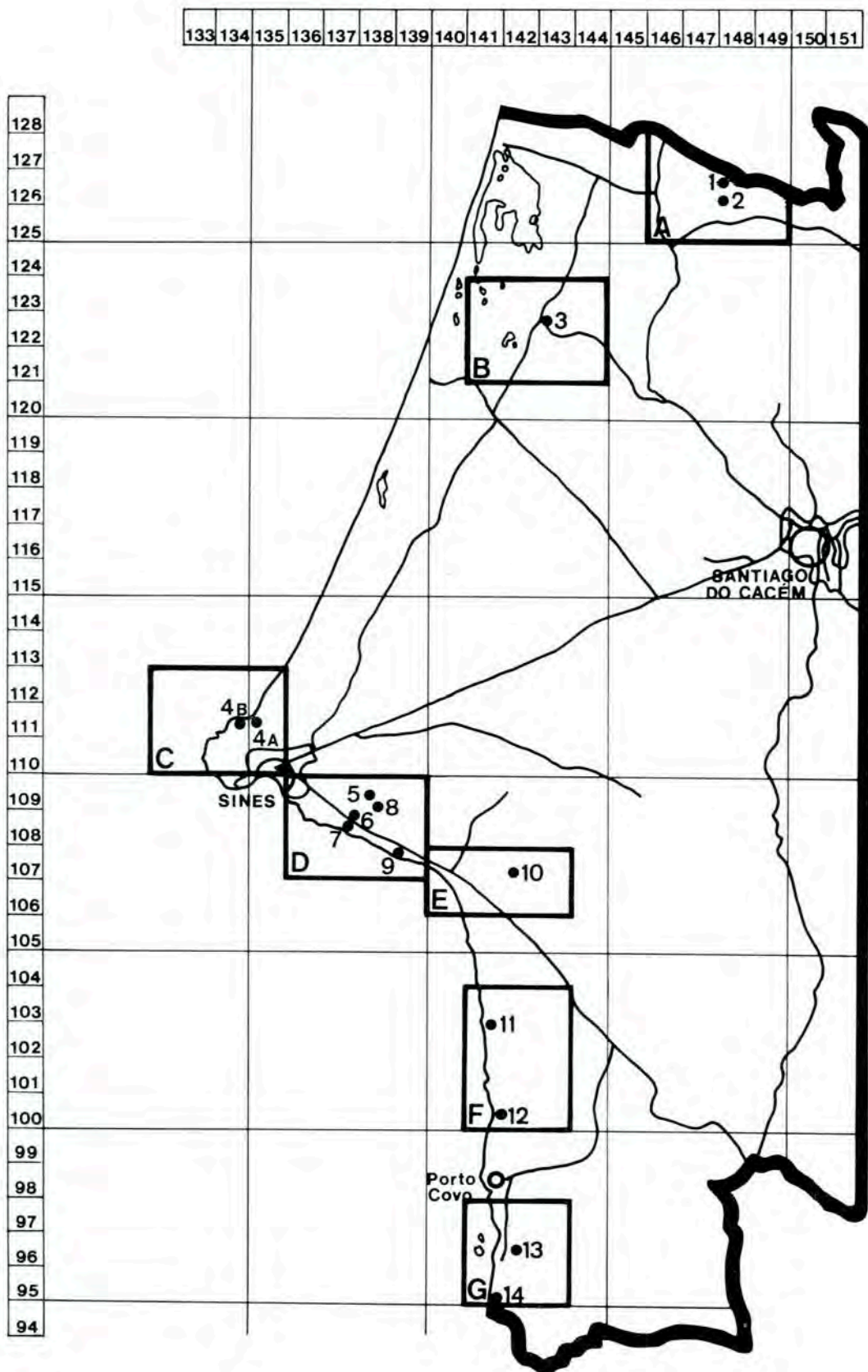
2. Areias argilosas com calhau angular pouco concentrado do plio-plistoceno. Nas proximidades ocorrem afloramentos de calcários dolomíticos, de doleritos (Cabeço da Guarita) e de margas do Infraliássico que repousam sobre «grés de Silves» do Triássico superior. Estas formações contactam a Este com xistos e grauvaques do Carbónico que formam os contrafortes da Serra de Grândola.

Sobre um pequeno esporão da margem direita da ribeira da Cascalheira.

3. Monumento funerário colectivo — dolmen.

4. Escavação integral: abrangeu, numa área de 400 m², não só a sepultura propriamente dita mas também as estruturas do *tumulus*. Trabalhos realizados pelos autores (G.T.A. do G.A.S.) com a colaboração do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

5. Retirada a camada superficial (C.1), com a espessura de 0,30 m. e formada por areia castanho-amarelada (Munsell 10YR4/4) quando húmida e amarelo-acinzentada clara (10YR6/4) quando seca, ficaram a descoberto os principais elementos da estrutura do monumento, quer da câmara e corredor quer do *tumulus*.



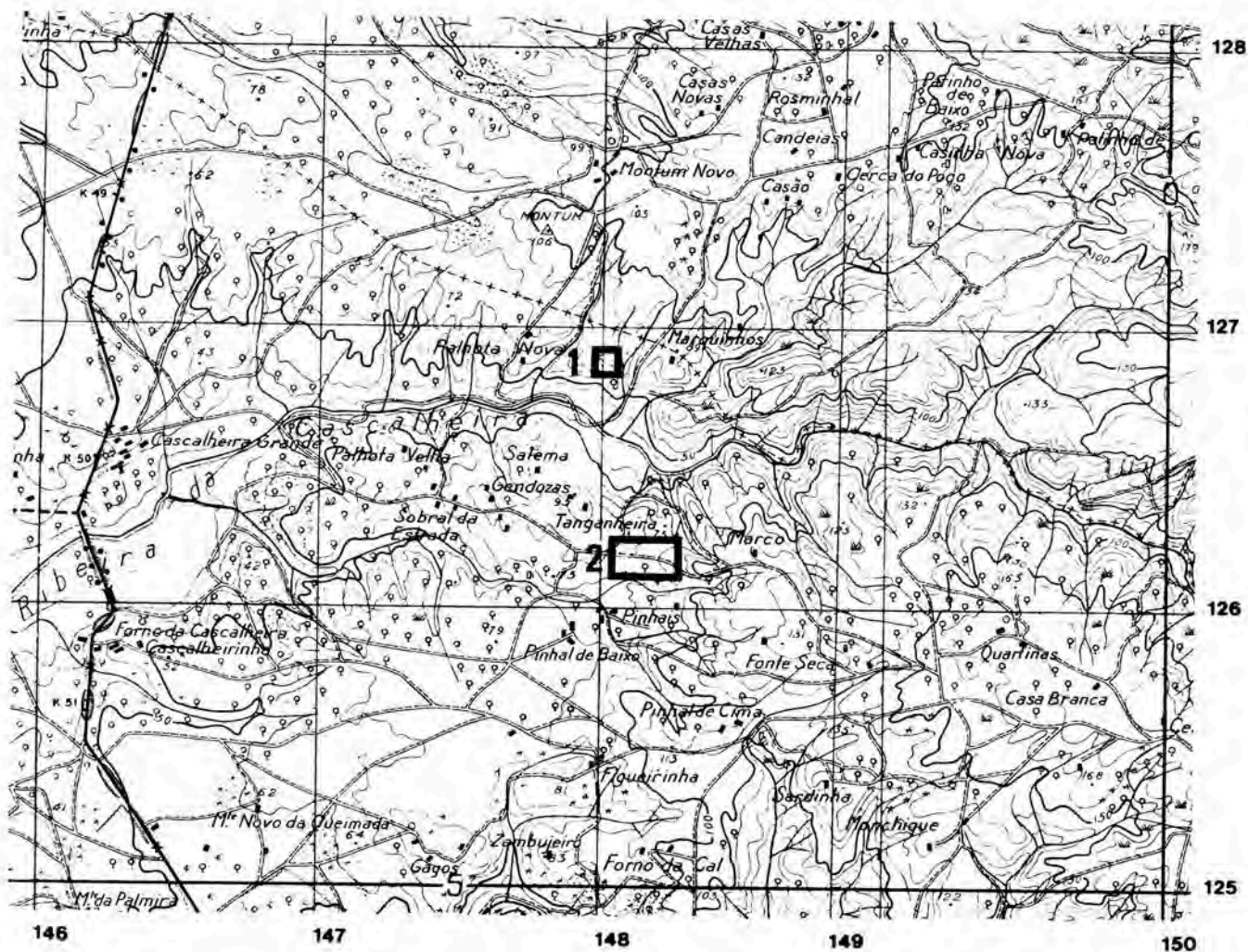


Fig. 157 — Localização da Palhota (1) e Salema (2) na carta de 1:25.000.

Fig. 156 — Estações pré-históricas identificadas pelo G.T.A. do G.A.S. na Área de Sines: 1 — Palhota; 2 — Salema; 3 — Areal; 4 — Praia do Norte; 5 — Monte Novo; 6 — Vale Pínel II; 7 — Vale Pínel I; 8 — Quitéria; 9 — Vale Marim; 10 — Provença; 11 — Praia da Oliveira; 12 — Praia da Samouqueira; 13 — Pessegueiro; 14 — Vale Vistoso.

A C.2 foi dividida artificialmente em subcamadas de 0,05 m. de espessura. Na câmara e no corredor, esta camada corresponde às tumulações, sendo constituída, numa espessura de 0,15 m., por areia argilosa castanho-avermelhada escura (10R3/6), quando húmida e castanho-avermelhada mais clara (10R5/6), quando seca. No exterior, na área do *tumulus*, apresentava-se formada igualmente por areia argilosa, da mesma cor, mas muito mais compacta do que a da câmara e do corredor.

A C.3 é de areia castanha (5YR4/6), quando húmida e castanho-amarelada clara (5YR6/6) quando seca e apresenta-se arqueologicamente estéril. Faz parte do complexo geológico subjacente.

O monumento apresenta uma câmara de planta sub-rectangular a tender para trapezoidal, com 2,20 m. de comprimento e largura máxima de 2 m., limitada talvez por dois esteios laterais e

por um de cabeceira (resta apenas o esteio lateral Norte, de calcário, e os calços e «camas» dos esteios que faltam); um corredor bem diferenciado, de orientação E., 25° S., com o comprimento de 3,20 m. e a largura máxima de 0,80 m., possuindo, actualmente, nove esteios (faltam-lhe, pelo menos, dois) pouco espessos e estreitos, de calcário e «grés de Silves», alguns deles assentando em calços de calcário. A entrada exterior do corredor foi obstruída, numa área com a largura do corredor e o comprimento de 1,20 m., por blocos de calcário, «grés de Silves» e de diorito. A partir da entrada e a seguir à zona obstruída, verificou-se a presença de duas lajes pavimentando o chão do corredor. (Figs. 81 e 82).

O *tumulus* possui uma cintura de lajes e blocos, em geral de calcário, em contacto directo com os esteios da câmara e duas coroas, de blocos, circulares concêntricas: a primeira, intermédia, com o raio de 3,50-4 m. e a largura máxima de 1 m., é interrompida pelo corredor junto da sua entrada exterior; a segunda, com o raio de cerca de 7,30 m. e a largura máxima de 1,50 m., abre na zona correspondente à entrada do corredor (este encontra-se, por conseguinte, recuado). Esta segunda coroa comportar-se-ia como um anteparo das terras do *tumulus*, delimitando-o exteriormente. (Figs. 81, 83 e 84).

6. O material arqueológico proveniente da C.2 do interior da câmara e do corredor compõe-se das seguintes peças (a numeração é a da fig. 85):

- 1 — Núcleo de sílex;
- 2 e 3 — Subprodutos de talhe em sílex;
- 4 — Subproduto de talhe em quartzo cristal de rocha;
- 5 — Raspador em calcadónia;
- 6 — Lamela com possíveis traços de utilização (sílex);
- 7 — Lamela com traços de utilização («sílex»);
- 8 — Triângulo isósceles (sílex);
- 9 — Triângulo escaleno (quartzo leitoso);
- 10 — Triângulo escaleno (sílex);
- 11, 12 e 13 — Trapézios simétricos de truncaturas muito oblíquas (sílex);
- 14 — Trapézio simétrico curto (sílex);
- 15 — Trapézio assimétrico de grande truncatura curta (sílex);
- 16 — Trapézio assimétrico (sílex);

- 17 — Trapézio rectângulo (sílex);
- 18 — Ponta de seta de base em lingueta e com aletas (sílex);
- 19 e 20 — Taças em calote de esfera (cerâmica);
- 21 — Taça de carena média (cerâmica);
- 22, 23 e 24 — Contas de colar discoides (xisto).

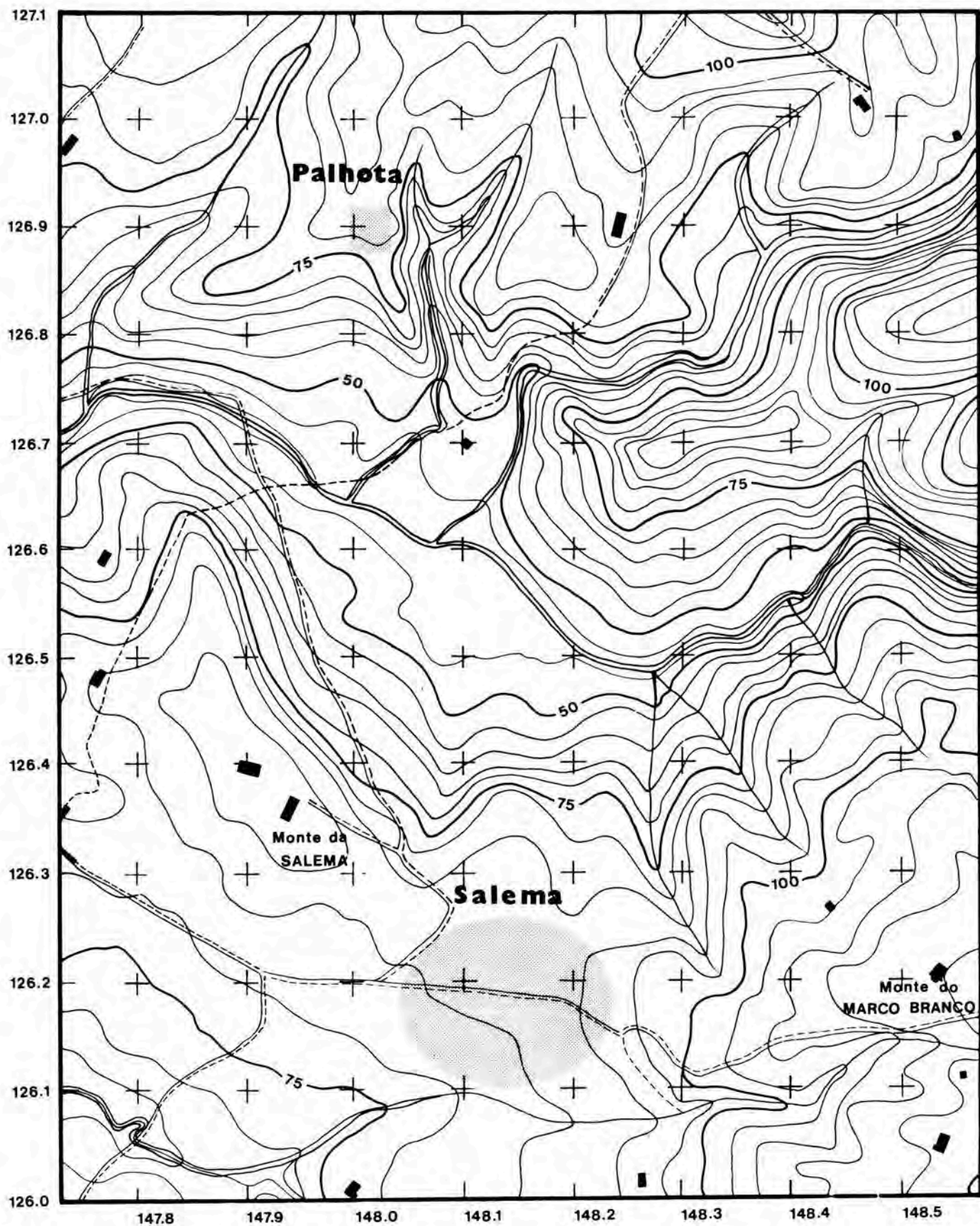
Além deste material, surgiram restos ósseos (dentes, fragmentos de calote craniana e numerosos fragmentos de outros ossos), em estudo no Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, que, com os espólios lítico e cerâmico, se distribuem por cinco zonas, três situadas na câmara e duas no corredor, correspondentes possivelmente a igual número de tumulações.

A escavação da área do *tumulus* permitiu recolher abundante espólio lítico e cerâmico que não se distribuía de modo uniforme, apresentando uma grande concentração no sector SE., o correspondente à zona da entrada do monumento. Recolheu-se o seguinte material ⁽¹⁶⁾ (figs. 86-90):

- 167 fragmentos, resíduos e subprodutos de talhe em sílex (92%) e rochas duras (8%);
- 37 núcleos (33 inteiros e 4 fragmentados): 28 de sílex, 2 de quartzito e 7 de matéria-prima indeterminada, na sua maioria com negativos de lascas (6 unipolares, 8 bipolares, 9 irregulares, 5 atípicos e 5 de tipo indeterminado);

Fig. 158 — Localização da Palhota e da Salema na carta de 1:5.000.

⁽¹⁶⁾ A descrição e análise exaustivas do espólio proveniente quer do interior da câmara e do corredor quer da área do *tumulus* fez-se em Soares, J. e C. Tavares da Silva, 1976-77 b.



- 1 buril simples sobre truncatura associado a um *encoche* clactonense (silex);
- 2 lâminas com traços de utilização (silex);
- 3 denticulados sobre lasca (2 em silex e 1 em calcário dolomítico);
- 1 truncatura ou fragmento de geométrico (silex);
- 1 flecha transversal trapezoidal de truncaturas com retoque semi-abrupto e em «duplo bisel» (silex);
- Machado de pedra polida de contorno geral subtriangular, secção transversal oval e talão, flancos e bordos picotados;
- 8 taças em calote de esfera (cerâmica lisa);
- 5 esféricos, quase todos com o bordo ligeiramente inclinado para o interior (cerâmica lisa);
- 1 globular (cerâmica lisa);
- 1 taça de carena média (cerâmica lisa);
- 1 taça de carena muito alta (cerâmica lisa);
- 1 fragmento de cerâmica com mamilo junto ao bordo;
- 1 fragmento de cerâmica com orelha de apreensão horizontal;
- Fragmento distal de um cinzel em cobre/bronze;
- Fragmento da extremidade proximal (talão) de um machado (?) plano em cobre/bronze;
- Placa trapezoidal de xisto, não decorada e sem furo de suspensão.

7. Neolítico superior: segunda metade do IV milénio; momento final da fase média do megalitismo do Alentejo Litoral, acusando contactos com a Estremadura e, talvez, com o Sudeste peninsular (Cultura de Almería).

8. Ameaçado, quando da descoberta, de destruição total pela utilização da pedra das estruturas na construção da uma casa.

9. Soares, J e C. Tavares da Silva, 1976-77 *b*.

1. X = 148 1; Y = 126 2 (Carta Militar de Portugal, Folha 505 — Santo André, Esc. 1:25000, 1944); cota 85 m.

Freguesia de S. Francisco da Serra, concelho de Santiago do Cacém; entre o Monte da Salema e o do Marco Branco.

Sobre uma zona plana com 150 m. × 250 m., limitada a Norte pelo vale da Ribeira da Casca-lheira, a Este pela encosta do Monte do Marco Branco, a Sul por uma linha de água e a Oeste pela elevação do Monte da Salema.

2. Areias resultantes da desagregação de arenitos argilosos, de grão médio e grosseiro, com calhaus subanguloso disperso, e de arenitos e conglomerados com cimento argilo-ferroso, formações talvez do Plioceno que contactam a Este (encosta do Monte do Marco Branco) com afloramentos de xistos do Carbónico e a Noroeste (encosta do Monte da Salema) com argilas margosas do Secundário.

3. Povoado de ar livre.

4. Escavação em curso pelo G.T.A. do G.A.S.

Colaboração do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

5. Nível arqueológico com a parte superior, de um modo geral, muito destruída pela acção das lavouras; abrange a base da C.1 e a parte superior da C.2.

C.1. — Da superfície à profundidade de 0,30/0,40 m. Areia castanha clara (Munsell 7.5 YR 5.5/4) quando seca e castanho-avermelhada escura (5 YR 3/4) quando húmida. Revolvida pela lavoura. Abundantes fragmentos de cerâmica pré-histórica, rolados na parte superior da camada e pouco rolados e mais numerosos na base. Subprodutos e utensílios em silex. Calhaus com fracturas térmicas.

C.2. — A partir da profundidade de 0,30/0,40 m. (espessura variável). Areia castanho-avermelhada clara (5 YR 5.5/4) quando seca e vermelho-amarelada (5 YR 4/6) quando húmida. Foi subdividida em camadas artificiais com a espessura de 0,05 m. A cerâmica, não rolada, e os subprodutos em sílex são abundantes na parte superior (primeiros 0,05 m.), reduzindo-se em profundidade. Com estruturas de *habitat* («silos» e empedrados). Assenta sobre as formações de arenitos argilosos do Plioceno.

Notam-se dois tipos de estruturas de *habitat* que se distribuem por toda a área escavada (fig. 38):

— *Empedrados*. — Concentrações de calhaus, em geral partidos ou estalados (*in situ*) por acção do fogo. Planta subcircular. Diâmetro cerca de 0,90 m. (Figs. 40 e 41).

— «*Silos*». — Estruturas de planta ovalada (0,40/0,50 m. $\times$ 0,70/0,80 m.) com parede de barro cozido (espessura de 30 mm.) que inflecte, na parte superior, para o interior. Base de areia. Preenchidas por areia, alguns calhaus e fragmentos de cerâmica que se depositaram durante a fase de abandono e destruição; ao nível da base da parede surgem, no interior, muitos fragmentos de barro cozido que parecem ter resultado da destruição da parte superior da estrutura. (Figs. 42 e 43).

6. O material arqueológico encontra-se em fase de inventariação (escavação ainda em curso) e estudo. Desde já, salientamos:

— Indústria lítica em sílex, avultando os subprodutos de talhe (numerosas lascas não retocadas); raros utensílios (buris, furadores, lamelas de retoque oblíquo). (Fig. 55).

— Enxós em pedra polida de talão completamente polido (fig. 56).

— Elementos de mós manuais (fig. 57).

— Abundante cerâmica (principalmente esféricos altos e taças em calote) de pasta em geral compacta, lisa ou com decoração, cobrindo grande parte da superfície externa, impressa (cardial, a punção, por cunha, por caules ocos, etc. — grande variedade de matrizes e motivos), incisa (asso-

ciação de traços horizontais, verticais e oblíquos — predomina o sulco horizontal situado imediatamente abaixo do bordo de taças em calote ou de pequenos esféricos), penteada (escassa) e plástica (escassa), presença de pequenas asas. (Figs. 67-75).

— Fragmento de bracelete em pedra (rocha eruptiva) polida, de secção transversal biconvexa, a tender para plano-convexa (fig. 78).

7. Neolítico Antigo Evolucionado de cerâmica impressa e incisa (finais do V milénio a.C.).

8. Aquando da identificação da jazida, esta encontrava-se em adiantada fase de destruição provocada por uma agricultura mecanizada.

9. Inédita.

3 — AREAL

1. X = 143 O; Y = 122 7 (Carta Militar de Portugal, Folha 505—Santo André, Esc. 1:25000, 1944); cota: 15 m.

Freguesia de Santo André, concelho de Santiago do Cacém; a cerca de 300 metros para Este do Monte do Areal.

Sobre uma zona plana que forma um ligeiro esporão na margem esquerda da lezíria da Ribeira do Areal.

2. Areias do Plistoceno. Formações dunares.

3. Povoado de ar livre.

4. Por escavar. Observações e recolhas no talude Norte, que dá para a Ribeira do Areal.

6. Núcleos em sílex e quartzito; lamelas e

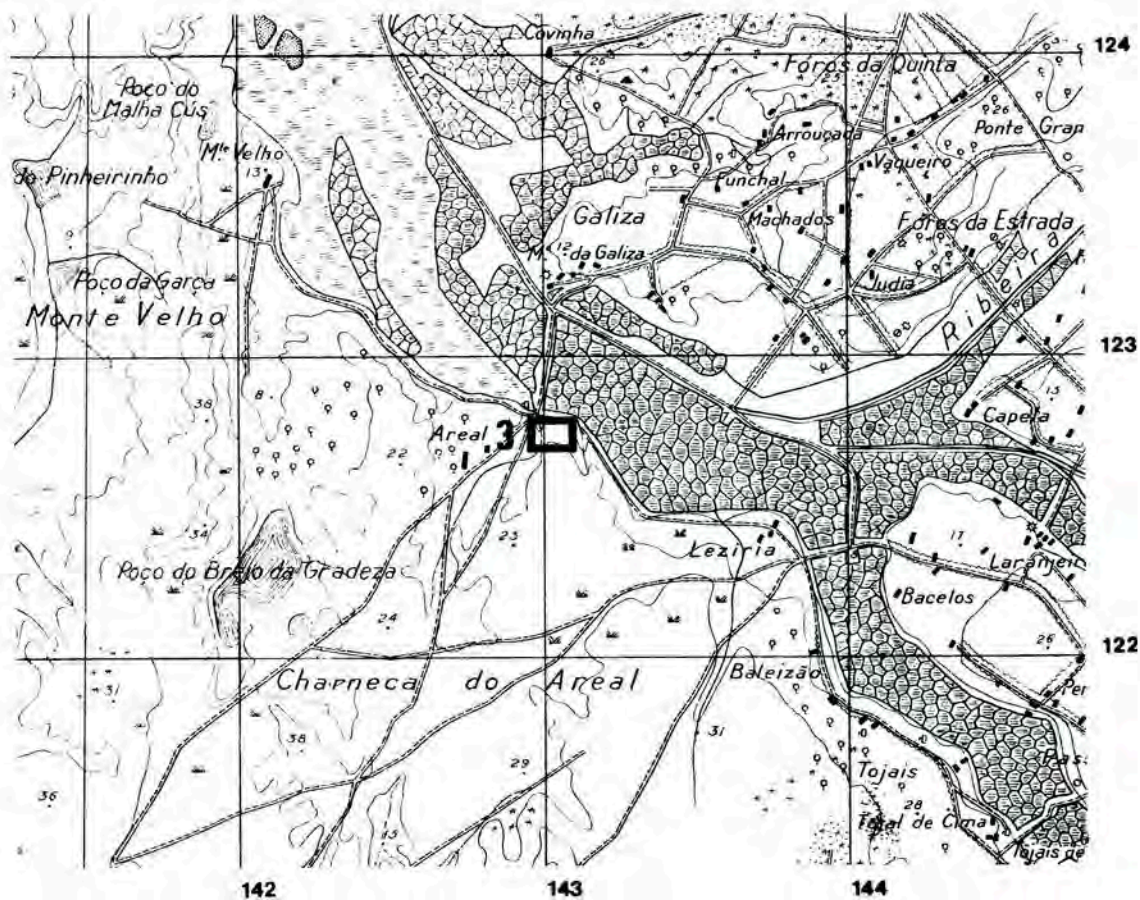


Fig. 159 — Localização do Areal na carta de 1:25.000.

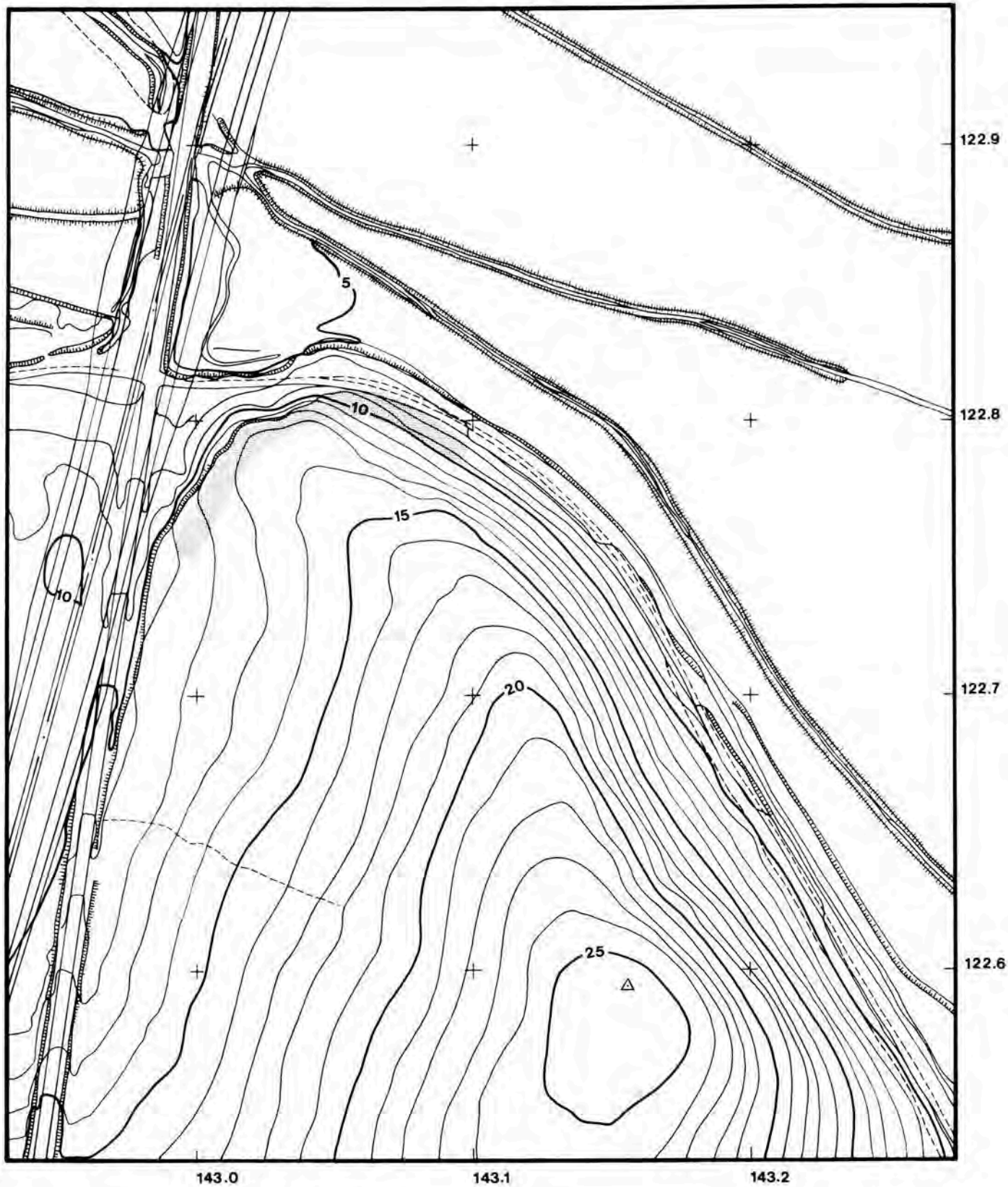
lascas residuais em sílex; cerâmica lisa de fabrico manual, apresentando as superfícies rugosas; fragmentos de barro cozido resultantes possivelmente da destruição de lareiras; calhaus partidos por acção do fogo.

7. Neolítico (?).

8. Parcialmente destruída pela exploração clandestina de areias. Zona prevista para construções, integrada na nova cidade de Santo André.

9. Inédita.

Fig. 160 — Localização do Areal na carta de 1:2.000.



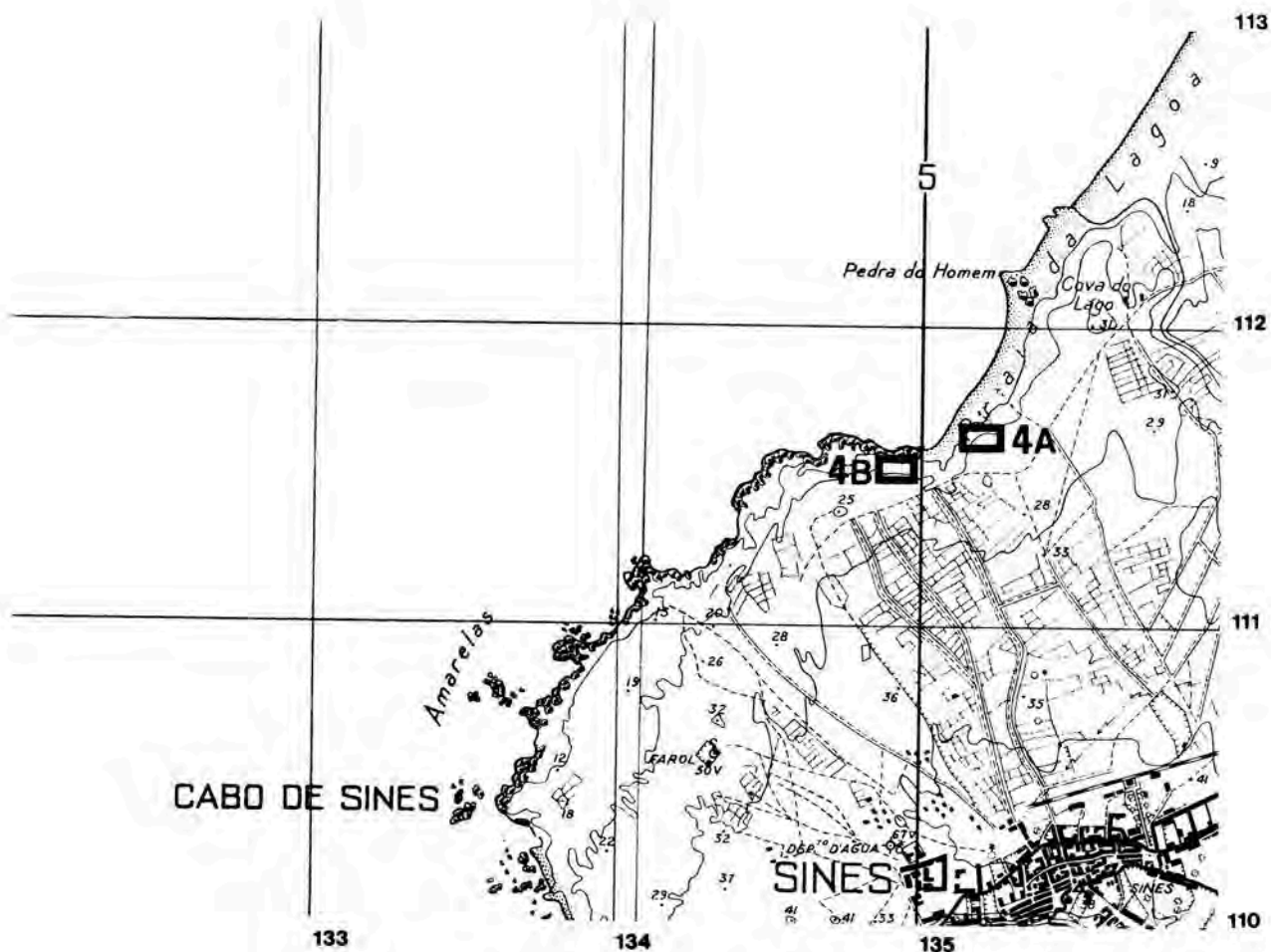


Fig. 161 — Localização dos núcleos A e B da jazida da Praia do Norte na carta de 1:25.000.

4 — PRAIA DO NORTE (OU DA LAGOA)

Núcleo A

1. X = 135 1; Y = 111 6 (Carta Militar de Portugal, Folha 515 A — Sines, Esc. 1:25000, 1947); cota: 20-25 metros.

Freguesia e concelho de Sines; a cerca de 550 m. para S.SW. da Pedra do Homem (Praia do Norte ou da Lagoa).

Zona plana, limitada a NW. pela baixa falésia que cai sobre a praia e a NE. e a SW. por linhas de água.

196

2. Assenta sobre formações de arenitos argilosos, de grão médio e grosseiro, com calhaus subanguloso disperso (Plio-pleistoceno).

3. Povoado de ar livre.

4. Não escavada. Recolhas de superfície. Sob areias dunares recentes aflora uma camada de areias cinzentas que pode corresponder ao nível arqueológico.

6. Lascas e lamelas residuais em sílex; nú-

cleos em sílex (exaustos); 1 lâmina em sílex com vestígios de uso, inversos, numa pequena porção do bordo direito. Ausência de cerâmica.

7. Paleolítico final/Epipaleolítico (?).

9. Inédita.

Núcleo B

1. X = 134 8 ; Y = 111 5 (Carta Militar de Portugal, Folha 515A — Sines, Esc. 1:25000, 1947); cota: 20 m.

Freguesia e concelho de Sines; extremidade SW. da Praia do Norte, a cerca de 300 m. para W.SW. do Núcleo A.

Zona plana limitada a Norte pela falésia que cai sobre o mar e a Oeste pela falésia que constitui a extremidade SW. da praia.

2. Areias finas bem calibradas que assentam sobre corneana cálcica e diorito atravessado por numerosos filões.

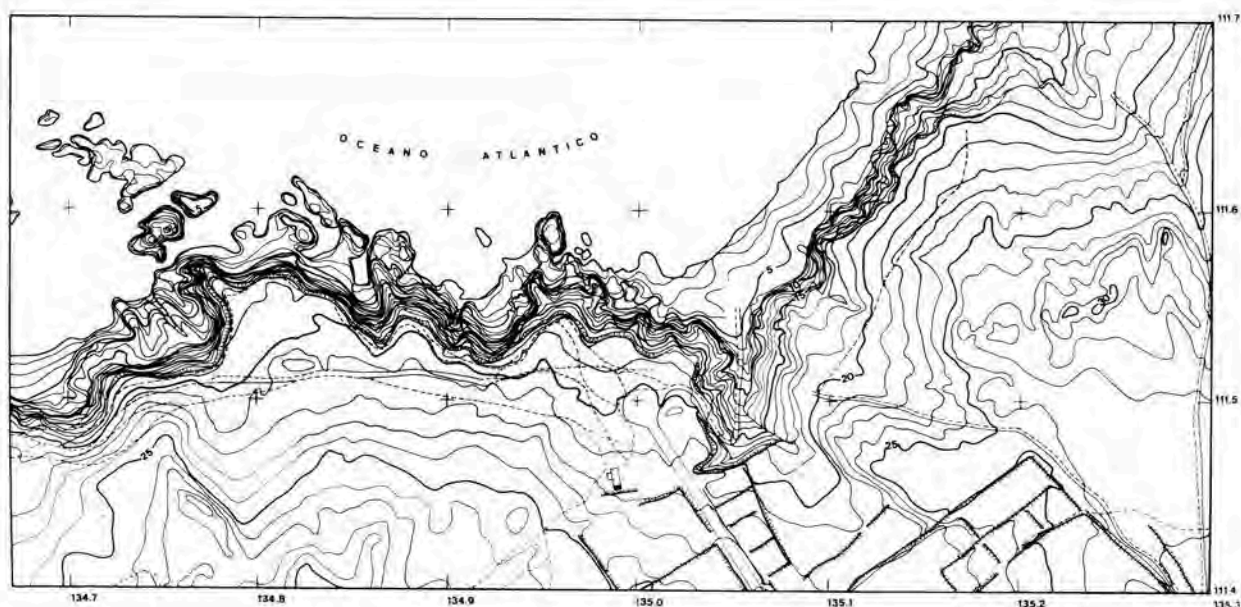
3. Povoado de ar livre.

4. Recolhas de superfície (os materiais surgem principalmente no seio de uma camada acinzentada situada sob as areias dunares de formação recente).

6. Indústria de pequenas e médias lascas em sílex e quartzito, algumas com acção de fogo, escassas lamelas, fragmentos de núcleos irregulares em que predominam os levantamentos de lascas, raros utensílios (fragmento de lasca em sílex com retoque oblíquo directo em um dos bordos; lascas em sílex com amplo *encoche* lateral; fragmento de raspador — *grattoir* — carenado, ogival, em sílex). Ausência de cerâmica.

7. Paleolítico final / Epipaleolítico (?).

Fig. 162 — Localização da jazida da Praia do Norte na carta de 1:4.000.



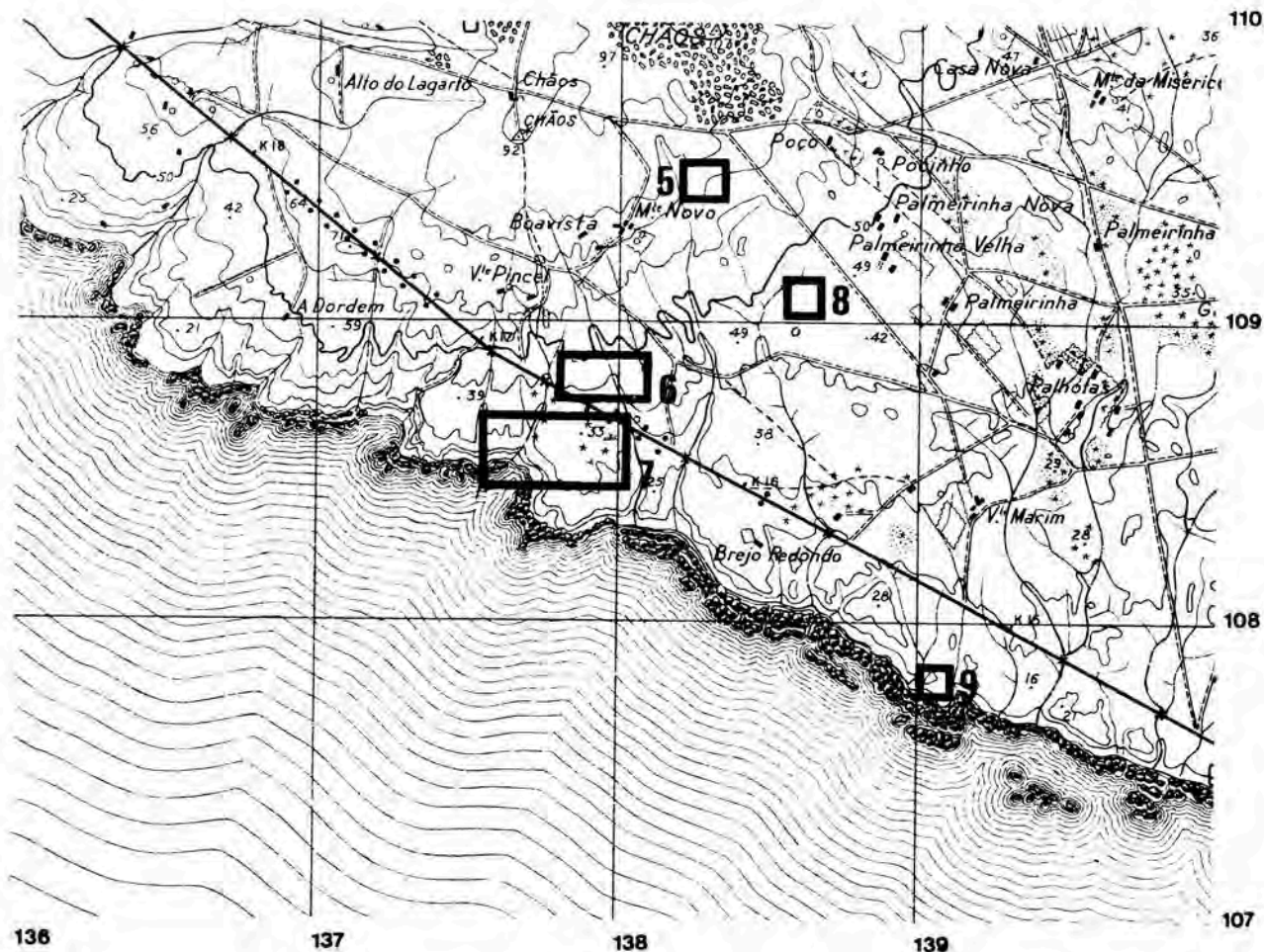


Fig. 163 — Localização de Monte Novo (5), Vale Pincel II (6), Vale Pincel I (7), Quitéria (8) e Vale Marim (9) na carta de 1:25.000.

5 — MONTE NOVO

1. $X = 138\ 2$; $Y = 109\ 5$ (Carta Militar de Portugal, Folha 526, Esc. 1:25000, 1944); cota: 70-90 m.

Freguesia e concelho de Sines; a cerca de 2,5 km. (em linha recta) para E.SE. da vila de Sines e a 250 m. para E.NE. de Monte Novo.

Zona elevada da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos de Sines, abrangendo uma área de suave declive (9 %), com cerca de 150/200 m. (segundo a direcção E.-W.) por 150 m. (segundo a direcção N.-S.), que oferece boas condições naturais de defesa não só pela sua cota (domina-se toda a baía de S. Torpes e as terras baixas que se esten-

dem para Sul e Sudoeste da base dos Chãos), como também pelos afloramentos de gabro-diorito que existem no local. É limitada a Oeste por uma importante linha de água.

2. Solos de alteração de diorito com afloramentos da mesma natureza.

3. Povoado de ar livre.

4. Recolhas de superfície e escavações arqueológicas (G.T.A. do G.A.S.). O campo foi quadri-

culado com base no estabelecimento de dois eixos ortogonais: um de orientação N.-S. e dividido em segmentos de recta de 2 m., designados por números; outro, de orientação E.-W., cujos segmentos de recta, também de 2 m., são designados por letras maiúsculas. Cada quadrado (2 m. de lado) é designado por uma letra maiúscula e por um número. Foram já escavados (1977) os quadrados B61, C61, D61 e E61.

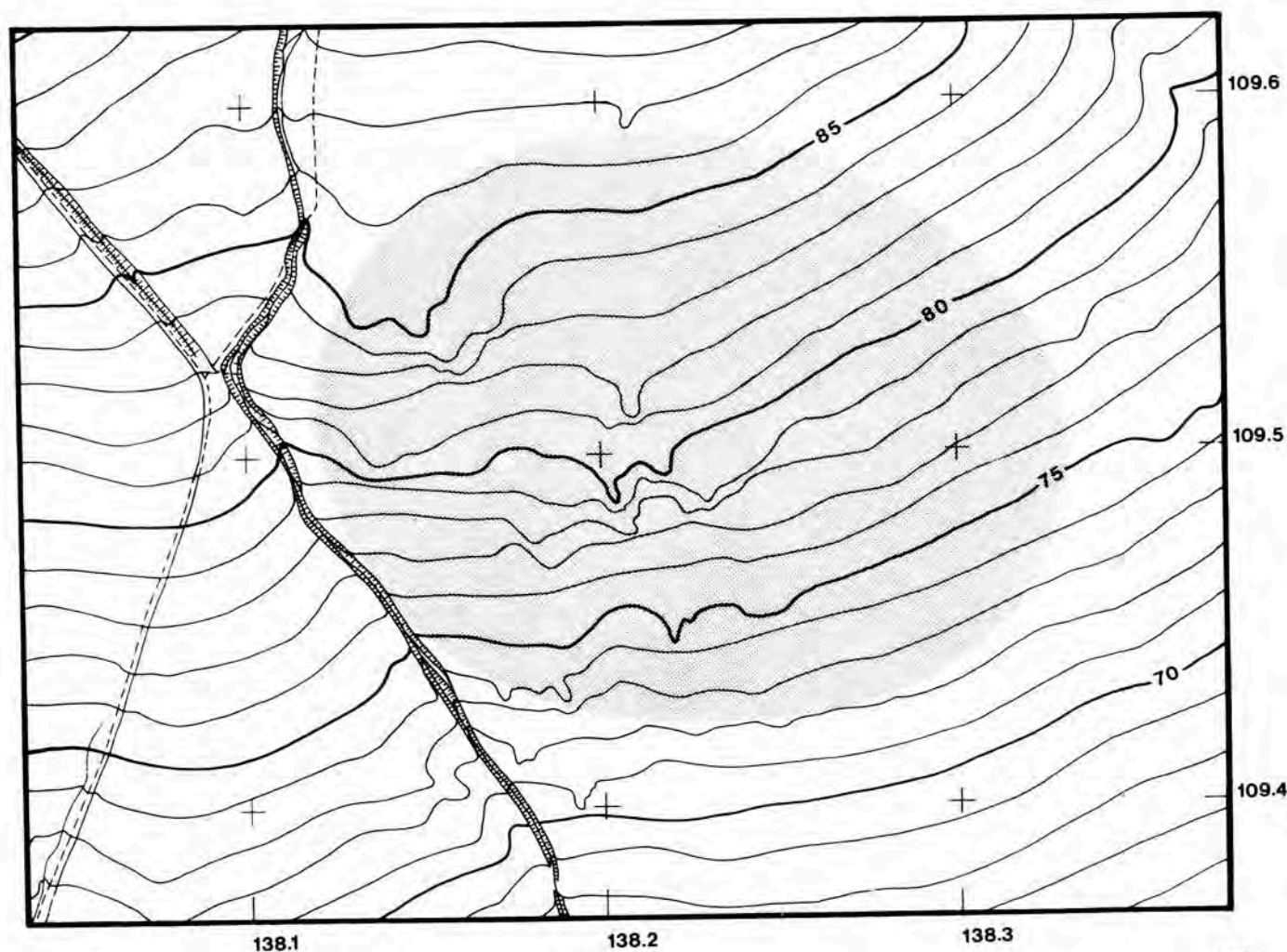
5. Observou-se a seguinte sucessão estratigráfica (de cima para baixo) (fig. 95):

C.1 — Espessura 0,30/0,35 m. Areia argilosa castanho-amarelada escura (Munsell 10 YR 3/4) quando húmida e castanho-amarelada média (10 YR 4/4) quando seca, transportada—proveniente

da erosão dos solos residuais de alteração do maciço gabro-diorítico. pH 6,2. Com raízes. Revolvida pelas lavouras. Fragmentos de cerâmica muito rolados, alguns da Época Romana (*sigillata* sud-gálica).

C.2 — Espessura 0,15 m. Argila arenosa castanho-amarelada escura (10 YR 2.5/4) quando húmida e castanho-amarelada escura (10 YR 3/4) quando seca, transportada—proveniente da erosão dos solos residuais de alteração do maciço gabro-diorítico. pH 6,2. Abundantes fragmentos de cerâmica pouco ou não rolados, exclusivamente pré-históricos.

Fig. 164 — Localização da jazida de Monte Novo na carta de 1:2.000.



C.3 — Espessura 0,10/0,15 m. Argila arenosa castanha média (5 YR 3.5/6) quando húmida e castanha média (5 YR 4/6) quando seca, com fragmentos de rocha meteorizada, na base — solo residual de alteração do maciço gabro-diorítico. pH. 6,3. Arqueologicamente estéril.

O nível de ocupação calcolítica corresponde à base da C.2. No quadrado B61 surgiu uma fiada de grandes blocos de gabro-diorito, implantados na C.3, que fazem parte de uma estrutura em arco notada à superfície, com cerca de 24 m. de perímetro, 22 m. de corda e 1,30 m. de largura. Acompanhando esta estrutura, pelo seu interior, nota-se outra fiada de blocos de dimensões médias que assentam na base da C.2.

6. Recolheu-se até agora (1977) o seguinte material:

— Lâmina (fragmento proximal) de sílex, com traços de utilização (fig. 96, n.º 3).

— Ponta de seta em xisto, de base recta, com retoque invasor em ambas as faces (fig. 96, n.º 2).

— 5 elementos de mó (2 moventes, 2 dormentes e 1 indeterminado) em gabro-diorito (fig. 99).

— 86 fragmentos em cerâmica, com bordo, que permitem determinar a forma geral dos respectivos recipientes. Revelam uma grande unidade técnica: 81,39 % apresentam pasta compacta com abundantes elementos não plásticos superiores a 1 mm. (os e.n.p. são, sobretudo, de quartzo; abundante moscovite); 75,58 % possuem as superfícies e a fractura castanho-avermelhadas (em geral Munsell 10 R 3/6) o que revela cozedura oxidante (só 10,46 % mostram a fractura com uma zona intermédia acinzentada-negra e zonas superficiais castanho-avermelhadas o que corresponde a uma cozedura redutora seguida de uma fase de arrefecimento em ambiente oxidante, e 4,65 % têm as superfícies e a fractura acinzentadas-negras — cozedura e fase de arrefecimento redutoras). Estão presentes as seguintes formas: *prato de bordo sem espessamento* (6,97%), *prato de bordo almeдрado* (43,02 %), *taça larga de bordo espessado internamente* (11,62 %), *taça em calote* (27,90 %), *esférico* (5,81 %) e «*pote*» (4,65 %) (Figs. 104 e 105)

— 11 crescentes (fragmentos) em cerâmica (fig. 105, n.ºs 17-20).

7. Calcolítico pleno.

9. Tavares da Silva, C. e J. Soares, 1976-77.

6 — VALE PINCEL II

1. X = 137 9 ; Y = 108 9 (Carta Militar de Portugal, Folha 526, Esc. 1:25000, 1944); cota: 45 m.

Freguesia e concelho de Sines; a cerca de 2,5 km. (em linha recta) para SE. da vila de Sines, a 300 m. para SE. do Monte de Vale Pincel.

Sopé da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos de Sines; abrange uma área, sensivelmente plana e sem condições naturais de defesa, com cerca de 400 m. (segundo a direcção E.-W.) por cerca de 200 m. (segundo a direcção N.-S.), atravessada por uma importante linha de água que, descendo de N.NW. para S.SE., a divide em duas zonas (A e B) de dimensões aproximadamente iguais; é limitada a Este e a Oeste por duas outras linhas de água.

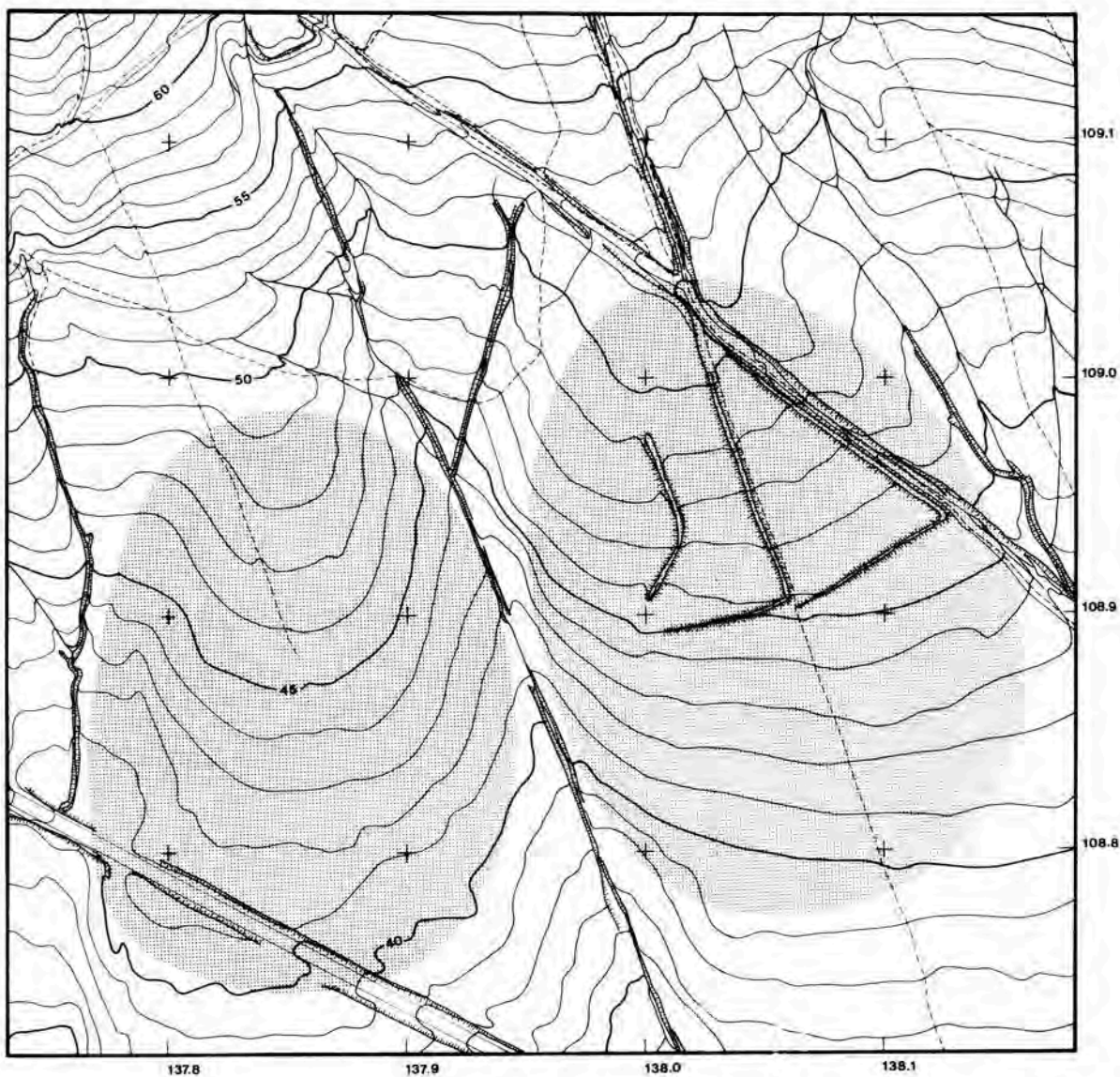
2. Areias que assentam sobre arenitos argilosos mal consolidados do Plio-plistoceno que confinam a Norte com solos de alteração de diorito da encosta dos Chãos.

3. Povoado de ar livre.

4. Recolhas de superfície e abertura de uma sondagem de reconhecimento (trabalhos do G.T.A. do G.A.S.).

5. Observou-se a seguinte sucessão estratigráfica (de cima para baixo (fig. 94):

C.1 — Espessura de 0,30/0,40 m. Areia fina e média castanho-escura (Munsell 10 YR 4/3) quando húmida e castanho-avermelhada (10 YR 5/4) quando seca. pH 5,5. Com raízes. Revolvida



pela lavoura. Numerosos fragmentos de cerâmica pré-histórica pouco ou não rolados. Calhaus partidos por acção do fogo. Na base desta camada forma-se uma bolsa com cerca de 0,70 m. de profundidade que atravessa a C.2 nos quadrados B e C e atinge a C.3 no quadrado B, constituída por areia fina e média castanho-amarelada escura (10 YR 4/4) quando húmida e castanho-amarelada (10 YR 5/4) quando seca. pH 5,5. Forneceu abundantes fragmentos de cerâmica não rolados.

C.2 — Espessura de 0,40/0,50 m. Areia fina e média castanho-amarelada (10 YR 5/4) quando húmida e castanho-amarelada clara (10 YR 6/4) quando seca. pH 6. Menor quantidade de cerâmica

Fig. 165 — Localização de Vale Pincel II na carta de 1:3.000.

do que na C.1; o número de fragmentos decresce com a profundidade, diminuindo na base da camada.

C.3 — Areia fina e média amarelo-avermelhada clara (7.5 YR 6.5/6) quando húmida e castanha muito pálida (10 YR 7/4) quando seca. Faz parte da formação plio-pleistocénica de base. pH. 6.

O elevado número de fragmentos de cerâmica

contidos na C.1 bem como o fraco rolamento que revelam parecem indicar que esta camada, ou melhor, a sua base corresponde a uma «permanência de *habitat*» (Bordes, 1975) cujas estruturas se encontram muito destruídas sobretudo por acção da lavoura. Pelo contrário, a identificação da C.2 com um estrato de ocupação é, neste momento, muito problemática. Perturbada pela acção da população a que corresponde a base da C.1 (bolsa do quadrado B), o escasso material que oferece, muito semelhante ao da C.1 e que decresce em profundidade (restringe-se quase exclusivamente à parte superior), pode ter resultado de infiltrações. Contudo, antes de escavações mais extensas, torna-se muito arriscado negar ou afirmar a existência de mais de uma ocupação durante a Pré-história, em Vale Pínel II.

6. *Material recolhido à superfície:*

- 3 enxós em pedra polida (fig. 97).
- 4 elementos de mó (3 em gabbro-diorito e 1 em grés): 2 dormentes de superfície côncava; 2 moventes executados a partir de calhaus rolados. (Fig. 98).

- 50 fragmentos de cerâmica, com bordo, que permitem a determinação da forma geral dos respectivos recipientes. Pastas em geral compactas (37 exs.); semi-compactas (11 exs.); pouco compactas (2 exs.); predominam as que têm abundantes elementos não plásticos superiores a 1 mm. (31 exs.) sobre aquelas em que os e.n.p. só raramente vão além de 1 mm. (19 exs.). De um modo geral (38 exs.) a cozedura processou-se em ambiente oxidante: cor da fractura e das superfícies castanho-avermelhada (Munsell 10 R 4/4, 10 R 4/6, 10 R 5/6) com manchas acinzentadas. Os restantes 12 exemplares sofreram uma cozedura incompletamente oxidante: 2 exemplares com zona superficial externa castanho-avermelhada e z.s. interna acinzentada-negra; 2 com zona superficial externa acinzentada-negra e z.s. interna castanho-avermelhada; 8 com zona intermédia acinzentada-negra e zonas superficiais castanho-avermelhadas. As superfícies foram, de um modo geral, bem ou muito bem alisadas, ainda que se apresentem, por vezes, irregulares. Nos pratos e nas taças largas de bordo espessado internamente a superfície externa foi apenas alisada e é muito irregular. Em exemplares (*prato*, *taça em calote*) cujas superfícies foram mal alisadas notam-se traços da técnica do rolo. Estão presentes as seguintes formas: *prato de bordo não espessado* (2 exs.); *taça larga de bordo*

espessado internamente (14 exs.); *taça carenada* (7 exs.); *taça em calote* (11 exs.); *esférico* (16 exs.). (Figs. 100-102),

- 2 «pesos de tear» em cerâmica, paralelepípedicos (1 com um furo e outro com dois furos em cada topo).

Material da C.1:

- Lamela em sílex (fragmento distal) com retoque na extremidade distal e possíveis traços de utilização no bordo direito (fig. 96, n.º 1).

- 1 enxó em pedra polida (fig. 97).

- 1 elemento de mó, talvez movente, em gabbro-diorito, de superfície activa plana.

- 184 fragmentos de cerâmica (com bordo) que permitem conhecer a forma geral do respectivo recipiente. De um ponto de vista tecnológico, distinguem-se duas classes principais:

Classe a — espessura entre 5 e 16 mm.; superfícies alisadas, frequentemente bem ou muito bem alisadas, ainda que, por vezes, se mostrem irregulares (136 exs. — 74 %: 57 taças em calote e todos os exemplares das restantes formas);

Classe b — espessura entre 3 mm. e 7 mm.; superfícies quase nunca alisadas: ásperas e muito irregulares (48 exs., 26 %, todos do grupo das taças em calote, geralmente de bordo afilado e, por vezes, com ligeiro espessamento não intencional mas resultante de deficiente acabamento da peça).

Em ambas as classes a pasta é predominantemente compacta mas enquanto na *a* atinge a frequência de 79 %, na *b* não ultrapassa 58 %, sendo os restantes 42 % constituídos por pasta semi-compacta. A maior parte dos fragmentos da *classe a* e todos os da *b* possuem abundantes e.n.p. até 1 mm. Os e.n.p. mais frequentes são de quartzo; presentes finas partículas de mica (moscovite). Predomina a cerâmica cozida em ambiente completamente oxidante (66 %), facto que se acentua na cerâmica da *classe b* cujos exemplares apresentam, na sua quase totalidade, a fractura e as superfícies castanho-avermelhadas; segue-se, a uma certa distância, a que sofreu uma cozedura redutora-oxidante (28 %) e, por fim, a que revela um ambiente completamente redutor (5 %). Decoração somente em 1 exemplar: *taça em calote* em cerâmica da *classe a* decorada na superfície externa por um sulco horizontal situado 5 mm abaixo do lábio. Presentes as seguintes formas gerais: *prato de bordo sem espessamento* (1 ex. — 0,54 %), *taça larga de bordo espessado internamente* (20 exs. —

10,86 %), *taça carenada* (9 exs. — 4,89 %), *taça em calote* (105 exs. — 57,06 %), *esférico* (46 exs. — 25,00 %), *globular* (2 exs. — 1,08 %) e «*pote*» (1 ex. — 0,54 %). (Figs. 100-102).

— 17 «*pesos de tear*» em que 7 possuem um furo em cada topo (os restantes, fragmentados, não conservam os topos) (fig. 102).

Material da C.2:

— 34 fragmentos de cerâmica (com bordo) que permitem conhecer a forma geral dos respectivos recipientes. Distinguem-se as mesmas duas classes de carácter tecnológico (*classe a* com 25 exs. e *classe b* com 9). Presentes as seguintes formas: *prato de bordo sem espessamento* (1 ex.), *taça larga de bordo espessado internamente* (1 ex.?), *taça carenada* (1 ex.?), *taça em calote* (22 exs.), *esférico* (8 exs.) e *globular* (1 ex.). (Fig. 103).

— 1 «*peso de tear*» (fragmento) em cerâmica.

— 1 crescente (?) em cerâmica (fragmento).

7. Neolítico final / Calcolítico inicial.

8. A C.1 (nível de ocupação) encontra-se muito destruída pela acção das lavouras.

9. Tavares da Silva e J. Soares, 1976-77.

7 — VALE PINCEL I

1. X = 137 ; Y = 108 (Carta Militar de Portugal, Folha 526, Esc. 1:25000, 1944); cota: 35 metros.

Freguesia e concelho de Sines; a cerca de 2,5 km. (em linha recta) para SE. da vila de Sines.

Zona plana do sopé da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos de Sines. Abrange uma área com cerca de 500 m. de comprimento e 200 m. de largura máxima, limitada a Sul pela falésia litoral, a Este e a Oeste por duas linhas de água;

é atravessada por outra linha de água que desagua junto de uma pequena praia que serviria o povoado.

2. Areias eólicas que assentam sobre arenitos argilosos plio-pleistocénicos que confinam a Sul, na falésia litoral, com afloramentos de corneana pelítica e xistos argilosos atravessados por filões de rocha neutra e básica.

3. Povoado de ar livre.

4. A área abrangida pelo povoado foi atravessada, segundo a direcção Este-Oeste, pela via rápida R53. A observação detalhada e o desenho dos taludes dessa via rápida permitiram conhecer a estratigrafia e a natureza e distribuição das estruturas de *habitat*. Procedeu-se também à abertura de um «corte de reconhecimento» com 10 m. de comprimento e 4 m. de largura, abrangendo o segmento de 40 a 50 metros do perfil do talude Norte. Este «corte» foi quadriculado (malha de 1 m²) com base em um sistema de coordenadas cartesianas em que o eixo dos XX é o orientado aproximadamente E.-W. e o dos YY o de orientação aproximadamente N.-S. Dividimos estes eixos em segmentos de 1 m. Cada segmento foi designado por um número árabe a partir do ponto de coordenadas 0,0 situado no canto NE. Assim, cada quadrado é identificado por dois números, separados por um ponto, respeitando o primeiro às abcissas e o segundo às ordenadas (p. ex.: Q.3.4 — trata-se do quadrado X = 3 ; Y = 4).

5. A leitura dos perfis dos taludes da via rápida (o do talude Norte com 170 m. e o do Sul com 140 m.) revelou uma sucessão muito uniforme em toda a sua extensão, constituída pelas seguintes camadas (de cima para baixo) (fig. 25):

C.1 — Espessura de 0,25 m. Cor cinzenta-pardacenta clara (Munsell 10 YR 6/2) quando seca e parda-acinzentada escura (10 YR 4/2) quando húmida; textura arenosa, com poucos elementos grosseiros; sem estrutura; consistência solta; sem efervescência com HCL a 10 %. Transição gradual para:

C.2 — Espessura de 0,20 m. Cor parda-amarelada (10 YR 5/4) quando seca e parda a parda-escura (10 YR 4/3) quando húmida; textura arenosa, com poucos elementos grosseiros; sem estru-

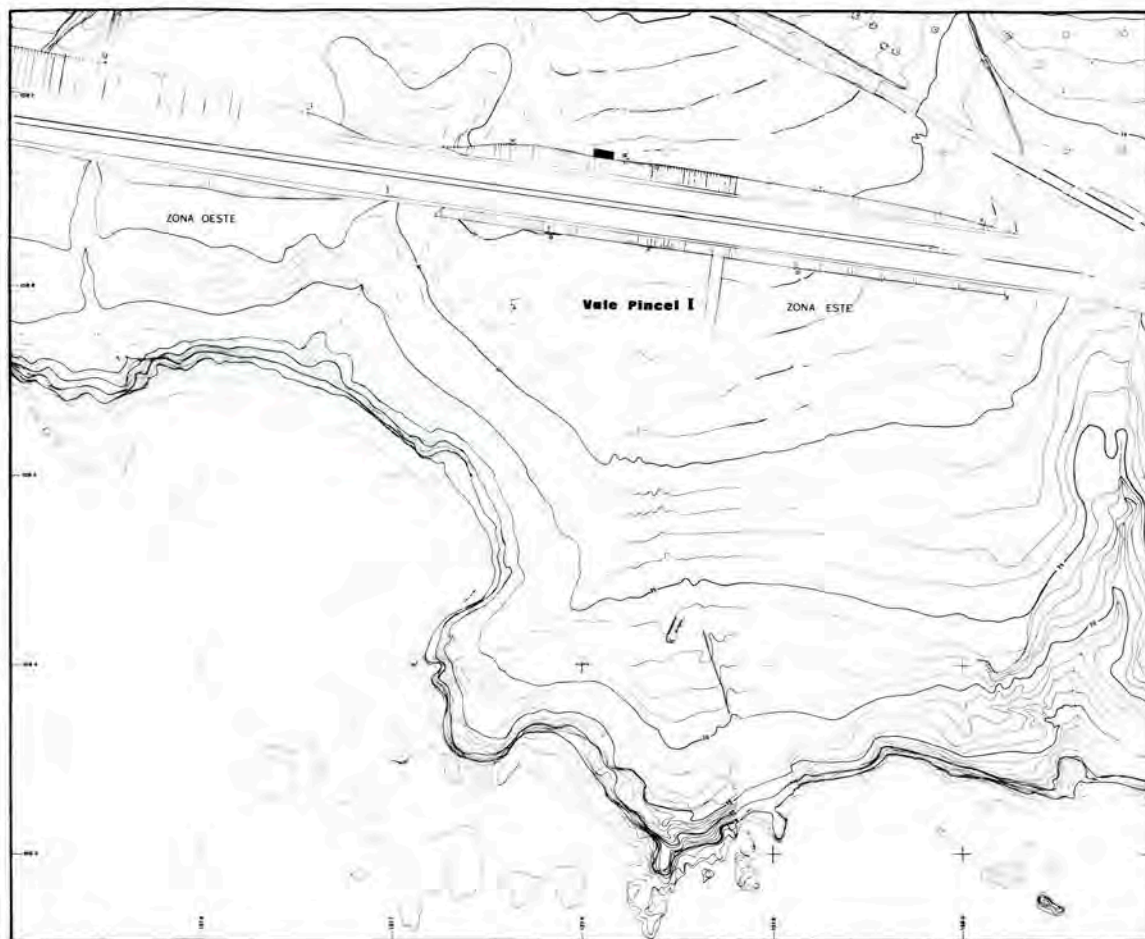


Fig. 166 — Localização de Vale Pincel I na carta de 1:4.000.

tura; consistência solta; sem efervescência com HCL a 10 %. Transição nítida para:

C.3 — Espessura de 0,15/0,20 m. Cor parda (10 YR 5/2) quando seca e parda acinzentada muito escura (10 YR 3/2) quando húmida; textura arenosa com alguns pequenos elementos grosseiros; sem estrutura; consistência friável; sem efervescência com HCL a 10 %. Transição gradual para:

C.4 — Espessura de 0,60 m. Cor cinzenta clara (10 YR 7/2) quando seca e parda (10 YR 5/7) quando húmida; textura arenosa, sem elementos grosseiros; sem estrutura; consistência solta; sem efervescência com HCL a 10 %. Transição nítida para:

C.5 — Arenito ferruginoso com manchas vermelhas e amareladas. ⁽¹⁷⁾

Em numerosos pontos formam-se na base da C.2 (a correspondente à ocupação neolítica), e penetrando nas areias das camadas 3 e 4, grandes bolsas muito compridas (com 10 e mais metros de comprimento) e pouco fundas (prof. máxima aproximadamente 0,50 m.) constituídas por areias acinzentadas ou negras, com cinzas, pequenos fragmentos de carvão e calhaus partidos por ação do

⁽¹⁷⁾ As características morfológicas do presente perfil foram obtidas por J. Faustino Fernandes (engenheiro-agrônomo encarregado do Sector de Génese, Classificação e Cartografia de Solos do Departamento de Pedologia da Estação Agronómica Nacional) e A. M. Soares da Silva (geólogo encarregado do Sector de Mineralogia do Solo do Departamento de Pedologia da E.A.N.).

fogo (por vezes reunidos em leitos, mais comuns na parte superior das bolsas). Estas bolsas forneceram subprodutos de talhe e utensílios em sílex e fragmentos de cerâmica. Trata-se de estruturas de *habitat*: «fundos de cabana» com áreas de combustão.

A abertura do corte de reconhecimento revelou perfil idêntico ao observado nos taludes da via-rápida. Considerando o facto de as diversas camadas serem sedimentologicamente homogêneas em toda a sua espessura, escavámos, a partir da base da C.1, por subcamadas artificiais com 0,05/0,07 m. de espessura: a C.2 foi subdividida em 2a, 2b, 2c e 2d; a C.3, em 3a, 3b, 3c e 3d. O desenho do plano da base de cada uma destas subcamadas, bem como a recolha e o estudo quantitativo e qualitativo do material por subcamadas, permitiu conhecer na horizontal e na vertical as diferentes estruturas de *habitat* e definir com certa precisão a espessura do conjunto dos sucessivos solos de *habitat* ou, empregando uma expressão de F. Bordes (1975), a *permanência da organização de habitat*. Na abordagem deste último aspecto recorreu-se à análise quantitativa segundo a vertical e a horizontal dos elementos arqueológicos disponíveis: fragmentos de cerâmica, instrumentos líticos, subprodutos do talhe e calhaus com acção do fogo. De notar a ausência de fauna, facto explicável pela acidez (pH: 5,9 na C.1; 5,8 na C.2; 6,3 na C.3; 5,7 na C.4 e 5,0 na C.5) e lixiviação do terreno. Verificou-se assim a existência de um único nível arqueológico que se restringia (fora das bolsas) à base da C.2 (2c e 2d) e à parte superior da C.3 (3a), apresentando uma espessura máxima de 0,15 m.

O corte de reconhecimento revelou, na horizontal, algumas estruturas de *habitat*: restos de um «fundo de cabana» (fig. 29: E.E e E.H) com mais de 10 m. de comprimento (estrangulado no quadrado 4.4) que apresentava grandes manchas de cinzas relacionadas com estruturas de combustão e continha, numa espessura de 0,25 m., subprodutos de talhe e utensílios em sílex, fragmentos de cerâmica do grupo A (abundantes na base do enchimento da bolsa) e do grupo B (abundantes na camada de abandono), numerosos fragmentos de quartzo leitoso, calhaus partidos por acção do fogo e nódulos de areia concrecionada pelo fogo; seis estruturas de combustão (situadas na zona imediatamente a Norte do «fundo de cabana»), em

«cuvette» dissimétrica (E.A, E.B, E.C, E.D, E.F e E.G — figs.29-32), abertas nas areias da camada 3, quase sempre de contorno ovalado, com profundidades compreendidas entre 0,20 m. e 0,40 m. e comprimento e largura variando respectivamente entre 0,90 e 1,40 m. e 0,80 e 1,10 m. e contendo cinzas, pequenos fragmentos de carvão, calhaus partidos por acção do fogo, nódulos de areia concrecionada pelo fogo, subprodutos de talhe em sílex e em cristal de rocha, fragmentos de quartzo leitoso, raros utensílios em sílex e cerâmica em geral do grupo A (a'do grupo B ocorre principalmente na parte superior do enchimento destas «cuvettes»); um pequeno «empedrado» formado por calhaus partidos por acção do fogo, na C.2c e junto de E.A.

6. *A indústria em pedra lascada* (figs. 44-51), que revela um trabalho predominantemente lamelar (45 % de lamelas na totalidade dos subprodutos e 55 % no total das 241 peças recolhidas no corte de reconhecimento e na C.2/3 dos taludes da via-rápida) e uma percentagem relativamente baixa de subprodutos (68 % do total das peças recolhidas no corte de reconhecimento), é constituída pelos seguintes utensílios:

Corte de reconhecimento
Camada 2d-3

Raspadores diversos ⁽¹⁸⁾	1	1
Furadores finos	1	1
Lamelas de bordo abatido arqueado e base retocada	1	
Lamelas de bordo abatido arqueado ...	1	2
Lascas denticuladas	2	
Lamelas denticuladas	1	3
Lamelas com retoque oblíquo normalmente irregular, parcial e com traços de uso	7	7
Lamelas com lustre de «cereal»	2	2
Lamelas truncadas	2	2
Segmentos de círculo	4	4
Diversos	1	1
TOTAL		23

⁽¹⁸⁾ Utilizamos o termo raspador no sentido de *grattoir*.

Para os raspadores e furadores seguiu-se de perto a classificação proposta pelo G.E.E.M. (1975).

Camada 2a-2c

Raspadores sobre lâmina longa	1	
Raspadores sobre lâmina partida	2	
Raspadores unguiformes	1	
Raspadores diversos	1	5
Furadores finos	1	1
Buris sobre fractura	7	7
Lamelas de bordo abatido e truncatura	1	
Lamelas de bordo abatido parcial	1	2
Lascas com <i>encoche</i>	4	4
Lascas com retoque oblíquo, irregular e parcial	2	
Fragmentos de lâmina com retoque irregular e parcial e traços de uso	1	
Lamelas com retoque oblíquo, normalmente irregular, parcial e com traços de uso	5	8
Lamelas com lustre de «cereal»	3	3
Segmentos de círculo	1	1
Diversos	4	4
Seixos afeiçãoados	1	1

TOTAL 36

Camada 1

Raspadores sobre lâmina partida	1	
Raspadores carenados	1	2
Furadores finos	1	1
Lamelas de bordo abatido arqueado	1	
Lamelas de bordo abatido parcial	1	
Fragmentos de lamela de bordo abatido	1	3
Lascas com <i>encoche</i>	1	
Lamelas com <i>encoche</i>	1	2
Lamelas com retoque oblíquo ou semi-abrupto regular	2	2
Lamelas com retoque oblíquo normalmente irregular, parcial e com traços de uso	2	2
Lamelas com lustre de «cereal»	1	1
Lamelas truncadas	1	1
Segmentos de círculo	1	
Trapézios de base menor retocada	1	2
Diversos	1	1

TOTAL 17

Camada 2/3 dos taludes da via-rápida

Furadores finos	2	2
Lamelas com lustre de «cereal»	1	1
Segmentos de círculo	2	2

TOTAL 5

Superfície

Raspadores carenados	1	
Raspadores simples sobre lasca	1	
Raspadores denticulados	2	
Raspadores sobre lasca de tipo indeterminado	1	5

Furadores finos	3	3
Lamelas de bordo abatido arqueado	1	1
Lascas denticuladas	1	
Lâminas denticuladas	1	
Lamelas denticuladas	2	4
Lamelas com retoque oblíquo ou semi-abrupto regular	1	1
Fragmentos de lâmina com retoque irregular e parcial e com traços de uso	1	
Lamelas com retoque oblíquo normalmente irregular, parcial e com traços de uso	4	5
Lamelas com lustre de «cereal»	1	1
Segmentos de círculo	1	1
Flechas transversais cortantes	1	1
Diversos	5	5
Seixos afeiçãoados	4	4

TOTAL 31

A *utensilagem em pedra polida* é rara: apenas o fragmento de um utensílio indeterminado e um machado de secção oval e talão picotado, em gábro cinzento-esverdeado (C.3b) (fig. 52).

De assinalar ainda o aparecimento de um fragmento de mó manual (C.3b), de um calhau rolado achatado e de forma subtrapezoidal que teria sido utilizado como polidor (fig. 53), e de dois calhaus rolados com vestígios de uso: um utilizado como percutor e outro como bigorna (figs. 50 e 51).

No que se refere à *cerâmica* há a considerar, sobretudo, dois grupos:

A — Esféricos altos («sacos») de pasta pouco compacta e com abundantes elementos não plásticos de quartzo maiores que 1 mm. (chegam a atingir 5 mm.); superfícies alisadas-toscas, frequentemente estaladas e de cor avermelhada; fractura com zona acinzentada ou negra o que denota cozedura realizada em ambiente redutor-oxidante; parede muito espessa (valores, por vezes, superiores a 20 mm.); decoração impressa (limitada em geral a uma zona situada junto ao bordo) obtida através de um conjunto pouco variado de matrizes (salientam-se as impressões executadas por meio de um punção actuado obliquamente — impressões ovaladas ou em ponto de exclamação —, e são pouco frequentes as impressões em cunha, em U e as cardíais) e plástica (restringe-se também, quase sempre, à zona superior do vaso), formada por cordões horizontais segmentados por traços transversais impressos, e por mamilos frequente-

mente localizados sobre o bordo e associados a cordões. (Figs. 59, 61-66).

B — Taças em calote e pequenos esféricos de pasta compacta com abundantes elementos não plásticos menores que 0,5 mm., distribuídos regularmente, e escassos superiores a 0,5/1 mm., e finas partículas de mica; superfícies muito bem alisadas de cor acastanhada; fractura de cor uniforme igual à das superfícies ou com uma zona acinzentada/negra; espessura da parede raramente superior a 7 mm.; decoração incisa formada por um sulco horizontal situado imediatamente abaixo do bordo. (Figs. 59, n.º 11, 60, n.º 5 e 61, n.ºs 10-11).

A cerâmica do grupo A predomina na C.3a-2d (base do nível arqueológico); a do grupo B, embora também presente nas subcamadas mais profundas, atinge a sua maior frequência relativa nas subcamadas 2b e 2c. Com efeito, na C.2d, em 17 recipientes identificados (fragmentos com bordo), 12 são do grupo A e 3 do B (2 de grupo indeterminado); na C.2c, em 14 recipientes identificados, 3 pertencem ao grupo A e 10 ao B (1 indeterminado).

7. Neolítico Antigo.

8. A estação foi atravessada pela via-rápida R53. O que resta do povoado pré-histórico encontra-se ameaçado pelas obras de construção do porto de Sines.

9. Inédita (¹).

(¹) Já depois deste trabalho ter entrado no prelo, foi publicada uma comunicação apresentada à *I Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*: J. Soares e C. Tavares da Silva, Alguns aspectos do Neolítico Antigo do Alentejo Litoral, *Actas da I Mesa Redonda sobre o Neolítico e o C. em Portugal*, Porto, 1979, pp. 9-52.

1. X = 138 5; Y = 109 0 (Carta Militar de Portugal, Folha 526, Esc. 1:25.000, 1945); cota: 50 m.

Freguesia e concelho de Sines; antiga Courela da Quitéria; a cerca de 500 m. para E.SE. de Monte Novo e a 3 km. (em linha recta) para E.SE. da vila de Sines; a 1 km da linha de costa.

Zona plana da base da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos.

2. Areias que assentam sobre arenitos argilosos, mal consolidados, plio-pleistocénicos que contactam, a Oeste, com solos de alteração de diorito.

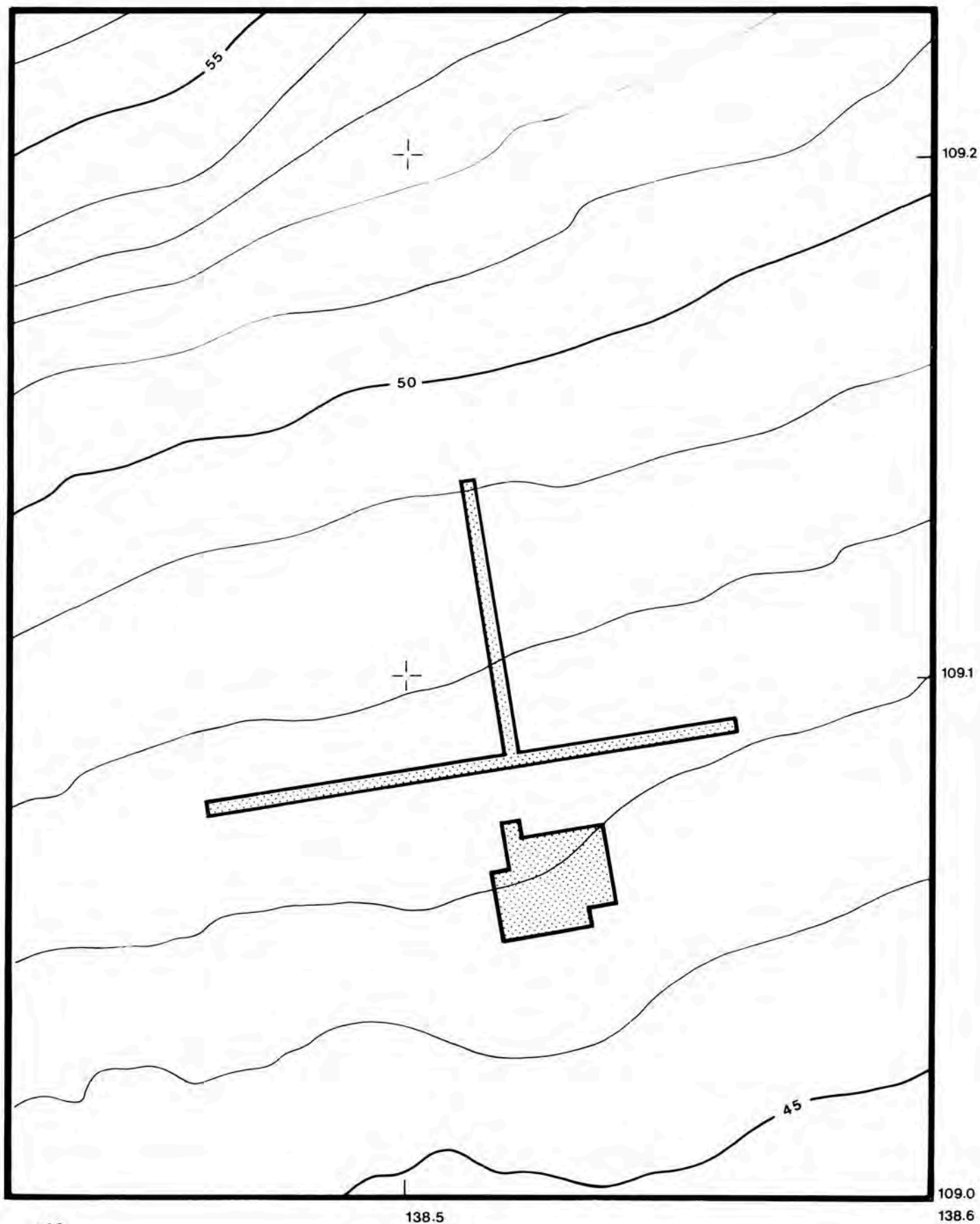
3. Necrópole e respectivo povoado (de ar livre).

4. Escavações arqueológicas em curso.

O campo foi quadriculado a partir do estabelecimento de dois eixos ortogonais de orientação N.-S. e W.-E., ambos divididos em segmentos de recta de 3 m., designados por letras maiúsculas (os do eixo W.-E.) e por números árabes (os do eixo N.-S.). Cada quadrado, com 3 m. de lado, foi, assim, individualizado através de uma letra e de um número. Ao ponto de coordenadas 0,0 m. foi atribuída a cota convencional de 10 m. Até ao momento (finais de 1977) escavaram-se (pelo G.T.A. do G.A.S.) os quadrados F6-F9, G3-G9, H4-H9, I4-I9, J4-J9, num total de 261 m.², área correspondente a parte da necrópole e realizaram-se sondagens na zona situada imediatamente a Norte da mesma que revelaram a existência dos restos do respectivo núcleo habitacional.

5. A área sepulcral até agora escavada revelou 25 sepulturas de tipo cista, integradas em recintos tumulares de planta rectangular ou quadrangular.

As sepulturas, de planta rectangular ou sub-rectangular, são formadas por quatro esteios (exceptuam-se as n.ºs 3 e 7, com cinco esteios, e as mais destruídas que, como a n.º 17, chegam a



apresentar apenas um esteio); de um modo geral não se encontraram restos da cobertura (só as seps. 2, 4, 6, 8, 10, 20, 24 e 25 conservavam ainda a tampa, por vezes fragmentada, monolítica e, quase sempre, de contorno sub-retangular). Na maior parte, o comprimento varia entre 1 m. e 1,20 m. e a largura entre 0,50 e 0,60 m. Com valores inferiores: seps. 5, 8, 16 e 22, sendo esta última a menor ($0,69 \times 0,40$ m.). Com valores superiores: seps. 1, 4 e 10, sendo a n.º 4 a maior ($1,60 \times 0,57$ m.). O material utilizado na sua construção (esteios e tampa) foi o xisto (seps. 2-7, 9-11, 13, 15, 16, 19, 22-25), o grés dunar (seps. 12, 14, 17-20 e 24) e o gabro-diorito (sep. 8). De um modo geral estão orientadas segundo a direcção E.NE.-W.SW.; exceptuam-se as n.ºs 11, 13, 15, 17, 21 e 23 (orientação NE.-SW.) e a 16 (E.-W.).

A implantação dos esteios fez-se, em cada sepultura, a cotas diferentes: a base dos esteios de topo está a uma cota mais elevada que a dos laterais.

Verificou-se que alguns esteios assentavam sobre pequenas pedras ou lajes de xisto e, por vezes, possuíam, no exterior, reforços constituídos por calhaus. No canto formado pelos esteios lateral e de topo das sepulturas 7 e 8 existem pequenas lajes de xisto, em cunha, que parecem desempenhar uma função de travamento.

No caso da sep. 9 o esteio lateral, de xisto, foi prolongado, em comprimento, por calhaus empilhados.

Após a implantação dos esteios, o fundo de cada sepultura era preparado com uma camada de terra até cerca de 0,20 m. acima da base; a sep. 18 possuía um pavimento revestido por lajes de xisto, situado 0,20 m. acima do nível da base dos esteios.

Embora as sepulturas se apresentassem cheias de areia, admítimos que tal facto se tivesse ficado

a dever a infiltrações posteriores à sua utilização. É o que nos parece indicar a escavação da sep. 5 que mostrou fragmentos da tampa caídos para o interior e assentes sobre o nível correspondente à tumulação.

Os recintos tumulares, limitados em geral por esteios de xisto ou de grés dunar ou ainda por blocos de diorito colocados verticalmente, e raramente por blocos horizontais sobrepostos, alternando com esteios (rec. da sep. 8), possuíam dimensões compreendidas entre $1,70 \times 1,70$ (?) m. (rec. da sep. 6) e $1,90 \times 3,15$ m. (rec. da sep. 5) e confinavam entre si. O recinto da sep. 2 possuía na zona Este um pavimento formado por placas de xisto, à profundidade de aproximadamente 0,18 m. em relação à parte superior dos esteios da sepultura. No recinto da sep. 24 notou-se uma estrutura rectangular com $0,60 \times 0,80$ m., horizontal, encostada ao esteio lateral Norte da sepultura, formada igualmente por placas de xisto; situava-se à profundidade de 0,30 m. relativamente à parte superior dos esteios da sepultura. Sob esta área pavimentada não surgiu qualquer espólio.

Além de abundante espólio encontrado no interior dos recintos, por vezes claramente *in situ* como os vasos dos recintos das seps. 2 e 10, há a assinalar a existência no rec. da sep. 10 de uma pequena caixa subparalelepípedica formada por placas de xisto e de grés dunar que continha um crânio humano.

Cobrindo cada uma das sepulturas, e na área do respectivo recinto, construía-se um *tumulus* cujos vestígios (calhaus e lajes de xisto) foram detectados nos recintos das sepulturas 2, 3, 5, 6, 14 e 20.

6. O espólio encontrado no interior das sepulturas é o seguinte:

— 2 vasos sub-hemisféricos de fundo aplanado (fig. 144, n.ºs 1 e 2) (seps. 22 e 24);

— 1 vaso de colo estrangulado, decorado por nervuras verticais marginadas por sulcos pouco fundos, quase brunidos (fig. 145, n.º 7) (sep. 21);

— 1 vaso de colo estrangulado com decoração em bandas incisas: espinha na base do colo e duas bandas de ziguezagues paralelas, preenchidas por traços subverticais, no bojo (fig. 145, n.º 4) (sep. 12);

Fig. 167 — Localização da área escavada na Quitéria (esc. 1:1.000).

— 1 vaso de colo estrangulado decorado por bandas horizontais: banda de sulcos irregulares, subverticais, no colo e banda de fiadas de impressões ovaladas e de pequenas nervuras verticais, na parte superior do bojo (fig. 145, n.º 2) (sep. 20);

— 2 taças tipo Atalaia (fig. 144, n.ºs 3 e 4) (seps. 1 e 9);

— 1 vaso de carena baixa e de corpo alto tronco-cônico decorado por quatro fiadas verticais de três mamilos cada uma (fig. 145, n.º 1) (sep. 23);

— 1 vaso de carena baixa (aresta da carena truncada) e parede acentuadamente côncava; furos cilíndricos abaixo do bordo e no fundo (fig. 145, n.º 3) (sep. 14);

— 1 elemento de xorca em cerâmica (fig. 145, n.º 5) (sep. 5);

— 1 fragmento de punção (?) em cobre de secção quadrangular (fig. 145, n.º 6) (sep. 6).

A escavação efectuada no exterior das sepulturas, na área dos recintos tumulares, forneceu abundante cerâmica, em geral muito fragmentada. São de destacar dois recipientes encontrados nitidamente *in situ*:

— 1 vaso de carena média afim da taça tipo Atalaia (fig. 148, n.º 1) (rec. da sep. 2);

— 1 vaso subcilíndrico, de fundo plano, com dois mamilos cônicos no bordo (fig. 148, n.º 2) (rec. da sep. 10).

7. Bronze II do Sudoeste.

8. Lavouras mecanizadas danificaram superficialmente muitas das estruturas funerárias removendo as tampas de numerosas sepulturas.

9. Inédita.

1. $X = 139\ 3$; $Y = 107\ 7$ (Carta Militar de Portugal, Folha 526, Esc. 1:25.000, 1945); cota entre 10 e 15 m.

Freguesia e concelho de Sines; a 600 m. para S.S.W. do Monte de Vale Marim; junto à falésia litoral.

Zona plana e aberta limitada a Este por uma importante linha de água que desagua numa pequena praia de baixa-mar, e a Sul pela falésia litoral.

2. Formações arenosas do Plistoceno que assentam sobre xistos do Carbónico.

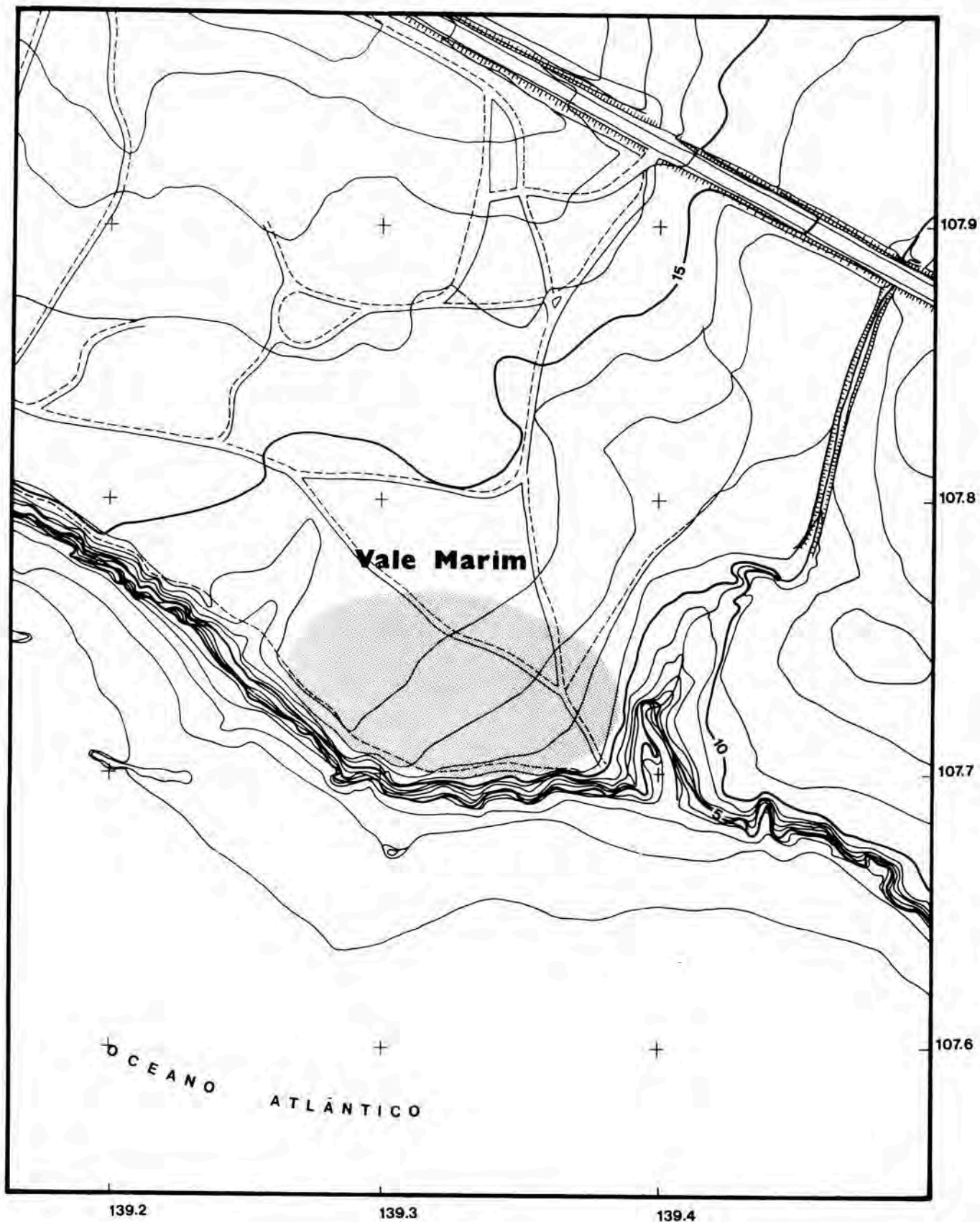
3. Povoado de ar livre (cerca de 50×150 m.).

4. Recolhas nos cortes da falésia litoral, em uma camada arenosa de cor acinzentada, com numerosos calhaus partidos por acção do fogo; ausência de fauna.

6. Numerosos subprodutos de talhe em sílex, essencialmente lamelares, 4 núcleos e 1 flanco de núcleo com negativos de lamelas (sílex); 3 microburis (sílex); 1 buril lateral sobre fractura (sílex); 1 lamela de bordo abatido com truncatura (sílex); 2 «encoches», um sobre lasca e outro sobre lamela (sílex); 1 truncatura (sílex); 6 trapézios (sílex): 2 simétricos (1 de truncaturas muito oblíquas, outro aproximando-se do trapézio simétrico curto); 3 assimétricos de grande truncatura rectilínea e longa e 1 de Téviéc. (Fig. 19).

7. Mesolítico de fácies geométrica.

Fig. 168 — Localização de Vale Marim na carta de 1:2.000.



8. A área arqueológica encontra-se ameaçada pela construção de uma linha férrea.

9. Inédita.

Fig. 170 — Localização da área escavada na Provença (mon. I). Esc. 1:1.000.

10 — PROVENÇA

1. X = 142 0; Y = 107 1 (Carta Militar de Portugal, Folha 526, Esc. 1:25.000, 1945); cota cerca de 25 m.

Freguesia e concelho de Sines; antiga Herdade da Provença (Courela de S. Torpes); aproximadamente a 7 km. (em linha recta) da vila de Sines.

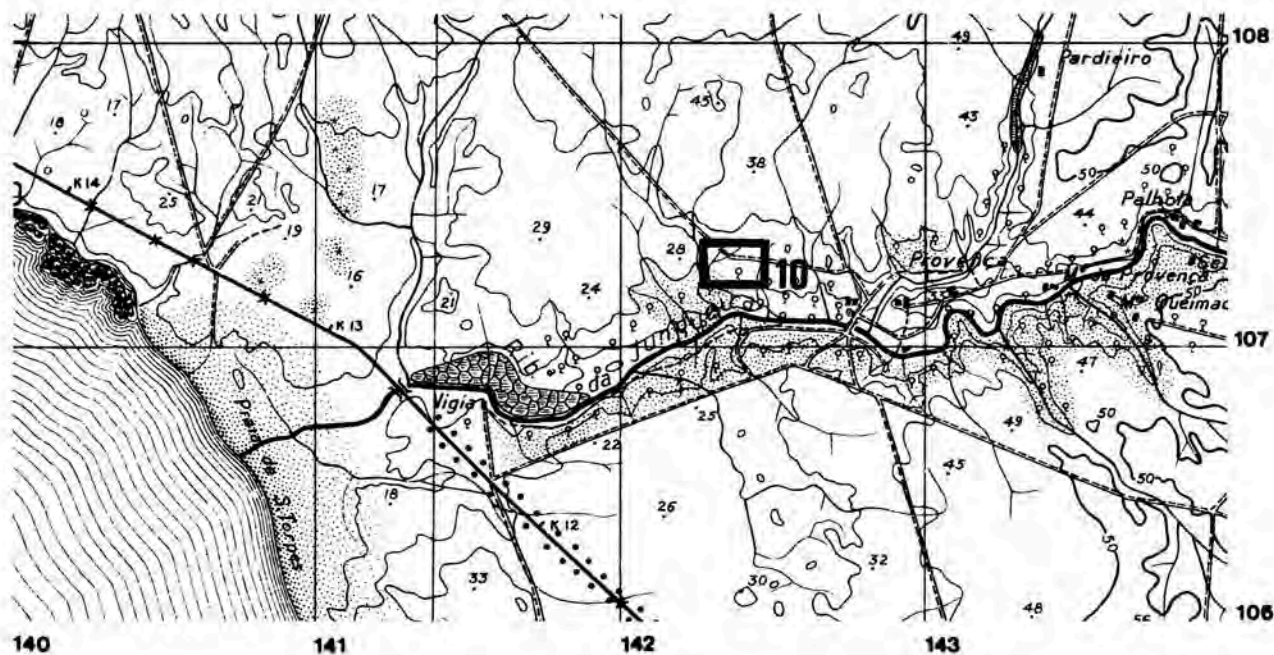
Zona plana da margem direita da ribeira da Junqueira, a cerca de 1700 m. do Oceano.

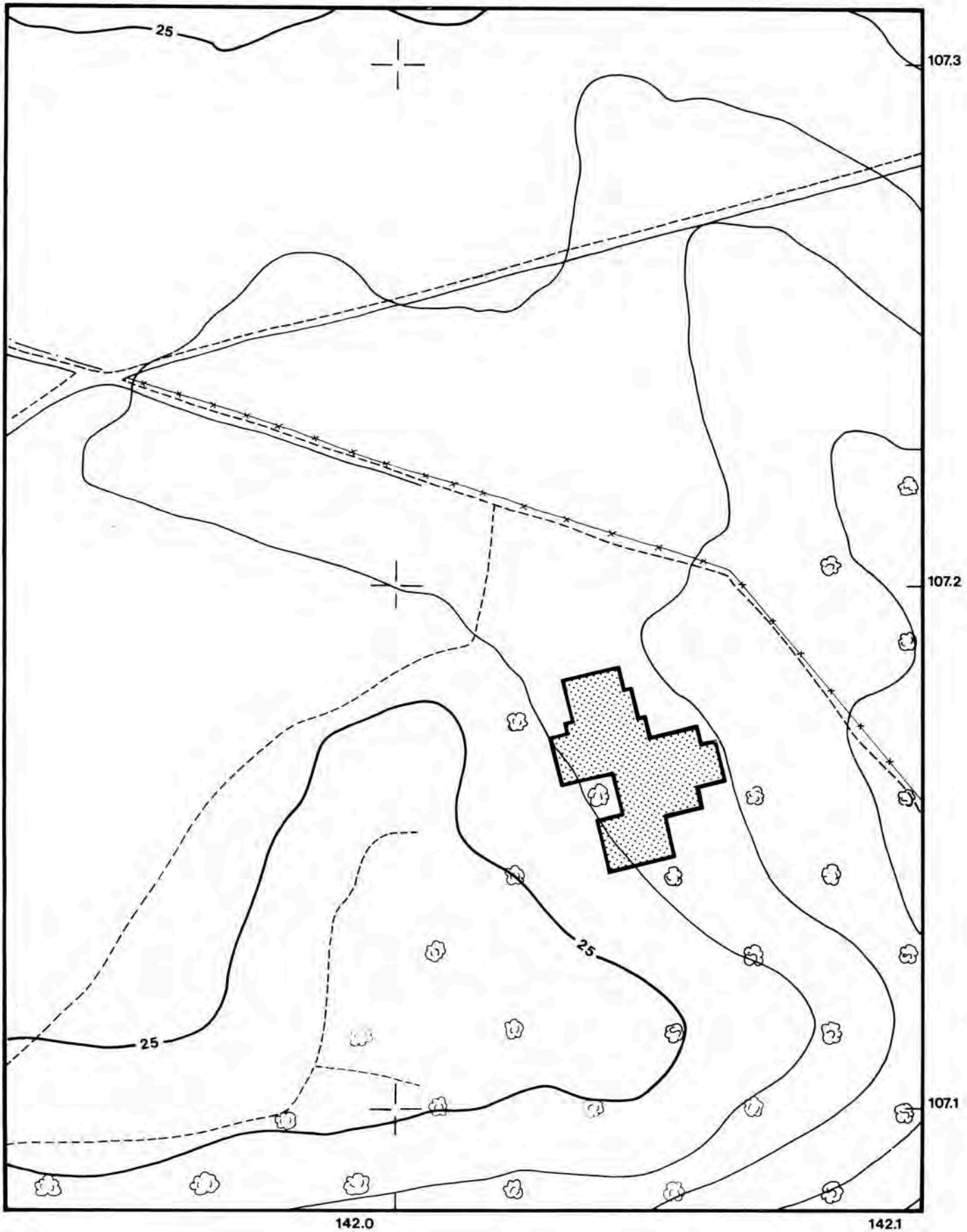
2. Areias argilosas resultantes da desagregação dos xistos do Carbónico.

3. Necrópole e núcleo habitacional (?).

4. Escavação integral do monumento sepulcral I (área escavada de 621 m²); identificação, por achados de superfície, a 100 m. para Oeste do mon. I de um segundo núcleo sepulcral e, a 100 m. para Norte, de uma zona de carácter talvez habitacional.

Fig. 169 — Localização da Provença na carta de 1:25.000.





Na escavação do mon. I, após a divisão do campo em quadrados de 5 m. de lado, com base no estabelecimento prévio de um sistema de eixos ortogonais de orientação N.-S. e E.-W., seguiu-se o método de decapagem em extensão o que permitiu pôr a descoberto todas as estruturas do monumento funerário e não somente as sepulturas. Procedeu-se à crivagem total das terras removidas. O espólio recolhido *in situ* foi registado tridimensionalmente, assim como as estruturas identificadas (a determinação da cota fez-se relativamente ao ponto de coordenadas 0,0 metros ao qual foi atribuída a cota convencional de 20 metros.

5. No monumento escavado foram identificadas 28 sepulturas que, nas zonas melhor conservadas, se encontravam no seio de recintos tumulares de planta rectangular agrupados em dois núcleos.

Os recintos são contíguos e, por vezes, interpenetram-se. No seu interior notaram-se vestígios dos *tumuli*.

As sepulturas podem ser consideradas todas do tipo cista e, à excepção da n.º 19, com mais de quatro lados e que foge um pouco a esse tipo, apresentam planta rectangular ou trapezoidal, normalmente com quatro esteios; algumas possuem apenas três ou só dois esteios mas este facto é devido à destruição que sofreram.

As sepulturas 1, 2, 12, 13, 23 e 24 eram cobertas por tampa monolítica de planta sub-rectangular; as restantes não ofereceram qualquer vestígio de tampa talvez por esta ter sido destruída ou retirada quando da realização de trabalhos agrícolas.

O material litológico de que são feitas é quase exclusivamente o xisto. Como excepção temos a sep. 15 cujos esteios são de grés dunar e a sep. 1 que possuía a tampa de grés conglomerático ferruginoso.

No que se refere às dimensões distinguem-se os seguintes grupos:

— pequenas — compr. dos esteios laterais igual ou inferior a 0,95 m. e compr. dos esteios dos topos igual ou inferior a 0,47 m. (seps. 1, 13, 23 e 24);

— médias — compr. dos esteios laterais c. de

1/1,20 m. e compr. dos esteios de topo c. de 0,50/0,55 m. (seps. 2, 3, 5, 10, 11, 12, 14, 17 e 22);

— grandes — compr. dos esteios laterais superior a 1,20 m. e compr. dos de topo superior a 0,56 m. (seps. 4 e 6).

A altura (ou profundidade) oscila normalmente entre 0,52 m. e 0,69 m.

A área primitiva do interior das sepulturas foi alterada por deslocação dos esteios (principalmente os de topo).

Em cada sepultura não se verifica a implantação dos esteios ao mesmo nível: as bases encontram-se a cotas diferentes, enquanto as partes superiores estão sensivelmente ao mesmo nível.

Em alguns casos a base dos esteios atingiu a rocha-mãe (seps. 1, 7, 8, 12, 17, 24 e 27), sendo por vezes, introduzida em roços abertos na rocha (seps. 1, 12 e 24).

Algumas sepulturas possuíam reforços interiores (sep. 2) e exteriores formados por lajes de xisto colocadas verticalmente e encostadas aos esteios.

Após a implantação dos esteios, a sepultura recebia terra (e por vezes pedras — sep. 18) até cerca de 0,25 m. da base. Em seguida eram colocados os despojos funerários. Pelo menos algumas (seps. 12, 13 e 24) não ficavam completamente cheias de terra.

As sepulturas seriam cobertas por tampa monolítica. Sobre esta, e no interior do respectivo recinto tumular construir-se-ia o *tumulus* formado por calhaus de quartzo, grés ferruginoso e grauvaque e fragmentos de xisto, juntamente com cerâmica.

Os recintos tumulares, no seio dos quais se localizam as sepulturas, apresentam planta rectangular e sub-rectangular e são limitados por esteios de xisto; entre os esteios surgem, por vezes, lajes de xisto sobrepostas e na horizontal.

A maior parte dos recintos apresenta lados comuns e, em alguns casos (o da sep. 3 em relação ao da n.º 1) verifica-se a penetração de uns em outros já existentes.

A cada recinto corresponderia um *tumulus*.

A orientação dos recintos coincide em regra com a das respectivas sepulturas. Faz-se segundo as direcções N.-S. (recs. das seps. 14, 20, 22,

27, 28, 29 e 30); NNW.-SSE. (sep. 13); NNE.-SSW. (o da sep. 1); NW.-SE. (os das seps. 3 e 6); NE.-SW. (os das seps. 2 e 11) e E.-W. (os das seps. 12, 23 e 24).

O recinto menor possui $1,80 \times 1,35$ m. (o da sep. 3) e o maior, $5,20 \times 4,40$ m. (o da sep. 29).

6. Além de abundante cerâmica, em geral fragmentada e com uma feição própria da dos povoados (prato ou taça baixa de bordo com espessamento interno arredondado ou aplanado, taça de bordo sem espessamento e de lábio plano ou convexo, vaso alto de paredes quase verticais ou ligeiramente reentrantes, de bordo não espessado e com mamilos a curta distância do bordo, «potes» de bordo muito inclinado para o interior, com espessamento interno ou externo) exumada entre as pedras dos *tumuli*, as sepulturas ofereceram o seguinte espólio (°):

— Taça de tendência esférica, de bordo sem espessamento e de lábio convexo — sep. 3.

— Vaso piriforme, de colo alto e subcilíndrico (fig. 140, n.º 1) — sep. 22.

— Vaso de colo estrangulado, decorado por bandas de pontuações e finas nervuras verticais (fig. 140, n.º 5) — sep. 19.

— Vaso de colo estrangulado, decorado por nervuras verticais (fig. 142, n.º 2) — sep. 12, nível superior.

— 3 taças tipo Atalaia (fig. 140, n.ºs 2-4) — seps. 15, 18 e 24.

— Taça tipo Atalaia/Odivelas (carena muito baixa, fundo quase plano, forma geral de copo subcilíndrico — fig. 142, n.º 1) — sep. 12, nível inferior.

— Fragmento da parte superior (bordo e carena) de um vaso de carena alta (cf. fig. 3, n.º 18a in Santos, Soares e Tavares da Silva, 1974 b) encontrado no nível de tumulação da sep. 23.

— Punhal em cobre com três rebites quase alinhados horizontalmente e goteira na linha média de cada face da lâmina; zona de encabamento trapezoidal (fig. 142, n.º 3) — sep. 12, nível superior.

— 2 contas esférico-achatadas fabricadas em mineral de cor verde (diâmetro 7 mm.) (fig. 142, n.ºs 4 e 5) — sep. 12, nível superior.

— Conta espiralada em ouro (6 mm. de compr. e 6 mm. de diâmetro máximo) (fig. 142, n.º 6) — sep. 12, nível superior.

7. Finais do Bronze I do Sudoeste (zona central e mais antiga do núcleo Sul do mon. I) e Bronze II do Sudoeste.

8. As áreas onde se localizam o mon. II (por escavar) e o núcleo habitacional (também por escavar) encontram-se muito perturbadas devido à intensa acção de lavours mecanizadas.

9. Santos, Soares e Tavares da Silva, 1974 b e 1975.

11 — PRAIA DA OLIVEIRINHA

1. $X = 141\ 7$; $Y = 103\ 1$ (Carta Militar de Portugal, Folha 526, Esc. 1:25.000, 1945); cota de aproximadamente 15 m.

Freguesia e concelho de Sines.

Sobre um pequeno esporão da baixa falésia litoral situada entre a Praia da Oliveirinha (a Sul) e a Praia de Vale Figueiros (a Norte).

2. O nível arqueológico, coberto por areias dunares de formação recente, assenta sobre uma camada pliocénica arenosa de cor amarelo-avermelhada que, por sua vez, repousa sobre xistos do Carbónico.

3. Povoado de ar livre (área indeterminada).

4. Recolhas de superfície efectuadas numa vasta «cratera» formada pelos ventos que, deslo-

(20) Para informações mais detalhadas, sobretudo no que concerne à pasta, cor, tratamento das superfícies e dimensões da cerâmica, cf. Santos, Soares e Tavares da Silva, 1974 b.

cando a duna superficial, puseram a descoberto a parte superior do nível arqueológico com cerâmica de feição pré-histórica, calhaus partidos por acção do fogo e abundantes conchas de moluscos marinhos, principalmente do género *Mytilus*.

6. Fragmentos de cerâmica (1 bordo de uma forma possivelmente em «saco») de recipientes de fabrico manual, de pasta pouco compacta e com abundantes e.n.p. de quartzo iguais ou superiores a 1 mm., superfícies em geral vermelhas e fractura com zona intermédia negra e zonas superficiais avermelhadas (cozedura redutora-oxidante).

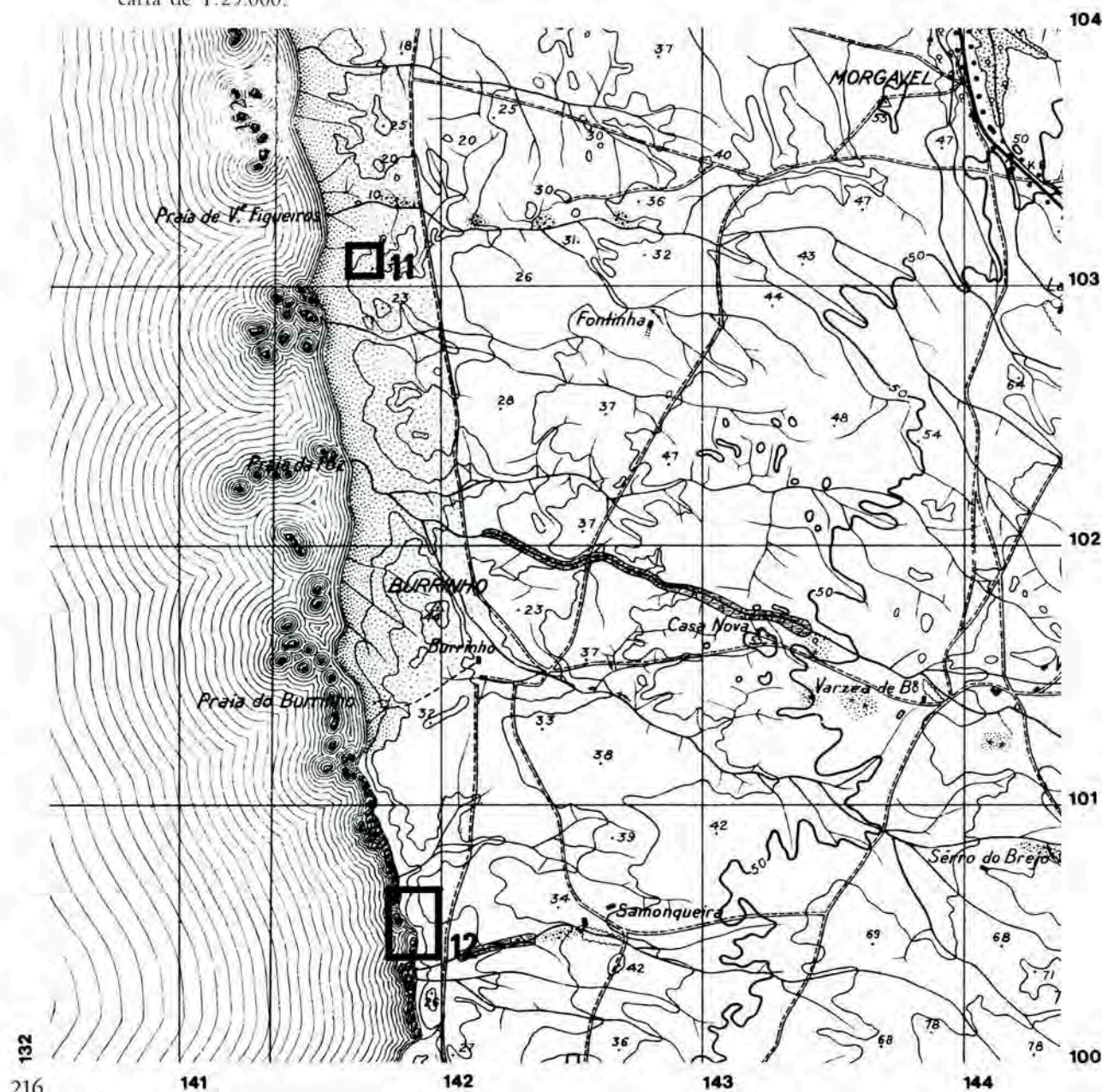
Fig. 171 — Localização das jazidas da Praia da Oliveirinha (11) e da Praia da Samouqueira (12) na carta de 1:25.000.

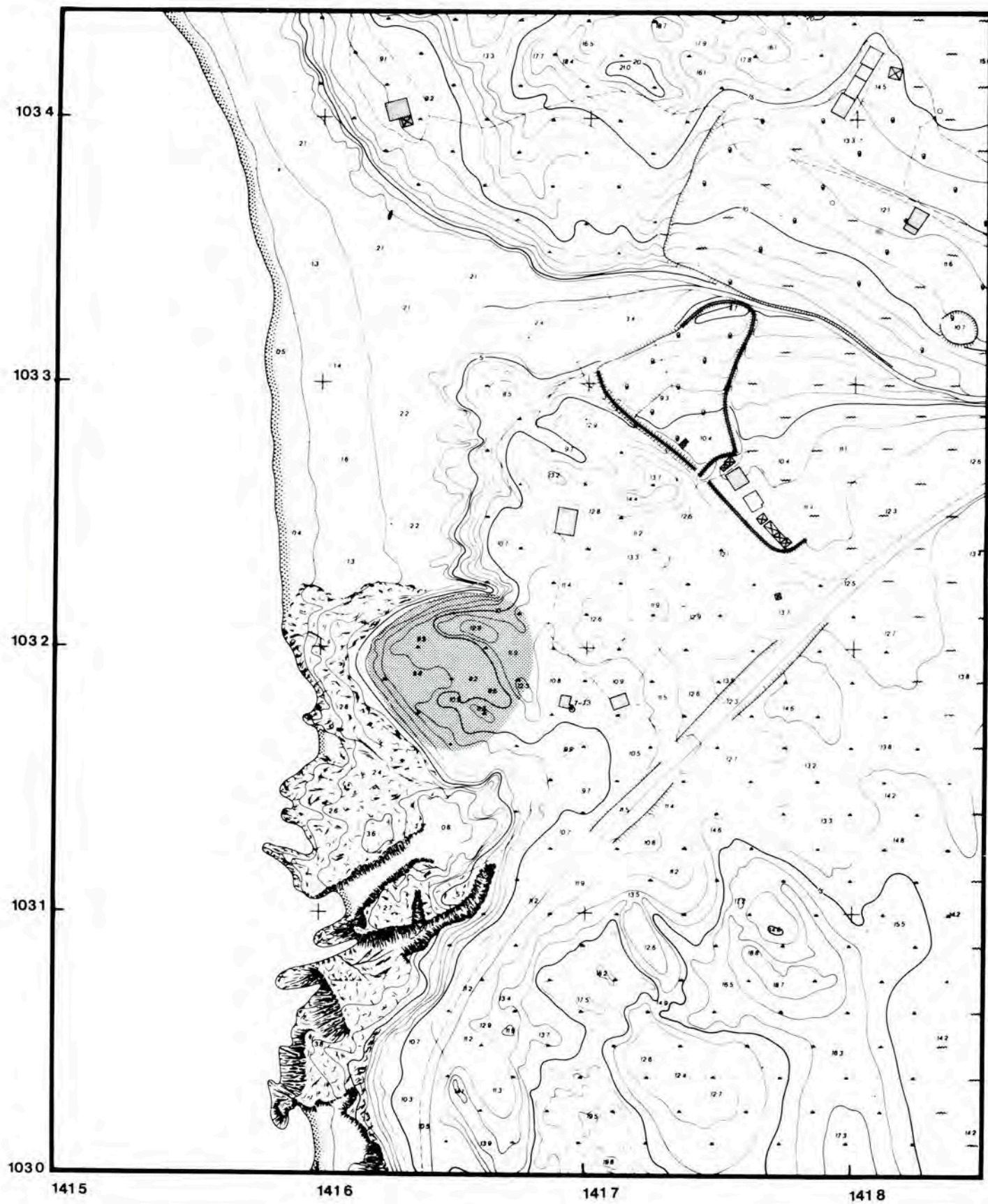
Fig. 172 — Localização da jazida da Praia da Oliveirinha na carta de 1:2.000.

7. Neolítico (?).

8. A jazida está a sofrer graves danos provocados por intensa erosão eólica e corre o risco de ser totalmente destruída pela expansão da pequena «aldeia» de construções clandestinas, de veraneio, recentemente surgida.

9. Inédita.





1. $X = 141\ 8$; $Y = 100\ 5$ (Carta Militar de Portugal, Folha 526, Esc. 1:25.000, 1945); cota entre 15 e 20 metros.

Freguesia e concelho de Sines.

Zona plana e aberta, sobre a falésia litoral e junto da Praia da Samouqueira; a 700 m. para Oeste do Monte da Samouqueira e a 2 km. para Norte de Porto Covo. Forma duas saliências sobre o mar, uma muito larga, a Norte, com cerca de 150 m. de extensão (N.-S.) e ocupada durante o Mesolítico; outra, a Sul, sobranceira à praia, mais pequena (50 m. segundo a direcção N.-S.) e ocupada durante o Mesolítico e o Neolítico. A jazida é ladeada por importantes linhas de água. Na falésia que dá para a praia há nascentes de água doce.

2. O nível arqueológico repousa sobre formações de duna consolidada wurmiana. Na falésia afloram xistos do Carbónico.

3. Povoado de ar livre.

4. Recolhas de superfície. No talude que cai sobre o mar afloram níveis arqueológicos com cinzas, calhaus partidos por acção do fogo, fauna malacológica (*Mytilus* sp., *Patella* sp. e *Púrpura haemastoma*), vértebras de peixe e indústrias líticas.

6. Subprodutos de talhe reveladores de uma indústria essencialmente sobre lascas. Núcleos de lascas e de lamelas. Foram recolhidos dez utensílios. Seis são de carácter microlítico (fig. 20), em sílex de cores acinzentadas e esverdeadas: um «encoche» sobre lamela, quatro trapézios (dois simétricos de truncaturas rectilíneas muito oblíquas, um de tipo indeterminado por fragmentação de uma das truncaturas, possivelmente simétrico de truncaturas rectilíneas muito oblíquas, e um de Vielle); e uma lamela retocada na extremidade distal. Os quatro restantes incluem-se na categoria dos macro-utensílios (fig. 21) e foram executados a partir de calhaus rolados de grauvaque: calote

de seixo com o reverso cortical, afeiçoado através de levantamentos abruptos e directos em toda a periferia (fig. 21, n.º 1); seixo afeiçoado no bordo lateral esquerdo por retoque abrupto e directo que origina um dorso, e, no anverso, por retoque plano e invasor (fig. 21, n.º 2); furador («bec») sobre lasca alongada que conserva no anverso parte do cortex do calhaus rolado de onde foi extraído e cuja ponta, larga (5 mm.) e axial, foi destacada por dois «encoches» (fig. 21, n.º 3); machado mirenses fragmentado na extremidade distal, com uma extensa zona cortical em uma das faces e uma superfície de clivagem sensivelmente horizontal na outra, e com retoque irregular, bifacial e oblíquo, talão não retocado e amplas áreas do anverso e reverso também sem retoques (fig. 21, n.º 4).

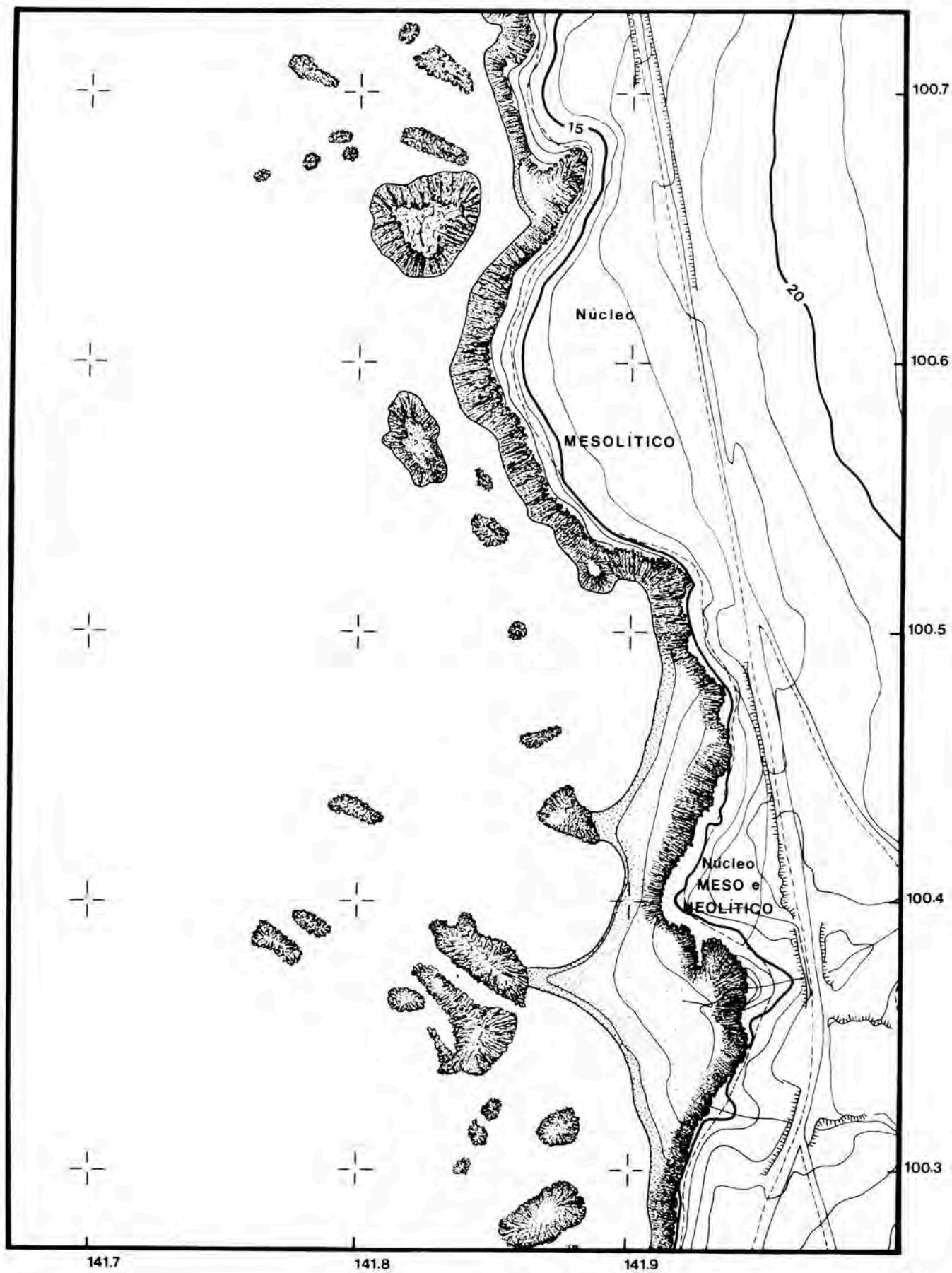
No núcleo Sul da jazida foram recolhidos fragmentos de cerâmica de fabrico manual, pasta grosseira e decorados por cordões segmentados e por impressões.

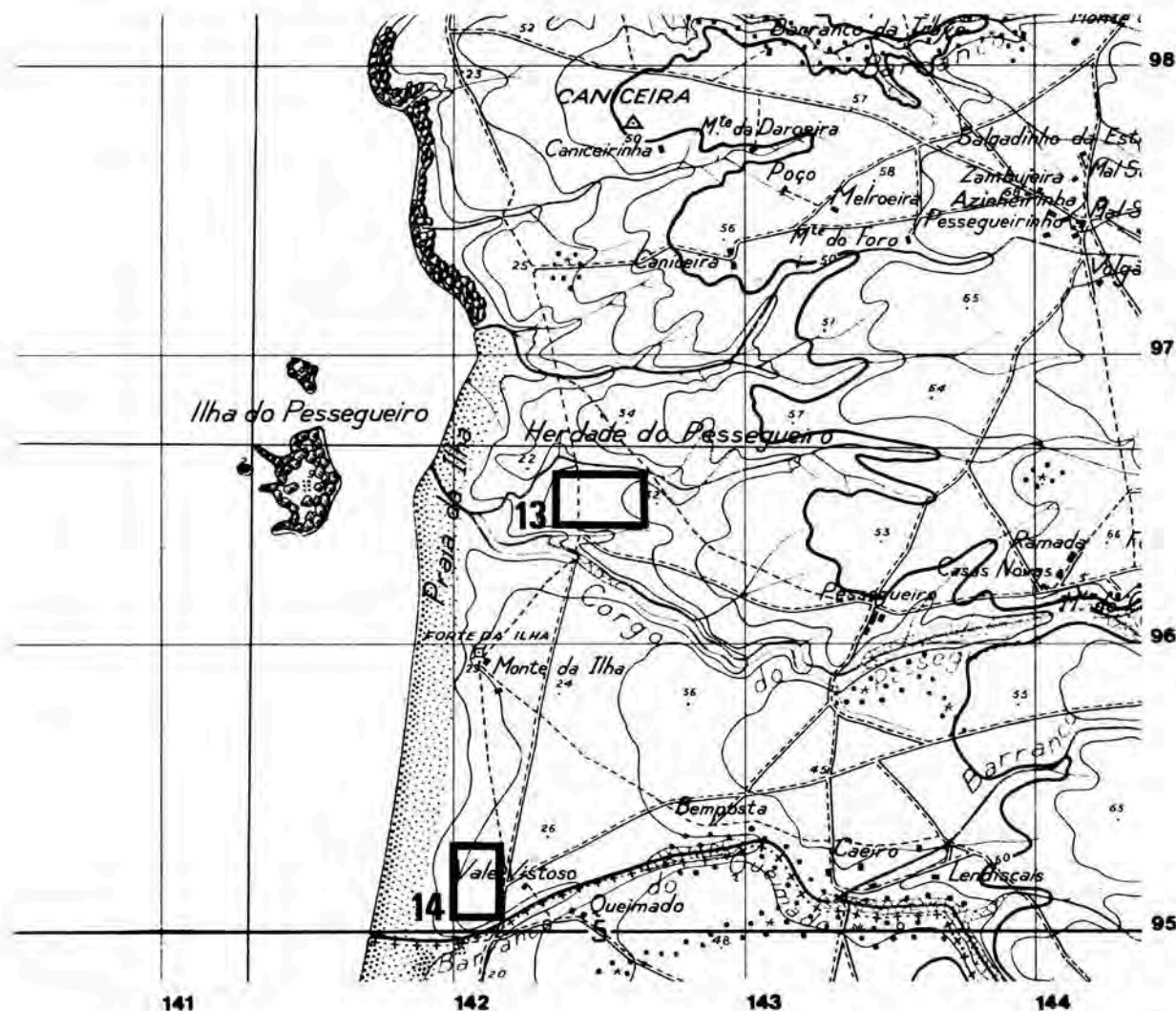
7. Mesolítico e Neolítico.

8. A jazida, bem conservada, não se encontra ameaçada de destruição.

9. Inédita.

Fig. 173 — Localização da jazida da Praia da Samouqueira na carta de 1:2.000





13 — PESSEGUEIRO (CEMITÉRIO DOS MOUROS)

Fig. 174 — Localização das jazidas do Pessegueiro e de Vale Vistoso na carta de 1:25.000.

1. X = 142 5; Y = 96 5 (Carta Militar de Portugal, Folha 535; Esc. 1:25.000, 1952); cota 25 m.

Freguesia e concelho de Sines ;a cerca de 900 m. para W.NW. do Monte do Pessegueiro e a 2 km. para S.SE. da povoação de Porto Corvo.

Sobre uma zona plana limitada a Norte e a Sul por duas importantes linhas de água e, a Oeste, pelo prolongamento, para o interior, da Praia do Pessegueiro; o centro da jazida dista 600 m. da linha de costa.

2. Areias eólicas que repousam sobre forma-

ções igualmente arenosas, amareladas, do Plistoceno. A Este da jazida forma-se uma pequena elevação com afloramentos de xisto do Carbónico. Sob o fortim do Pessegueiro e na ilha do mesmo nome, fronteira à jazida, encontramos dunas consolidadas (grés dunar) atribuídas ao Würm.

3. Povoado de ar livre rodeado por monumentos funerários constituídos por sepulturas de tipo cista.

4. Escavação em curso pelo G.T.A. do G.A.S.

5. A escavação efectuada em vasta área, pela remoção sistemática da camada superficial (espessura de cerca de 0,30/0,40 m.), permitiu pôr a descoberto numerosas estruturas de carácter habitacional (lareiras de contorno subcircular estruturadas através de placas de xisto e grés dunar colocadas verticalmente; buracos de poste estru-

turados de igual modo; fundos de cabana, um deles lajeado, de planta rectangular, limitados por pequenos esteios) que abrangem uma área escavada de cerca de 4.000 m.² (até fins de 1977) e que integram um único estrato de ocupação, e dois monumentos funerários situados a curta distância da zona habitacional: o mon. I, a 20 metros para Oeste, com cinco sepulturas de tipo cista integradas em recintos tumulares de planta rectangular limitados por esteios; e o mon. II, a 45 metros

Fig. 175 — Área escavada (até 1977) na jazida do Pessegueiro. I — mon. funerário I; II — mon. II. O tracejado corresponde à área que forneceu estruturas de *habitat*. Esc. 1:2.000.



para W.NW., constituído por 26 cistas igualmente rodeadas por estruturas tumulares que formam pequenos recintos de planta rectangular nem sempre contíguos. O material utilizado na construção foi o xisto do Carbónico e o grés dunar do Würm. Além destes dois monumentos postos a descoberto foram já identificados mais quatro pela observação de vestígios à superfície do terreno lavrado, situados a Este, a Sul e a Oeste e a poucas dezenas de metros da área habitacional.

6. O material arqueológico exumado na área habitacional (figs. 152-154), ainda em curso de inventariação, é constituído por abundantes fragmentos de cerâmica em geral lisa (taças de bordo espessado internamente, de lábio plano ou convexo, vasos altos e subcilíndricos de bordo vertical e decorados por mamilos, taças de carena baixa, por vezes decoradas no interior do fundo por sulcos pouco profundos, vasos de colo estrangulado decorados por bandas de pontuações e nervuras verticais); pesos de tear em cerâmica, sub-rectangulares e de vértices arredondados; elementos de foice em sílex (denticulados); peças em cobre (anzol com a zona do empate em argola e ponta simples, sem farpa; cinzel de secção transversal rectangular; machado plano de corpo trapezoidal e gume arqueado); fragmentos de cadinhos de fundição em cerâmica cinzenta e esponjosa, com pedaços de cobre aderentes.

Nos monumentos funerários exumou-se abundante cerâmica no exterior das sepulturas, cerâmica do tipo da recolhida na área habitacional. A escavação das sepulturas (não concluída) forneceu um vaso de colo estrangulado e decorado por bandas de pontuações e pequenas nervuras verticais (sep. 5 do mon. I) (fig. 147).

7. Bronze II do Sudoeste.

8. No momento em que foi identificada, a jazida encontrava-se grandemente ameaçada de total destruição pela recente introdução, no Pessegueiro, da lavoura mecanizada.

9. Inédita.

1. X = 141 9; Y = 95 3 (Carta Militar de Portugal, Folha 535, Esc. 1:25.000, 1952); cota máxima 19 m. (zona Norte).

Freguesia e concelho de Sines. A extremidade Norte situa-se a cerca de 650 m. para S.SW. do Fortim do Pessegueiro, a 2100 m. para Sul de Porto Covo e a 16 km. para S.SE. de Sines.

Faixa de terreno sensivelmente plana e arenosa, com cerca de 400 m. de comprimento, que se estende ao longo da falésia litoral e desce suavemente de Norte para Sul até atingir o Barranco do Queimado.

2. De um ponto de vista geológico há a considerar duas zonas: zona Norte, a de área menor, com cerca de 50 m. de extensão e de cota mais elevada (15 a 19 m.) que se prolongava por um pequeno promontório hoje muito destruído pela acção erosiva do mar, formada por duna consolidada wurmiana sobre a qual assentou a ocupação humana; zona Sul, a mais extensa (cerca de 350 m.) e baixa (8-12 m.), não apresenta duna consolidada e a ocupação humana estabeleceu-se sobre formações arenosas esbranquiçadas e avermelhadas do Plistoceno que repousam, por sua vez, sobre xistos do Carbónico.

3. Povoado de ar livre.

4. Após quadriculada a jazida efectuou-se a abertura de 17 cortes rectangulares com a largura de 2 m. Cada corte, designado por um número romano, foi dividido em quadrados de 2 m. de lado identificados por números árabes. Os cortes I a VIII ocupam a zona Norte, os cortes XII a XVII a zona Sul e os cortes IX a XI situam-se numa zona intermédia.

5. Nos cortes da zona Sul observou-se a seguinte sucessão de camadas (de cima para baixo) (fig. 34):

C.1 — Espessura de 0,0 m. a 0,15 m.; areia fina, solta, branco-acizentada. Arqueologicamente estéril.

C.2 — Espessura de 0,15 m. a 0,55 m.; areia fina, solta, de cor cinzenta pardacenta. Com escassos fragmentos de cerâmica, pequenos e muito rolados.

C.3 — Espessura de 0,55 m. a 1,20 m.; areia fina, solta, de cor parda amarelada, com abundantes materiais arqueológicos (cerâmica não rolada), principalmente na base.

C.4 — Espessura de 1,20 m. a 1,70 m.; areia fina, menos solta, de cor branca acinzentada. Com escassos materiais arqueológicos que vão diminuindo em profundidade até desaparecerem completamente.

A base da C.3 corresponde ao nível de ocupação do Neolítico.

Como estruturas de *habitat* temos a assinalar o aparecimento de um empedrado de planta ovalada com 0,90 m. por 0,45 m., formado por callhaus partidos por acção do fogo, que surgiu na parte superior da C.4 (Corte XII, Talhão 5) e que deveria corresponder à base de uma cova de combustão (fig. 35).

A ausência de fauna, de cinzas e de carvões em resultado da intensa lexiviação das areias impediu que se detectassem outros tipos de estruturas de *habitat* como fossas de detritos e covas de combustão simples (não estruturadas).

Na zona Norte observou-se a seguinte sucessão (de cima para baixo):

C.1 — Espessura de 0,0 m. a 1,70 m.; areia fina, muito solta, de cor branca (duna actual). Arqueologicamente estéril.

C.2 — Espessura de 1,70 m. a 2,53 m.; areia fina, menos solta:

2a — Esp. de 1,70 a 1,98 m.; areia negra. Arqueologicamente estéril.

2b — Esp. de 1,98 m. a 2,23 m.; areia esbranquiçada. Arqueologicamente estéril.

2c — Esp. de 2,23 m. a 2,53 m.; areia negra. Escassos, pequenos e muito rolados fragmentos de cerâmica.

C.3 — Espessura de 2,53 m. a 2,68 m.; areia solta de cor parda amarelada; assenta directamente sobre a duna consolidada wurmiana lapializada e preenche a parte superior das cavidades do lapíás. Fragmentos soltos de duna consolidada. Maior número de fragmentos de cerâmica, menos rolados e de maiores dimensões que os da C.2c.

C.4 — Duna consolidada wurmiana.

A C.3 forneceu cerâmica campaniforme misturada com cerâmica da ocupação neolítica. Os fragmentos surgem em geral rolados e são quase sempre de pequenas dimensões. A poderosa acção eólica que se verifica em Vale Vistoso e que, frequentemente, põe a descoberto, na zona Norte, a duna consolidada para, pouco tempo depois, a tornar a cobrir, poderia ter sido a causa principal dessa mistura.

6. A zona Sul proporcionou material arqueológico (ainda em estudo) correspondente a uma única ocupação (do Neolítico Antigo Evolucionado): utensilagem lítica em sílex em que se salienta a presença de lamelas com retoque oblíquo e traços de uso, lamelas de dorso, truncaturas, trapézios e buris (fig. 54); apenas alguns fragmentos de instrumentos em pedra polida; cerâmica com predominância de formas ovóides, decorada por impressões não cardiais, incisões, mamilos sobre o bordo, cordões verticais partindo de mamilos; presença de pequenas asas anulares verticais situadas junto ao bordo (figs. 76 e 77).

A zona Norte, como já se disse, além de materiais da ocupação neolítica ofereceu cerâmica campaniforme com decoração exclusivamente incisa em que predominam as faixas formadas por xadrez e os triângulos preenchidos por traços oblíquos, tendo sido identificadas as seguintes formas: taça em calote, taça tipo Palmela com o espessamento interno do bordo muito acentuado e de perfil vincadamente triangular e caçoila carenada (figs. 106 e 107).

7. Neolítico Antigo Evolucionado e Calcolítico final (Horizonte Campaniforme).

8. A violenta acção do mar provoca a erosão das camadas de areias plistocénicas sobre as quais assenta a duna consolidada wurmiana que, assim, se fractura em grandes blocos; reside aqui a causa principal da destruição da estação arqueológica.

9. Soares e Tavares da Silva, 1976-77 a. ⁽²¹⁾

⁽²¹⁾ Após a entrega do presente texto na tipografia, foram identificadas e escavadas, durante o ano de 1978, duas outras jazidas: a sepultura megalítica do Marco Branco (cf. nota 6) e o povoado do Bronze Final da Cerradinha, com cerâmica de ornatos brunidos e de Boquique, situada na foz da ribeira da Cascalheira e na margem Este da Lagoa de Santo André (Tavares da Silva e Soares, 1978).

BIBLIOGRAFIA⁽²²⁾

- ALMAGRO, M.
1966 *Las estelas decoradas del Suroeste peninsular*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, Madrid.
- ALMAGRO, M. e ARRIBAS, A.
1963 *El poblado y la necrópolis megalíticas de Los Millares*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M.
1973 *Los ídolos del Bronce I Hispano*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, Madrid.
1977 *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, Madrid.
- AMO, M. del
1975 *Enterramientos en cista da la Provincia de Huelva. Huelva: Prehistoria y Antigüedad*. Ed. Nacional, Madrid.
- APARICIO, J. e SAN VALERO, J.
1977 *La Cova Fosca y el Neolítico valenciano*. Departamento de Historia Antigua de la Univ. de Valencia, Valencia.
- ARNAUD, J. M.
1971 *Os povoados «neo-eneolíticos» de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa). Notícia preliminar: Actas do II Congr. Nac. de Arq., 1:199-221, Coimbra.*
- BAILLOUD, G. e MIEG DE BOOFZHEIM, P.
1976 *Les civilisations néolithiques de la France dans leur contexte européen*. Ed. A. et J. Picard, Paris.
- BEIRÃO, C. de M.
1973 *Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do País. Actas das II Jornadas Arqueológicas da Ass. dos Arq. Portugueses, 1:193-221.*
- BEIRÃO, C. de M. e TAVARES DA SILVA, C.
1978 *O monumento megalítico II de Fernão Vaz (Ourique). Setúbal Arqueológica, 4:29-45.*
- BINTZ, P.
1976 *Les civilisations de l'Épipaléolithique et du Mésolithique dans les Alpes du Nord et le Jura méridional. La Préhistoire Française (dir. H. de Lumley), 1(2):1405-1411, Paris.*
- BLANCE, B.
1971 *Die Anfänge der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel*. SAM, 4, Berlin.
- BLAZQUEZ, J. M.
1975 *Tartessos y los orígenes de la colonización fenicia en occidente*. Uni. de Salamanca, Salamanca.
- BORDES, F.
1975 *Sur la notion de sol d'habitat en préhistoire paléolithique. Bulletin de la Société Préhistorique Française (C.R.S.M.), 72 (5):139-144.*
- BREUIL, H., RIBEIRO, O. e ZBYSZEWSKI, G.
1943 *Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l'Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes. Actas do IV Congr. Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, 8:48-62.*
- BREUIL, H. e ZBYSZEWSKI, G.
1946 *Contribution à l'étude des industries paléolithiques des plages quaternaires de l'Alentejo Littoral. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 27:269-334.*
- CAMPS, G.
1970 *Intervention sur le terme Epi-cardial. Les Civilisations Néolithiques du Midi de la France (Actes du Colloque de Narbonne), Atacina, 5:10.*
1974 *Les civilisations préhistoriques de l'Afrique du Nord et du Sahara*. Ed. Doin, Paris.
- CAMPS-FABRER, H.
1966 *Matière et art mobilier dans la préhistoire nord-africaine et saharienne. Centre de Recherches Anthropologiques Préhistoriques et Ethnographiques du Conseil de la Recherche Scientifique en Algérie.*
- CASTRO NUNES, J.
1974 *Introdução ao estudo da cultura megalítica no curso inferior do Alva*. Universidade de Luanda, Sá da Bandeira.
- COMISSÃO DE PLANEAMENTO DA REG. DE LISBOA (ed.)
1975 *Utilização da Quadricula Militar Portuguesa na elaboração de estatísticas com base cartográfica*, Lisboa.
- CORREIA, V.
1921 *El Neolítico de Pavia*, Madrid.
- COSTA, J. M.
1967 *O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio (Sines). Ethnos, 5:529-538.*
1974 *O tesouro púnico-tartessico do Gaio (Sines): novos achados. Actas das II Jornadas Arqueológicas da Ass. dos Arq. Port., 2:97-120, Lisboa.*

(22) Até ao ano de 1978.

- COURTIN, J.
1972 Les habitats de plein air du Néolithique ancien cardial en Provence. *Rivista di Studi Liguri*, 38 (3-4):227-243.
1974 Le néolithique de la Provence. Société Préhistorique Française, Paris.
1975 Le Néolithique Ancien de la Provence. *L'Épigraphie Méditerranéenne (Actes du Colloque d'Aix-en-Provence, 1972)*, pp. 197-214.
1976 Village néolithique ancien de Courthézon. *Livret-guide de l'excursion C.2: Provence et Languedoc méditerranéenne — sites paléolithiques et néolithiques*, IX^e Congr. Int. des Sciences Préhist. et Protohistoriques, Nice.
- CRUZ E SILVA, J. G. da
1944 Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago de Cacém, Sines e Odemira. *Arquivo de Beja*, 1 (3):226-231.
- DIAS, J.
1965-66 *Antropologia Cultural*. Ass. Ac. do I.S.C.S.P.U., Lisboa.
- DIAS, M. A., BEIRÃO, C. de M. e COELHO, L.
1970 Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (Notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*, 4(S.3):175-219.
- DOMERGUE, C. e FREIRE DE ANDRADE, R.
1971 Sondages 1967 et 1969 à Aljstrel (Portugal): note préliminaire. *Comimbriga*, 10:99-116.
- ESCALON DE FONTON, M.
1975 L'Épigraphie Méditerranéenne et le Mésolithique dans le Midi de la France. *L'Épigraphie Méditerranéenne (Actes du Colloque d'Aix-en-Provence — 1972)*, pp. 35-51.
1976 La constitution de l'Épigraphie Méditerranéenne et du Mésolithique dans le Midi de la France. *Les civilisations du 8^e au 5^e millénaire avant notre ère en Europe*, IX^e Congr. Int. des Sci. Pré. et Protohistoriques (préirage), pp. 53-70, Nice.
- ESTACIO DA VEIGA, S. P. M.
1986-91 *Antiguidades monumentais do Algarve*, 1-4, Lisboa.
- FERNANDEZ GOMEZ, F. e RUIZ MATA, D.
1978 El «tholos» del Cerro de la Cabeza, en Valencina de la Concepción (Sevilla). *Trabajos de Prehistoria*, 35:193-224.
- FERNANDEZ GOMEZ, F., RUIZ MATA, D. e SANCHÁ, S. de
1976 Los enterramientos en cistas del cortijo de Chichina (Sanlúcar la Mayor, Sevilla). *Trabajos de Prehistoria*, 33:351-386.
- FORMOSINHO, J., VEIGA FERREIRA, O. da e VIANA, A.
1953 *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique*. Instituto de Alta Cultura, Porto.
- FORTEA, J.
1973 Los complejos microlaminares y geométricos del Epipaleolítico mediterráneo español. Seminario de Prehistoria y Arqueología da Fac. de Filosofia y Letras, Univ. de Salamanca.
1975 L'Épigraphie Méditerranéenne et le Mésolithique dans le Midi de la France. *Les civilisations du 8^e au 5^e millénaire avant notre ère en Europe*, IX^e Congr. Int. des Sci. Pré. et Protohistoriques (préirage), pp. 61-77.
- GABINETE DA ÁREA DE SINES (ed.)
1973 *Plano geral da Área de Sines*, Lisboa.
- GALLAY, G. e SPINDLER, K.
1972 Varatojo und Lapa do Suão. Zum Neolithikum im Westen der Iberischen Halbinsel. *Madrid Mitteilungen*, 13:11-22.
- GALLAY, G., SPINDLER, K., TRINDADE, L. e VEIGA FERREIRA, O. da
1973 O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã). Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GARRIDO, J. P.
1971 Los poblados del Bronce I Hispanico del Estuario del Tinto-Odiel y la secuencia cultural megalítica en la region de Huelva. *Trabajos de Prehistoria*, 28.
1975 Poblados de la Edad del Bronce y otros elementos culturales. *Huelva: Prehistoria y Antigüedad*. Ed. Nacional, Madrid.
- GARRIDO, J. P. e ORTA, E. M.
1967 Excavaciones en Niebla (Huelva): el tholos de «El Moron». (Exc. Arq. Esp., 57), Madrid.
- G.E.E.M.
1975 Épigraphie Méditerranéenne-Mésolithique: l'outillage du fond commun: grattoirs, éclats retouchés, burins, perçoirs. *Bulletin de la Société Préhistorique Française (Études et Travaux)*, 72:319-332.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P.
1976-77 As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel-Beja): estudo comparado. *Setúbal Arqueológica*, 2-3:281-343.
- GOMES, M. V., MONTEIRO, J. P. e SERRÃO, E. C.
1978 A estação pré-histórica da Caramujeira: trabalhos de 1975-76. *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Ass. dos Arq. Port.*, pp. 35-72.
- GONÇALVES, J. L. M. e SERRÃO, E. C.
1978 O povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo, Linda-A-Velha. *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Ass. dos Arq. Port.*, pp. 75-96.
- GONÇALVES, V. dos S.
1978a Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*, 4:47-58.
1978b A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça. Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa.
1978c Para um programa de estudo do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*, 28-29:147-162.
- GONÇALVES, V. dos S. e PEREIRA, A. R.
1974-77 Considerações sobre o espólio neolítico da Gruta dos Carrascos (Monsanto, Alcanena). *O Arqueólogo Português*, 7-9:49-87.
- GUERRA, A. V. e VEIGA FERREIRA, O. da
1968-70 Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz. *Arquivo de Beja*, 25-27:45-56.
- GUILAINE, J.
1974 La Balma de Montbolo et le néolithique de l'occident méditerranéen. Inst. Pyrénéen d'Études Anthropologiques, Toulouse.
1975a Les débuts de l'économie de production (élevage et agriculture) dans le Sud-Ouest de la France. *Revue historique et archéologique du libournais*, 43:121-131.
1975b Un horizon «mésolithique» récent à la grotte Gazel, en Languedoc. *L'Épigraphie Méditerranéenne (Actes du Colloque d'Aix-en-Provence — 1972)*, pp. 53-59.
1976a Grotte Gazel (Aude): le Mésolithique et le Néolithique. *Livret-guide de l'excursion C.2: Provence et Languedoc Méditerranéenne (sites paléolithiques et néolithiques)*, IX^e Congr. Int. des Sci. Pré. et Protohistoriques, Nice.
1976b La néolithisation des côtes méditerranéennes de la France et de l'Espagne. *La néolithisation de l'Europe Occidentale*, IX^e Congr. Int. des Sci. Pré. et Protohistoriques (préirage), pp. 26-57, Nice.
1976c *Premiers bergers et paysans de l'Occident méditerranéen*, Ed. Mouton, Paris.
- GUILAINE, J. e VEIGA FERREIRA, O. da
1970 Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française (Études et Travaux)*, 67: 304-322.
- HARDEN, D.
1968 *Os Fenícios*. Ed. Verbo, Lisboa.
- HARRISON, R. J.
1977 *The bell beaker cultures of Spain and Portugal*. Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Cambridge.
- HARRISON, R. J., BUBNER, T. e HIBBS, V. A.
1976 The beaker pottery from el Acebuchal, Carmona (Prov. Sevilla). *Madrid Mitteilungen*, 17:79-141.
- JALHAY, E., PAÇO, A. do e RIBEIRO, L.
1944 Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto). *Revista Municipal de Lisboa*, 20-21:17-28.
- JALHAY, E., PAÇO, A. do
1948 Lisboa há 4000 anos: a estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto), (Lisboa e seu Termo, 1), Lisboa.
- JORGE, V. M. de O.
1973 Novas estações pré-históricas do litoral de Porto Covo (Sines): notícia preliminar. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Ass. dos Arq. Port.*, 1:61-107.
- KOZŁOWSKI, S. K.
1973 Introduction to the History of Europe in Early Holocene. *The Mesolithic in Europe* (ed. S. K. Kozłowski), pp. 331-366, Varsóvia.
1976 Les courants interculturels dans le Mésolithique de l'Europe Occidentale. *Les civilisations du 8^e au 5^e millénaire avant notre ère en Europe*, IX^e Congr. Int. des Sc. Pré. et Protohistoriques (préirage), pp. 135-160, Nice.
- LEISNER, G.
1945 A cultura eneolítica do Sul da Espanha e suas relações com Portugal. *Arqueologia e História*, 1 (S.8).
- LEISNER, G. e V.
1943 *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Süden*, Berlin.
1951 *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Instituto para a Alta Cultura, Lisboa.
1955 *Antas nas herdades da Casa de Bragança no concelho de Estremoz*. Instituto de Alta Cultura, Lisboa.
1959 *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*, Berlin.
- LEISNER, V.
1965 *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*, Berlin.
- LEISNER, V. e SCHUBART, H.
1966 Die Kupferzeitliche Befestigung von Pedra da Ouro/Portugal. *Madrid Mitteilungen*, 7.
- LEITE DE VASCONCELOS, J.
1908 Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal. *O Arqueólogo Português*, 13 (7-12):300-313.
1914 Excursão arqueológica à Extremadura Transtagana. *O Arqueólogo Português*, 19:300-323.
- LIMA, J. F.
1953 O Outeiro de S. Bernardo e a cerâmica campaniforme. *O Arqueólogo Português*, 2 (S.2).

- LÓPEZ, P.
1978 La problemática cronológica del Neolítico peninsular. C14 y Prehistoria de la Península Ibérica (Reunión 1978), Fundación Juan March, Madrid.
- MALUQUER DE MOTES, J., PICAZO, M. e RINCON, M. A.
1973 La necrópolis ibérica de la Bobadilla, Jaén, Departamento de Prehistoria y Arqueología, Barcelona.
- MARQUES, G.
1971 Fojo dos Morcegos, Assafora (Sintra). *Actas do II Congr. Nac. de Arqueologia*, 1:143-149.
- MARTÍ, B.
1977 Cova de l'Or (Beniarrés — Alicante), S.I.P., Valencia.
1978a Cova de l'Or (Beniarrés, Alicante): nuevos datos sobre el Neolítico del Este peninsular. C14 y Prehistoria de la Península Ibérica (Reunión 1978), Fundación Juan March, Madrid.
1978b El Neolítico valenciano. *Saguntum*, 13:59-98.
- MENDES CORREIA, A. e TEIXEIRA, C.
1949 A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa), Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- MOURE ROMANILLO, J. A. e FERNANDEZ-MIRANDA, M.
1977 El abrigo de Verdelpino (Cuenca): noticia de los trabajos de 1976. *Trabajos de Prehistoria*, 34:31-83.
- MUÑOZ, A. M.
1975 Consideraciones sobre el Neolítico español. *Memorias del Instituto de Arqueología y Prehistoria de Barcelona*, pp. 27-40.
- NAVARRETE, M. S.
1976 La Cultura de las Cuevas con cerámica decorada en Andalucía Oriental, Departamento de Prehistoria, Univ. de Granada.
- NEUSTUPNY, J.
1970 Essai d'explication de la fonction des stations préhistoriques fortifiées en Europe centrale. *Atti del Convegno di Studi sulla Città etrusca e italica preromana*, pp. 339-343.
- NIEDERLENDER, A., LACAM, R. e ARNAL, J.
1966 Le gisement néolithique de Roucadour (Thémines — Lot), C.N.R.S. (3^e suppl. à *Gallia Préhistoire*), Paris.
- NOGUEIRA, A. de M.
1927 Estação neolítica de Melides (grutas sepulcrais). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 16.
- NOUGIER, L.-R.
1970 L'économie préhistorique, P.U.F., Paris.
- OLARIA, C. e GUSI, F.
1978 Cueva Fosca: nuevas fechas de C14 para el Neolítico mediterráneo de la Península Ibérica. C14 y Prehistoria de la Península Ibérica, (Reunión 1978), Fundación Juan March, Madrid.
- PAÇO, A. do
1964a Castro de Vila Nova de S. Pedro: vida económica; o problema campaniforme; metalurgia e análises espectrográficas. *Anais da Academia Portuguesa da História*, 14 (S.2):135-165.
1964b Povoados pré-históricos da Parede (Cascais), Câmara Municipal de Cascais, Cascais.
1966 Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*, 16 (S.2):117-152.
- PAÇO, A. do e BARTHOLO, M. L.
1954 Considerações acerca da estação arqueológica de Montes Claros (Monsanto) e da sua cerâmica campaniforme. *Broteria*, 59:200-203.
- PAÇO, A. do e COSTA ARTHUR, M. L.
1952 Castro da Vila Nova de S. Pedro: 15.^a campanha de escavações (1951). *Broteria*, 54 (3).
- PAÇO, A. do, LEISNER, V., TRINDADE, L., SCHUBART, H. e VEIGA FERREIRA, O. da
1964 Castro do Zambujal (Torres Vedras). *Bol. da Junta Distrital de Lisboa*, 61-62 (S.2):279-306.
- PAÇO, A. do, VAULTIER, M. e ZBYSZEWSKI, G.
1947 Gruta da nascente do rio Almonda. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 11 (1).
- PAÇO, A. do e VENTURA, J. F.
1961 Castelo do Giraldo (Évora): trabalhos de 1960. *Revista de Guimarães*, 71.
- PAÇO, A. do, ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da
1971 Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 55:23-47.
- PARREIRA, R.
1971-75 O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel-Beja). *Arquivo de Beja*, 28-32:31-45.
- PELLICER, M.
1964 El Neolítico y el Bronce de la Cueva de Carigüela de Piñar, (Trabajos de Prehistoria, 15), Madrid.
- PENALVA, C.
1978 Ensaio de correlação do «fácies» lusitano com as indústrias do Marrocos Atlântico. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 63:521-546.
- PERLES, C.
1976 Le feu. *La Préhistoire Française* (dir. H. de Lumley), 1:679-683, Paris.
- PHILLIPS, P.
1975 *Early farmers of west mediterranean Europe*, Hutchinson University Library, Londres.
- PINA, H. L. e GALOPIM DE CARVALHO, A. M.
1961 A anta da Velada das Eguas (Barrocal-Évora). *Boletim da Junta Distrital de Évora*, 2:159-202.
- PRIEGO, M. del C. e QUERO, S.
1976-77 Materiales campaniformes del Instituto Arqueológico Municipal de Madrid. *Setúbal Arqueológica*, 2-3:151-160.
- RENFREW, C.
1967 Colonialism and Megalithism. *Antiquity*, 41:276-288.
1972 The emergence of civilisation: the Cyclades and the Aegean in the third millennium B. C., Ed. Methuen, Londres.
1973 Before civilisation: the radiocarbon revolution and prehistoric Europe, Cape, Londres.
- RIBEIRO, F. N.
1965 O Bronze Meridional português, Beja.
- RIBEIRO, L. e SANGMEISTER, E.
1967 Der neolithische fundplatz von Possanco bei Comporta/Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 8:31-45.
- ROCHE, J.
1951 L'industrie préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge), Instituto para a Alta Cultura, Porto.
1960 L'industrie mésolithique du Cap Sines (Portugal). *Actes du VI^e Cong. Int. des Sc. Anthropologiques et Ethn.*, 2(1):459-563.
1963 L'Épipaléolithique marroccain, Fondation Calouste Gulbenkian, Lisboa.
1973a Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge, Portugal): I — Archéologie, Instituto de Alta Cultura, Lisboa.
1973b La place du Mésolithique ancien de Muge dans le cadre de la Péninsule Ibérique. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Ass. dos Arq. Port.*, 1:109-114.
1974 État actuel de nos connaissances sur le Solutréen portugais. *Zephyrus*, 25:81-94.
1975 Les amas coquilliers de Muge (Portugal). *L'Épipaléolithique Méditerranéen (Actes du Colloque d'Aix-en-Provence — 1972)*, pp. 79-81.
1976 Les origines de l'industrie de l'amas coquillier de Moita do Sebastião (Muge). *Les civilisations du 8^e au 5^e millénaire avant notre ère en Europe*, IX^e Cong. Int. des Sc. Pré. et Protohistoriques, Nice (préirage), pp. 161-165.
- ROZOY, J. G.
1976 Évolution des groupes humains en France et en Belgique de 6500 à 5000 avant J.-C. *Les civilisations du 8^e au 5^e millénaire avant notre ère en Europe*, IX^e Congr. Int. des Sc. Pré. et Protohistoriques, Nice (préirage), pp. 32-51.
1978 *Les derniers chasseurs: l'Épipaléolithique en France et en Belgique*, Société Archéologique Champenoise.
- RUIZ MATA, D.
1975a Cerâmicas del Bronce del poblado de Valencia de la Concepción (Sevilha). *Madrider Mitteilungen*, 16:80-110.
1975b Cerâmicas del Bronce del poblado de Valencia de la Concepción (Sevilha): los platos. *Cuadernos de Preh. y Arq. de la Univ. Autónoma de Madrid*, 2:123-149.
- RUIZ MATA, D. e MARTÍN DE LA CRUZ, J.
1977 Noticia preliminar sobre los materiales del yacimiento de Papauvas (Aljaraque, Huelva). *Cuadernos de Preh. y Arq. de la Univ. Autónoma de Madrid*, 4:35-48.
- SANGMEISTER, E.
1976 Das Verhältnis der Glockenbecherkultur zu den Einheimischen Kulturen der Iberischen Halbinsel. *Glockenbecher Symposium*, pp. 423-439.
- SANGMEISTER, E. e SCHUBART, H.
1977 Zambujal: Eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal. *Antike Welt*, 3:23-34.
- SANGMEISTER, E., SCHUBART, H. e TRINDADE, L.
1966 Escavações no castro eneolítico do Zambujal (Torres Vedras — Portugal), 1964, Ed. Câmara Municipal de Torres Vedras.
- SANTOS, M. F. dos
1972 Pré-história de Portugal, Ed. Verbo, Lisboa.
- SANTOS, M. F. dos, SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C.
1972 Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão — Vale do Sado). *O Arqueólogo Português*, 6 (S.3):163-192.
1974a O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (Vale do Sado — Torrão): primeira notícia. *Actas do III Congr. Nac. de Arqueologia*, pp. 173-189.
1974b Necrópole da Provença (Sines): campanha de escavações de 1972. *Arqueologia e História*, 5 (S.9):369-99.
1975 A necrópole da Idade do Bronze da Provença (Sines — Portugal): nota preliminar. *Actas del XIII Congr. Nac. de Arqueologia*, pp. 417-432, Zaragoza.
- SAN VALERO APARISI, J.
1950 La Cueva de La Sarsa (Bocairente, Valencia). S.I.P., Valencia.

- SAVORY, H. N.
1969 *Espanha e Portugal*, Ed. Verbo, Lisboa.
1972 The cultural sequence at Vila Nova de S. Pedro: a study of section cut through the innermost rampart of the chalcolithic Castro in 1959. *Madrider Mitteilungen*, 13:23-37.
1977 The role of iberian communal tombs in Mediterranean and Atlantic Prehistory. *Ancient Europe and the Mediterranean* (ed. V. Mashotic), pp. 161-180.
- SCHUBART, H.
1965 Atalaia: uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 22:7-136.
1971a Acerca de la cerámica del Bronce tardío en el Sur y Oeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 28.
1971b O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*, 81:189-216.
1973 Las alabardas tipo Montejicar. *Estudios dedicados al Professor Dr. Luis Pericot*, pp. 247-269, Barcelona.
1974a La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular: distribución y definición. *Miscelánea Arqueológica*, pp. 345-370, Barcelona.
1974b Novos achados sepulcrais do Bronze do Sudoeste II. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Ass. dos Arq. Port.*, 2:65-95, Lisboa.
1975 Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel, Berlin.
1977 Datas de rádio-carvão para o Castro de Zambujal. *Actas del XIV Congr. Nac. de Arqueología*, pp. 259-266, Zaragoza.
- SCHUBART, H. e PASCUAL, V.
1966 Datación por el C14 de los estratos con cerámica cardial de la Coveta de l'Or. *Archivo de Prehistoria Levantina*, 11:45-51.
- SCHUBART, H., VEIGA FERREIRA, O. da e MONTEIRO, J. de A.
1969 A fortificação eneolítica da Columbeira — Bombarral, Câmara Municipal do Bombarral.
- SCHULE, W. e PELLICER, M.
1966 El Cerro de la Virgen — Orce (Granada), (Excavaciones Arq. en España), Madrid.
- SERRÃO, E. da C. e MARQUES, G.
1971 Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas do II Congr. Nac. de Arq.*, 1:121-142, Coimbra.
- SERRÃO, E. da C. e VICENTE, E. P.
1958 O castro eneolítico de Olelas: primeiras escavações. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 39.
- SOARES, J., BARBIERI, N. e TAVARES DA SILVA, C.
1972 Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo — Palmela). *Arqueologia e História*, 4 (S.9): 235-268.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C.
1974 La poterie préhistorique de l'âge de la pierre polie à l'âge du Bronze. *Les dossiers de l'Archéologie*, 4:35-45.
1975 A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1:53-154.
1974-77 O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, 7-9 (S3): 101-112.
1976-77a Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso (Porto Covo, Sines). *Setúbal Arqueológica*, 2-3:163-177.
1976-77b O monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 2-3:109-150.
- SOLEDADE, A. da
1973 Sines, terra de Vasco da Gama, Junta Distrital de Setúbal, Setúbal.
- SPINDLER, K.
1969 Die Kupferzeitliche Siedlung von Penedo/Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 10:45-116.
1971 Eine Kupferzeitliche Siedlung von Pico Agudo/Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 12:51-71.
- 1975 Bemerkungen zu einigen portugiesischen Glockenbecherfunden. *Madrider Mitteilungen*, 16:56-79.
1976 Die neolithische Parede-gruppe in Mittelportugal. *Madrider Mitteilungen*, 17:21-75.
- SURET-CANALE, J.
1974 As sociedades tradicionais na África tropical e o conceito de modo de produção asiático. *O modo de Produção Asiático*, Ed. Seara Nova, Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C.
1966-67 O povoado pré-histórico da Rotura (nova contribuição para o seu estudo). *Arquivo de Beja*, 23-24:164-172.
1968-70 O povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): vestígios de estratigrafia. *Arquivo de Beja*, 25-27:31-44.
1971 O povoado pré-histórico da Rotura: notas sobre a cerâmica. *Actas do II Congr. Nac. de Arq.*, 1:175-192, Coimbra.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J.
1976-77 Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2-3:179-272.
1978 Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lago de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 4:71-115.
- WYSS, R.
1976 L'évolution écologique et culturelle du Mésolithique en Europe Centrale. *Les civilisations du 8^e au 5^e millénaire avant notre ère en Europe*, IX^e Congr. Int. des Sc. Pré. et Protohistoriques, Nice (préirage), pp. 93-112.
- VAQUER, J.
1975 La ceramique chasséenne du Languedoc, Laboratoire de Préhistoire et de Paléontologie, Carcassonne.
- VEIGA FERREIRA, O. da e TAVARES DA SILVA, C.
1970 A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Ass. dos Arq. Port.*, 2:201-226.
- VEIGA FERREIRA, O. da, ZBYSEWSKI, G., LEITÃO, M., NORTH, C.T. e SOUSA, H. R.
1975 Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 59:107-192.
- VIANA, A. e RIBEIRO, F. N.
1956 Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 13:110-167.
- VICENT, A. M. e MUÑOZ, A. M.
1973 Segunda campaña de excavaciones: la Cueva de los Murcielagos, Zuheros (Córdoba), 1969. (Exc. Arq. en Esp.), Madrid.
- ZBYSEWSKI, G.
1943 La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942, Instituto para a Alta Cultura, Porto.
1971 Carta geológica do Quaternário de Portugal na escala de 1/100.000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- ZBYSEWSKI, G., LEITÃO, M. e NORTH, C. T.
1971 Uma oficina de preparação de machados mirenses no Languedocense de Vila Nova de Milfontes. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 55:139-163.
- ZBYSEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da
1974 O Paleolítico do litoral do Baixo Alentejo entre a foz do rio Mira e a foz da ribeira de Odeceixe. *Arqueologia e História*, 5 (S.9):397-417.
- ZBYSEWSKI, G., VEIGA FERREIRA, O. da e PENALVA, C.
1978 Um acampamento languedocense com indústria mirenses a Sul de V. N. de Milfontes: a Pedra de D. Rodrigo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 63:437-448.

ÍNDICE

	Pág.
I — INTRODUÇÃO	11
Objectivos e actividades do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines	11
Quadro geográfico	13
Trabalhos arqueológicos anteriores a 1972	19
II — MARISQUEIROS E CAÇADORES DO MESOLÍTICO	35
Habitats	37
Indústria lítica	39
Aspectos económicos-sociais	43
Integração cultural e cronológica	43
III — AS PRIMEIRAS COMUNIDADES NEOLÍTICAS	45
Povoados	46
Utensilagem lítica	66
A cerâmica	77
Aspectos económico-sociais	90
Integração cultural e cronológica	98
IV — CONSTRUTORES DE MEGÁLITOS	101
O monumento megalítico da Palhota	102
Cronologia e integração cultural	112
Aspectos económico-sociais	117
V — OS INÍCIOS DA METALURGIA	119
Os povoados	120
Utensilagem em pedra lascada	123
Utensilagem em pedra polida	124
A cerâmica	127
Cronologia e integração cultural	136
Economia e organização social	139
VI — OS CEMITÉRIOS DE CISTAS DA IDADE DO BRONZE	141
As necrópoles	142
Os povoados	168
Integração cronológica e cultural	174
Aspectos económico-sociais	178
VII — O POVOAMENTO DA ÁREA DE SINES DURANTE A PRÉ-HISTÓRIA. CONCLUSÕES	181
VIII — INVENTÁRIO DAS ESTAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS IDENTIFICADAS PELO G.T.A. do G.A.S.	187
BIBLIOGRAFIA	227



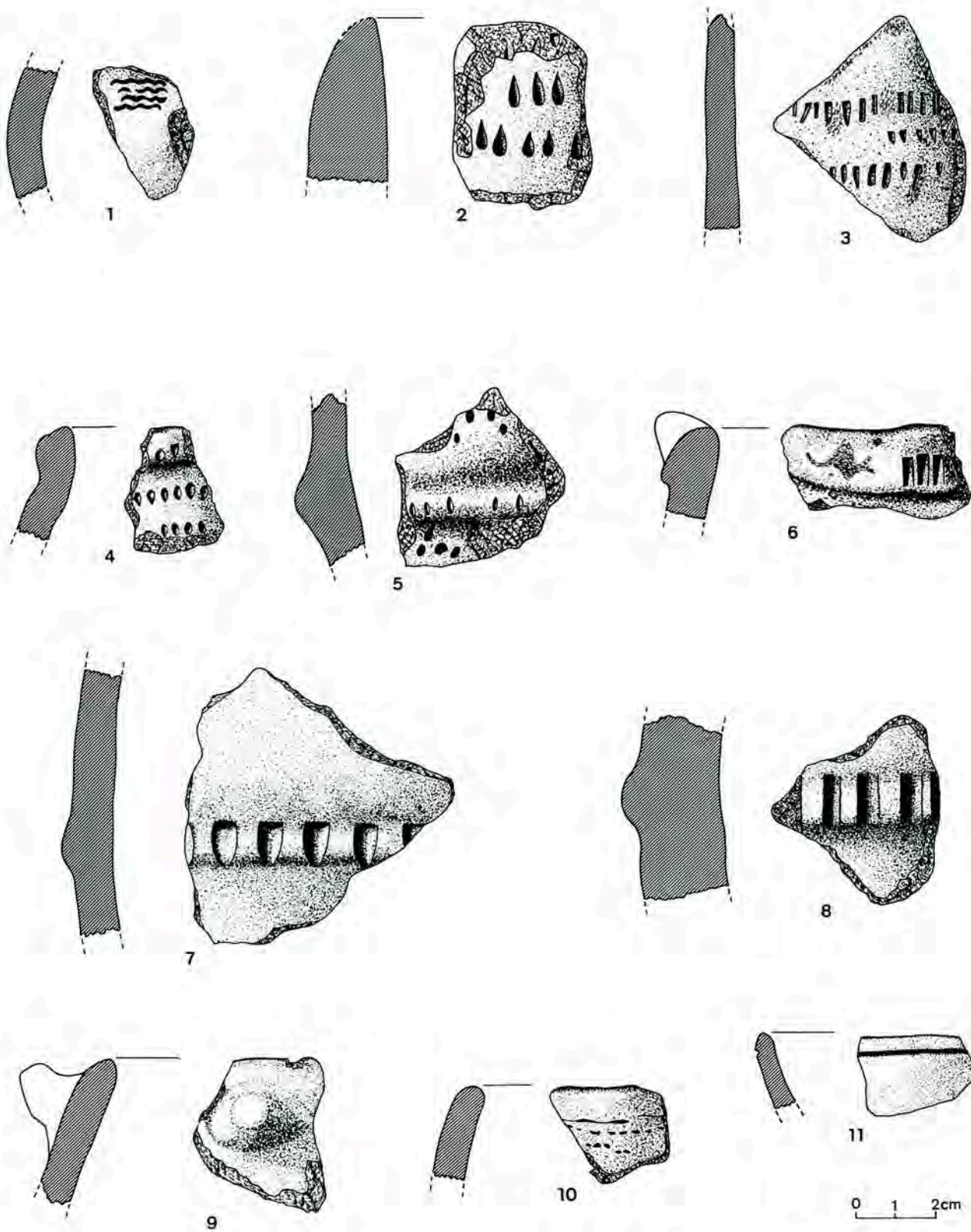


Fig. 59 — Vale Pincel I. Cerâmica da camada superficial com decoração impressa cardial (1), impressa a punção (2 a 5), incisa (10 e 11) e plástica (4 a 9).

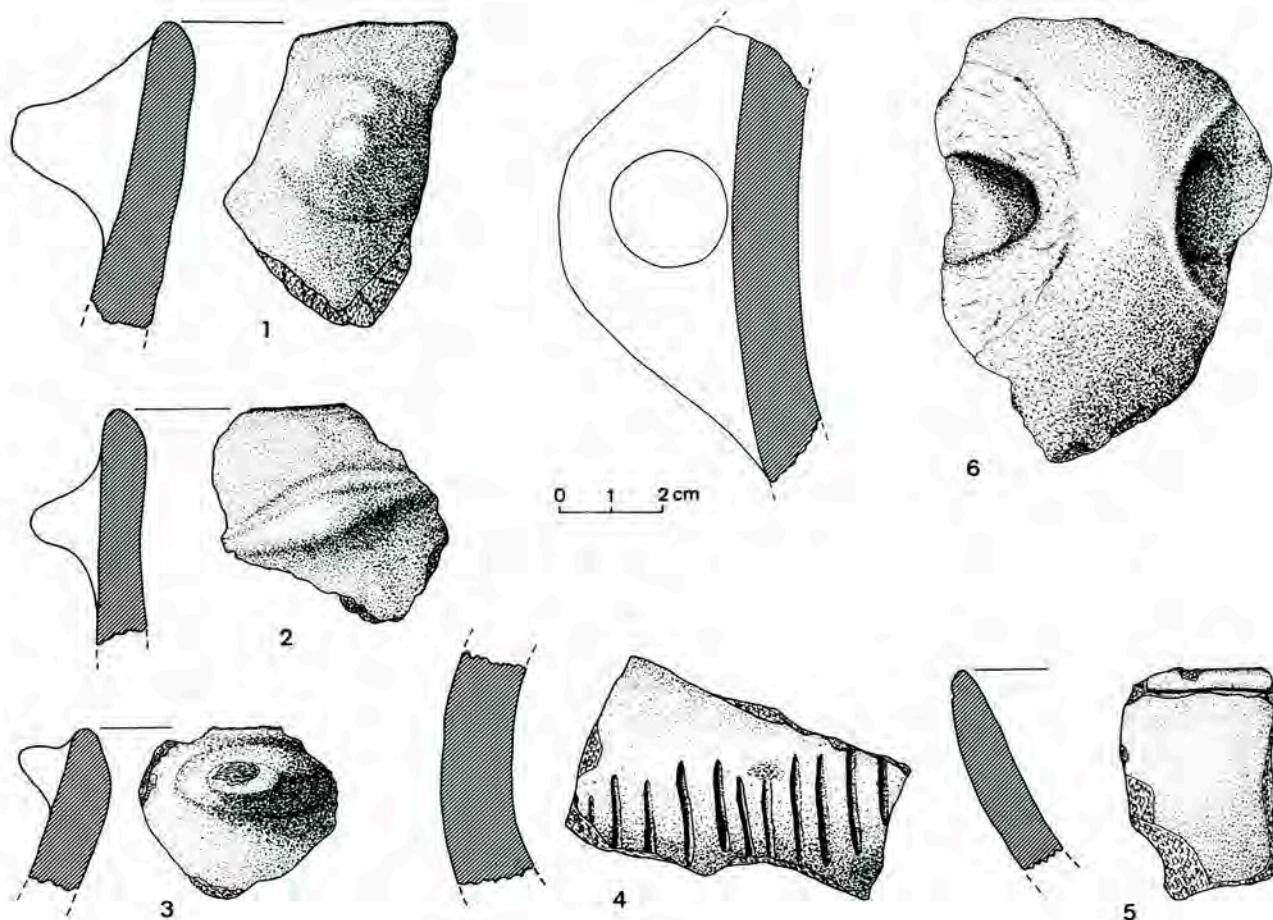


Fig. 60 — Vale Pínel I. Cerâmica da camada superficial com decoração incisa (4 e 5) e plástica (1-3); 6 — pequena asa perfurada horizontalmente.

tor-oxidante; parede espessa e muito espessa (valores por vezes superiores a 20 mm.).

— O B tem pasta compacta com abundantes elementos não plásticos menores que 0,5 mm, dis-

tribuídos regularmente, e escassos superiores a 0,5/1 mm. e finas partículas de mica; superfícies muito bem alisadas, de cor acastanhada; a fractura apresenta ou cor uniforme igual à das superfícies ou mostra uma zona acinzentada/negra; a espessura da parede raramente ultrapassa 7 mm.

O fabrico A é próprio dos vasos *esféricos altos* com decoração impressa, e o B das *taças em calote* e dos *esféricos* de pequenas dimensões, recipientes cuja decoração, quando existe, é constituída por um sulco horizontal junto ao bordo.

Na escavação do corte de reconhecimento aberto em V.P. I verifica-se que o fabrico A predomina na C.3a-2d (base do nível arqueológico); o fabrico B, embora também presente nas subcamadas mais profundas, atingia a sua maior frequência relativa nas subcamadas 2b e 2c. Com efeito, na C.2d, em 17 recipientes identificados (fragmentos com bordo), 12 são de fabrico A,

